

REBULIÇO
POLÍTICO
NA CIDADE
DE QUERO-QUERO





JOÃO FERNANDES

REBULIÇO
POLÍTICO
NA CIDADE
DE QUERO-QUERO

NOCEGO

Direção
Domingos Calixto
Assistente de edição
Flaviane Calixto
Editor responsável
Domingos Calixto
Produção
Equipe Editora Nocego
Autor
João Fernandes
Conceito de Capa
João Fernandes
Capa
Domingos Calixto
Diagramação
Domingos Calixto
Imagem
Israel Araujo
Revisão
João Fernandes

Copyright © 2021
by João Fernandes
Todos os direitos reservados ao autor
e à Editora Nocego.
RTV Brasil Produções, Comunicação,
Entretenimento e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
Contatos: (73) 98873-7177
e-mail: editoranocego@gmail.com
e-mail: kalixto.calixto@gmail.com
www.editoranocego.com.br

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem autorização do autor.

Dados Internacionais de Catalogação e Publicação (CIP)

Fernandes, João
Rebuliço político na Cidade de Quero-Quero / João Fernandes Santos Neto. - 1. ed. - Jequié: Editora Nocego, 2021.
310p.

ISBN nº 978-65-993966-2-5

1. Romance. 2. Literatura brasileira. 3. Ficção brasileira. I. Título.

CDU 82-3

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura brasileira CDD B869.93

Dedico este livro aos amigos
e aos personagens desta história



CAPÍTULO 1

Nossa história começa numa pequena comunidade chamada Quero-Quero, localizada no Estado da Bahia em algum lugar do Brasil. Os habitantes de Quero-Quero são cidadãos comuns, pessoas simples, respeitosas, entretanto com uma pequena mania: “Querer sempre algo, alguém ou alguma coisa”. O “ato de querer” seria o que talvez os psicólogos e filósofos chamem de desejo, vontade. Nossos pacatos moradores são guiados pelo desejo de sempre: Querer (coisas, objetos, pessoas, dinheiro, status), não é à toa que a cidade foi batizada com o nome de Quero-Quero, justamente por causa dessa mania dos seus moradores.

Um dos cidadãos da comunidade, o senhor Abdias Moreira, homem baixo, de barba média e um pouco franzino, sempre quis ser comerciante, desde criança “queria porque queria” vender coisas, achava bonito, trocar um objeto por cédulas ou moedas de dinheiro, seu querer foi tanto, que hoje, tornou-se um comerciante. Era casado, pai de dois filhos.

Com o tempo, Abdias foi percebendo que o querer das pessoas muda: quando as pessoas conseguem atingir seus primeiros quereres. Abdias sempre percebeu que todos sempre queriam alguma coisa, ele queria vender seus objetos e produtos, os moradores queriam comprar seus produtos, logo isto era perfeito, coisa que dava muito lucro ao dono da Merceria. Até ali, o comerciante pensava que esses dois quereres: o dele (de vender) e o das pessoas (de comprarem) eram o seu mundo, era o que ele conhecia. Até que certo dia, Abdias estava no trabalho em sua merceria, quando de repente, chegou uma cliente por nome Joana.

Joana tinha lábios grossos, pele morena, corpo bonito e um olhar de ressaca, como se estivesse sempre com sono. O que Joana não sabia, era que quando olhava para seu Abdias com aquele olhar de sono, Abdias sentia o coração acelerar como se estivesse

correndo, bem-disposto... Conclusão: o olhar de sono de Joana deixava seu Abdias bem acordado.

Com o tempo Abdias decidiu querer Joana, quis tanto... mais tanto, que um dia não pode conter seu querer, foi até Joana e tentou agarrá-la, o que seu Abdias não sabia era que: Joana não o queria. Sendo assim, Joana deu-lhe uma bofetada no rosto querendo acertá-lhe o nariz, entretanto acertou o pé do ouvido de Abdias, com isso Joana percebeu que as coisas nem sempre acontecem como a gente quer. Dali, Joana prestou queixa de Abdias na Delegacia de Quero-Quero.

O Delegado, um homem forte e de meia estatura, gostava de usar um chapéu de boiadeiro e possuía um bigode enorme, seu nome era João Mão Grande; o mesmo mandou chamar Abdias. O comerciante querendo não ser preso ou passar vexame foi ao encontro do delegado.

O delegado sempre quis prender pessoas e corrigi-las através da lei, e para sua alegria sempre encontrava pessoas que queriam bagunçar, brigar, roubar e fazer coisas contra a lei, logo, João Mão Grande, entendia o porquê de sua missão aqui na Terra, nascera com a mão grande para poder dá surrões nos pés dos ouvidos dos malandros e vagabundos, a fim de consertá-los dos erros a partir de suas mãozadas. Sentia orgulho de sua mão grande e pesada. Segundo, o Padre Aníbal, pároco da cidade, era uma mão sagrada, o mesmo já havia abençoado a mão do delegado muitas vezes, no intuito de que Deus abençoasse e guiasse a mão na direção certa, para que ela pegasse sempre no ouvido dos homens maus, pois quando o delegado acertava em cheio, o pé do ouvido dos foras da lei, os vagabundos entravam em sono profundo, depois ficavam uma semana com um zunido no pé do ouvido, que segundo o Padre, durante esse período de sete dias, os vagabundos entravam num estado de meditação profunda e quando o zunido terminava, o arrependimento era notável: as prostitutas pegavam o caminho do convento, os maconheiros e

drogados viravam nutricionistas e agentes da saúde, os briguentos e bagunceiros viravam pacifistas e os incrédulos e xingadores viravam seminaristas e pastores dedicados.

Uma vez João Mão Grande foi em uma igreja evangélica frequentar um culto e lá, segundo testemunhas, quando o pastor pegou em sua mão para cumprimentá-lo começou a falar em línguas estranhas, o motivo desse mistério, ninguém nunca soube, o fato é que o acontecido foi parar nos jornais e revistas locais e João, tornou-se não só mais um delgado, mas sim, um delegado de Deus, foi ungido, passando a ser temido por todos os vagabundos e malandros da cidade.

João Mão Grande em horários de folga gostava de passar creme em seu bigode e ficava horas e horas penteando-o, não gostava quando interrompiam seu momento de lazer e foi num momento desses que Joana o interrompeu. O delegado ouviu a mulher e a olhou de cima em baixo, fez cara de valente e saiu para ver quem havia cometido tamanha injúria com aquela mulher.

Quando o delgado viu Abdias, o ritual se repetiu: mãozada no pé do ouvido, sete dias de meditação e arrependimento, pois para o delegado a justiça não era só cega, ela não tinha pai, nem mãe, nem parente, porque para ele não importava a condição social do indivíduo, nem seus parentescos, o importante era livrar os cidadãos da maldade, a moralidade era seu forte, era seu guia, assim como os bons costumes.

Por fim, o comerciante ficou uma semana preso e quando foi solto, reconheceu que a mão do Delegado João Mão Grande era sagrada, pois aquela mãozada havia mudado o seu querer: que antes era “querer Joana” e agora era “querer ir para casa, voltar à sua vida e cuidar de sua mulher e seus filhos”.

Quando chegou à sua residência, Abdias reencontrou sua mulher e filhos. A mulher estava decepcionada com a atitude do

marido, mas acreditava no milagre da Mão do Delegado, por isso já estava conformada e já o havia perdoado.

Tendo ficado uma semana na delegacia, Abdias Moreira, só queria chegar em casa, rever sua mulher e se despachar com ela. Entretanto, havia um problema, sua casa era pequena e Abdias e Maria de Lourdes tinham dois filhos: Marta e José. A primeira estava na sala brincando de boneca quando o pai foi até ela e pediu para ir brincar lá fora no quintal, no intuito de ficar sozinho com a esposa dentro da casa para realizar os seus quereres sexuais.

Já José estava assistindo televisão quando Abdias foi até ele, pediu-lhe que fosse brincar com a irmã no quintal também. O menino refugou e disse que não, porque queria assistir televisão. Então, Abdias se encontrou diante de um dilema: queria porque queria se despachar com sua mulher e para isso precisava ficar a sós com a mesma dentro de casa, todavia seu filho José não se importava com o querer do pai e da mãe, apenas com o seu querer, que era: o de assistir à televisão. Sabendo que o filho sempre queria alguma coisa, Abdias negociou com o garoto, disse-lhe que se José fosse brincar com a irmã lá fora, ele traria mais tarde da venda um doce para os dois. De repente o querer de José havia mudado: o garoto já se encontrava com a irmã a correr pelo quintal e Abdias já realizava o seu querer com Maria de Lourdes debaixo dos lençóis e com o pensamento de não mais querer outra mulher a não ser aquela: sua querida Lourdes.

CAPÍTULO 2

A cidade era pequena, entretanto cheia de moradores. O crescimento populacional era muito grande, pois os homens queriam se despachar e as mulheres queriam que alguém as despachasse, daí, a explicação para a origem de tantos meninos e meninas em Quero-Quero.

O problema é que o número de habitantes era superior ao número de empregos e isto era um problema para o prefeito: Fortunato de Almeida Ribeiro.

Fortunato era prefeito já fazia três anos, foi posto no poder pelo esforço do seu velho pai, o Fazendeiro Manoel Ribeiro, homem de 86 anos, experiente na arte da política, senhor de muitas terras em Quero-Quero. Apesar de ter sido colocado no poder pelo seu pai, Fortunato era meio atrapalhado, na verdade não entendia muito de administração pública, mas tinha lá suas estratégias maquiavélicas, pertencia ao Partido PIP (Partido dos Interesses Próprios), que tinha como líder o velho Manoel e o presidente da Câmara, o vereador Nogueira, que com suas articulações conseguia influenciar no querer de quase todos os eleitores da Cidade.

Os homens e mulheres viviam numa situação de pobreza e miséria lastimável. A cidade possuía apenas a Prefeitura com fonte de emprego, havia poucas escolas e a maioria dos cargos públicos eram ocupados por parentes de Fortunato. O velho Manoel Ribeiro foi o primeiro Prefeito de Quero-Quero e é conhecido por todos como o Pai de Quero-Quero. Algumas pessoas o temem, outros o amam.

Manoel sempre entendeu de política e sempre soube que com o dinheiro dos impostos dos cidadãos de Quero-Quero, é que se construíam escolas, ruas, casas, e toda sorte de bens para melhorar a vida dos moradores, entretanto, sabia que as pessoas são cheias de “quereres” e por isso, fazia com que os “quereres”

dos cidadãos, jogassem a seu favor. Por exemplo: sabia que se aplicasse parte desses impostos em ruas e esgotos, os habitantes ficariam satisfeitos com o poder público e a administração, mas o que isso poderia gerar de “querer” no indivíduo beneficiado? O que ele passaria a querer depois de realizado o ato público? Bem, sabia que o indivíduo ficaria satisfeito, e ainda, teria a consciência que o dinheiro investido naquela rua e naquele esgoto saíra de seu próprio bolso, logo o cidadão iria querer mais obras e veria os membros da administração pública como meros empregados seus, com isso teria soberania e liberdade para reclamar quando quisesse dos atos administrativos e um dia iriam querer almejar ser um profissional da política também, ou seja, desejaria (quereria) se tornar um vereador ou um prefeito, e com isso, Manoel e sua família precisariam gastar muito nas eleições e ter bons argumentos para ganhar a política, e esse não era o querer do Fazendeiro Manoel Ribeiro.

Então o que fazia Manoel? Manoel não queria ver o povo livre, mas sim escravo. Esse era seu querer e sempre foi. Diante disso, o velho Manoel recomendava que se fizesse o contrário: a administração não construía esgotos, nem ruas, nem tampouco conscientizava o povo sobre a questão dos impostos, com isso, muitas pessoas não se reconheciam como construtores da cidade e não adquiriam conhecimento sobre o erário público, nem tampouco sobre os impostos. Com isso, se não tinha pavimentação de ruas, nem esgotos, os moradores passavam a ter doenças, ficando doentes e desempregados. Como esses moradores encontravam solução para as suas doenças? Como era de práxis em Quero-Quero iam ao administrador e às outras autoridades locais, e esses pegavam o dinheiro que era dos impostos, ou seja, dos próprios cidadãos e procuravam solucionar os problemas do povo. Assim, o cidadão pensava que a autoridade ou político, neste caso, o prefeito Fortunato, se utilizou do seu status e poder para ajudá-los, solucionando assim, o seu problema. Desta for-

ma, criava-se o vínculo: o favor prestado que depois se tornava em algo que deveria ser retribuído através do voto. Assim, um vício foi gerado nos moradores da cidade.

Em Quero-Quero, a maioria dos moradores queria pedir alguma coisa a alguém, para saciar suas necessidades, e como na cidade quase todos eram pobres, eles não podiam pedir coisas entre si, já que quase todos estavam na mesma situação, ou seja, todos passavam pelas mesmas necessidades, logo não poderiam se ajudar. Daí, esses cidadãos procuravam os comerciantes, secretários e autoridades que existiam no município, pois na visão das pessoas comuns de Quero-Quero, estes possuíam poderes aquisitivos reais e poderiam resolver seus problemas.

Assim, o querer ser livre, tornava-se um querer ser dependente de alguém que possa resolver o problema, alguém que possa gerar uma solução. Assim, a condição de liberdade era transformada na condição de dependência, ou melhor, dizendo: na condição de escravo.



CAPÍTULO 3

Diante dessa situação, um homem por nome Juvenal de Almeida, primo de Fortunato, teve uma ideia lucrativa: abriu uma Fábrica de Pedição. A fábrica funcionava da seguinte forma: no final de mês, Juvenal reunia boa parte da população que estava em situação vulnerável, realizava uma reunião com todos, depois faziam com que todos vestissem um uniforme de cor amarelo bufado (envelhecido), pois para Juvenal o bufado dava a ideia de pobreza, na parte detrás do uniforme havia uma frase: “Melhor pedir do que roubar”, slogan da fábrica e junto com ela tinha a foto de um homem em estado de miséria, com olhar de cachorro pidão, onde próximo do queixo se erguia uma mão aberta num gesto: pedindo esmola.

Os moradores vestiam suas fardas e saíam pelas ruas de Quero-Quero a pedir as autoridades locais e comerciantes: dinheiro, alimentos, roupas, o que fosse necessário as suas necessidades. Os moradores contribuía e no final do dia, Juvenal reunia todos os funcionários da fábrica e calculava: o material e o dinheiro arrecadado. Desses, o material era dividindo entre todos, enquanto o dinheiro 70% do que era arrecadado ficava com seu Juvenal, já os 30% era dividido entre os moradores que trabalhavam na fábrica.

Juvenal sabia que a maioria das autoridades de Quero-Quero queria honra e status, com isso, criou uma premiação para aqueles que doassem mais mantimentos e objetos, criou certificados e títulos de honra e nobreza, onde o certificado mais cobiçado era o de Cidadão de Gênero Generoso, que era dado àquele que, além de dar mantimentos em alto potencial doava também dinheiro. Isso estimulava as doações. E assim, Juvenal encontrou uma forma de ganhar dinheiro em cima da virtude chamada solidariedade e da ambição dos homens por status e honrarias. Encontrava aqueles que queriam pedir e os que queriam contri-

buir, e juntou com o seu querer “ficar rico”, logo, encontrou a estratégia perfeita e assim, fundou sua Fábrica de Pedição, onde o prefeito fazia questão de patrocinar a farda dos funcionários e os títulos de nobreza.

O ato de pedir começou cedo em Juvenal. Desde criança gostava de pedir coisas às pessoas. Sua mãe, a finada Tereza de Almeida, contava que quando Juvenal nasceu, o bebê Juvenal em choro e aos berros, ainda grudado pelo cordão umbilical já pedia o leite. À medida que foi crescendo sempre pedia alguma coisa: resto de merenda dos colegas na escola, beijo das colegas, pesca na hora das avaliações, pedia frutas quando passeava pelas roças dos outros e a vida de Juvenal era pedir. “Querer pedir”, esse era seu querer na infância e adolescência. Não gostava de fazer nada, sempre pedia para que alguém fizesse as coisas para e por ele.

Quando estava jovem, aos 18 anos, quis pedir a mão de Manuela Ribalta em casamento, entretanto, por ser de família rica, o pai de Manuela não quis ceder a mão da filha em casamento para um garoto tão pidão. Todos os dias, o jovem Juvenal ia à casa de Manuela e pedia a mão dela para o pai, de segunda a domingo. Até que um dia, o velho Queiroz Ribamar Ribalta, pai de Manuela, não queria mais ver aquele garoto pedindo a mão de sua filha em casamento, pois não aguentava mais aquele abuso todos os dias, queria se livrar do problema, pois todos os dias, sentia dores de cabeça e insônia ao ver a voz do garoto a martelar em sua cabeça:

“Queiroz, Queiroz! Libera a filhota pra nós, Queiroz!”

Por fim, cedeu a vontade do rapaz e se livrou daquela voz que ficava zunindo todos os dias em sua mente, na hora de dormir e enquanto dormia:

“Queiroz, Queiroz libera a filhota pra nós, Queiroz!”, aquilo já o estava enlouquecendo.

Após realizar o ato, o velho Queiroz sentiu uma paz de espírito tão grande, mais tão grande, que segundo os mais velhos, Queiroz Ribamar, morreu sorrindo e com um semblante de paz, que parecia ter se livrado de algo que realmente o perturbava espiritualmente, parecia ter encontrado a verdadeira paz.

Tendo a permissão de Queiroz, Juvenal se casou com Manuela que acabou herdando a fortuna do pai, já que morava apenas ela e o velho. Juvenal pediu tudo o que queria para o casamento e assim, Manuela o fez. Depois de alguns anos de casados, Juvenal passou a pedir carro, dinheiro, conta em banco e Manuela fazia seus desejos e quereres. Juvenal gostava de pedir e Manuela gostava de dar-lhe as coisas, e isso era tudo o que ele queria.

Com um tempo algumas amigas de Manuela perceberam que Juvenal só queria viver à custa de sua mulher, logo deduziram o querer de Juvenal. Entretanto, as amigas não tinham coragem de falar a verdade para Manuela, e quando tentavam entrar no assunto:

- Manuela, você não acha que tem horas que o Juvenal lhe pede muita coisa? – perguntava uma amiga se arriscando.

- Acho que não. Ah, isso é porque vocês não o viram pedindo ainda. Vocês precisam ver como ele fica lindo pedindo: “Amor, você pode me dar uma massagem?”, “Amor, você pode cortar minhas unhas!”, “Amor, você pode me arrumar dinheiro para comprar umas roupas?”. Vocês precisam ver a carinha linda que ele faz. Ah, ele é magnífico, vocês precisam ver!

Diante dessa resposta, as amigas pararam de tocar no assunto. Manuela falava tudo isso com um olhar perdido no tempo, os olhos brilhando e o semblante no rosto, pura emoção, por fim, suspirava de paixão e mordida a língua excitada.

Com o passar do tempo, a jovem já não aguentava mais custear a vida do marido e começou a se endividar. Seus credores começaram a cobrá-la e ela passou a não ter mais paz de espí-

rito, com isso adoeceu profundamente, ficando apenas com a hipoteca da casa, pois o resto da fortuna havia desaparecido: na realização dos quereres de Juvenal.

Com isso, os pedidos de Juvenal haviam mudado agora, pedia apenas para a esposa tomar remédios e cumprir horários com o médico da família, o Doutor Averaldo de Souza Coutinho. O mesmo que cuidou do pai de Manuela. O Doutor viu o seu amigo Queiroz Ribamar surtar psicologicamente por causa de uma frase: “Queiroz, Queiroz libera a filhota pra nós, Queiroz!”. Frase esta, que não saía das entranhas do subconsciente de seu amigo e que lhe deu um trabalho enorme, foram horas e horas de terapia no intuito de tirar tal enunciado da cabeça do compadre, que infelizmente só se livrou do palavreado quando abdicou do seu querer, para ceder ao querer de um vagabundo pidão.

O Doutor sabia que a única forma da menina recuperar a saúde era: se livrar daquele parasita. O pior é que, quando o médico ia à casa de Manuela realizar os exames, Juvenal aproveitava e pedia-lhe que o examinasse também, pedia que lhe passasse remédios. O velho médico ficava irritadíssimo com aquilo, todavia, não podia dizer nada, pois a filha de seu compadre, já recomendava ao Médico a fazer aquilo que o seu marido pedia. O velho homem, não por seu querer, mas pelo amor e consideração que tinha pela afilhada, assim fazia. Naqueles momentos, o médico percebera que por educação e consideração as amizades verdadeiras, às vezes o nosso querer pode mudar e tornar-se o querer daquele que nós consideramos e amamos.

O tempo se passou e Manuela entrou em depressão profunda. Já não reconhecia as amigas, nem o marido e nem o médico. O Dr. Averaldo já havia dito que ela não duraria muito. Tendo posse desta informação, Juvenal tratou logo de pedir a esposa que passasse a casa para o nome dele, antes que ela se fosse.

Manuela era gordinha, tinha seus 88 quilos, 24 anos quando se casou com Juvenal, possuía um rosto bonito e um coração do

tamanho do mundo. Naquele dia, se encontrava magra, com 26 anos e com apenas 30 quilos, assinava no cartório a procuração, deixando a casa no nome de Juvenal.

Juvenal ficou triste no dia em que Manuela morreu. A tristeza não era por causa da morte da esposa, mas sim por uma preocupação que o afligia. Estava preocupado, pois não tinha dinheiro para o enterro. Sua casa, encheu-se de gente, parentes e amigos. No meio do velório começou a pedir aos presentes, dinheiro para sepultar a mulher, alegando que só tinha ficado com a casa, porém não tinha dinheiro vivo para arca com as despesas do funeral e que se sentia envergonhado por isso. De repente Juvenal ouviu uma frase de um dos amigos: “Melhor pedir do que roubar, meu amigo”! A frase veio como uma luz para a solução dos seus problemas. A partir daquele dia Juvenal teve a ideia de realizar o Projeto da Fábrica de Pedição, pois entendeu que era melhor pedir do que roubar.



CAPÍTULO 4

Muitos dos moradores de Quero-Quero não queriam adoecer, todavia adoeciam, devido às situações precárias de suas moradias e das condições de vida que levavam. Quando ficavam enfermos queriam saúde e cura, e é aí, que entrava o Gizo, um homenzinho delicado, que gostava de vestir roupas coloridas e floradas em horas de folga, pois quando estava a trabalho, vestia-se com uma roupa branca, colocava seu ojá e seus patuás. Gizo sempre quis cuidar de pessoas e livrá-las do sofrimento e da dor, era conhecido em Quero-Quero como Gizo Curador, ele sempre dizia:

- É curador com “c” e “u” maiúsculos! E aí daquele que pronunciar essas duas letras em minúsculas, jogo-lhe uma praga!

Gizo falava isso num nervoso que parecia que ia espiritar, rodava duas vezes seguidas com um braço levantado pra cima e a outra mão na testa, depois rebolava subindo em cima e descendo em baixo, feito uma cobra naja quando está sob efeito de hipnose de uma flauta, no final olhava para todos com os olhos arregalados, beijo arqueado, e os lábios estufados pra fora. Todos ficavam apavorados quando ele se irritava e fazia aquele gesto, pois o beijo e os lábios estufados era que indicava a direção da pessoa que Gizo queria jogar a praga. Em Quero-Quero ninguém queria deixar Gizo Curador irritado. Gizo sempre quis curar pessoas e sempre encontrava pessoas que queriam ser curadas.

Outra figura que morava em Quero-Quero era João Granada, um alcoólatra que vivia pelas ruas bebendo e jogando conversa fora. Tinha 35 anos, era magro e caneludo, tinha cabelos avermelhados e só gostava de vestir roupas parecidas com as que são usadas no exército. Parecia um soldado, não importava o clima de Quero-Quero, poderia fazer chuva ou sol, João Granada sempre estava com a mesma roupa, dizia ser soldado e autoridade competente e que estava preparado para a Guerra, a qualquer momento. De vez em quando, quando estava muito bêbado, era

pego sozinho na rua lutando com um oponente invisível e a jogar voadoras e pesadas ao nada, se arrebrandando todo pelo chão. João: bebia que fazia dó.

Alguns contam que certa vez, João estava viajando pelas bandas de uma região muito seca, próximo de uma cidade chamada Quero Água, no sertão nordestino brasileiro. Quando estava voltando para Quero-Quero, passou por um pequeno terminal rodoviário. O ônibus que o conduzia parou para o almoço, e em meio aquele calor intenso da caatinga que se estendia por aquele lugar, João se dirigiu a um boteco que ficava próximo ao terminal.

Quando chegou ao boteco, as pessoas que estavam dentro da mercearia viraram a atenção para aquela figura magrela e alta que apareceu na porta da venda. João com os olhos arregalados e sérios observou aquela gente, estava a caráter: roupa do exército, botas verdes e longas, calça, blusão de manga comprida e boné. As pessoas ficaram um pouco assustadas com aquele homem, “o que aquele soldado do exército queria naquele terminal?” pensavam alguns. João entrou devagar a passos lentos, observando um por um. As pessoas o observavam assustado, o que as pessoas não sabiam é que João estava morrendo de medo também, por isso os olhava com os olhos bem abertos. O dono do bar que era um senhor baixinho que usava uma roupa social: blusa marrom e calça azul marinho, ficou com olhar estatelado, observando aquela figura estranha e revestida de autoridade, indo na sua direção. João se aproximou do dono do recinto e lhe disse:

- Me dê uma granada!

O dono do boteco que era careca e vermelho ficou meio amarelado, as orelhas do homem começaram a ficar rochas, os olhos começaram a lacrimejar, já não comandava mais seus membros e nervos, os braços e pernas pareciam ter criado vida própria e agora tremiam sem parar, não obedecendo mais seus pensamentos. João repetiu:

- O senhor, poderia me arrumar uma granada?

- Ma... má.. mas aqui num tem granada não Siô! – respondeu o homem quase chorando.

Os outros que estavam no recinto quando ouviu João pedir uma granada, logo foram saindo de mansinho. Um olhou para o céu que fervia de calor e disse:

- É, parece que vai chover, vou ali, em minha casa! Inté para quem fica! – e foi saindo todo ligeiro, se esbarrando nas outras mesas e pedindo desculpas as mesas, cadeiras e paredes por onde se esbarrava.

Outro, falou que já estava na hora de ir pra casa dormir, pois tinha muito trabalho pra fazer no outro dia, em pleno meio dia. Outro disse que tinha deixado umas coisas para resolver no trabalho, sendo que estavam em pleno domingo. Aos poucos as pessoas foram esvaziando o ambiente do boteco. Em questão de segundos, só restaram João e o Dono do Boteco. João continuou:

- Ora homem, me vexa logo a granada!

- Já falei meu Siô, num tem esse negócio de granada aqui. A gente num vende essas coisa!

João levou a mão na direção da cintura e olhou no olho do comerciante. O dono do bar já se mixava. João arrastou do bolso uma quantia de dinheiro e colocou sobre o balcão. Levantou a mão e apontou na direção da prateleira que estava atrás do balconista, o dono do bar foi seguindo com os olhos a direção para onde o dedo do soldado apontava. De repente, o comerciante começou a sentir um alívio. Quando viu onde o dedo indicava:

- Ali, meu Senhor, ali está a granada! – afirmou João.

O dono da venda ficou surpreso ao ver que o indicador de João apontava para um corote de cachaça, que tinha um formato arredondado, parecido com um pequeno bujão e que ao se observar direito, se parecia também com uma granada. O homem, foi até a prateleira, pegou o corote e deu a João. O soldado

mudou seu semblante quando sentiu em suas mãos o recipiente com o líquido dentro, ficou feliz, soltando um suspiro de gratidão: “Granada”! Beijou o corote, “agora sim, tenho munição” pensava João. Pagou o comerciante e saiu da venda voltando novamente para dentro do ônibus. Foi assim que recebeu o apelido de João Granada. João queria somente sua granada para aliviar seu sofrimento e sua dor, porque nem sempre ele quis a granada.

Quando João era mais novo com seus 15 anos, seu querer era estudar, se formar e ser um homem bem-sucedido. João lia livros, era um dos melhores alunos do Colégio Manoel Ribeiro, sempre se destacava nas apresentações de trabalhos e seminários. No 1º ano do ensino médio, João adicionou aos seus quereres, mais um querer, foi quando conheceu Angélica, uma jovem atraente, de olhos grandes e negros, cor morena e cabelos cacheados, o corpo era perfeito com seus contornos e linhas. “Quero Angélica” pensou João. Passava horas e horas do dia a pensar na garota, estava apaixonado, gostava de se sentir assim. Angélica também gostava de João, admirava seu intelecto e os dois sempre faziam trabalhos juntos. A moça foi aos poucos querendo João. Ambos se queriam e se entendiam: se completavam. O rapaz não entendia, pois queria seguir seus planos e seus primeiros quereres, mas ao mesmo tempo sentia que se não conseguisse Angélica pra si, ou seja, se não conseguisse realizar o seu “querer Angélica” é como se os seus outros quereres pareciam sem sentidos, sem ela. João “queria estudar, se formar e ser bem-sucedido”, contanto que conseguisse tudo isso, junto com Angélica, pois sem a jovem, não teria sentido querer realizar seus objetivos sozinho. Ficou intrigado por um tempo com essa ideia. Tentara tirar isso da cabeça várias vezes, entretanto não conseguiu, porque o que sentia por Angélica era mais forte: o “Querer Angélica” se tornou o seu maior querer.

Por fim, ficaram juntos. Casaram e com o tempo, ainda jovens começaram a frequentar os bailes e festas de amigos. Nas festas,

Angélica gostava de beber, já João não curtia muito esse negócio de bebida, gostava mais de coquetéis de frutas e comer salgados. Quando chegavam em casa, João se sentia frustrado, pois Angélica sempre lhe falava que achava careta não beber, já que era uma coisa tão normal.

Em outros momentos João passou a consumir bebidas, apenas para querer agradar sua namorada. Com o tempo, ambos bebiam durante a noite toda, nos bailes e festas da cidade. João trabalhava a semana toda na prefeitura como chefe do setor de tributos. Angélica era professora no mesmo Colégio em que estudara. À noite quando chegavam em casa, conversavam um pouco sobre o dia e Angélica sempre ia dormir primeiro, já João ficava acordado um pouquinho até mais tarde na frente da TV e bebendo uma cerveja para pegar no sono, depois ia dormir.

Os anos se passaram e já com dois anos de casado a mulher foi percebendo que João “que não queria beber no início do casamento”, agora bebia até demais. Tentou uma vez tocar no assunto e o marido se revoltou e disse que ela estava ficando chata. A mulher fora percebendo que João queria mais beber do que estar com ela, várias vezes, conversou com João e tentou trazê-lo de volta, tentou fazer com que ele sentisse mais querer por ela, entretanto todo esse esforço foi em vão, João se tornou escravo do álcool e ela não podia fazer mais nada.

Todos os dias era a mesma coisa e agora João saía para beber nos botecos e só chegava uma hora da madrugada, fedido e com hálito de cachaça. Angélica amava João, contudo já não queria mais aquela vida. Às vezes, o esposo chegava em casa carregado em uma galeota pelos vizinhos, Angélica estava se sentindo humilhada com toda aquela situação.

Por fim, a esposa abandonou o marido e foi morar com os pais novamente, não era o que ela queria, mas foi o contexto que mudou seu querer. De início João não se importou, achou até bom, pois poderia beber em paz. Passados cinco meses, João

sentiu falta de Angélica e foi à casa da sogra, reconciliar-se e estava disposto a largar a maldita da cachaça, mas quando chegou na casa dos seus ex-sogros, recebeu a notícia de que Angélica havia indo para a cidade de São Paulo tentar vida nova na casa de alguns parentes: naquele momento João sentiu-se perdido, ficou pasmo com a notícia, olhou para os lados, olhou para os ex-sogros, lembrou-se dos carinhos de Angélica, sentiu um nó formar na garganta, ao mesmo tempo um frio na barriga, pensou: “o que foi que eu fiz?!”. João estava disposto e naquele momento só queria sua Angélica de volta, mas a sua prenda havia indo embora e agora, “o que querer?!”, João se sentiu só e vazio. “Onde estava Angélica? Com quem estava? Será que estava bem?” ficou alguns minutos a pensar, depois resolveu não pensar mais. Despediu-se dos pais de Angélica e caminhou triste para a casa.

Quando chegou na residência onde moravam, olhou os móveis todos sujos, os pratos sem lavar “Quero minha Anja” suspirava em silêncio. O que fazer? Apesar do sofrimento, João acreditava que poderia rever Angélica algum dia, mas não agora. Pensou “tenho que ser forte”.

Passados alguns meses, foi à feira, comprou uma roupa de soldado em uma barraca qualquer e não foi mais trabalhar, pediu Licença sem remuneração do serviço na prefeitura. E colocou na cabeça que precisava ser forte, como um soldado, pois agora estava em guerra e precisava vencer a guerra. Sua missão era encontrar e reconquistar sua Anja. Viajou para São Paulo no intuito de reencontrar Angélica. Passados 18 anos naquela cidade, fazendo bicos todos os dias para sobreviver, bebendo pelos bares, procurou sua Angélica pelas favelas e todos os cantos possíveis, onde ele pode ir.

Depois de 20 anos, cansado, percebeu que não ia conseguir encontrar sua Anja, então precisou voltar para Quero-Quero, não queria, porém foi forçado pelas condições em que estava, sabia que precisava juntar mais dinheiro para voltar a São Paulo

e aqueles bicos não iriam ajudar, o dinheiro dos bicos que lhe sobrou, não daria, não estava aguentando pagar nem o transporte e as conduções para se deslocar.

Quando chegou em Quero-Quero, muita coisa tinha mudado: a cidade havia crescido um pouquinho, a feira estava maior, passou-se 20 anos e João não viu mais Angélica.

Em um dia de sábado, por alguns instantes, João regozijou-se de felicidade quando percebeu uma figura morena dentro de uma venda a comprar verduras, seu coração, encheu-se de alegria e, descontroladamente, partiu na direção da mulher. Quando se aproximou da morena de cabelos cacheados, avistou um rapaz alto e magro, bem aparentado de barba feita e cabelos lisos que pegou na mão da mulher e virou-se na direção de João:

- Angélica – falou João meio espantado com o que via.

- Jão – respondeu Angélica, baixinho, ao se deparar com aquela figura desleixada e mal aparentada, que lembrava alguém especial do seu passado, o seu João, contudo abaixou a cabeça quando o encarou.

- Vocês se conhecem? – perguntou o rapaz a Angélica, que de cabeça baixa continuou a andar passando por João.

- Vamos Mário - falou Angélica puxando a mão do rapaz e saindo ligeiro daquele ambiente.

João não acreditou por um momento no que viu: viu a sua Angélica, continuava linda e cheirosa, um pouco mais velha, entretanto ainda bela. “Mas quem era aquele que ela levava pelas mãos?” Resolveu olhar para trás e viu o homem beijar Angélica amorosamente nos cabelos, por cima da cabeça, depois viu o mesmo homem a abraçando. João sentiu um calafrio, o chão pareceu se abrir; e um buraco negro surgiu abaixo de seus pés. “Era o marido de Angélica”, concluiu João atônito. E agora o que fazer? Como cumprir sua missão? O valente soldado, agora não tinha mais missão, pois sua missão era reencontrar sua Angélica

e trazê-la de volta, esse era seu maior querer. Diante da conclusão de “ser aquele homem, o novo marido de Angélica”, João já não tinha mais missão, tampouco mais querer. João se sentiu como os soldados de verdade que quando vão para uma guerra, tem em suas mentes uma missão, entretanto por não conseguirem cumprir a missão e por sentirem-se derrotados, todos os soldados mudam seus objetivos, que a partir daquele momento, já não é mais ganhar a guerra, mas sim sobreviver. Como sobreviver em uma batalha já perdida? Se o que se sobrou da guerra foi apenas, os destroços no campo de batalha? Era assim, que João se sentia, e agora, já que não podia ter mais sua Angélica de volta, o que lhe restava era sobreviver, de forma a não sofrer e nem sentir dor, tampouco relembrar do ente querido perdido na guerra. Para isso, era preciso tomar alguns paliativos para amenizar a dor, foi aí, que João deu mais valor as suas munições para sobreviver: as suas granadas.

CAPÍTULO 5

Como já foi dito, os cidadãos da pequena, Quero-Quero, eram pessoas simples, que ralavam para ter o que comer e o que vestir. Queriam viver uma vida melhor, mas fazer o quê? A cidade era pequena, não possuía indústrias para se gerar empregos e os poucos empregos que tinham, estavam ocupados por parentes e amigos do prefeito. “Não podiam reclamar” assim pensavam os moradores de Quero-Quero, pois o candidato da oposição

Gregório Ferreira indicado por José de Dina, não tinha ganhado as eleições passadas, o povo acreditava que se caso Ferreira ganhasse, as coisas iriam melhorar, pois Ferreira representava algo de novo, já que a Família de Fortunato já estava no poder desde a emancipação de Quero-Quero, que já fazia 50 anos de idade.

José de Dina era um jovem que tinha um partido e que se intrometeu na política no intuito de tirar os Ribeiros do poder, mas nunca tinha conseguido essa façanha, pois a máquina sempre esteve a favor de Manoel Ribeiro e isso dificultava as ambições de José de Dina.

A Câmara de vereadores era formada por nove membros, sendo que muitos dos vereadores já exerciam seu quarto mandato. Fortunato não era o que podemos chamar de líder político nato, mas tinha dentro de si algo de bom, que aos poucos era corrompido pela influência do pai e do vereador Nogueira, estes mestres na arte da política.

Existiam vários tipos de representantes do povo: o vereador Juca Silva, criatura de 40 anos de idade, analfabeto e iletrado, mas que com muito esforço aprendeu a desenhar o nome, este era o responsável por relatórios e balanços contábeis da Câmara. Vereador Anacleto Vieira, figura excêntrica e muda. Quando usava a tribuna parecia um louco a fazer gestos esquisitos e dava socos na tribuna, o povo ainda, o mantinha no poder, porque em

Quero-Quero tinham poucos comediantes e artistas; e a diversão de muitos era ir toda quinta feira nas seções da Câmara para ver Anacleto se estrebuchar feito um louco na tribuna. O vereador Ferreira dos Santos era um “Maria vai com as outras”, uma criatura sem opinião própria que, apenas afirmava ou negava a palavra de outro colega, a depender da posição tomada pelo outro, por exemplo: se um vereador dissesse que discordava de uma coisa, Ferreira discordava também, no ato. Se outro, dissesse que concordava, Ferreira concordava no ato, e era aquela confusão. O vereador Maurício da Costa apenas cochilava durante as sessões, sempre ia para as reuniões da Câmara com óculos escuros e ali adormecia durante as discussões, só acordava quando estavam votando em algum projeto de lei e alguém o cutucava para que ele acordasse e votasse; e a resposta sempre era a mesma: “meu voto é igualmente, porque não dizer, idêntico e porque ainda não dizer, semelhante ao do colega Ferreira, já que participamos do mesmo partido, ou seja, porque não dizer, da mesma coligação e digo mais ainda, somos vereadores pelo mesmo grupo político. Sendo assim, confirmo o meu voto, idem a do meu amigo, Ferreira dos Santos”. Existiam outros vereadores que agora não me convém descrevê-los, entretanto abro uma exceção para o vereador Nogueira.

Nogueira de Santana Rebouças era um homem culto, que aprendeu desde cedo a entender os desejos e anseios das pessoas, nasceu em Quero-Quero, estudou na capital e depois de formado, retornou para Quero-Quero e quando chegou, logo passou a compreender o querer dos moradores daquele local. Sabiam que muitos queriam ser alguém na vida, mas aqueles que queriam ser alguém se deparavam com a vontade e o querer do Coronel Manoel Ribeiro. Chegando em Quero-Quero, Nogueira já via a ambição do senhor Manoel e aquilo o encantara, pois ficava fascinado com a capacidade que o velho Manoel tinha para mudar a vontade (querer) das pessoas, quando não era pela força, usando

chicotes e armas; era por persuasão e tentação, muitas promessas e acordos, mostrando-se preocupado em atender as necessidades básicas do cidadão, a partir de promessas e cumprimento de palavras. Um dia, Nogueira foi até seu Manoel e mostrou-lhe suas habilidades intelectuais. O fazendeiro admirou-se com aquele rapaz tão novo, e tão esperto. Tratou logo de saber o que ele queria:

- O que você quer meu jovem? O que posso fazer por você para que você possa me ajudar? – indagou o fazendeiro.

- Quero fazer parte da elite social dessa cidade, meu senhor. Estudei para isso, não quero viver minha vida feito um desvalido, trabalhando feito um louco para me manter, como fizeram meus pais. Não vejo nada de digno no trabalho braçal, pelo contrário, eu repúdio esse tipo de coisa, nasci para estar junto aos nobres e agora, aqui estou, diante do homem mais nobre de Quero-Quero, tão nobre que teve a humildade de me perguntar o que eu queria, e não se fez um ditador impondo a mim o seu querer. Portanto, digo-lhe: és um homem de alta estirpe, meu senhor! – Nogueira usara essas palavras, pois era um garoto sábio na análise do discurso e sabia que o Coronel era vaidoso e nada melhor para uma pessoa vaidosa do que elogios à altura, de forma sutil, para que não se perceba nas palavras, as verdadeiras intenções do coração.

Ouvindo aquelas palavras o Coronel Manoel Ribeiro, ficou com os olhos brilhando, emocionou-se por encontrar um jovem ambicioso como ele e tão inteligente, precisava de alguém assim como aliado, para dirigir seu partido e da fé de suas vontades e querereres. A partir daquele dia, Nogueira tornou-se o braço direito do Fazendeiro, admirado e até mesmo considerado com um filho para o velho Manoel. Era a mente que o Coronel precisava para planejar sua permanência no poder daquele lugar.

Manoel Ribeiro pagou outras faculdades em salvador para Nogueira, a fim do mesmo especializar-se na arte da política e da administração pública, além do direito. O garoto esforçado se tornou um homem de prestígio e confiança do homem mais in-

fluente daquela cidade. Nogueira sabia que conhecimento era poder, fez curso de direito e estudara os pensadores políticos: dos sofistas, Platão, Aristóteles, Maquiavel, Thomas Robes, Rousseau até os Federalistas. Tinha conhecimento vasto na área da política e na arte das disputas eleitorais e se sentia um deus diante daquelas pessoas ignorantes e simplórias de Quero-Quero. Pessoas que não conheciam a arte da política, nem tampouco sabia nada sobre leis, articulações, impostos, erário, emendas parlamentares e o mais importante, a gente daquele lugar odiava a política. E todos esses pensamentos foram colocados em suas cabeças com um único propósito: dominá-los, encabrestá-los, humilhá-los e fazê-los de fantoches, onde quem os manipulava era a ideologia do Coronel.

As pessoas não podiam ter um querer próprio, mas sim o querer de “alguns”. E o querer de um grupo é que deveriam dominar suas “consciências”, se é que aquelas pessoas possuíam “consciência”, já que o que pensavam, falavam e praticavam eram sutilmente, impostos em suas mentes pela estrutura social criada e formada por Nogueira e Manoel. O que queriam os moradores de Quero-Quero? Será que o que queriam era realmente o verdadeiro querer daquelas pessoas? Ou o querer da população era direcionado pelas intenções e querereres de seus administradores? E essas eram perguntas que aqueles moradores nunca tiveram a chance de se fazer, nem tampouco tempo, pois o sistema político era tão bem arquitetado, por Nogueira e seu partido, que os moradores estavam em uma situação: onde o que lhes interessava era sobreviver, ou seja, era saber se no outro dia haveria pão em suas mesas, se haveria comida para seus filhos, e assim, como passavam a maior parte do tempo preocupados com isso, não tinham tempo para pensar nessas questões políticas e sociais. A sobrevivência era seu maior querer, Nogueira soube se aproveitar perfeitamente dessa situação.

CAPÍTULO 6

Era domingo e a missa acontecia na igreja de Venha o Nosso, que ficava localizada na Praça Quero-Quero I. O padre Aníbal, encontrava-se do lado do coroinha, no procênio do altar, de frente a uma escada de três degraus. O fundo do altar era ornamentado com flores e um quadro enorme de São Queromeu, padroeiro da cidade. A imagem do Santo ficava no primeiro plano da pintura, tendo como fundo, as nuvens e o céu encantado de luz e pombas voando. O padre anunciou o momento do ofertório e solicitou que o coroinha se aproximasse das pessoas e descesse os três degraus da escada do altar e se posicionasse no local de costume, abaixo da escada de frente para os bancos.

O coroinha por nome Valtervino era um jovem de cabelos longos, jeitoso, delicado e muito modesto, segurava em sua mão um cestinho, onde esperava atentamente a aproximação dos fiéis com suas contribuições para a paróquia. O padre Aníbal desceira também a escada e ao lado do coroinha ficava a observar as quantias depositadas. Ouvia-se um fundo musical do coral de São Queromeu que cantava louvores propícios às ofertas e doações.

Os fiéis se aproximavam e começavam a depositar suas quantias, na época já havia se instituído o plano Real realizado pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que criou e instituiu uma nova moeda própria para o país: o real. O plano era recente, pois fora inaugurado há um ano. E para os moradores de Quero-Quero tudo era muito novo, apesar de já estar em vigor há mais de um ano, muita gente, ainda não tinha se acostumado com a moeda.

O padre fiscalizava os depósitos na cesta e o coroinha com um olho aberto e outro fechado, observava atentamente a colocação das cédulas de reais. O Padre apesar de ser baixo, careca, possuía resquícios de cabelo branco, e tinha problemas de visão, ainda assim, não era cego. Usava óculos que pareciam fundos

de garrafas, capaz de enxergar qualquer coisa num raio de 60 metros. Ao vistoriar os depósitos dos fiéis percebeu o som de moedas trincando dentro do cesto, seus olhos captaram os valores depositados, eram moedas de 10 centavos que pelos trincares: calculou em sua mente o valor, chegando à conclusão de que fora depositado 50 centavos em moedas de 10, rapidamente advertiu:

- Por favor! Nada de cinquenta centavos, só cédulas de um real para cima, ou vocês acham que Deus é algum mendigo?

Todos que estavam na fila, ao ouvir a advertência do Padre se policiaram e começaram a verificar o que tinha nos bolsos para não passar vexame diante do altar. A senhora que havia depositado as moedas, ficou escabreada e sem graça, olhou para o Padre, depois olhou para os bolsos do vestido de chita que usava e apanhou rapidamente a cédula de um real, jogou dentro do cesto, pediu perdão a Deus e foi se saindo de mansinho.

O sacristão foi ao ouvido do Padre e cochichou:

- É! Hoje vai ser melhor que a semana passada. Afinal saiu o dinheiro dos aposentados e dos servidores públicos, o prefeito pode até estar roubando, mas que paga em dia, ah isso ele paga.

Os depósitos de ofertas continuavam e o padre avistou no meio das pessoas um homem de idade, careca e de andar vagaroso. O velho se aproximou do cesto, colocou as mãos no bolso e pegou uma nota de dez reais. O padre surpreso com o gesto do homem se antecipou:

- Oh! Como Deus é bom! Vejo que este homem quer nos ajudar na obra do Senhor.

O velho colocou a nota de dez reais no cesto e devagarzinho foi pegando várias cédulas de um real, até inteirar nove reais de troco, depois pegou os nove reais e colocou-os no bolso. O sacristão olhou meio desconcertado para o Padre, ambos se entreolharam, ficaram escabreados e olhou para o velho que foi

saindo bem devagarzinho. Os outros fiéis fizeram suas ofertas e a missa continuou até o final.

Após fechar a igreja e irem para casa paroquial, o Padre e o Sacristão resolveram fazer uma análise da situação da Igreja na Cidade de Quero-Quero. O padre começou a reflexão:

- É! Temos que arrumar outra forma de angariar fundos. Do jeito que as coisas vão, vamos acabar na miséria. Os evangélicos estão tomando conta do espaço, nossa juventude não frequenta mais os nossos cultos, só querem saber dos bailes e das festas, alegando que nossos rituais são muito arcaicos e monótonos.

- Lembrei! Padre Aníbal, quase que me esquecia do recado que Dona... Dona... Dona bichinha... Dona... – o sacristão fora tomado por um relapso da mente e não conseguia se lembrar de quem lhe havia dado o recado.

- Não me diga que você esqueceu o nome da pessoa que te mandou me dá um recado?

- Ah, lembrei! Dona Filomena dos Medos mandou lhe dizer para o senhor que... Que... a... do... – voltou a se embaralhar.

- Fala estrupício! Desembucha... – falava irritado o Padre, quando de repente, entrou porta adentro da casa paroquial a própria Dona Filomena dos Medos.

- Padre Aníbal, Padre Aníbal...

- O que é desta vez? - interrogou o Padre com olhar de paciência.

- O senhor ainda está de mal de eu? – perguntou a mulher assustada, com olhos arregalados e toda suja, usando um vestido marrom todo rasgado. Parecia atormentada e com problemas mentais.

- Eu, por quê? – perguntou Aníbal, olhando sério para a mulher.

- Não fica de mal de eu não, que eu vou pedir a mãe pra me dá um real, pra eu dar pro senhor, está bem? – a mulher olhava para o sacerdote com angústia, preocupada em estar fazendo algo de errado, com sentimento de culpa.

- Está bem! – respondeu o padre sem entender o que estava acontecendo. O pároco sabia que Filomena tinha problemas mentais, ficou assustado com aquela visita repentina, e agora só queria se livrar daquela mulher atormentada e aflita que estava em sua frente.

- Então amanhã, depois que mãe me der o dinheiro eu fico de bem de tu, está bem? – falou a mulher com um sorriso no rosto e um semblante mais aliviado. Pegou a mão do Padre e beijou, depois foi embora.

O sacerdote Aníbal estava ainda parado e assustado olhando para a porta da casa, vendo Filomena sair. Quando voltou o rosto para o sacristão, o jovem estava o observando e rindo com uma mão na boca, procurando disfarçar a graça.

- O que é que você está olhando?

- Nada, Nada, Padre! – respondeu o sacristão se endireitando e parando de rir.

O padre olhou para o jovem Valtervino e indagou:

- E agora! O que vamos fazer para resolver o problema dos nossos fundos?

O sacristão cruzou os braços, depois colocou uma mão na testa:

- Tive uma ideia! Por que não procuramos o prefeito e seus aliados políticos para nos ajudar?

- Não. Não gosto de me misturar com esse povo ruim. Os políticos só sabem roubar e pensar nos seus próprios interesses.

- Mas Padre, não é isso também que nós estamos aqui, agora, preocupados neste momento?

O padre sem entender o que o jovem garoto havia lhe dito.

Olhou com olhar de desconfiança e disse-lhe:

- O quê? Pensando o quê? Preocupados com o quê? O que é que você está insinuando?

- Ora, Padre! Estou dizendo que agora, neste momento, não estamos nós, também, a pensar em nossos interesses?

- Eu é que não! Eu não estou pensando em nossos interesses, não senhor, mas sim, nos meus interesses, os seus eu já não sei.

O padre analisou direito o que o sacristão tinha lhe falado, ponderou por um momento. Pensou. Viu que a igreja precisava de uma reforma na fachada e por dentro. “mas os políticos são criaturas maquiavélicas e astuciosas; todavia, são criaturas interesseiras que gostam de ter aliados influentes, eu sou um líder religioso, talvez possam se interessar pelos meus trabalhos” pensava o padre. Lembrou-se que uma vez, o vereador Nogueira o tinha abordado na rua e pediu a presença do padre em uma reunião política, mas o sacerdote não foi. Não queria meter a igreja nessas coisas de política, pois pensava que com o dinheiro dado pela diocese regional, daria para se sustentar e manter as obras da paróquia. Entretanto agora se via em uma situação diferente e precisava tomar uma atitude. Gostava de comer coisas diferentes, almoçar em restaurantes de alta qualidade, saborear comidas sofisticadas e com a pouca arrecadação das ofertas, já não conseguia satisfazer seu querer gulais. O seu, “querer degustar comidas sofisticadas” estava sendo interrompido e quando isso acontecia o reverendíssimo homem ficava ansioso, nervoso e desolado. Precisava satisfazer seus quereres e alimentar o seu hábito da gula e para isso, teria que se aliar a políticos, uma raça que o Padre detestava. Mas como diria o ditado popular: “A necessidade faz o ladrão”, por fim comentou:

- Você está certo, meu rapaz! Melhor não perder tempo. Vamos a casa do Prefeito Fortunato. Nunca pensei que faria isto, mas fazer o quê? Os fins justificam os meios. Vamos, Valtervino!

- Padre, acho melhor dormirmos e amanhã iremos na casa do Excelentíssimo, senhor Fortunato de Almeida! Estou cansado a ponto de dormir aqui mesmo onde estou.

- Está certo, meu filho! Vamos descansar, amanhã, veremos!

Que o Senhor nos abençoe, nessa nova jornada! Amém! Ambos foram para seus quartos. Valtervino colocou seu pijama rosa para dormir, foi na gaveta ao lado da cama e pegou seu ursinho, deitou na cama abraçado com o pelúcia, enrolou-se em sua coberta cheia de bolinhas vermelhas e caiu no sono. Já o Padre, ficou um tempo acordado fazendo uma oração, ajoelhado ao pé da cama, pediu orientação a Deus para que o guiasse na conversa que teria no outro dia com o prefeito. Só foi se deitar um pouco mais tarde, depois de consumir umas boas coxas de galinha assada com arroz e um bom copo de vinho.

CAPÍTULO 7

Na segunda feira pela manhã bem cedo, o velho Manoel Ribeiro recebeu a visita do seu filho Fortunato. Este foi visitar o pai numa fazenda que ficava a 5 km de Quero-Quero. Chegando ao Rancho, Fortunato avistou a figura de Manoel Ribeiro sentado na varanda da casa em uma cadeira de balanço, fumava um charuto e jogava milho para algumas galinhas que estavam próximas, no pátio da casa. Manoel usava um chapéu de couro sobre a cabeça, apesar dos cabelos brancos e da vista meio turva, conseguiu decifrar a figura do filho vindo em sua direção.

A fachada da fazenda era muito bonita, sua sede era enorme e o casarão era antigo, mas todo reformado em madeiras de lei e estilo barroco. No portão de entrada da fazenda existia duas estátuas em cada lado do portão, um era o próprio busto do coronel Ribeiro e o outro era o busto de sua falecida esposa Quitéria Ribeiro. O filho se aproximou do portão, olhou a estátua da mãe, se benzeu, depois foi entrando:

- Bom dia, meu pai!

- Bom dia, meu filho! Que milagre é esse você aqui tão cedo.

O sol acabou de despontar.

- Pois é! Quem é vivo sempre aparece! – se aproximou do pai e pediu-lhe a benção. Manoel levantou-se da cadeira e cumprimentou o filho, abençoando-o.

- Vamos entrando, creio que Zéfa já deve ter feito o café.

Zéfa era a empregada da casa, cuidava do coronel desde que dona Quitéria morreu. Pelo tempo de trabalho era como se fosse da família. Era uma admiradora de Manoel Ribeiro e fiel amiga da família Ribeiro. Apesar de já ter seus 50 anos de idade, Zéfa possuía muitas habilidades e uma delas era cozinhar. Nem parecia que tinha 50 anos, pois o rosto era rosado, bonito, tinha cabelos longos, era descendente de índio e sabia muitos segredos

da medicina natural que herdara de sua antiga tribo, talvez aí, estivesse o segredo da sua juventude. Vivia com o coronel já há 28 anos.

Fortunato foi com o pai para a sala de estar da casa, a parede do ambiente era repleta de fotos antigas da família, os móveis eram rústicos, contudo, bem preservados. O velho Manoel se sentou numa cadeira acolchoada de um tecido vermelho; Fortunato preferiu sentar-se no sofá: um de frente para o outro.

Zéfa se aproximou com o café e cumprimentou o Jovem Fortunato, o mesmo levantou-se e abraçou Zéfa, dando-lhe um beijo na testa carinhosamente. O fazendeiro observava aquele gesto de maneira indiferente. Zéfa saiu para a cozinha deixando os dois a sós. Fortunato perguntou ao pai:

- Acho que está na hora do senhor procurar alguém, meu pai. A mãe já morreu, faz 15 anos e o senhor não quis mais saber de mulher nenhuma.

- Gostaria de saber quem lhe deu permissão para entrar na minha vida pessoal, Fortunato. Acho melhor você cuidar da sua e deixe-me viver a minha em paz.

- Desculpe-me, meu pai. Só falei por falar, fico preocupado com o senhor, apenas isso. A solidão não é uma coisa muito boa para pessoas como o senhor, já nessa idade.

- Agradeço a preocupação, mas não se esquite com isso não, eu sei me virar – falou o coronel com olhar de correção. Continuou: – Mas me diga aí, como vão as coisas na cidade? - mudou de conversa o fazendeiro.

- É por isso mesmo que vim aqui consultar o senhor. Hoje, haverá uma reunião política lá em casa, a partir das 10h da manhã e vim informá-lo que a votação para aprovação de minhas contas é amanhã à noite na Câmara Municipal.

- E?

- E o quê, meu pai? Vim ver com o Senhor o que devo fazer – começou a falar baixinho próximo do pai – O senhor mesmo sabe que andei desviando um dinheiro aí, para comprar aquele outro pedaço de terra que o senhor me pediu, que estava precisando para criar mais cabeças de gado.

- E você vem aqui para me perguntar: o que fazer para que suas contas sejam aprovadas? – o Coronel às vezes se irritava com a falta de estratégia política do filho, não sabia como um homem daquele poderia ter saído dele, deveria estar muito bêbado quando o fez com sua mãe. Na verdade, deveria ter puxado a mãe, Manoel ficava horas e horas, às vezes procurando encontrar em Fortunato, algo que tivesse alguma relação com ele mesmo: os olhos, a barba, alguma coisa que tivesse semelhança com ele próprio, contudo, nunca encontrava nada, aquilo o irritava. Gostaria que o filho fosse como Nogueira.

- Você consultou Nogueira antes de vir aqui? – perguntou o coronel meio impaciente com aquela visita desnecessária.

- Não.

- Bem vi que não. Pois se tivesse visto Nogueira, ele já o teria orientado o que fazer – falou o velho – faça como foi feito ano passado: compre os vereadores que não queiram aprovar as contas.

- Mais meu pai, se eu fizer isso vamos gastar mais dinheiro público em votos de vereadores e acho que isso não é necessário.

Manoel Ribeiro já estava impaciente com o filho “ainda bem que isso já está acabando, na próxima política coloco Nogueira para substituir esse imprestável” pensava o fazendeiro.

-Faça o que estou lhe mandado, Fortunato. Não questione as minhas decisões, apenas faça, ou você quer ficar inegável e desestruturar toda estrutura de poder que criei nesta cidade?

- Bem, meu pai. Você sabe que nunca quis entrar nesse negócio de política, nunca tive muito jeito. Fiz isso pelo senhor, para

manter o nome da família e também, porque sei que se minha mãe estivesse viva ficaria orgulhosa de mim. Sei que acabo tirando vantagem em alguma coisa, mas ainda assim, não tenho muito jeito para isso.

O jovem falou essas coisas, depois ficou um pouco emocionado e foi na direção da janela contemplar a paisagem e o ar fresco que vinha da varanda. O pai se aproximou de Fortunato, pois as mãos no seu ombro e ficou do lado da janela junto com ele. Começou a lhe falar:

- Bem, meu filho! As coisas nem sempre acontecem como a gente quer – quando falou isso, a fisionomia do coronel modificou-se, lembrou de sua falecida mulher, uma breve lágrima veio em seu rosto, disfarçadamente enxugou-a.

- Pai, às vezes fico olhando todas essas terras e fico a me perguntar: onde o senhor arrumou tanto dinheiro para comprar tudo isso aqui, e ainda ser praticamente o Dono de Quero-Quero?

- É. Vou te dizer uma coisa Fortunato, nem sempre as coisas por aqui foram realizadas através de compra e venda de terras. Antigamente, nessa região que hoje é chamada de Quero-Quero, existiam muitas pessoas, muitas pessoas mesmo. Essa gente toda que estou falando sempre vivia em conflitos uns com os outros, pois aqui, ainda não existia o que chamamos de lei. A coisa funcionava da seguinte forma: um morador tinha bens e na maioria das vezes queria mais bens.

Acontecia às vezes de um morador ter gado, casa, terra, mas não ter família, então esse morador por querer ter uma família, ia até a casa de outro, invadia, matava o chefe da casa e se apossava da mulher e dos filhos do falecido. Outrora acontecia de querer fazer uma troca de uma cabeça de gado por um pedaço de terra, e quando os interesses de ambos os trocadores eram diferentes ou não eram similares, acontecia de um matar o outro para impor

sua vontade e isso ficava por isso mesmo. A Vontade e o querer das pessoas não tinham freios, nem limites. Por isso, o nome da cidade ser Quero-Quero, pois todos sempre queriam coisas. Um dia, vi um homem colocar uma cerca em um pedaço de terra, depois de delimitar o pedaço de terra, ele falou que aquele hectare lhe pertencia e os outros por não saberem que aquele homem havia se apossado da terra indevidamente, apenas utilizando-se da esperteza; acreditaram na palavra daquele que havia colocado a cerca. No dia em que presenciei aquilo, nasceu um querer dentro de mim: “Quero ser dono dessas terras e dessas pessoas” pensei. Apesar de ser de família humilde, sempre gostei de pensar e estudar. Então, juntei com uns colegas que também tinham o mesmo querer, com isso formamos um grupo de invasores de terra, era simples: a gente invadia as terras, matávamos os seus donos e nos apossávamos de tudo que era deles. Ficamos muitos anos fazendo isso, até que um dia apareceu por essas redondezas o tal dos jornais impressos. A maioria do bando e dos meus amigos era composto por pessoas analfabetas, apenas eu possuía leitura. Enquanto parte do bando usava os jornais para se limpar das necessidades fisiológicas; eu aproveitava para ler as notícias. Nesse tempo a safra do Fruto amarelo era boa, e o cacau valia ouro. Quero-Quero ainda não existia como cidade, era apenas um povoado pequeno, e as pessoas que possuíam influência era as que tinham mais dinheiro e geralmente, os mais sucedidos eram os fazendeiros que plantavam o cacau. Em uma dessas minhas leituras, recebia notícias de outros locais, inclusive da capital do Estado da Bahia: a cidade de Salvador. Descobrir na leitura outro universo: ouvia falar de política, de instituições sociais: escolas, fóruns, cartórios, Câmara Legislativa e outros termos que fui aprendendo. Um dia me peguei a perguntar: “E quando aquela modernidade toda chegasse ao povoado? Quem seriam os governadores do povoado?” Uma sede de poder se apossou de mim. Confesso que a partir dali, tive que mudar meus

princípios, comecei primeiro, assassinando meus próprios comparsas fazendeiros, tomei suas terras e comecei a plantar o fruto amarelo. Com o dinheiro do cacau comecei a realizar viagens a capital e a entrar em contato com as lideranças políticas de alguns partidos, inclusive, os da situação. Falei de minha ideia para o governador na época, seu partido o ARENA (Aliança Renovadora Nacional) aprovou a proposta. Fizemos um acordo, eu investiria em suas campanhas e eles começariam a me ajudar a construir Quero-Quero. Lembro-me que a primeira coisa que mandei instituir no povoado foi um cartório, pois precisava registrar as terras que invadi, para que dali em diante tivesse todos os direitos sobre elas, podendo ser indenizado por quaisquer invasões ou atos ilícitos contra as minhas propriedades. Ali, percebi a importância da existência dos cartórios em lugares pequenos. Os moradores estavam cansados da violência e dos conflitos, então mandei instalar uma delegacia para manter a ordem no lugar e também para garantir que ninguém ousasse tomar minhas terras ou roubar meus patrimônios. As pessoas se contentaram, pois agora, poderiam registrar seus filhos e patrimônios, além de terem a segurança, ou seja, sentiam-se felizes por não se preocuparem mais com invasões às suas casas, nem com agressões a sua integridade física.

A instalação da delegacia garantiu a paz e o direito de ir e vir tranquilamente pelas ruas do povoado. Com um tempo doei um pedaço de terra para que a diocese local construísse a Igreja Católica. E assim, fui fazendo aos poucos até o governador reconhecer o povoado como município e sentir o desejo de emancipá-lo. Ajudei a construir escolas, casas, ruas e vilarejos, quando o governador resolveu emancipar o povoado me chamou e perguntou se eu tinha interesse em tomar conta daquelas pessoas, eu aceitei e daí fui o primeiro prefeito, assim como o criador do nome da cidade que passou a se chamar Quero-Quero, porque era algo que eu muito queria e que também percebi nas pessoas,

em seus comportamentos a vontade de sempre querer alguma coisa, daí o nome Quero-Quero. Pois é filho, no início tudo foi na base da guerra, do conflito, pela força, gostaria que você reconhecesse o esforço desse seu velho, no surgimento deste município que pertence a nós: os Ribeiros. Hoje, não precisamos mais usar a força, usamos o dinheiro que é menos doloroso, portanto, vá a reunião e convença os vereadores com o dinheiro, depois diga a Nogueira que quero vê-lo.

Ainda com o olhar nas terras, Fortunato respondeu:

- Está bem, meu pai! Obrigado pela história e pelo conselho – baixou a cabeça. - Sinto muito, se às vezes o decepciono, mas quero que saiba que ainda assim, o admiro muito. Abraçou o coronel, se despediu de Zéfa e voltou para cidade.



CAPÍTULO 8

O Professor Emanuel Santos de Jesus tinha acabado de chegar na cidade de Quero-Quero, chegou no Ponto de Ônibus e já estava descendo com sua bagagem, para enfrentar sua nova jornada de vida, pois tinha passado em um concurso público realizado pelo município de Quero-Quero.

O concurso se deu contra a vontade de Manoel e seu partido. Antes eles empregavam quem eles queriam, de preferência: um ou dois membros de uma família, assim, (garantindo o emprego destes, garantiria os votos dos seus familiares), assim teria o controle de votos sobre todas as famílias de Quero-Quero. Com o concurso, isso dificultaria um pouco, já que no concurso o emprego era garantido por seleção e mérito pessoal. Com isso, um dos princípios da administração pública seria respeitado: o princípio da impessoalidade, onde a administração pública não pode garantir direitos, apenas para seus parentes e coligados, pois todos têm o direito de usufruir da coisa pública de maneira igual, já que todos pagam impostos. Assim, o hábito do nepotismo seria extinto da gestão pública. Mas Manoel Ribeiro tinha seus truques e contratou uma empresa laranja para fazer o concurso, com isso, pôde colocar seus coligados nos empregos e para não dar a pinta, saiu selecionando alguns concorrentes de fora, ou seja, escolheu alguns moradores de fora para serem aprovados no concurso para que, as pessoas não achassem que houvesse fraude por parte da empresa que realizou o concurso e nem da prefeitura. E no meio, desses concorrentes de fora, Emanuel tinha tido uma boa pontuação, então, foi logo escolhido pela empresa e sendo aprovado como Professor Nível II, do município de Quero-Quero. E naquela segunda feira, era o dia de tomar posse e começar a partir de terça-feira as aulas no Colégio Manoel Ribeiro.

Emanuel estava feliz, pois estava desempregado em sua cidade natal. Aquele era seu segundo emprego como professor, era

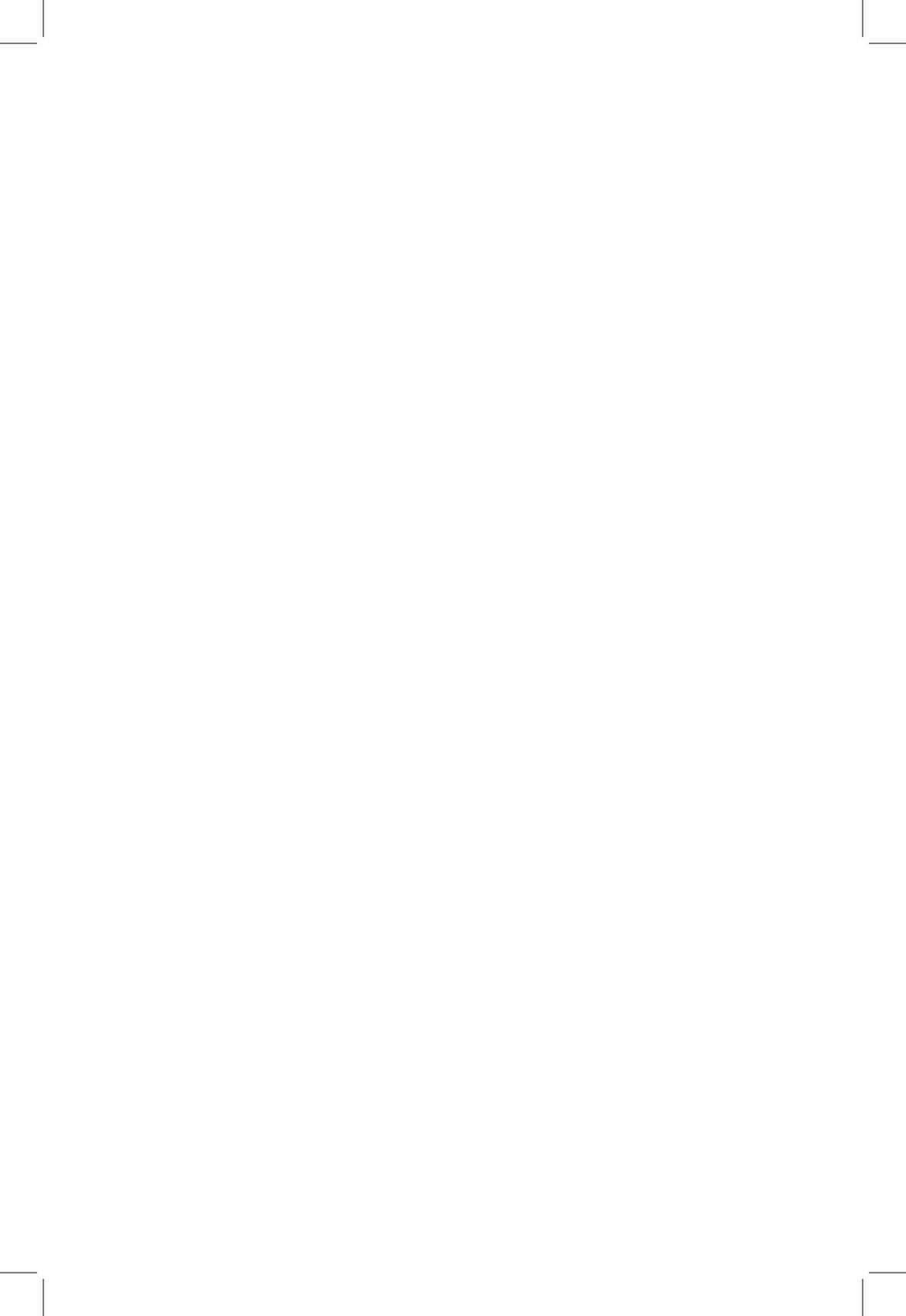
formado em magistério, e já tinha feito uma faculdade e uma pós-graduação, entretanto nunca tinha lecionado em uma cidade diferente. Depois de se formar, começou a estudar filosofia na universidade, participou de grêmios dentro do campus onde estudou, leu vários autores políticos: Maquiavel, Thomas Hobbes, John Locke, Rousseau, dentre outros que o envenenaram com o vírus da política, arte essa, que sempre fora apaixonado. Uma vez tentou formar um grupo político na sua cidade, Itagi, mas encontrou resistência, pois a juventude de sua terra, eram viciados e amantes de um partido político que lá existia o PDT (Partido Democrático Brasileiro). Emanuel se sentia triste, pois via que tanto o partido da situação (PDT), quanto da oposição apoiavam a mesma coligação. Os deputados que eram eleitos na cidade de Itagi: eram subordinados pela mesma liderança política do estado da Bahia e quase nenhuma obra era construída na cidade do Rio das Pedras (Itagi).

O que havia na cidade era na verdade, disputa de poder entre duas coligações, ou dois lados: os que apoiavam o Padre João; e os que apoiavam a Família Andrade. Os partidos aos quais pertenciam essas lideranças faziam parte da mesma coligação estadual, ou seja, não importava em que partido se votasse em Itagi, seja lá quem for que ganhasse, o candidato eleito pertencia a mesma coligação do governador. Entretanto, quando chegava à época da política municipal, tanto os aliados do Padre João, quanto os da família Andrade, viravam oposição um do outro e disputavam o poder da cidade. Onde quem sempre levava a melhor era o Padre João.

Esses acontecimentos sempre intrigaram Emanuel, e serviram de base para entender e compreender a vida pública. Sempre sonhou com uma sociedade mais justa e igualitária, uma sociedade onde todos poderiam usufruir dos seus direitos enquanto cidadãos. A política de Itagi, o enjoara, agora quem sabe naquele

novo lugar, poderia ajudar as pessoas e pôr em prática seus sonhos coletivos.

Emanuel foi a reunião de posse na prefeitura, as 9h da manhã, depois de empossado, procurou uma casa para alugar. Encontrou uma em rua estreita e simples, uma casa muito confortável apesar de pequena, ali se instalou e foi ao mercado fazer compras, em seguida foi a uma loja de móveis e eletrodomésticos e realizou a compra de fogão, geladeira, mesa, cama e outros utensílios necessários para mobiliar uma casa. Dividiu tudo em prestações e com o tempo com seu salário garantido poderia pagar tudo. Afinal, era uma nova vida que estava para começar naquela comunidade.



CAPÍTULO 9

Enquanto isto, na casa do Prefeito, alguns convidados já chegavam. O vereador Nogueira já tomava um café e riscava uma agenda, sentado no sofá vermelho. O vereador Ferreira já degustava algumas guloseimas que tinham exposto sobre a mesa da sala. Do lado direito da mesa, na parede ao lado, havia uma foto do Coronel Manoel Ribeiro, vestido de paletó abraçado com o governador da Bahia do ano de 1976, o Senhor Antônio Carlos Magalhães.

O prefeito estava dentro do quarto atendendo a um morador e ouvindo atentamente seus reclames e necessidades. Os outros foram chegando aos poucos e se sentando, numa mesa que possuía dez cadeiras, era uma mesa própria para família e reuniões. Nogueira ao ver que todos estavam presentes foi até a porta do quarto deu pressa a Fortunato. O prefeito se despediu do eleitor, o encaminhou até a porta e depois se despediu. Em seguida, voltou e sentou-se na cadeira de cabeceira da mesa, onde no fundo pregado na parede havia a foto do seu pai e o governador do Estado, por fim suspirou:

- Estou exausto. Nunca atendi tanta gente em minha vida como hoje.

- É meu amigo, se você quer manter sua família na liderança dessa cidade, terá que perder algumas horas de sono e ter muita paciência com o povo – alertou Nogueira, olhando Fortunato por debaixo do olho e escrevendo alguma coisa na agenda.

- Ainda ontem fui naquele bairro pobre de nossa cidade, e prometi... prometi, como você me orientou, Nogueira. E o povo como sempre acreditou, acreditou e acreditou.

- Senhor prefeito, tem um senhor querendo conversar com Vossa Excelência – gritou uma das funcionárias que trabalhava na casa.

- Agora não. Diga-lhe para deixar o recado com você e diga que estou em uma reunião importante – respondeu o prefeito impaciente e desconcertante.

A mulher saiu e foi dar o recado do prefeito ao cidadão que o esperava.

- Sim amigo, continue a sua conversa – pediu Nogueira, curioso.

- Como estava dizendo, prometi e o povo acreditou, porém, o interessante não foi isso, o fato é que o Sr. Israel, aquele lá do Bairro Novo; disse que estava precisando de um dinheiro para reformar o banheiro da sua casa. E você sabe a família dele é muito grande, a maioria mora na zona rural mais vota por aqui.

- E? – perguntou Ferreira com a boca cheia de bolo.

- Sim, então ele me pediu trezentos reais. E, lógico, isso não é nada diante daqueles trinta e quatro votos que a família dele nos dá todo o ano.

- Muito bem amigo, mas acho que o amigo está um pouco desinformado – atalhou Nogueira - devemos ser prudentes, Fortunato.

- Como assim? – perguntou Fortunato sem entender o que Nogueira queria dizer.

A empregada tornou interromper a conversa dizendo que o homem queria ver o prefeito pessoalmente para agradecê-lo, por algo que Fortunato tinha feito por ele. O prefeito novamente, falou que não ia atender ninguém, pois estava em uma reunião importante. A mulher ficou sem jeito e saiu sem dizer mais nada. Nogueira continuou:

- Qual o nome da região onde moram os parentes do Sr. Israel?

- Região da Ribeira.

- Muito bem! Não sei se o amigo sabe, mais há algumas semanas atrás apareceu um curador naquela região, dizendo que aliviava o sofrimento dos que estavam em enfermidade, ou próximos da morte.

- Gizo?

- Não. Um outro que desconhecemos.

- Sim, e daí?

- Daí que vinte pessoas da família do Sr. Israel estavam doentes e sofriam de malária, diabetes e outras mazelas.

- Sim. E esse curador conseguiu ajudá-los? – perguntou o prefeito um pouco aflito.

- Sim.

- Ufa! Graças a Deus! Por um momento pelo tom como o amigo estava falando, pensei que tinha perdido vinte votos. Diga-me, então, como esse curador conseguiu fazer esses milagres?

- Matando-os a bala! Na verdade, não era um curador, era um credor do Sr. Israel, que devia algumas cabeças de gado ao tal curador e não tinha pagado o homem.

Todos na sala ficaram boquiabertos com a notícia. O prefeito principalmente, pois já contava no dedo os vinte votos perdidos. Aflito falou a Nogueira:

- Virgem Maria! Pelo menos sobrou quatorze.

- Apenas dois. Os outros doze morreram – afirmou Nogueira. Os outros vereadores estavam pasmos com aquela conversa. Agora todos os vereadores é que contavam nos dedos os prejuízos dos votos.

- Foi por isso que vi tanta gente no cemitério semana passada, estava pensando que estavam comemorando o dia de Finados, mas é que na verdade o dia de Finados ainda é no mês que vem – Falou pasmo Ferreira com a mão na boca, sem acreditar no que estava ouvindo.

- Como sobraram só dois? Que história é essa, Nogueira? Perguntava o prefeito, já branco e sem cor.

- Para sua informação: o Sr. Israel, há quatro semanas, ganhou quarenta e três mil reais na loteria.

- E? – perguntou Fortunato, já sem forças e sem acreditar no que ouvia de Nogueira.

- E que na hora em que o pobre recebeu a notícia, seus cinco irmãos saíram correndo de dentro de casa para comemorar, quando foram atropelados por um caminhão que passava na estrada, no exato momento em que os cinco saíram para o meio da rodagem, em frente à casa, foi uma chacina automotiva.

- Mais e as outras cinco irmãs dele? – insistiu o prefeito na esperança de ouvir algo milagroso e confortante.

- Como eles nunca ganharam tanto dinheiro assim na vida. As irmãs saíram para comemora e beberam muito, beberam no sentimento da morte dos irmãos e também beberam para comemorar a vitória de José, com isso beberam: vodka, cerveja, whisky, vinho, sabe pobre como é, logo em seguida depois de uma semana, morreram de tanta cachaça: duas eram diabéticas e as outras três sofriam de hipertensão, mas nunca se deram o trabalho de fazer exames e se cuidarem, só depois é que o médico detectou em seu diagnóstico obital.

- E os velhos? Os pais dele?

- Morreram de emoção quando receberam a notícia do prêmio.

Fortunato estava chocado com a notícia. Os outros presentes na mesa, também não tinham conhecimento do acontecido, e entre os votos perdidos, todos os presentes tinham os seus como vereador. O prefeito olhou desapontado para Nogueira e perguntou-lhe:

- E ele e a esposa? Esses não morreram, pois eu os vi, até ontem de ontem.

- Sim, mas o boato que rolava nas ruas é que eles viajariam para outro Estado da Federação: Amazonas. E depois desses trezentos reais que você deu a eles. Com certeza, eles devem ter comprado passagens e o último ônibus para lá, saiu daqui há uns dez minutos, e antes de vir para cá me disseram que eles já estavam por lá com malas arrumadas e tudo.

- Desgraçado! – suspirou Fortunato, sentindo-se traído por aquela gente ignorante e pelo fato de saber que foi enganado e feito de tolo.

A empregada da casa pediu licença e invadiu a reunião dando ao prefeito um bilhete. O prefeito perguntou:

- O que é isso?

- Não sei não, senhor! É um bilhete do homem que estava aí fora, O que sei é que ele queria muito falar com o senhor, agora a pouco, mas o senhor mandou avisar que estava em reunião, então ele me deu esse bilhete para entregá-lo, isso tem uns quinze minutos já.

Fortunato pegou o papel, olhou para os presentes. Nogueira pediu que visse logo o que era e que entrassem logo na pauta da reunião. O prefeito abriu o papel que estava enrolado, e nele estava escrito:

“Senhor Prefeito, é com muita gratidão que, venho agradecer pelo empréstimo de trezentos reais. Eu e minha mulher estamos indo para o Estado do Amazonas. Não sei se o Senhor sabe: ganhamos na loteria, por isso, não convém ficarmos na cidade de Quero-Quero com tanto dinheiro assim, lá poderemos recomeçar uma nova vida e esquecer a tragédia que nos assolou durante as últimas semanas. Sendo assim: Obrigado por tudo.”

Do seu velho amigo, Israel Fonseca dos Santos.

Ao ler o escrito, Fortunato tratou logo de guarda o bilhete e não dizer nada a Nogueira do que se tratava o papel. Depois olhou para o Presidente da Câmara e disse:

- Vamos mudar de assunto Nogueira, vamos falar das contas do município que é o que mais me interessa neste momento.

- Pode ficar tranquilo Fortunato, já resolvi esse problema das contas. Conversei com todos os vereadores e eles já aceitaram aprová-las.

- Como você conseguiu convencê-los, prometeu dinheiro novamente? – perguntou o prefeito surpreso com a eficiência de Nogueira.

- Não. Não haverá dinheiro desta vez.

- Como assim? Eles não querem dinheiro pela aprovação das contas?

- Não. Você sabe, ano que vêm é ano de Política e todos estão interessados em votos. O acordo foi você concordar que naquele projeto da nova escola que será construída, você Fortunato, empregará, através do esquema dos concursos, alguns eleitores deles. Ficaram de lhe trazer a lista depois, mas fique tranquilo: suas contas serão aprovadas. E pra ser sincero, não vim aqui por causa desse assunto não. Ontem à noite recebi um telefonema de Valtervino, o sacristão da Igreja, que me falou de certo interesse do Padre Aníbal em nos procurar para comunicarmos algum problema e me parece que precisavam de nossa ajuda.

- A religião sempre é uma boa aliada – resmungou Ferreira com um pedaço de pão na boca.

- Então, resolvi aproveitar que já estaríamos aqui reunidos e mandei que eles viessem conversar conosco. Já devem estar chegando. Vamos esperá-los e ver o que eles querem conosco.

Todos ficaram na espera do Padre e do Sacristão, pois alianças precisavam ser feitas e Nogueira sabia que a religião é uma fonte valiosa de votos e números eleitorais. Os fiéis de uma religião e seus líderes são um mecanismo importantíssimo para a manipulação de pessoas e intenções, disso Nogueira entendia muito bem.

CAPÍTULO 10

Enquanto esperavam a chegada dos homens religiosos, o prefeito estava a recordar, em sua mente, como descobriu a importância do dinheiro no querer das pessoas. Como o dinheiro interfere no querer dos seres humanos? Lembrava-se de que um dia, Zé preto que trabalhava na Fábrica de Pedição foi à prefeitura pedir-lhe trabalho. Fortunato perguntou-lhe o que se passava? Se Zé já trabalhava na fábrica de Pedição. O homem havia lhe falado que perdera seu emprego. O prefeito perguntou: “como?” Zé ficou calado e sem jeito, não respondeu. Fortunato apenas disse que não tinha como lhe arrumar emprego. O homem ficou inconformado: ameaçou o prefeito de morte, disse-lhe que um dia o mataria e que o prefeito esperasse, pois já que o prefeito não tinha palavra, ele tinha. Fortunato teve medo, mas por sorte, os seguranças retiraram o homem do gabinete e o expulsaram da prefeitura.

Zé Preto estava inconformado com o seu desemprego na fábrica de Pedição. Como todo empregado da Fábrica, um dia, Zé vestiu a sua farda e foi nas casas e lojas a pedir dinheiro e material para a Fábrica. Passando por uma rua chamada Rua dos Cascalhos, Zé foi até a casa de Manelão Branco. O que Zé não sabia era que: Manelão, que era Branco, amava a ideologia da Eugenia e era fã de um homem chamado Adolfo Hitler, um líder político que viveu na Alemanha e que um dia ouvira falar. Amava a forma como o tal do Hitler falava da raça branca e da importância dessa raça para a construção de um mundo melhor, sem outras raças, principalmente, sem a raça dos judeus e dos negros. Hitler mandou matar milhares de judeus pelo mundo e Manelão achou correto: aquela atitude Ariana. Manelão tomava remédio controlado, era um homem alto, forte, de idade de 47 anos e odiava negros, era racista, preconceituoso e neurótico. Na sua casa tinha campanha e odiava quando as pessoas em vez de tocar a cam-

painha na porta ficavam lhe chamando da janela a bater palmas altíssimas, coisa que incomodavam muito seus ouvidos.

Quando Zé, que era Preto, apareceu na janela de Manelão, a bater palmas e a gritar feito um desvalido podemos imaginar o que aconteceu: Manelão, que era branco e racista quase mata Zé Preto, com chutes, pauladas, socos e toda sorte de golpes que podemos imaginar nessa humilde vida. Zé só sobreviveu, porque Manelão que era Branco, racista e preconceituoso, cansou-se e caiu exausto no chão e acabou dormindo em sono profundo de tanto bater em Zé. Os vizinhos socorreram Zé e levou-o ao hospital da cidade. O dono da Fábrica de Pedição, o Sr. Juvenal, quando soube do caso, tratou logo de demitir Zé Preto, pois nunca um funcionário da Fábrica tinha exposto o nome da empresa e deixado um rastro de violência e boatos tão grandes sobre a Fábrica do que o acontecido com Zé. Juvenal o despediu de imediato.

Zé não era casado, não tinha responsabilidades, mas gostava de curtir e usar drogas, pois via nas drogas uma saída para aquele sofrimento miserável em que vivia. Quando Zé saiu do hospital que foi para a Fábrica trabalhar, recebeu a notícia de que fora despedido. O trabalhador desesperado foi até o prefeito, a fim de resolver seu problema. Fortunato nem se quer ouviu o homem, apenas disse que não tinha emprego e que não podia fazer nada para ajudá-lo.

Certo dia quando saía do seu carro para entrar em casa, o prefeito Fortunato, fora abordado por Zé Preto que estava com uma faca em mãos e disse ao prefeito que naquele momento, pagaria suas contas. O prefeito apavorado sem nenhuma segurança ao lado, lembrou-se do dinheiro e propôs a Zé um acordo.

No outro dia, Zé Preto já arrotava elogios sobre o prefeito pelas ruas da cidade. Quando seu sobrinho nasceu, pediu ao irmão para colocar o nome do sobrinho de Almeida em homenagem ao Prefeito. Zé agora trabalhava como segurança de Fortunato e ca-

panga do Velho Manoel Ribeiro. E foi aí que Fortunato percebeu que o querer de uma pessoa pode ser modificado pelo dinheiro.

O dinheiro parecia controlar tudo, bastava falar em dinheiro e as pessoas mudavam seus caracteres, personalidades e comportamentos. “O que queria o Padre e o Sacristão?” Pensou Fortunato. Enquanto pensava a empregada avisava na sala que os religiosos haviam chegado. Nogueira mandou que os mandasse entrar.

Minutos depois o Padre já estava sentado na mesa mais o Sacristão e juntavam-se aos políticos:

- É bom tê-los em minha casa, senhores! – iniciou a conversa o prefeito.

- Desculpe por incomodá-los, mais estamos precisando de vossa ajuda – falou o Padre sendo direto e objetivo.

O sacristão que estava sentado com as pernas cruzadas e que não parava de encarar o vereador Ferreira, olhou para o prefeito e disse:

- Bem, estamos com problemas, senhor Prefeito.

Nogueira deu uma olhada para Fortunato, piscou um olho e apontou para um barzinho que se encontrava ao lado da sala. Fortunato entendeu a dica e acompanhou o sacristão dizendo:

- Calma, caro sacristão! Desculpe, nem lhes ofereci uma bebida.

- Não sei o sacristão, mas eu não vou me deixar levar. Não quero nada – enquanto o padre falava, Nogueira já pegara a garrafa de whisky e trazia a mesa.

- Eu vou querer uma bebidinha, obrigada vereador Nogueira – falou o sacristão enquanto abria a garrafa e colocava o whisky em seu copo. Sempre observando Ferreira que era gordinho e o Sacristão sempre gostou de coisas gordas e fofinhas. Sempre dormia com um bando de ursinhos de pelúcia.

- Para mim não! Não sou homem de se deixar levar pelos prazeres da carne carnal e nem das bebidas alcóolicas. Sou um homem de fé, religioso e creio na vida eterna, preciso redimir meus pecados e não os aumentar. Assim como nosso Senhor resistiu, não deixarei me levar pela tentação... – falava o sacerdote quando foi interrompido, ao ver o litro de whisky, arregalou o olho em cima da bebida, foi pegando a garrafa, abrindo-a e bebendo: – whisky quatorze anos, que maravilha, como Deus é bom! Que coisa maravilhosa, ô glória! – falava tudo isso pegando a garrafa, abrindo-a e bebendo o whisky em dozes longas e saboreando o líquido, enquanto os demais se entreolham sem entender o que estava acontecendo.

Todos olharam para o Padre e disseram: - Padre Aníbal?!

Ao perceber que já havia bebido e por estar envergonhado do que fizera:

- Ô meu Deus já bebi. Senhor afaste de mim este cálice. Depois ficou a falar consigo mesmo em pensamento: “Que coisa maravilhosa, meu Deus! Que glória!”.

- Há quanto tempo o padre não bebia mais essa bebida? – perguntou o vereador Ferreira parecendo que lia a mente do Padre.

O padre meio pensativo com a mão no queixo: - Deixe-me ver, deixe-me ver... Ah! Já faz umas duas horas atrás, antes de sair de casa.

- Hello! Vamos ao que interessa – falou Valtervino estalando os dedos em volta de sua cabeça e chamando a atenção de todos para ele.

Ferreira que não parava de olhar para o sacristão, dizia: – o que lhe interessa? O que lhe interessa? O que lhe interessa?

Percebendo o clima que estava acontecendo Valtervino de forma discreta, pisca o olho para Ferreira e é interrompido pelo Padre Aníbal:

- Bem. Já que estamos aqui. O amigo prefeito poderia me apresentar os seus aliados políticos?

- Pois bem – respondeu o prefeito e foi apresentando alguns vereadores pela ordem – este aqui é Nogueira, presidente da Câmara e responsável pelo PIP (Partido dos interesses Particulares). O outro aqui, é o vereador Ferreira representante do PIFP (Partido dos Interesses Financeiros Particulares) e os demais estão divididos entre esses dois partidos.

- Ora filho mais... não vejo nenhum partido que represente os interesses do povo. Qual é o seu partido? – falou intrigado o Padre.

- O meu partido é o PIP – respondeu o prefeito.

- Mais será possível que não existe nenhum partido que represente os interesses do povo?

- Neste mundo não, só se for no céu! – respondeu Nogueira no ato e de maneira fria.

O padre ficou surpreso com aquela resposta e se desorientou por alguns segundos. O prefeito recomeçou a conversa:

- Sim, Padre. O que o traz aqui?

- Venho até o amigo para pedir um favor. Gostaria que o amigo pudesse ajudar a nossa igreja.

- Mais de que forma, posso ajudá-lo?

- Nossa igreja está passando por uma grande crise, senhor Prefeito. A juventude já não frequenta mais, os chamados evangélicos estão tomando conta do espaço, as ofertas estão se tornando uma lastima e as pessoas já não querem mais pagar...

- Agora só querem saber de farras e festas – complementou Valtervino se desgarrando do vereador Ferreira – etc. etc. etc. – concluiu envergonhado com o dedinho na boca e sobranceiras arqueadas.

- Entendemos sua preocupação, Padre – interrompeu Nogueira – antigamente em cada esquina que andávamos existia um boteco ou venda, onde se vendia bebidas, hoje encontramos nessas mesmas esquinas, filiais de igrejas evangelistas. Com certeza a Igreja Patriarcal tem perdido espaço. É preciso renovar os cultos e até mesmo reformar sua Igreja, Padre: tanto por fora quanto por dentro, se é que o senhor me entende! No entanto, vamos ajudá-los com uma condição: que vocês possam conseguir boa parte dos votos dos seus fiéis para as próximas eleições.

O sacristão olhou para o Padre Aníbal, que já via em sua mente, as guloseimas e já contava quantos restaurantes novos iria frequentar.

Minutos depois, ambos aceitaram a proposta de Nogueira e os mesmos já marcavam uma reunião em particular na casa do Presidente da Câmara. O prefeito fizera o cheque no valor de 50 mil reais e deu para Aníbal e assim foi a reunião e o acordo Político-teológico na cidade de Quero-Quero. Dali, nasceu uma aliança teológica política.

CAPÍTULO 11

Na terça-feira começaram as aulas e o Professor Emanuel compareceu em seu primeiro dia de aula no Colégio Municipal Manoel Ribeiro. Ao entrar no colégio viu os olhares curiosos dos alunos a lhe observar enquanto passava pelos corredores em direção a Diretoria. Olhava para os alunos e com toda educação dava-lhes: “bom dia! como vai? Oi, tudo bem?” Até chegar na porta onde estava escrito Diretoria. Respirou fundo, concertou os cabelos e a boina e bateu na porta. Alguém lá de dentro com uma voz feminina mandou que entrasse. Emanuel colocou a mão na maçaneta da porta e girou: à medida que foi abrindo a porta, foi-lhe sendo revelado uma sala bem aparentada de cor verde, com quadros de pinturas abstratas na parede, no canto, apareceu-lhe uma mesa de escritório, onde se encontrava uma senhora de cabelos lambidos para trás e curto, óculos e de cor amarelada. Ao perceber a presença do professor dentro da sala, disse-lhe:

- Feche a porta e entre, professor. Sente-se, por favor! Fique à vontade – falou a mulher e continuou a olhar uma agenda que estava sobre a mesa – só um minutinho, já termino e converso com o senhor.

Emanuel observava a sala, as pinturas, o formato das janelas. Observou também a roupa da Diretora, era de cor verde mesma cor da parede e ela usava uma boina parecida com aquelas que os soldados usavam no exército. Parecia mais um general. A mulher terminou o que estava fazendo e se dirigiu ao professor:

- Bem, seja bem-vindo, professor Emanuel, é isso mesmo, não é?

- É sim, esse é o meu nome.

- O senhor passou no concurso e vai lecionar a disciplina de filosofia e história pelo que consta aqui em sua pasta, correto?

- Correto Senhorita...

- Ah, me desculpe, não tinha me apresentado ainda! Sou a Diretora Tânia Souza Ribeiro – foi até ao educador e lhe cumprimentou estendendo a mão e voltou a se sentar. E não é senhorita não, senhor, é senhora Tânia, ou se quiser: Excelentíssima Senhora Tânia se assim preferir.

- Está, ok, Senhora Tânia!

- As séries são as do ensino fundamental II: da quinta a oitava série, pode se dirigir à sala dos professores. Lá encontrará um armário com seu nome e nele constará o material que será utilizado durante as aulas: giz, livros didáticos, esponjas e etc. Alguma pergunta?

- Não Senhora.

- Dispensado – respondeu a Diretora dando ao professor a chave do armário. Emanuel se levantou, cumprimentou novamente a Diretora e saiu em direção à sala dos professores.

Quando chegou lá, encontrou outros educadores sentados numa mesa retangular: uns tomando café, outros lendo alguma coisa e outros a cantar, procurou cumprimentar a todos e tentou ser gentil para com todos. Enquanto abria seu armário para pegar seu material, entrou na sala, uma mulher de cabelos encaracolados e avermelhados, estava vestida com um vestido vermelho comprido. Quando bateu os olhos na mulher, Emanuel parou por alguns segundos a admirar aquela figura excêntrica e bela que aparecia diante dos seus olhos, sentiu um frio na barriga e um desconforto físico bastante diferente. A mulher cumprimentou os outros professores e foi na direção de Emanuel, que já não sabia se a cumprimentava ou se ficava quieto sem dizer uma palavra, a mulher se aproximou dele e o cumprimentou:

- Bom dia!

Emanuel ficou sem saber o que falar, as palavras haviam lhe sumido da mente, a boca tremia tentando se comunicar, em fim uma interjeição:

- Oi!

- Você é novato por aqui, não é?

- É, sou sim! Passei no concurso recentemente e, hoje, é o meu primeiro dia de aula – falou tudo, muito rapidamente e se sentindo um idiota “controle-se, Emanuel” uma voz o reprimia dentro de sua cabeça.

- Percebe-se que é novo na cidade. Seu rosto é diferente. Olá, sou Glória, Professora Glória é um prazer!

- Sou... Emanuel, Professor Emanuel... é isso!

- O que vai lecionar?

- Filosofia e História.

- Bom, sou apaixonada por filosofia. Entretanto depois que vim dar aulas nesta escola, fiquei um pouco desmotivada de ler os textos filosóficos, aí parei.

A sirene tocou e Emanuel ainda observava Glória. Ela notou que ele estava um pouquinho distante dali:

- Estou indo ali na 8ª série, depois a gente se vê no intervalo, até! – Glória despediu-se do professor e foi em direção a porta da sala. Os outros professores repetiram o mesmo gesto, por fim: ficou Emanuel sozinho na sala, ao se dar conta de que estava só, pegou seus livros e se dirigiu a sala de aula.

Chegando na sala de aula, Emanuel se deparou com os alunos todos sentados e quietos, a maioria com olhar de medo fixado nele. O Professor entrou, colocou seus livros sobre a mesa. Sentou-se para fazer a chamada, enquanto fazia a chamada observou no semblante dos alunos certo receio. Terminada a chamada, se apresentou e iniciou a aula perguntando aos alunos o que eles gostariam de fazer, assim que terminassem os estudos? Para sua surpresa todos o olhavam sem responder nada. Emanuel achou aquele silêncio estranho e tornou perguntar. O silêncio permaneceu.

- Por que não me respondem? O que há com vocês?

Uma menina por nome Jéssica fixou nos olhos do professor e lhe disse:

- Desculpe-nos professor. É que aqui ninguém nunca fez isso!

- Isso o quê? – perguntou o professor sem entender o que estava acontecendo. A menina continuou:

- Isso que o senhor está fazendo.

- E o que eu estou fazendo?

- Está nos perguntando algo. E aqui eles nunca nos perguntam alguma coisa. E também não deixam que nós perguntemos. A não ser, quando as perguntas vêm nas provas e avaliações, ou nos papéis e nos exercícios que fazemos em casa.

- Vocês nunca tiveram uma aula onde vocês pudessem expor as opiniões de vocês?

- O que é opinião, professor? O que significa esta palavra? – perguntou outro aluno receoso e com medo.

Ao ouvir essa pergunta Emanuel teve um relâmpago de pensamento “Santo Deus! Eles não sabem o significado da palavra: opinião. O que acontece com a Educação dessa Cidade?”. Voltou à realidade:

- Bom, vou lhe explicar o que significa opinião, meu amigo. Mas quero lhe dizer: muito obrigado por perguntar – elogiou Emanuel o garoto, pelo fato de ter tido a atitude de perguntar, pois o rapaz fez uma pergunta e isso já era um bom começo.

Emanuel naquele primeiro dia de aula notou a carência de conhecimento e a falta de atitude participativa daqueles alunos. Levou horas explicando o que era opinião, participação, deliberação e outras palavras que não faziam parte da realidade dos cidadãos de Quero-Quero, procurou animar e se aproximar dos alunos no primeiro momento, então deixou para a próxima aula a pergunta: o que eles gostariam de ser depois que se formassem?

Terminadas as aulas do professor Emanuel, não havia outra conversa pelos corredores da escola, os alunos se encontravam e falavam como eram boas as aulas do professor de filosofia e história, era comum as opiniões tanto da quinta, sexta, sétima e oitava série do Ensino Fundamental II. Todos se encantaram com a forma como Emanuel deu suas aulas, tudo era muito novo: aquelas palavras, seus significados foram tocando o coração daqueles alunos e um novo querer foi desabrochando de seus interiores. Agora alguns queriam praticar aquelas ações e palavras, pois achava muito interessante o valor de emitir opiniões, pensamentos para os outros e ouvir as opiniões dos outros também, o significado da palavra respeito: tudo era novo. No primeiro dia de aula, Emanuel despertou em seus alunos: o querer ser cidadão.

Na hora que estava arrumando seus livros no armário para ir para casa, Emanuel voltou a ver a professora Glória e essa, convidou-lhe a almoçar com ela em um restaurante que havia ali por perto. Emanuel aceitou a proposta e então foram.

.....

Enquanto passavam em frente à prefeitura viram uma multidão se aproximar gritando: “o povo unido jamais será vencido!” O coração de Emanuel se revigorou de tanta alegria, ao ver aquelas pessoas lutando por alguma coisa, não sabia o quê, mas era interessante vê-los daquele jeito.

O prefeito Fortunato estava a beber um café tranquilo em seu gabinete, assinando alguns papéis e a conversar com o vereador Nogueira, Zé Preto e o vereador Ferreira, o terceiro saboreava um pastel, quando de repente, entrou porta adentro seu secretário dizendo-lhe:

- Senhor Prefeito, venho lhe comunicar que o povo está aí fora. Reivindicando os seus direitos como cidadão.

- Minha nossa! Já tão cedo! – exclamou o prefeito meio surpreso. Continuou – O que será que eles querem? Será que descobriram a verdade? Será que já sabem que a miséria que eles passam e por nossa causa? Será que descobriram que não geramos empregos para poder formamos seres dependentes de nossas migalhas?...

- Creio que não, pois todas as matérias como filosofia, sociologia, antropologia, ou estudos dessa natureza apesar de estarem em nossos currículos, até hoje, não tem nos causado problemas. Eu mandei tirar, boa parte dos conteúdos do currículo, inclusive, o conteúdo sobre Política – afirmou Nogueira.

- Vamos ter calma, ouvi-los e sermos prudentes, pois são filhos de Deus também, não é? – falou o prefeito calmo e tranquilo.

A prefeitura era um prédio com dois andares, o gabinete ficava no segundo andar, o prefeito se aproximou de uma área que era na frente de sua sala, uma espécie de varanda, olhou para baixo e viu a multidão que se aglomerava em frente à prefeitura a gritar: “o povo unido jamais será vencido!”. O prefeito fez um gesto com a mão, indicando que parassem com os gritos:

- Olá, meus queridos cidadãos queroquerenses. O que desejam? – falou Fortunato todo orgulhoso de si.

- Prefeito Fantoche! – Berrou um homem no meio da multidão.

- Ora seu vagabundo eu vou te matar, seu filho de uma...

- Zé Preto ficou descontrolado correu para dentro do gabinete para pegar uma arma, quando foi voltando com a arma na mão, Nogueira avançou sobre ele, o povo abriu na carreira. Nogueira conseguiu imobilizá-lo e lhe tomou a arma das mãos e deu-lhe dois tapas no rosto: – Controle-se homem – gritou Nogueira. O segurança foi se acalmando e o povo voltou a se aglutinar.

Um dos moradores que estava no meio da multidão, que era conhecido como José de Dina foi até a frente de todos e disse:

- Calma gente! Não devemos temer! Calma! Estamos aqui para reivindicarmos nossos direitos. Ninguém aqui está fazendo nada de errado, a não ser esse prefeito aí.

Quando falou isto, acalmou o povo e os mesmos bateram palmas para José. Ele olhou para o prefeito que estava no alto de sua varanda e continuou:

- Estamos aqui, Senhor Prefeito, para lhe perguntar: cadê as nossas escolas?

Fortunato se ajeitou. Olhou para o homem e para a multidão e respondeu em bom tom:

- Mais... Mande construir ora! O que foi que vocês me pediram?

- Pedimos ao senhor para construir novas escolas para nossa comunidade! – respondeu José.

- E então meus queridos, não foi isso que eu fiz?

- Está bem, o senhor construiu uma escola, mas não está funcionando e isso já faz: 09 meses!

Fortunato olhou para Nogueira e disse:

- Tá vendo aí! Há dois anos, me vem esse grupo de condenados gritando: “Nóis quer escolas! Nóis quer escolas!” Eu vou, faço as escolas e ainda é assim que me tratam.

Nogueira fez cara de rir e apenas esticou os lábios sem mostrar os dentes, depois olhou para José de Dina e lhe dirigiu a palavra:

- Seu José, o senhor foi infeliz na sua colocação. Como podemos ver o prefeito cumpriu com a sua promessa, construiu as escolas e...

- O problema não é esse, vereador Nogueira – interrompeu uma mulher chamada Nalva de Teco – O problema é que ele

construiu as escolas, mas num funciona, não existi professores para poder ensinar nossos filhos. Naquele momento estalou-se um silêncio, o prefeito adiantou-se:

- Mas isso é uma realidade não só em nossa cidade, como em todo país. Vocês precisam ter paciência, meus queridos cidadãos!

- E os empregos, senhor Prefeito! Vossa Excelência disse que geraria empregos! – disse outro cidadão por nome Juarez de Noca.

Isso mesmo, cadê os empregos das pessoas? – reatou José de Dina. Quando José puxou a fala, a maioria já gritava: Nóis quer emprego! Nóis quer emprego!”. A multidão foi ficando inquieta e revoltosa até Fortunato dirigir-lhes a palavra:

- Muito bem! Muito bem! Prometi empregos, isso é uma verdade. Assim como eu dei esses empregos.

- Mais o que é isso, Sr. Prefeito! Você não gerou emprego algum – atalhou José, na bucha.

- Gerou sim, meu senhor! O prefeito gerou muitos empregos – respondeu Nogueira.

- Responda então para o povo, como? – perguntou Juarez.

- Citarei apenas alguns exemplos: minha família toda está empregada, a família do Ferreira também, assim como toda a família do prefeito – respondeu Nogueira com semblante sarcástico.

- E enquanto os nossos empregos o que vai fazer, Sr. prefeito? – enquanto outro cidadão perguntava, Emanuel assistia tudo de frente de um pequeno restaurante que se encontrava numa esquina próxima da prefeitura. O professor nunca vira tanto desleixo pelo povo. Seu coração sentia uma angustia. Olhou para Glória, a mesma lhe dirigiu a voz:

- É por isso que parei de ler filosofia! As ideias dos livros são muito interessantes e belas a respeito da política, entretanto essa é a nossa realidade por aqui. É bom ir se acostumado, Professor.

O prefeito continuou seu discurso:

- Bem, meus senhores e senhoras eu sinto muito, mas creio eu que ninguém aqui é meu parente, infelizmente, não posso fazer nada.

- O quê? Você está pensando que vamos desistir assim tão fácil? – disse Juarez nervoso, depois olhou para um colega que estava ao lado e o interrogou: – Vem cá, tu é parente dele? Tu é parente do prefeito? – o rapaz que estava ao lado balançou a cabeça dizendo:

- Eu não, tu é?

- Não – respondeu Juarez, depois olhou para uma mulher que se encontrava do outro lado – tu é parente de Fortunato?

- Não, não sou nem parente e nem votei nele – respondeu a mulher – e tu?

- Não – respondeu novamente Juarez.

De repente todas as pessoas presentes na multidão começaram a se interrogar entre si mesmas para saber se eram ou não parentes de Fortunato e se tinham ou não votado nele. Aos poucos foi se gerando um sentimento de frustração no meio deles, pois aos poucos, por ignorância, foram percebendo que não eram nada do Prefeito e que também a maioria que estava ali, não votou em Fortunato:

- Agora é que desgraçou tudo, ninguém aqui é parente do prefeito – gritou um no meio do povo.

- Senhor Prefeito qual o seu sobrenome? – perguntou outro.

- Meus sobrenomes são Almeida e Ribeiro – respondeu Fortunato.

- Agora é que danou tudo! Aqui só têm sobrenome, dos Santos, da Silva, das Dores, estamos no mangue, minha gente! – falou triste Juarez de Noca.

- O pior é que o prefeito tem razão, infelizmente, ninguém aqui é parente dele e também nem votamos nele. Ó! Sabe de uma? Eu vou é mim embora. A gente não votou no homem e nem parente dele nós somos, estamos reclamando de quê mesmo? – falou uma mulher.

- Ah, o prefeito está certo, eu vou é embora também – disse outro. E aos poucos as pessoas foram saindo e voltando as suas casas. Na mente daquelas pessoas a ideia que se tinha é: que só se podia usufruir dos benefícios públicos, pessoas que apoiaram o partido que estava no poder, essa ideia reinava em suas mentes, desde quando a maioria deles eram crianças, pois foi assim que eles aprenderam.

José de Dina gritava para que não fossem para suas casas, para que ficassem. O movimento ainda não tinha terminado. Mas era mesmo que nada, os homens, mulheres e crianças de Quero-Quero foram se dispersando e já estavam desmotivados. Ficou apenas José, sozinho no meio da rua, olhando para cima. O prefeito jogou-lhe um “tchau”, acenando com a mão e entrou para seu gabinete. José baixou a cabeça e foi saindo triste, nervoso e frustrado.

O professor assistiu a tudo de frente do restaurante. Quando pensou em chamar José de Dina, o mesmo já havia desaparecido. Ficou apenas o vazio de tudo aquilo.

- Vamos, você não vai entrar e comer alguma coisa, Emanuel? – falou Glória.

- Ah, sim! Desculpe-me estava meio distraído, aqui, pensando comigo mesmo – respondeu Emanuel. Dirigiu-se a uma mesa com a professora, sentaram e almoçaram. Durante o almoço conversaram um pouco, sobre algumas coisas e a amizade foi crescendo entre eles.

CAPÍTULO 12

Era um domingo, quando o Padre e o Sacristão foram na casa do presidente da Câmara, o vereador Nogueira. O vereador os recebeu e convidou-lhes para um almoço como haviam combinado dias antes. Após o almoço sentaram na sala e o Padre começou a conversa:

- Bem Vereador Nogueira, o almoço estava muito bom.

- Bom mesmo – dizia o sacristão, lambendo ainda os dedos enquanto tomava um gole de vinho.

- Realmente a Alzira cozinha muito bem – Alzira era uma empregada que trabalhava para Nogueira, há mais de cinco anos. Nogueira era solteiro e seus pais haviam morrido há 20 anos. O que tinha era muitos primos, tios e parentes que viviam no seu pé pedindo-lhes favores.

- Bem vamos ao ponto: Porque o vereador queria essa reunião conosco, aqui em sua casa e não juntamente com os outros membros do seu partido e coligados? – perguntou o Padre.

- Boa pergunta, Reverendíssimo. Vou lhe responder: é porque existem coisas para serem discutidas entre nós, que não convém que outros saibam.

Ao ouvir isso, Valtervino fez semblante de alegria e curiosidade, pois gostava de fofocas e vida alheia – agora, O senhor falou bonito, vereador. O que tem a nos contar?

-A lhes contar nada, entretanto, tenho algo a lhes propor – falou Nogueira de forma fria e sensata. Olhando para as duas figuras que estavam em sua frente.

- Bem, vamos ao que interessa: o que o vereador quer de nós? – perguntou o Padre.

- Agora sim, fizeste a pergunta certa e usaste o verbo correto: QUERER. O que eu QUERO de vocês? Essa é a pergunta

correta, Padre. Serei direto com vocês, pois não podemos perder tempo, as eleições estão à porta.

- Bem, somos todos ouvidos, meu querido pode falar – falou o Sacristão cruzando as pernas e colocando o copo de vinho sobre uma mesa que estavam entre eles. A sala era composta por quatro sofás brancos e no meio existia uma mesa de vidro puro, onde se encontravam sobre ela: uma garrafa de vinho e um cinzeiro branco. Nogueira estava em um sofá de frente para os dois visitantes que estavam sentados no outro sofá, frente a frente, ambos conversavam. Nogueira pegou a palavra e deu início ao seu discurso e as suas intenções:

- Bem, Quero-Quero é uma cidade pequena, entretanto, muito querida pelo senhor Manoel Ribeiro, que fez questão de no passado, ceder terras para que fosse construída a atual igreja que agora vocês administram. Hoje, está no poder desta cidade o seu filho, Fortunato Almeida. Que lhes cedeu o cheque para que vocês reformassem sua Igreja. Até aqui, está tudo muito claro, não é?

- Perfeito, mas continue Excelentíssimo vereador! – elogiou Valtervino.

- Sem puxação de saco, Sacristão! Ou lhe ponho pra fora desta casa o quanto antes – falou Nogueira impaciente com a forma com o Sacristão o havia interrompido. Valtervino esmoreceu e ficou quieto na hora. Nogueira prosseguiu:

- Bem onde eu quero chegar: ano que vem é ano político. É um desejo do fazendeiro Manoel Ribeiro que eu saia prefeito desta querida cidade. E como ajeitei a reunião para que vocês conseguissem o benefício de vocês para a igreja, agora, venho lhes pedir apoio político.

- Pode ficar tranquilo, vereador Nogueira. Pode contar com o apoio desse humilde sacerdote. Já estamos coligados com o

senhor. Isso ficou claro na última reunião – falou o padre com toda a sinceridade.

- Disso eu sei, meu querido pároco! Disso nunca duvidei, entretanto preciso orientá-los para que se tornem valiosos para mim no processo político.

- Como assim, vereador?

- Vamos então as orientações: uma coisa que gostaria de lhe pedir, Padre, é que reforçasse a questão milenarista da salvação.

- Como assim, vereador? Não estou entendendo? – perguntou o Padre, meio confuso, colocando a mão no queixo e regalando os olhos, meio curioso.

- Continue a falar para o povo que o sofrimento aqui na terra é necessário para redimir alguns pecados e diga que a solução para esse sofrimento virá com a volta do Cristo, pois se continuares com esses discursos, o povo aceitará sua situação de miséria e sofrimento com mais tranquilidade. Ah, e não se esqueça de dizer que as aflições que eles passam são causadas pelo distanciamento que eles estão criando, entre eles e o Senhor Jesus, porque aí, quando eles estiverem sofrendo ou passando por situações difíceis ficarão a orar o tempo todo, pedindo a Deus perdão pelas suas falhas, e terão Deus como a solução de todos os seus problemas, sendo assim, não culparão a nós, os políticos, pelo seu sofrimento, nem tampouco, nos procurarão para resolver os seus problemas, pois não verão em nós, a causa do seu sofrimento e da sua miséria, mas sim neles mesmos ou no diabo. Passe essa bola para o diabo, entendeu? Diga-lhes que a miséria e a pobreza são coisas do diabo.

Ao ouvir o que disse o vereador, o Padre ficou um pouco assustado com tanta frieza. E viu que tudo o que o vereador lhe dissera ele já fazia, mas nunca tinha percebido nesses discursos, o fato de que os mesmos eram cheios de ideologias e que realmente, aqueles discursos alienavam o povo para as questões sociais,

pois para o povo, todo mal que sofriam era culpa do diabo, sendo assim, não percebiam que a maioria dos problemas por eles enfrentados como: falta de moradia, emprego, doenças, esgotos a céu aberto e outros eram obras de uma má Gestão pública e não do demônio. A causa nem sempre era o diabo, mas sim os homens corruptos.

- E lhe digo mais – continuou Nogueira – não se esqueça de bater muito nisso, passe essa bola para o cabrunco e livra-nos dessas cobranças e o que puder nos trazer de votos se esforce para isso e será bem recompensado. Ah, e não se esqueça de dizer para as pessoas que toda autoridade é dada por Deus, ou seja, diga ao povo que se o nosso partido até hoje está no poder é porque Deus nos permitiu. Diga que temos essa carta branca. Agora cuidado, não os lembrem que Deus é contra a corrupção e a injustiça, procure deixar claro para seus fiéis que Deus e nós estamos juntos nessa caminhada.

- Sim, Senhor – respondeu o Padre ainda impressionado com aquele discurso frio e calculista. “Meu Deus, onde fui me meter” pensou o pároco. Naquele momento o Padre pensou em desistir. Um relâmpago de consciência se fez presente em sua mente, era um padre, não um político. Por isso, tentou não se misturar com aquela gente, “o que vou fazer, não posso trair o evangelho” pensou e depois falou:

- Não posso fazer isso, vereador – disse o Padre com firmeza.

Nogueira o olhou de cima em baixo, deu um sorriso irônico para o sacerdote e disse:

- Nossa! Como o Reverendo me deixou constrangido agora. – Virou as costas para o Padre e foi na direção de um quadro que estava pendurado na parede, era uma pintura do filósofo Italiano Maquiavel, que Manoel Ribeiro o tinha dado. O vereador observava a figura e de costas disse ao Padre: – bem, não sei se o Reverendo está em condições de me negar esse favor. Só quero

lembrar que o acordo já foi feito e o senhor aceitou o dinheiro do Prefeito: os 50 mil reais. E já faz mais ou menos uns quinze dias, desde que fizemos o acordo e creio que o senhor já deva ter viajado um pouco, comido em alguns restaurantes chiques! Ah, me lembrei: a Igreja já está terminando a reforma na semana que vem, quanto o amigo já utilizou do dinheiro dado?

O padre boque aberto e com medo respondeu:

- Quarenta mil reais!

- Foi o que pensei, então usemos uma lógica: O padre estava sem nenhum dinheiro, certo? Então o que fizemos, arrumamos cinquenta mil reais para o Padre. O padre que não tinha nada passou a ter cinquenta mil reais, se gastou quarenta mil reais, será que este mesmo homem teria condições de devolver o mesmo valor gasto?

Quando fez essa pergunta: tanto o Padre quanto o sacristão ficaram boquiabertos e vergonhosos. Nogueira continuou:

- Ah, estava me esquecendo de um detalhe, e se os fiéis e a diocese soubessem que tanto o Padre quanto o Sacristão receberam de políticos uma verba nesse valor, o que pensariam? Talvez os fiéis achassem justo, pois a igreja merecia uma reforma na sua estrutura física e isso seria até vantajoso para meu partido, pois afinal de contas fomos nós que colaboramos com os cinquenta mil e a reforma. Isso seria muito bom para mim nas próximas eleições. O povo até me agradeceria por esse ato. Mas, e a diocese, o que pensariam? Será que gostariam de saber que o tanto o Padre quanto o Sacristão, tomaram posse de uma bolada dessa e não os consultaram para uma partilha em família. O que pensaria o bispo?

- Já entendemos Nogueira! Faremos o que você quer! – falou o Padre, sentindo-se envergonhado pelo que tinha feito e onde tinha se metido. A igreja agora estava em risco, tanto o nome dele, quanto o do sacristão estavam em jogo. Naquele momento

o Padre percebeu que a chantagem é uma arma valiosa e de um poder inigualável, pois ambos agora, Valtervino e ele eram reféns do querer de Nogueira, estavam acorrentados, já não eram mais livres como antes, agora estavam presos e eram escravos, o seu querer agora era o querer de Nogueira. O egoísmo, a vaidade e o individualismo tanto dele como de Valtervino os havia levado aquela situação.

Nogueira foi direto. Após ter conversado com o Padre e o Sacristão, o vereador atendeu um telefonema do velho Manoel, pediu licença aos religiosos e foi para a fazenda dos Ribeiros.

CAPÍTULO 13

Numa terça à noite, o professor Emanuel estava em sua casa planejando algumas aulas. Pela manhã, havia passado em algumas das escolas municipais de Quero-Quero e havia pedido cópias dos currículos que eram utilizados nessas escolas. Xerocou e depois passou no mercado e na padaria fez algumas compras e foi para casa.

Naquela noite, Emanuel queria pesquisar o currículo das escolas municipais para ter a base do que se trabalhar com suas disciplinas no Fundamental II. Como bom educador que era, Emanuel sempre gostou de realizar pesquisas, pois percebia a necessidade delas no aperfeiçoamento de seu trabalho enquanto educador. E após tomar café, estava debruçado sobre folhas e mais folhas de papéis, todas cheias de conteúdos que eram trabalhados nas escolas do município, desde o ensino fundamental I ao ensino fundamental II. E para a surpresa do professor, naqueles currículos havia conteúdos desnecessários a vida daquelas pessoas. Emanuel percebeu que os assuntos que eram trabalhados com os alunos de Quero-Quero, não eram conteúdos que estimulassem uma vida participativa e cidadã. Percebeu também que as avaliações eram realizadas e vistas como uma punição, ou seja, as avaliações eram apenas duas por unidade e ainda por cima individuais. Não havia trabalhos em grupo ou qualquer outro tipo de avaliação em que se motivasse o trabalho em equipe, cooperação e a solidariedade entre os alunos.

A avaliação não era vista como processo, onde o aluno deveria ser observando em seu percurso de ensino aprendizagem, o aluno era medido por um dia, por uma avaliação, por um único momento. “E se esse aluno no dia que fosse realizar a prova brigasse com a mãe ou tivesse qualquer problema pessoal antes de realizar a atividade avaliativa, será que seu psicológico daria conta de uma prova escrita individual? Será que esses fatores exter-

nos não interfeririam no resultado do aluno?” pensava Emanuel. “Agora, se tudo o que o aluno veio produzindo em sala de aula: exercícios, trabalhos, apresentações fossem avaliados por etapas e de preferência que essas atividades fossem aplicadas durante o período de aula, onde os alunos estariam com a mente fresca e ainda conseguissem se lembrar dos conteúdos aplicados, e se os professores cobrassem juntamente com essa atividade individual, todas essas atividades, e ainda por cima avaliassem o comportamento do aluno e os educassem a se auto avaliarem, será que o processo de aprendizagem não teria um melhor resultado ou um resultado mais satisfatório?” Emanuel pensava em todas essas coisas e via a deficiência no sistema educacional de Quero-Quero.

Em uma última aula que ele havia ministrado, um dos alunos lhe contou que uma vez uma menina, Aline, estava aprendendo o seu nome nas primeiras séries iniciais e que certo dia a professora pediu aos alunos que escrevessem seus nomes em uma folha de papel, todos pegaram lápis e borracha e realizaram o que foi solicitado pela professora, entretanto, Aline sentiu uma dificuldade e não sei por que motivo, escreveu seu nome desta forma: ALAN. Quando a professora viu o nome que Aline tinha feito, pegou a folha de Aline, levou à frente da classe e disse.

- Quantas vezes tenho que lhe dizer que seu nome não é assim, seu nome é A-LI-NE? A professora disse isso escrevendo o nome da menina no quadro, depois se voltou para a garotinha e disse:

- Agora, vá para sua carteira e escreva seu nome cinquenta vezes. A aluna frustrada e triste foi para a carteira e começou a realizar o que a professora havia lhe pedido.

Essa história comoveu o professor que ouviu atento e percebeu o sofrimento daqueles alunos. Depois Emanuel perguntou aos alunos, se eles achavam que depois do que a professora fez, se Aline realmente tinha aprendido a fazer seu nome? Alguns

responderam dizendo que achavam que sim. Emanuel ouviu as respostas e ficou observando o medo nos olhos dos alunos, eles não percebiam, mas o professor percebeu que com aquela atitude a professora não ensinou Aline a escrever o nome, mas sim, a entender que existem alguns que sabem e mandam e outros que não sabem e que devem obedecer, assim, a professora criou um complexo de inferioridade na criança, daí Emanuel sentiu a presença de uma antiga ideologia: “Manda quem pode, obedece quem tem juízo” e entendeu como se dava o processo educacional de Quero-Quero.

Os alunos eram ensinados a obedecer e a ficarem quietos, se desde criança eram trabalhados dessa forma, em sua juventude, também seriam obedientes, quando se tornassem adultos, seriam adultos obedientes. Obedientes a quem? Com certeza a ordem vigente, ou a política vigente, na verdade seriam obedientes as autoridades locais, pois essas figuras eram representadas na escola pelos professores e diretores, logo, se o aluno desde criança aprende a obedecer, a não perguntar, e nem a levantar questionamentos ao professor ou ao diretor, e passam a ter a visão dessas figuras como autoridades dentro da escola, inconscientemente, aprendem que devem respeitar autoridades tanto dentro como fora da escola, e essas autoridades fora da escola são os políticos e os gestores públicos. Logo, todos em Quero-Quero eram passivos e obedientes às autoridades locais. Era assim, que era feita a ideologia educacional daquela cidade. Em poucas semanas o professor deduziu esses fatos e naquela noite, queria mudar seu planejamento e suas aulas, no intuito, de modificar essa pedagogia da opressão e aplicar uma pedagogia para a libertação.

Por um momento, lembrou-se de Glória, “ela é linda” pensava. Glória havia mexido com seus sentimentos, não só pela beleza física que ela tinha, mais também, pelo seu intelecto, pela sua inteligência, sua delicadeza, seus modos e sua educação. Emanuel não gostava muito de se relacionar com pessoas estranhas, entre-

tanto, apesar de ter pouco tempo de amizade com a professora, sentia-se tão íntimo e tão próximo, que ficava às vezes sem entender de onde vinha aquela atração.

Apesar de ser jovem e ter seus 32 anos, Emanuel tinha um trauma: já se decepcionara uma vez com uma antiga namorada, por isso, procurava sempre observar primeiro, analisar, pesquisar como ele mesmo dizia. Gostava de se aproximar das pessoas primeiro, conhecê-las e aí, só depois, caso começasse a sentir alguma coisa, então, ele se aproximava e tentava alguma coisa. Não gostava de se relacionar com pessoas desconhecidas, sempre foi muito prudente e sábio em suas decisões. Mas, Glória era diferente. Ele realmente havia se apaixonado, só não sabia como dizer isso a ela, entretanto estava apaixonado. Não sabia direito o paradeiro dela, de quem era filha, quem era sua família, onde morava, mas o fato é que gostava dela, e isso era o que lhe importava.

Enquanto pensava em Glória, um dos alunos batia em sua porta.

- Professor! Professor – gritava Marcelo do lado de fora da casa.

Emanuel se levantou da cadeira, guardou os papéis em um classificador e foi atender o garoto. Quando abriu a porta Marcelo entrou e tinha em suas mãos umas bananas da terra:

- Posso entrar, professor! – falou Marcelo, meio sem graça ao perceber que já estava dentro da casa.

- Sim, fique à vontade. Minha casa é sua casa. Respondeu Emanuel.

Marcelo entrou olhava para a casa, foi até a mesa colocou as bananas e ficou maravilhado quando viu sobre a mesa muitos livros. Olhou para o professor e perguntou se podia pegá-los para dar uma olhada. Emanuel permitiu a curiosidade do garoto.

O menino de 13 anos começou a abrir os livros e a folheá-los.

O educador ao observar essa atitude perguntou curioso:

- Gosta de Livros?

- Não muito, mas gosto de ver os desenhos que eles trazem. -
Respondeu o garoto fascinado olhando as figuras e os desenhos do livro de história.

O professor estava pegando uma garrafa térmica que continha café, trouxe a mesa, juntamente com uns pães e algumas outras frutas. Colocou sobre a mesa e ofereceu a Marcelo. Quando estava junto com Marcelo a tomar café, foi se achegando a porta outros alunos: Juliano, Marta, Moisés, João e Bernardo. Emanuel pediu que entrassem e ficassem à vontade. Todos aceitaram o convite do professor e participaram também do café. Enquanto comiam, um dos alunos, a menina Marta, disse ao professor se poderia ligar o som para ouvir uma música bem baixinha. Emanuel sorriu e disse-lhe:

- Fique à vontade, minha querida! Meu som é seu som. Quando falou isto todos riram. Marta ligou o som, estava passando uma música lenta e gostosa aos ouvidos, todos ficaram à vontade na casa de Emanuel. O professor os observava, enquanto um folheava os livros, outro conversava com outro, a menina dançava sozinha como se estivesse dançando com alguém. Emanuel por alguns instantes se emocionou com aqueles jovens. Lembrou-se dos seus dois irmãos, Júlia e Garcia, que havia perdido há três anos em um acidente de carro. Sentiu falta dos seus irmãos e sentiu naquele momento, naqueles garotos, a necessidade de se aproximar deles e fazerem deles seus novos irmãos.

De repente Juliano perguntou ao professor se poderia usar o seu banheiro e Emanuel lhe respondeu:

- Fique à vontade! Meu banheiro é seu banheiro!

Quando ouviu o professor responder daquela mesma forma novamente, os alunos riram. Então, Emanuel os perguntou:

- Por que estão rindo?

- Porque é engraçado e gentil, a forma como você fala conosco, professor – respondeu Marta de forma meiga, mas não contendo a risada, colocando a mão na boca.

- Como assim, acham engraçado? – perguntou novamente o educador.

- É, professor. Toda hora você fala “minha casa é sua casa”, “meu banheiro é seu banheiro”, “meu som é seu som”, é muito engraçado – Marta não se conteve desta vez, enquanto falava sorria.

O professor então viu a necessidade de explicar algo àqueles alunos:

- Meus queridos! Quero lhes contar uma coisa, posso?

- Fique à vontade professor, sua explicação é nossa explicação – falou Juliano abrindo o zíper do short para ir ao banheiro. Naquele momento todos riram do trocadilho de Juliano.

- Espere Juliano! Depois você vai ao banheiro, me ouçam – todos se aproximaram e sentaram a mesa junto com o professor para ouvir o que ele tinha a dizer.

- Bem, comecemos pelo começo. Já lhes expliquei em uma aula o que era impostos não é isso? Pois bem, a maioria de vocês sabe que o imposto é um dinheiro cobrado pelo governo, certo? O que a maioria de vocês não sabe é que existem impostos sobre tudo. Não só o imposto da energia e da água que são chamados de impostos diretos. Existem também os impostos indiretos que são impostos cobrados sobre os produtos que compramos em supermercados, lojas e no comércio em geral. Então, vocês sabiam que quando compramos uma bala, estamos pagando imposto?

- E é?! – Perguntou espantado João – disse não sabia mesmo não.

- Pois é, Jão. Pagamos impostos quando compramos uma bala, arroz, feijão e todos os produtos que acabamos consumindo. Pra

você ter uma ideia, do preço do arroz que você vê na prateleira do mercado, 17,24% deste valor é imposto. Então, quando compramos o quilo de arroz pagamos 17,24% de imposto, ou seja, se o quilo de arroz for R\$ 2,50 você acaba pagando 43 centavos de imposto.

- Interessante. Falou Moisés. Abismado com o que estava ouvindo.

- E tem mais Moisés. Esses 43 centavos vão para o governo. Agora imaginem: quando vamos ao supermercado fazer uma compra, compramos só um produto?

- Não. Geralmente a gente compra dois ou três e até mesmo fazemos uma feira – respondeu Marcelo.

- Agora imagine aí, Marcelo. Sobre cada produto que compramos existe uma porcentagem de imposto que é recolhido e vai para o governo. Da para vocês imaginarem que neste momento enquanto estamos aqui conversando, existem milhares de pessoas comprando produtos em outros lugares de nosso estado e país. Logo, neste exato momento, muitos impostos estão sendo pagos, assim estamos gerando muito dinheiro para o governo e para o país.

- Verdade, professor! Mas me responda uma coisa, onde vai parar tanto dinheiro? Por que do jeito que eu percebi aí: de grão em grão a galinha enche o papo. Assim dizia minha avó – disse Marta.

- Ah, Marta. Você fez agora uma sabia pergunta – respondeu o professor e fez um carinho nos cabelos da menina, depois continuou – Esse dinheiro todo vai para o governo. Quando o dinheiro chega lá, todo o montante é contado e depois dividido pelo número de estados que existem em nosso país. Depois de dividido de acordo ao número de estados, o erário devolve aos estados a sua parte. Quando o dinheiro chega aos estados, estes repassam aos municípios sua parte.

- Ué, professor e onde está esse dinheiro? Que a gente aqui em Quero-Quero nunca viu? – perguntou intrigado Juliano.

- Ótima pergunta, Juliano. Esse dinheiro sempre esteve aqui, muitos de vocês é que nunca o perceberam, pois foram educados para que não percebessem ou na verdade, nem se dessem conta de que ele existia entre vocês. O dinheiro dos impostos do qual falei é o mesmo dinheiro que é investido na gestão pública, meu caro Juliano.

- Como assim, professor, não entendi?! – disse Juliano. Que ficou tão envolvido na conversa e acabou não indo ao banheiro.

- O dinheiro que lhes falo, meus queridos, é o mesmo utilizado para construir obras públicas e também o mesmo que se utiliza para pagar: os médicos, os professores, os vereadores e todos os funcionários públicos existentes em Quero-Quero, até mesmo o prefeito. E agora vem a minha pergunta: de onde sai o dinheiro para pagar esse povo todo e construir escolas, calçamentos e obras nessa cidade? – perguntou Emanuel, olhando nos olhos dos alunos que agora estavam em êxtase com aquelas informações, os olhos dos jovens brilhavam diante de tanta informação interessante.

- Se for como o professor falou. Se, pagamos impostos e esses impostos, vão para o governo e depois retornam para nossa cidade em forma de pagamentos de funcionários e obras, então o dinheiro sai dos nossos bolsos – conclui atônito o jovem Juliano. Os demais estavam pasmos diante daquela verdade.

- Então, nós é que pagamos o salário do prefeito e dos vereadores, professor? – perguntou João.

- Isso aí, meu caro João – respondeu o professor. Depois deu continuidade: – e se formos mais além, João. Eu lhe perguntaria numa relação de patrão e empregado quem paga a quem?

- Pela lógica quem paga é o patrão e o empregado recebe pelo seu trabalho – respondeu João.

Marcelo atalhou dizendo:

- Então, neste caso, os vereadores e o prefeito são nossos empregados, pois somos nós que pagamos os salários deles, logo nós somos os patrões deles?!

Quando Marcelo terminou de dizer essas palavras, todos os presentes estavam pasmos com que acabaram de aprender naquele diálogo, tão interessante, que tiveram naquele pequeno momento na casa do professor. Emanuel ficou satisfeito com as conclusões dos alunos e sentiu seus olhares brilharem, um brilho diferente, um brilho de liberdade, pois percebeu que os garotos tinham acabado de desvendar uma verdade e sentia a mesma brilhando em seus olhos.

- Nós somos os patrões e eles os empregados – dizia Juliano.

- E quando falo que minha casa é sua casa, meu banheiro é seu banheiro, estou falando a verdade. É como vocês aprenderam agora, se vocês é que pagam meu salário e se é com o dinheiro do salário que compro minhas coisas e pago minhas contas. De quem é o dinheiro?

- O dinheiro é nosso, sai do nosso bolso professor – respondeu João.

- Pois bem, João. Então se com o dinheiro de vocês posso alugar uma casa para morar, quem paga o aluguel da casa, ou melhor dizendo de quem é o dinheiro que uso para pagar o aluguel da casa? – perguntou o professor.

- O aluguel é pago com o dinheiro de nossos impostos, logo nós é que estamos pagando o seu aluguel, logo temos direito sobre a casa também. Por isso que o senhor fala: “minha casa é sua casa” – concluiu Marta com os olhos brilhando.

- Então, se pararmos para pensar se todos pagam impostos e com o dinheiro dos impostos é que se constrói tudo e se compra tudo, posso afirmar que se um rico passar por mim com um carro, posso deduzir que aquele carro foi comprado com o salário

dele, salário esse que é gerado pelos impostos que pago, assim, posso dizer que tem dinheiro meu naquele carro, logo o carro também é meu – Falou Juliano.

- Meu Deus, se for assim, tudo é de todos – Afirmou Bernado.

- Exatamente, Bernado: Tudo é de todos, pois todos pagam impostos, ricos ou pobres, pretos ou brancos, homens e mulheres, todos pagam impostos. O problema foi quando o homem criou a ideia de privado, ao dizer para os outros que algo pertencia a ele, particularmente, e outros acreditaram. Criaram a propriedade privada dos bens e isso deu a entender que cada um tem o que é seu por direito e com o tempo os homens se esqueceram que a sociedade é formada e estruturada numa relação de dependência de todos para todos.

Todos olharam para o professor e começaram a agradecer por aquelas informações que foram reveladas a eles. Os alunos nunca tinham parado para pensar daquela forma. Naquele momento, muitos dos alunos perderam o medo daquelas autoridades, pois perceberam que não precisavam temê-los, pois o que eles chamavam de “autoridades” não passavam de meros funcionários públicos pagos por eles.

- Professor, podemos voltar aqui amanhã novamente? – perguntou Marcelo.

- Pode sim, com uma condição – falou Emanuel sério.

Os alunos sentiram um desconforto por um momento. E Moisés perguntou ao educador:

- Que condição?

- Que vocês amanhã espalhem essas informações para seus colegas da escola e também para seus amigos dos bairros.

Todos se sentiram aliviados com aquela resposta e, também sentiram-se importantes, pois o professor havia lhes dado uma missão e confiou neles para que os mesmos fossem e divulgassem aquelas informações, porque acreditou em cada um e viu em

cada um daqueles alunos, um multiplicador de conhecimentos. Todos ficaram satisfeitos. Quando de repente, um odor desagradável subiu entre todos. Era um odor de xixi, Juliano estava vermelho, pois o mesmo ficou tão entretido com as palavras do professor, que se esqueceu de ir ao banheiro e agora recebia a consequência daquela atitude. Juliano estava todo mijado, não percebeu que havia feito xixi nele mesmo. Todos olharam para ele, ele olhou para todos. E todos começaram a rir do fato acontecido, inclusive, o próprio Juliano. Então o professor falou:

- Ah, tem outra condição?

- Que condição, professor – falaram todos.

- Que ninguém conte para os outros alunos da escola que o Juliano fez pipi nas próprias roupas – quando terminou de falar todos disseram: “sim, senhor” e foi aquela algazarra. O professor foi pegar um short para Juliano e pediu que ele fosse se lavar no banheiro, os outros foram arrumar a bagunça, pois já eram dez horas da noite e precisavam ir para casa.



CAPÍTULO 14

No outro dia a notícia se espalhou pela escola, os alunos cochichavam pelos corredores, o alvoroço foi geral. As ideias de Emanuel se disseminaram com uma doença contagiosa e, em poucas horas, toda a escola já sabia como funcionavam o sistema dos impostos e do erário público.

A diretora ao passar pelos corredores ouviu o “zum zum zum”. Quando descobriu qual era o teor das conversas tratou logo de chamar Emanuel em sua sala.

A secretária da escola foi até a 7ª série comunicar a Emanuel o recado da diretora. Quando chegou na porta da sala, a secretária parou e não quis interromper a aula do professor, ainda sim, ficou na porta a espera:

- Pense bem garotos e garotas e me respondam: o prédio da escola visto de fora, se parece com o quê?

Depois de alguns segundos um aluno respondeu: – sei lá, professor é estranho, por que tem muros ao redor e existem algumas janelas e partes de parede que se parece com a estrutura física de uma delegacia.

- O som da sirene não lhes parece familiar? – perguntou o professor.

- É verdade a sirene parece com aquela que é tocada dentro dos presídios e das prisões das grandes cidades – argumentou outro.

- E também se parece com aquelas tocadas nas fabricas de algumas cidades, pois esses dias, vi uma reportagem sobre fábricas e industrialização na televisão e ouve um momento da reportagem em que se tocavam sirenes parecidas com essa da escola para avisar aos trabalhadores que fossem para casa e também para entrarem na fábrica – disse outro aluno.

- Pois bem, se vocês pararem para observar com cuidado verá que as escolas possuem características peculiares com as das prisões. Observe: é cercada por um muro, possui sirenes, tem um porteiro ou carcereiro como vocês queiram chamar, tem também, os seladores, e pessoas que os observam o tempo todo para ver se você tem algum comportamento inadequado para depois levar ao conhecimento do Diretor ou delegado, seja lá, como vocês queiram chamar. E as salas? Observem, se parecem com o quê?

Quando o professor terminou de dizer essas coisas, os alunos se atentaram e passaram a observar o ambiente da sala de aula. A secretária que estava à porta ficou encantada com a aula do professor e acabou se envolvendo também, naquela atividade questionadora. Os alunos observaram a estrutura da sala, por um momento, muitos se sentiram presos dentro daquele ambiente e concluíram que a sala se parecia com uma cela de prisão. A secretária que estava a porta, como que por impulso, fez uma pergunta:

- Você quer dizer que a sala de aula é uma cela de prisão?

Emanuel olhou para a mulher que usava óculos e era meio gordinha, pediu-a que entrasse na sala. A mulher entrou e sentou-se em uma cadeira que estava vazia do lado esquerdo do professor. Emanuel olhou-a nos seus olhos, depois virou-se para a turma e respondeu:

- Sim.

Todos ficaram boquiabertos. A secretária se adiantou:

- Só que as celas de prisões não possuem carteiras e cadeiras, então, como poderia a sala de aula ser uma cela de prisão?

- Boa pergunta, minha querida. Agora pense direito. Olhe para essas carteiras – todos começaram a olhar e perceberam que as carteiras eram enfileiradas uma atrás da outra e algumas eram pregadas no chão, em cada uma sentava-se um aluno. E a carteira

do professor era a maior de todas e ficava em uma parte alta da sala, uma espécie de tablado ou palco. O professor continuou:

- Estão vendo, essas carteiras estão enfileiradas, justamente para que cada aluno tenha o seu lugar separado do outro e estão pregadas ao chão para evitar trabalhos em grupo, ou como podemos dizer, para evitar que um aluno converse com o outro, para evitar a partilha de conhecimentos e também para deixar claro que é cada um no seu cada um, ou seja, o aluno com o passar do tempo, começa a agir de forma individual e egoísta, passando a competir com seu colega, gerando em seu coração, a inveja, o ódio e o famoso extinto de “querer ser o melhor”. Já a carteira do professor está no alto, para mostra que o professor é o mais inteligente, é o mestre, é o sabe tudo, é o que manda; já as carteiras dos alunos estão embaixo, para mostrar a ideia de que os alunos são inferiores, são ignorantes, discípulos, e não sabem de nada, inculcando assim, a ideologia da obediência e do temor, que alguns gostam de chamar de “respeito”. Agora lhe pergunto: sentimentos como inferioridade, baixa autoestima, ódio, individualismo dentre outros, não são sentimentos e atitudes que nos escravizam?

- Sim, senhor – respondeu a secretária.

- Então, podemos concluir que se na sala de aula, toda a sua estrutura física serve para criar nos alunos esses sentimentos e atitudes e já que essas atitudes não são atitudes de um ser livre, mas sim de uma criatura que ainda não consegue agir por si mesmo, mas sim por sentimentos que o escravizam, logo, podemos dizer que esse ambiente de sala de aula, contribui para formar homens e mulheres presos e escravos, dessas atitudes? Ou seja, não seriam homens e mulheres livres. Se não se tornarão homens e mulheres livres o que se tornarão, então?

- Prisioneiros – respondeu um dos alunos.

- E onde convivem os prisioneiros? – perguntou o professor!

- Na Prisão – respondeu, pasma, a secretária diante daquela revelação. Todos bateram palmas para o professor, inclusive, a mulher que só depois, se deu conta, do que tinha indo fazer ali.

A secretaria chamou o professor à parte e deu-lhe o recado da diretora. Emanuel pediu que a mulher ficasse na sala e dialogasse com seus alunos. Avisou aos alunos que iria à diretoria, mas que dentro de alguns minutos retornaria para a sala de aula. A secretária ficou com os alunos e Emanuel foi ter com a Diretora Tânia.

Chegando na sala da Diretora, sentou-se numa cadeira próxima à mesa dela. A diretora ficou frente a frente com Emanuel, ofereceu-lhe um cafezinho, colocou-o na xícara para o professor e o serviu. Dali, deu-se início ao diálogo:

- Bem, professor, serei direta e curta. Mandei lhe chamar aqui, pois fiquei sabendo do que se passa em suas salas de aulas. Os alunos dessa Escola andam, pelos corredores, comentando sobre suas aulas e empolgados com algumas ideias “novas” que Você anda disseminando por aí. Sei que você é novo na cidade, mas quem avisa amigo é, não é verdade?

- Aonde a senhora quer chegar, Diretora Tânia?

- Não quero chegar a lugar algum, professor. O que quero lhe dizer é que: essa Escola segue um currículo e pelo que estou percebendo o senhor tem dado aulas sobre assuntos que não estão no currículo dessa instituição. Sabemos que regras devem ser cumpridas, professor. Planejamentos, ACs e tudo o mais, principalmente, no que se refere ao currículo escolar.

- Entendo, Diretora. Mas se você for observar direito, não estou aplicando conteúdos fora do currículo. Minha disciplina é história e Filosofia: Na disciplina de história, estou falando sobre as civilizações antigas, nesta primeira unidade, a Grécia e em Filosofia estou trabalhando o surgimento da Pólis e como os gregos criaram a democracia. Portanto, não vejo mal algum em

trabalhar esses conteúdos, nesta primeira unidade, já que percebi que os alunos são carentes de conhecimento político.

- Aí é que está, meu rapaz! Você tocou num assunto que para nós em Quero-Quero é um tabu: a política.

- E por que seria a política um tabu nesta cidade?!

- Não sei se você percebeu. Em Quero-Quero as pessoas vivem suas vidas na correria do dia a dia, procurando sobreviver e não se importam muito com essas questões. Até porque existe alguém no município que não quer ver as pessoas deste lugar se importando com questões políticas. Eu tenho mais de dez anos que trabalho nesta cidade professor e se tem uma coisa que eu aprendi com o tempo, é não entrar em contradição com o querer do senhor Manoel Ribeiro.

- Quem é Manoel Ribeiro? – perguntou o professor curioso.

- Manoel Ribeiro é o dono deste lugar. É o pai do atual prefeito, Fortunato – respondeu a mulher olhando no olho do professor e querendo alertá-lo.

- O que tem esse homem haver com essa escola?! – quando perguntou não tinha pensado ainda, só depois é que caiu a ficha: Manoel Ribeiro era o nome da escola.

- Esse homem é o homem mais poderoso deste lugar. Quando ele me deu este cargo de Diretora, através da amizade dele com o governador, ele me fez prometer que eu não deixasse no currículo temas e assuntos que pudessem levar os alunos a terem uma visão mais crítica da realidade, a ideia aqui é transmitirmos conhecimento, e não criar seres pensantes e atuantes no meio social e político. A ideia é formamos pessoas que tenham conhecimento das ciências humanas e conheçam o patrimônio científico e cultural da humanidade, apenas isso. Estamos entendidos, professor? – finalizou a fala com um tom preciso e ameaçador.

Emanuel ficou quieto por alguns instantes, pensou: “Então é isso, o sistema educacional de Quero-Quero é um sistema ma-

nipulado pelo querer do senhor Manoel Ribeiro, que quer que o querer dos moradores daquele local, seja um querer imposto por ele. “Quantos já se formaram e não se deram conta de que suas vontades e desejos foram manipulados pela educação? Mas a educação é algo que existe para libertar e não para escravizar”. Naquele momento, Emanuel sentiu a necessidade de lutar por aquelas pessoas, de livrá-las do cativo mental, de emancipá-las. Viu que aquela gente precisava de sua ajuda, com isso, antigos sonhos e desejos, começaram a passear pela cabeça de Emanuel.

O professor nunca gostou muito do sistema político, nem tampouco, das atitudes de alguns políticos. Um dia havia jurado para ele mesmo que nunca seria um, entretanto, se comprometeu a fazer o que fosse necessário para modificar e ajudar a vida de pessoas simples e carentes, como era o caso do povo de Quero-Quero. Depois de pensar por alguns instantes, Emanuel, voltou a realidade. Olhou para a Diretora e viu que era preciso ser prudente e agir de forma moderada, precisaria usar o meio termo, precisaria usar o equilíbrio como diria Aristóteles. Então, virou-se para a Diretora, escondeu seus desejos interiores e respondeu:

- Estamos entendidos, senhora Diretora! – pegou na mão da mulher e apertou com firmeza. A mulher sorriu e o liberou para que voltasse para a sala de aula. O professor seguiu ao seu destino. Quando saiu, a Diretora foi na direção do telefone, o tirou do grampo, pegou uma agenda e abriu em uma página, onde estava escrito:

3424 6660 – VEREADOR NOGUEIRA

CAPÍTULO 15

Há muito tempo atrás em Quero-Quero, as famílias se reuniam na hora do almoço e aproveitavam esse momento, para conversarem sobre as coisas do dia, sobre os valores familiares e era um momento em que a fraternidade estava presente nos lares daquela cidade. Os pais, apesar de não dialogarem muito com os filhos, aproveitavam esses momentos para lhes dar lições e orientá-los sobre sua conduta enquanto pessoas. Nesta época, as pessoas queriam almoçar e conversar sobre o seu dia a dia. A família era a base daquela sociedade que apesar de pequena era muito bem formada, já que as famílias possuíam tempo e estrutura necessárias para criarem seus filhos. Naquele período, todos, só consumiam algum produto, se caso houvesse necessidade. Um homem comprava uma sandália, caso a sua quebrasse. Uma mulher comprava um creme de cabelo, caso seus cabelos aparecessem quebradiços e sem vida. E a vida em Quero-Quero era desta forma, todos tinham o seu querer guiados pelas necessidades. A vontade das pessoas era orientada pela necessidade: de se consumir algum produto que fosse realmente necessário para seu uso ou utilidade.

Com o tempo, surgiu pelas bandas de Quero-Quero, um aparelho quadrado chamado de televisão. Com a chegada desta tecnologia muita coisa mudou em Quero-Quero. A primeira coisa a se modificar foi à hora do almoço, que antigamente reunia toda a família, não que com a televisão a família não se reunisse mais. A família continuou a se reunir, entretanto, todos com seus pratos na mão de olho na televisão, vidrados em sua programação, com isso, o diálogo passou a não existir mais, o “querer conversar”, foi sendo substituído pelo “querer assistir”. E o contato frente a frente pai e filho foi sendo substituído pelo contato frente a frente filhos e TV, pais e TV. Daí, outro querer foi modificado. O querer dialogar e sentir a presença do pai e da mãe ou do filho

e da filha, foi sendo substituído pelo querer assistir e com isso, aconteceu que os filhos passaram a se interessar mais pela vida dos personagens e das pessoas que passavam na televisão, do que com suas próprias vidas. Mais para frente foram perdendo a capacidade de dialogar uns com os outros e a falta de diálogo entre pai, mãe e filho, foi dando espaço, ao isolamento de cada um em suas posições dentro da família. O filho passou a não conversar mais com os pais e os pais também, perderam esse hábito. E o “querer se unir e fraternizar” que era tão natural fora substituído pelo “querer ser individual” que era tão artificial. Assim, as famílias de Quero-Quero foram perdendo suas bases e a televisão começou a incutir comportamentos: muitos queriam ser como os astros da TV, passavam a se vestir como os astros, passavam a se comportar como eles e com o tempo perdiam-se de si mesmos, pois deixavam de ser eles mesmos para serem os personagens dos seus astros e ídolos da TV.

No meio de todo esse contexto, tanto Manoel Ribeiro quanto Nogueira acompanharam de perto essas mudanças e perceberam que a televisão era a principal causa dessas mudanças, com isso trataram logo de instalar uma antena na cidade que pudessem captar pelo menos sete canais que possuísse uma programação que atendia aos seus interesses. Pois os dois haviam percebido que a programação de uma televisão ajudava a programar os pensamentos e as ações das pessoas: era como se fosse um controle remoto gigante, capaz de levar as pessoas a terem atitudes que não fossem a delas, mas sim, os de quem as programassem.

Assim foi feito, com o tempo tanto Nogueira quanto o velho Manoel montaram lojas e supermercados, e colocavam propagandas de seus produtos na TV. Ambos queriam que as pessoas da cidade consumissem seus produtos e nada melhor do que propagandas para programá-los a fazer isto.

Em um dia, Manoel e Nogueira foram ter uma reunião com Fortunato e entraram em um acordo. Nogueira propôs:

- Precisamos que o prefeito aumente o salário dos funcionários da prefeitura.

- Como assim, aumentar os salários? Tá a fim de falir a prefeitura Nogueira?! – perguntou Fortunato espantado com aquela ideia, pois os cofres públicos estavam quase vazios e no início daquele ano, houve uma recessão dos diabos e a receita havia despencado muito.

O velho Manoel apenas observava o diálogo entre os dois e se enojava mais e mais do seu filho. Não queria que ele fosse seu filho, mesmo assim, ficou observado a destreza e a habilidade de Nogueira com as palavras e com as estratégias, “ainda bem que tenho Nogueira” pensava o fazendeiro. Nogueira continuou:

- Pelo que vejo o amigo não é muito bom para articular as coisas. Vou lhe explicar, Fortunato – Colocou a mão no ombro do prefeito e saiu conversando com ele pela sala em direção ao velho Manoel.

- Vou lhe fazer uma pergunta: de onde vem o salário do povo? – perguntou Nogueira.

- Do próprio povo- respondeu Fortunato.

- Ótimo. Respondestes-me corretamente, meu amigo. Sendo assim, o salário do povo vem do bolso do próprio povo e depois retorna a ele mesmo. Correto?

- Correto – respondeu o prefeito meio receoso com aquelas perguntas de Nogueira, pois sempre suava frio quando estava perto do vereador. As ideias de Nogueira eram muito frias e injustas, assim pensava Fortunato.

- Agora, deixe-me lhe dizer uma coisa, Fortunato. Toda sociedade possui uma pirâmide social. Onde no topo, lá em cima, estão os ricos e poderosos, e na base dessa pirâmide, lá em baixo, estão os pobres e fracos. E como é de praxis em toda sociedade faz-se necessário criar o equilíbrio, ou seja, é necessário que nós que estamos no topo mantenhamos quem está lá em baixo

em sua verdadeira posição, que é: lá embaixo. Daí nós criamos a burocracia, justamente para evitar que quem esteja lá em baixo: o pobre, venha a estar ou fazer parte do topo da pirâmide que é onde nós estamos. E o que nos diferencia é o quê? É justamente o status financeiro, ou seja, aqueles que possuem muito dinheiro, estão no topo, enquanto os que não possuem estão lá em baixo.

- Não estou entendendo aonde você quer chegar, Nogueira? – perguntou o prefeito.

- Tenha calma, meu amigo, chegaremos lá. O que estou querendo lhe dizer é que com o surgimento da TV podemos encher mais e mais nossos bolsos e mantermos nossa posição na pirâmide. De que forma? Você pode estar se perguntando. Mas vou lhe responder: o que faremos? Bem, eu andei pensando que já que temos muitas terras, podíamos também, construir lojas e supermercados com a maior variedade de produtos que pudermos imaginar. Caso fizéssemos isso o que aconteceria? – perguntou Nogueira a Fortunato, sentando-o numa cadeira junto a seu pai.

- Não sei o que aconteceria. Você está querendo me dizer que essas pessoas comprariam esses produtos em nossa mão?

- Exatamente. Pois o que acontece com as pessoas quando pegam seus salários? Eu lhe pergunto: você acha que uma pessoa ficará sem se alimentar durante um mês?

- Lógico que não.

- Então, se abrirmos um supermercado que tenha de tudo e por um preço baixo, ele pegará parte desse salário e nos dará de volta, fazendo sua feira em nosso estabelecimento. Ele vai ficar sem se vestir?

- Também não.

- Se tivermos uma loja de roupas que possa concorrer com as demais. A pessoa com salário virá até nós e comprará as roupas em nossa mão. Não sei se você está entendendo a jogada. Nós vamos pegar o dinheiro do povo devolver a eles no final

do mês sobre o pretexto de salário, ou seja, dizer a eles que estão recebendo aquele dinheiro pelo seu trabalho e depois vamos criar as condições necessárias para que eles comprem produtos em nossas mãos, logo todo o salário mensal deste “trabalhador” retornará as nossas mãos. Assim, ficaremos mais ricos e os faremos de escravos sem que percebam, já que, se você parar para analisar a situação, eles trabalharão um mês, usando sua força de trabalho em troca de um dinheiro que eles não poderão usufruir, por que serão gastos com suas necessidades e que retornarão aos nossos bolsos. Compreendeu meu querido! – quando terminou seus argumentos, o velho Manoel o aplaudia sozinho de sua cadeira e sorria para os dois. Fortunato havia entendido a proposta de Nogueira e apesar de compreender o quanto aquela ideia era desonesta, ainda assim, aceitou, pois viu que levaria vantagem no negócio e que seu pai estava feliz com aquilo.

A partir daquele dia o trato foi posto em prática. A televisão passou a ser outra ferramenta utilizada pelo poder político de Quero-Quero, no intuito de influenciar as pessoas a consumirem produtos, ou seja, transformá-los em consumidores. Já que o querer dos detentores do poder era que os moradores comprassem os seus produtos para que eles pudessem obter lucros, e a televisão ajudou o povo a querer comprar esses produtos e isso era perfeito, diante dos olhos de Nogueira e Manoel Ribeiro. E assim, se deu na pequena cidade, o prefeito aumentou os salários, o povo passou a consumir e Nogueira e Manoel fundaram e construíram lojas, mercados e toda forma de comércio possível para atender seus interesses e para isso colocou as lojas e mercados em nome de outras pessoas, os chamados “laranjas”.

Com o passar do tempo, fez com que as pessoas consumissem os produtos pela marca e não mais pela necessidade. Uma jovem não comprava mais um vestido por necessidade de ter um vestido, comprava dois ou três vestidos de uma determinada marca, só para dizer que tinha três vestidos ou aquela marca e assim, os

Rebuliço político na cidade de Quero-Quero

comportamentos foram se modificando e com o tempo o querer de todos os moradores era o querer dos homens que ficavam no topo da pirâmide social daquela pequena cidade.

CAPÍTULO 16

Os moradores do município de Quero-Quero passaram a conhecer melhor o professor Emanuel, a partir dos comentários que os próprios alunos faziam a respeito dele, quando chegavam em casa e disseminavam as ideias do professor para os pais e parentes, alguns nunca o tinham visto, entretanto já gostavam do Educador, simplesmente pelos comentários dos filhos, e foram vendo que realmente o que Emanuel falava em suas aulas era interessante e de certa forma verdadeiro para eles.

Um dia essas informações chegaram ao ouvido de José de Dina, e este ficou encantado com tanta sabedoria em uma pessoa só, então resolveu procurar o professor “quem sabe ele poderia ajudar a acabar com o desleixo político vivido pelos moradores daquele município” pensou José.

No outro dia José foi à escola a procura do tão falado professor. Chegando à escola a Diretora disse a José que o professor Emanuel estava em sala de aula, então José foi ter com ele uma conversa, mas quando chegou na porta da sala, parou para ouvir a aula que acontecia na 8ª série:

- Sei que não sou professor de Língua Portuguesa, entretanto como estamos falando de teoria e ações. Um pouco de verbo os fará entender que é em cima de verbos dos quais conjugamos é que realizamos nossas ações. Vocês poderiam conjugar o verbo que mais conhecem? – perguntava o professor a seus alunos, que já naquele momento, depois de três meses de aulas com Emanuel, encontravam-se mais participativos e deliberativos.

- Sim, Professor! Entretanto, o verbo mais falado em Quero-Quero é o verbo querer, posso conjugá-lo? – disse um dos alunos.

- Vá lá conjugue, Lucas, o verbo querer – respondeu Emanuel.

Lucas se levantou olhou para o professor, respirou fundo e começou a conjugar:

- Eu quero o meu, eu quero o teu, eu quero o dele....

- Pode parar, meu amigo! – interrompeu o professor, abismado com o que ouvia e via. O menino ficou meio escabreado, Emanuel mandou-o sentar e pediu que ficasse tranquilo, então começou a indagar:

- Quem lhes ensinou a conjugar este verbo?

- Os professores, professor! – responderam alguns.

Diante disso Emanuel começou a explicar – Pessoal, existe um equívoco neste verbo. Se vocês continuarem a conjugá-lo dessa forma, com certeza no futuro isso irá gerar em vocês, atitudes negativas, pois a maioria dos verbos são ações e atitudes: amar, falar, pular, brincar. Então, se continuarem a conjugá-lo dessa forma, automaticamente, começarão a praticá-lo e quais as consequências dessas ações? Se vocês crescerem e virarem homens e mulheres que pensam em querer o seus, o dele e o dela se tornarão seres que só vão pensar em vocês mesmos, logo se tornarão egoístas e nunca terão o senso de perceber o próximo, o outro. Preocupar-se-ão apenas com vocês mesmos e nunca se sensibilizarão pelo querer do outro, pelos anseios e desejos alheios. Desse jeito todos vocês só olharão para vossos umbigos e não enxergarão mais nada a frente. O amor é uma dádiva divina, e nenhum de nós, conseguimos viver sem o outro, a dependência é o nosso carma. Vocês precisam ter consciência de que o outro quer também, o verbo correto seria (eu quero, tu queres, ele quer), ou seja, todos possuem anseios e querereres que devem ser respeitados. O seu querer tem um limite a depender do querer do outro, pois se você quiser impor o seu querer, se tornarás um ser arbitrário e totalitário, porque não dizer tirano.

- Professor, mas desde criança que nos ensinaram assim. E também nos ensinaram que existe querereres maiores que os nos-

sos e que devemos respeitar e seguir esses querereres – desabafou um dos alunos.

- Lembrem-se do que lhes ensinei: um querer, vontade ou lei só se tornará maior, se todos discutirem e aceitarem que esse querer, vontade ou lei possa se tornar um querer de todos. Se não for assim, então, essa vontade, esse querer, ou essa lei não poderá, reger a vida de vocês, já que vocês não participaram da discussão e nem deliberaram a respeito desse querer, vontade ou lei.

- Bem professor! Vamos ver se eu entendi: o senhor, está nos dizendo que uma lei não pode ser criada ou aprovada, caso ela não tenha sido discutida e debatida com todos os cidadãos que deverão cumpri-la e segui-la?

- Exatamente, pois como diria Aristóteles “a lei é uma vontade coletiva”, logo ela deve ser discutida com todos, antes de ser transformada em lei – falou Emanuel.

- Mas aqui em Quero-Quero, professor, o que acontece é que se criam leis que nós desconhecemos e quando vamos ver: já nos esbarramos nela e nas suas penalidades – falou Marta.

- Interessante – disse o professor – Então, vamos a alguns questionamentos, minha querida Marta! O que é a Câmara de Vereadores e para que serve? E o que são os vereadores e para que servem?

- A Câmara é um espaço público onde os vereadores se reúnem para trabalhar, professor – respondeu Lucas.

- E os vereadores são pessoas que devem ajudar as pessoas nos cargos onde estão? – respondeu Lúcia.

- Mas vocês sabem qual é o verdadeiro papel do vereador? – disse o Educador.

- Até onde eu sei, ele está lá para ajudar a gente, professor! – falou meio acanhado Lucas.

- Pelo menos aqui em Quero-Quero, eles costumam pagar contas de água e luz, levar pessoas para fazer exames médicos em outras cidades, ajudar com cestas básicas, remédios e outras coisas, pelo menos é o que eu sempre vi e vejo, desde que nasci! – respondeu Luciano com seus cabelos crespos e avermelhados e com rosto cheios de pintinhas.

- Bem e se eu vos disser que isso que eles fazem não são seus deveres enquanto vereadores, o que vocês me diriam? – indagou Emanuel a turma.

- Então, perguntaríamos ao Senhor: Para que serve então um vereador? – indagou Marta com os olhos estatelados de suspense e sem saber como reagir diante da pergunta do professor.

- Vou responder para você Marta e para seus colegas: O papel do vereador na Câmara é criar leis que beneficiem a população e fiscalizar o poder executivo, no nosso caso, fiscalizar as ações da prefeitura de Quero-Quero, cujo nosso atual administrador é o Sr. Fortunato de Almeida, ou seja, o vereador serve para fiscalizar o que está sendo feito pela prefeitura, e se está sendo feito da maneira correta ou não; também deveria criar leis (vontade coletiva) para melhorar a vida dos cidadãos de Quero-Quero, mas como vocês mesmos disseram, isto não acontece na Câmara Municipal de Quero-Quero, não é mesmo?

- É, se for como o professor falou: o que eles criam na maioria das vezes não são leis (vontade coletiva), mas sim, vontades particulares, talvez até vontades partidárias! – disse Bruno surpreso com a conclusão que chegou.

- Ué, professor! E as contas de água, de luz e os remédios que eles pagam para o povo? Isso não é papel deles, não é? E é de quem? – resmungou outro aluno no fundo.

- Se houvesse nesta cidade políticas públicas sérias para atender as necessidades dos cidadãos de Quero-Quero, meu querido,

não haveria necessidade de os vereadores realizarem esse papel – respondeu Emanuel.

- Como assim políticas públicas, professor? O que é isso? – disse outro.

- Políticas Públicas são ações, programas que são planejados pelo governo de uma cidade, estado ou país, no intuito de melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos. Por exemplo: se em Quero-Quero, existisse uma política pública voltada para a geração de emprego e renda, os moradores teriam seus empregos e com o dinheiro dos seus salários, eles mesmos, os próprios moradores, pagariam suas contas de água, luz e tudo o mais que eles precisassem para as suas necessidades, entende? – explicou Emanuel.

- Aí, não precisariam pedir mais aos vereadores. Correto, professor? – concluiu Marta.

- Correto, Marta – afirmou o professor com um sorriso nos lábios.

- E por que na nossa cidade eles não implantam essa tal de política pública, professor?

- Justamente, para que o cidadão pobre, de menor condição social, vá a casa deles (os políticos) procurá-los para que eles atendam às suas necessidades, a fim de criar nos cidadãos, a ideologia do favor, que funciona mais ou menos assim: não geram o emprego, os cidadãos com necessidades vão atrás deles, eles dão-lhes o que precisam (pagam sua conta de água, luz...), os cidadãos ficam gratos, depois lhes dão os votos em troca dos remédios, contas de água e luz, porque para eles é mais fácil ganhar as eleições assim, pois não possuem propostas de melhoria para a vida dos cidadãos queroquerenses – explanou o professor.

José de Dina ouvia tudo da porta da sala e ficava abobalhado com tanta sabedoria e conhecimento que tinha aquele homem, um simples professor, que possuía uma técnica de dar aulas di-

ferentes, pois o professor questionava e era questionado. Ficou vendo a desenvoltura daqueles alunos que falavam como se fossem políticos, no bom sentido da palavra, como se fossem jovens realmente interessados sobre as questões políticas. E tudo aquilo o alegrava, pois começou a ver o professor Emanuel como uma liderança e com um poder de persuasão muito grande, tinha uma linguagem fácil e clara, poderia ajudá-lo muito na formação do seu partido e na composição deste para derrotar o velho Manoel Ribeiro e toda a sua corja, Fortunato, Nogueira e todos, pois viu no professor um homem puro e sensato, um construtor de homens.

- Mas professor, na verdade, para que serve a Câmara afinal? – indagou Bruno.

- A Câmara Municipal é o espaço aonde os cidadãos e seus “representantes”, os vereadores, vão para se discutir os rumos da cidade, vão para se discutir o que fazer pelos cidadãos e pela cidade, discutem o que vão fazer com o dinheiro de nossos impostos, a Câmara, meu caro Bruno é um espaço de discussões e deliberações, onde opiniões são ouvidas e discutidas e votadas para o bem comum de todos.

- Uau! Que legal, então a Câmara de Vereadores é onde é discutido tudo o que vão fazer ou deixar de fazer pela cidade, onde são criadas leis que vão nos reger e onde nós cidadãos podemos também participar dando as nossas opiniões sobre o que queremos para a nossa cidade? – falou maravilhada Marta.

- É isso aí, Marta – respondeu o professor.

- Amanhã discutiremos outras questões pertinentes a este assunto – finalizou Emanuel e olhou para a porta, onde estava José à sua espera, o professor arrumava seus livros enquanto dizia: até amanhã para a turma. Todos responderam, alguns vieram pegar em sua mão, outros deram tchau de longe e as meninas vieram cumprimentá-lo com um beijo. José observava tudo e se mara-

vilhava com tamanho carisma e o apreço que aqueles alunos tinham pelo professor. “é ele que vai dirigir meu partido” pensava José consigo mesmo.

José de Dina era um homem que há anos vinha tentando tirar o velho Manoel do poder daquela cidade, fundou um partido o PLT (Partido de Luta pelos Trabalhadores), há quatorze anos, e vem tentando colocar nomes mais honestos para tomar conta do município.

Uma vez José saiu candidato, contudo não obteve êxito, depois achou melhor apoiar outros, no intuito de mostrar para o povo que não era interesse dele ser eleito, mas sim que o povo elegeisse alguém do partido, pois as propostas do partido eram boas para a comunidade, tentou, tentou, mas novamente perdeu as eleições para Manoel Ribeiro. Por fim, havia colocado seu último candidato que foi: Gregório Ferreira que perdeu para o atual prefeito Fortunato de Almeida. Desde então, José procurou fazer seu papel de oposição, mas já estava desesperado sem saber o que fazer para a próxima eleição, talvez saísse de novo, mas viu no professor o seu sucessor e quem sabe futuro prefeito.

- Estou indo para casa, pois não tenho mais aula agora pela manhã, apenas pela tarde, o Senhor quer me acompanhar? – Perguntou Emanuel para José.

- Sim, claro! No caminho conversamos – respondeu José todo satisfeito e com os olhos brilhando, como se tivesse achado uma pedra preciosa no meio do jardim.

Os dois caminharam em direção à Praça de Quero-Quero, sentaram para tomar um sorvete. José não podia tomar sorvete, pois tinha problemas de garganta, então achou melhor só fazer companhia ao professor e não entrar nos detalhes políticos, para que o professor não estranhasse ou até se intimidasse com sua ansiedade, então, achou melhor ficar quieto e apenas ouvi-lo um

pouco, ficava admirando aquela figura de cavanhaque e boina. Por fim, o educador falou:

- É um prazer conhecê-lo, José! Há alguns meses vi o senhor com algumas pessoas na porta da prefeitura a reivindicar e a cobrar direitos. Achei muito bonito o seu ato de estar à frente daquelas pessoas lutando com elas. Vejo que o senhor possui uma mentalidade diferente do povo daqui. Estava me perguntando quando o veria de novo – as palavras do professor entraram no ego de José que pensava “nossa, ele gosta da luta popular, ele é um dos nossos, obrigado Senhor Deus, até que enfim, alguém para nos ajudar”.

- Tenho sim, professor. Gostaria que esta cidade fosse menos corrupta e que os cidadãos de Quero-Quero pudessem ver o que agora, o senhor está lhes mostrando. Vi sua aula, muito interessante e instigante, nunca tivemos um professor corajoso e dedicado como o Senhor! Não é à toa que os alunos comentam e o admiram tanto – falou José de forma prudente para não entrar no assunto do partido.

- Que nada! Não sabia que os alunos andavam por aí, falando de mim – sorriu – gostaria de lhe dizer que pode me chamar de você, pois o senhor está nos céus – os dois sorriram um pouco. Emanuel continuou: – tenho uma proposta a lhe fazer – quando disse isso, José sentiu um frio por dentro, uma adrenalina passou a viajar pelo seu corpo, pulsando em seu sangue, pensou “ele vai querer vir participar do meu partido: junto comigo”, disfarçou a ansiedade e disse-lhe:

- Pois não, então faça sua proposta, professor?

- Proponho que nós dois fundemos uma associação.

José foi pego de surpresa, não imaginou aquela proposta, pensou que o professor iria dizer que eles deveriam fortalecer o partido de José de Dina e não uma associação, “mas afinal uma

associação, como se trabalhar com uma associação?” ficou sem jeito, tentou disfarçar, por fim falou:

- A proposta é boa, professor, apesar de não saber direito o que é isso, mas eu topo. O que é uma associação?

O Professor Emanuel começou a rir e admirar José, pois apesar de não saber o que era uma associação, topou a ideia na lata:

- Vamos fazer assim, José. Depois te esclareço melhor, o que é uma associação, pois agora vou precisar ir pra casa, fazer meu almoço, pois moro sozinho. Mas não se preocupe vou lhe explicar direitinho. É uma coisa boa para a comunidade de Quero-Quero, e sei que você vai gostar, pois é algo revolucionário e que vai mudar a vida de muitas pessoas aqui dentro desta cidade. Queria agradecer a você o apoio e o fato de ter topado fundar uma associação junto comigo, são poucos os que possuem essa coragem e determinação, desde já muito obrigado, meu amigo e companheiro, José de Dina – o professor finalizou suas palavras dando um abraço em José, que ainda estava sem entender do que se tratava a proposta, entretanto, estava alegre, pois tinha ganhado a confiança e a amizade do professor e aquilo era bom para seus planos de um dia colocar outro partido no poder daquela cidade.

Por fim, Emanuel se despediu do amigo e foi para sua casa. José caminhava para a sua, com um sorriso no rosto e um olhar de satisfação, sabia que com aquela parceria mudaria a política e os rumos daquela que era sua amada e querida Quero-Quero.



CAPÍTULO 17

Glória acabara de sair do banho, de toalha, de frente para o espelho, observou-se, foi até a cama, sentou-se: enxugou-se, pegou o perfume, jogou sobre o corpo, colocou a calcinha, depois retornou ao espelho e começou arrumar os cabelos cacheados e vermelhos, pensou em Emanuel. Sorriu sozinha. Criara um sentimento terno pelo professor, ele ficava meio desajeitado perto dela, entretanto sua inteligência a encantou. Ele não era tão alto, tinha seus um metro e sessenta, os cabelos eram lisos e curtos, mas o que ela mais gostava nele: era uma boina que ele usava, sempre usava boinas vermelhas, amarelas, brancas; sem se falar do seu cavanhaque e sua simpatia para com as pessoas.

Naquela noite haviam marcado um jantar no restaurante que tinha em Quero-Quero, por nome “QUERCOMER?”. Cujo dono era seu Miguel, um homem de uma educação impecável, morou fora por uns tempos, viajou para outros países e adquiriu por lá, certos valores que gostava de preservar. Seu Miguel era baixo e conservava um bigode italiano, que fazia questão de exibir. Seu querer maior era ver pessoas degustando sua comida e depois gostava de vê-las elogiando-o pelos seus dons culinários, e em Quero-Quero conseguiu realizar seu Querer, por isso já fazia mais de dez anos que seu Miguel abrira aquele restaurante.

Já eram dezoito horas e quarenta minutos e Glória estava ansiosa para receber o professor em sua casa. Era a primeira vez que eles saíam juntos para um jantar. Ao mesmo tempo em que colocava o vestido vermelho e se olhava no espelho, Glória se lembrou de uma vez quando estava conversando com Emanuel que falou alguma coisa sobre os espelhos: “os espelhos mostram o mundo ao contrário”, lembrava Glória das palavras de Emanuel:

“Uma vez, Glória, estava eu de frente ao espelho, a me arrumar para ir a uma festa, quando de repente observei o nome que

estava escrito em minha camisa, o nome da camisa era: AMOR, mas no espelho aparecia: ROMA, agora com o R virado pra o lado oposto, quando olhei direito percebi que apesar de esta me vendo, perfeitamente, na frente do espelho, vi que para o nome AMOR está refletido daquela forma contrária, eu deveria está de costas na imagem refletida. Então, me perguntei: por que estou me vendo de frente, se na verdade a palavra AMOR está refletida como se eu estivesse de costas? Que ilusão perfeita, pensei! Daí, conclui que pelos espelhos tiramos duas lições: a primeira é que quando olhamos para os espelhos, vemos nossa imagem, e envaidecemos o nosso ego, diante do narcisismo nato que há em nós, devemos tomar cuidado e não deixarmos sermos como os espelhos que refletem apenas a nossa imagem, apenas o meu eu, para que não nos tornamos egoístas e só vejamos a nós mesmos; a segunda lição, está no fato do espelho refletir uma realidade contrária a que vemos e vivemos, até parece que o sistema e os donos do poder de nosso país nos deram espelhos, pois toda realidade que vemos ao nosso redor não é o que aparenta ser, é apenas uma ilusão, criada por eles, para iludir o povo e colocar pensamentos e ideias que condizem com os seus quereres e desejos, que nada mais são do que dominar, dominar e dominar... eles usam uma ilusão parecida com a mesma criada pelos espelhos. como diria o Poeta: “nos deram espelhos, vivemos no mundo doente” pensava a professora Glória nas coisas que Emanuel dissera “meu Deus, como ele é sábio!” Suspirava a professora que agora, estava a se maquiuar.

Glória tinha seus 32 anos, moça, jovem e bonita. Nunca tinha ficado muito tempo com um homem, pois àqueles que se propuseram a cortejá-la, sempre foram mesquinhos e brutos. Emanuel era diferente, era sensível, inteligente. Se dependesse do seu pai, ela só se casaria com homens ricos, entretanto para Glória o amor é o que importava. Amar alguém, esse era seu maior querer,

não sabia se amava Emanuel, contudo gostava muito dele e se sentia bem ao lado dele, sentia-se segura, protegida e muito feliz.

O telefone na cômoda tocou. Foi atender, era seu pai:

- Alô, fala pai? – disse Glória com certo receio.

- Você virá jantar, aqui, hoje? – perguntava a voz do outro lado da linha.

- Não, pai. Hoje não, vou jantar com um rapaz que conheci.

- Ele tem dinheiro? Algum emprego que valha pena? Não quero você namorando ou saindo com qualquer pé rapado! Lembre-se do nosso combinado – advertiu a voz.

- Pai, eu sei o que é melhor pra mim. Não tente interferir no meu querer, nunca interferir no seu... Respeite minhas vontades como sempre respeitei as suas, é simples.

- Você sabe que não quero o pior para você, filha. Nossa família tem uma história. Veja lá com quem você vai se envolver....

Glória bateu o telefone. Estava chateada com aquele interrogatório todo. Sempre fez o que seu pai quis e agora queria fazer algo por ela mesma, fazer suas vontades e seus desejos e não as vontades ou os desejos do seu pai como sempre fizera, desde quando era criança. A mãe era a única que a apoiava em seus quereres, mas infelizmente morreu cedo e com isso Glória foi criada pelo pai que sempre tentou lhe colocar regras e normas a serem cumpridas.

Quando terminou de se arrumar já era sete horas da noite, a campainha tocou: DIDOM! “É ele! Será que estou bem arrumada? Meu Deus! Os cabelos! Deixe-me ver as unhas, o perfume” pensava agitada a professora. Endireitou-se, pegou a bolsa e foi até a sala receber Emanuel. Quando abriu a porta, lá estava ele: com flores em suas mãos, camisa preta, boina branca e um olhar que a fez estremecer a ponto de só olhar para aqueles olhos que pareciam lhe conhecer há muito tempo. Depois de alguns segundos, Glória voltou à realidade e convidou Emanuel para entrar. O

professor, meio sem jeito entrou, lhe deu as flores. A professora as cheirou, deu sorriso de satisfação, pois ninguém nunca tinha lhe dado flores. Pegou na mão do Professor e pediu que entrasse, ao tocar os dedos e as mãos, Emanuel sentiu um calafrio que veio por dentro dele, e ao mesmo tempo sentiu um calor intenso, olhou para a boca de Glória que estava a falar alguma coisa, não escutava o que dizia, apenas observava os lábios que se tocavam, abrindo e fechando deixando à mostra os lindos dentes, por alguns instantes, Emanuel não queria soltar mais aquelas mãos, não queria mais se desligar delas, não queria mais ficar longe delas, nem tampouco abandoná-las. Glória, entretanto, só queria ficar ali, observando aquele cavanhaque lindo e perfeito, que deixava a mostrar uma boca de lábios carnudos e convidativos, um cheiro exalava no ar, não sabia se era perfume ou se era uma essência natural de Emanuel, o que sabia, era que queria sentir mais daquilo, suas mãos suavam. Emanuel foi encostando o seu corpo, como que por instinto, no corpo da professora, ambos não conversaram mais nada, as flores caíram ao chão e o professor que até aquele momento era tímido, pôs uma de suas mãos no rosto da professora, a mesma colocou uma das suas mãos no rosto dele também e quando Emanuel foi para falar algo, AMBOS disseram juntos: “Não quero ir mais ao restaurante!”. Aproximaram-se um do outro e um beijo aconteceu, um beijo longo e cheio de sentimento. Depois do beijo, resolveram eles mesmos fazerem um jantar, doravante, jantaram e se divertiram assistindo alguns filmes e naquela noite Emanuel estava mais feliz do que de costume e Glória havia feito algo que queria fazer, pela primeira vez na vida, tinha feito algo sem o consentimento do seu pai e estava muito feliz por ter encontrado Emanuel.

Por fim, ambos começaram a namorar e quando perceberam o tempo havia passado e eles nem se deram conta, no relógio, dez horas da noite, o professor saiu da casa da Professora e foi para a sua casa. Como sempre, existiam em Quero-Quero, pes-

soas que sempre quiseram bisbilhotar e ver a vida dos outros e naquela noite havia algumas que observavam o movimento na casa da professora pelos buracos de suas fechaduras, o professor não sabia, mas no outro dia todos em Quero-Quero saberiam do acontecido.



CAPÍTULO 18

O Padre estava realizando a missa em um domingo às oito horas da noite. Falava sobre a importância dos dízimos e sobre a gratidão de Deus para com aqueles que contribuíam com a obra. Enquanto falava e discursava o Pároco fora interrompido por um garoto que levantou a mão e questionou:

- Padre, Porque devemos pagar dízimos?

- Ora, meu querido! Porque está escrito que devemos ofertar e ajudar nas obras de Deus! – respondeu o Padre.

- Ué! Mas Deus não é um ser de luz e imaterial, porque precisaria de dinheiro que é material? Por acaso, ele precisaria fazer alguma reforma nos céus, mas os céus não é um lugar abstrato, portanto imaterial?

O padre se assustou com aquelas perguntas. Não esperava que aquele jovem realizasse todo aquele interrogatório “De onde esse garoto tirou essas ideias” pensou o Padre.

- Mas meu filho, está lá no velho testamento, onde se diz....

- Sim, Padre! Mas no velho testamento: o que se tem são atitudes e uma cultura baseada no judaísmo e nas leis de Moisés, e se o Senhor for observar, os sacerdotes daquela época já tinham transgredido as vontades de Deus para satisfazer suas próprias vontades. Quando o Cristo veio, ele deixou claro que ninguém seria salvo pela lei e sim pela graça, e toda vez que Jesus foi ao templo (onde ficavam os sacerdotes, ele foi para discutir com eles), e mostrá-los que as atitudes e ações que eles praticavam eram equivocadas; e tem mais, quando cristo morreu e entregou seu espírito ao todo poderoso, a primeira coisa que veio a estremecer e a sofrer abalos foi o templo de Salomão, que ele mesmo, o próprio Deus, mandou construir. Sem se falar que o véu do templo se rasgou, e só lembrando ao senhor que, naquela época, e devido à cultura e tradição Judaica, quando alguém rasgava as

vestes ou o véu ao meio, estava tentando dizer para os outros que estava revoltado e indignado com alguma ação ou atitude. Se Deus rasgou o véu, não estaria Deus revoltado com o que fizeram do templo e da casa dele? Então, por que ainda continuamos ajudando a manter templos? E a seguirmos uma cultura judaica de templos de adoração? – instigou o menino de dezesseis anos.

O Padre e o Sacristão ficaram abismados com o interrogatório. Sem resposta perguntou:

- Meu filho, quem lhes disse essas coisas?

- Ninguém me disse não, Padre. O meu professor de filosofia é que me instigou a pesquisar e a chegar a essas conclusões a partir da leitura da bíblia e textos sagrados. Quer dizer, antes não gostava de ler e nem sabia da importância da leitura e sua relação com o conhecimento, hoje, sou outro jovem, graças as aulas do Professor Emanuel. Ah e tem mais, me parece pelo que li no velho testamento, os únicos que recebiam o dizimo, se não estou enganado, eram os levitas, àqueles da tribo de Levi, só que Cristo é da tribo de Judá, logo se somos cristãos, porque pagamos ou precisamos de dízimos?

A resposta e a última pergunta do garoto deixaram o Padre atento àquele nome: EMANUEL, que lhe soava familiar, já que EMANUEL, significa: “Deus Conosco”. Ficou preocupado com as interrogações do garoto. “Quantos alunos estão pensando daquela forma a respeito da religião e de outras áreas do conhecimento humano?” Indagou o padre a pensar. “Será que este homem falou alguma coisa sobre política?”, pensava preocupado o padre. Imediatamente adiantou a missa e tratou de terminá-la mais cedo. Naquele dia, não fez o ritual das ofertas e do dízimo. Fechou a igreja, foi para casa, fechou a casa paroquial, entrou no quarto, pegou o telefone e ligou para Nogueira, o sacristão Valtervino estava ao seu lado.

Perto dali, a uns cinquenta metros da casa paroquial, um grupo de jovens discutia com um vendedor de refrigerantes de uma das empresas colocadas na cidade por Manoel Ribeiro. A discussão era em torno do imposto cobrado pelo vendedor em cima do produto vendido aos jovens, pois o refrigerante custava cinco reais. E os jovens já havia pesquisado junto com o professor Emanuel que o preço de mercado do produto, era apenas um real e cinquenta e que o imposto pago pelo dono da empresa era de setenta centavos, discutiam o valor do produto para consumo, pois perceberam que se comprassem o refrigerante estariam pagando o lucro e o imposto que o vendedor e a empresa teriam que pagar ao governo. Sendo que a empresa teria mais de 100% de lucro sobre o produto. O vendedor estava ameaçando os jovens a calar a boca. Os jovens cheios do conhecimento, não se calaram, pois sabiam que eram cidadãos que pagavam impostos e exigiram mais respeito e transparência por parte do vendedor, este tomado pela ofensa, agrediu um dos jovens. A confusão encheu a praça de curiosos que acabaram tomando as dores dos jovens e partiram para cima do vendedor. Outros procuravam separar a briga. Foi preciso chamar o Delegado João Mão Grande para resolver o problema.

João Mão Grande chegou ao local e levou todos para a Delegacia. Quando chegou na DP, um dos estudantes foi logo dizendo, seu João Mão Grande, espero que o senhor não nos agrida com sua Mão Grande, pois segundo a Constituição Federal em seu artigo quinto, parágrafo quarenta e nove, diz que: é assegurado a todo preso nenhuma agressão a sua integridade física ou moral.

O delegado se assustou com aquela afirmação. Todos na delegacia ficaram boquiabertos, uns olharam para os outros, a mão do delegado coçava para esbofetear a orelha de alguém, entretanto, ficou apenas coçando mesmo, pois aqueles jovens estavam sabendo de coisas que poucos sabiam. E o delegado tinha cons-

ciência que se batesse em um daqueles meninos, e estes buscassem a justiça, no outro dia ele estava no olho da rua. O escrivão da delegacia, José Aldo Novais, careca, alto e magricela. Olhou o delegado e foi na direção do telefone, pediu ao delegado que visse na agenda o nome de Nogueira.

O delegado triste olhava a sua mão (que até pouco tempo, fora ungida pelo pastor e considerada poderosa e sagrada pelo Padre). Olhava as mãos e via que, agora, eram apenas mãos normais, o encanto se perdeu, a força fora destruída e dilacerada, por palavras de conhecimento que brotavam da boca de garotos, simples alunos do Colégio Manoel Ribeiro, garotos que ele pegou no colo e que agora, o fez perder a moral e a autoridade, jovens, moleques, alunos de um tal de Emanuel. O delegado foi fazer o que mandara o escrivão, pegou a agenda, ambos foram telefonar para o Vereador Nogueira.

Em outro canto da cidade, algumas jovens, estavam pegando assinaturas das pessoas para fazerem um abaixo assinado, sobre um projeto de lei que elas criaram junto com o Professor, para enviar a Câmara solicitando dos vereadores de Quero-Quero, a implantação da Tribuna Livre, que era um projeto onde: as pessoas comuns de Quero-Quero teriam liberdade para utilizar a Tribuna da Câmara para levar e apresentar aos vereadores, os problemas dos seus bairros e exigir soluções imediatas para aquelas comunidades. Ao mesmo tempo as jovens conscientizavam e sensibilizavam os moradores sobre o que era a Câmara? Qual a importância daquele espaço público? Para que servia? E qual o verdadeiro papel do vereador? O povo assinava com gosto, a ideia do abaixo assinado e do projeto de lei. De repente, as garotas se bateram com Zé Preto, segurança e grande puxa saco do Prefeito Fortunato e do Vereador Nogueira que ao ver o zum zum zum, correu para casa de Nogueira, afim de informá-lo dos acontecidos.

Algo de novo acontecia em Quero-Quero naquela noite. A juventude parecia que não queria mais obedecer ou aceitar o querer da ordem vigente social implantada naquela comunidade. Desta vez, os jovens queriam fazer o que achavam certo e sabiam que o querer de todos, era melhor do que o querer de alguns, munidos de conhecimento e verdade, partiram para as ruas; alertando e confrontando, vontades impostas pela ordem vigente com reflexões e vontade coletivas: vontade de todos. Naquela noite de domingo, vinte e dois de abril, havia começado um novo contexto e uma nova fase da história daquele município. O rebuliço, uma revolução de pensamentos, daria início a novas formas de pensar e agir dentro da comunidade de Quero-Quero. Os querereres agora se dividiam: os dos donos do poder, com seu querer de impor suas vontades e dominar, obtendo sempre o lucro sobre a miséria alheia; e os dos jovens que não queria aceitar mais o querer dos donos do poder e nem queriam mais ser dominados.



CAPÍTULO 19

João Granada passeava pela Praça na segunda-feira pela manhã. Observava de longe sua Angélica com aquele homem estranho. Seu coração estava triste. Lembrava-se dos carinhos de Angélica, sentia seu cheiro, seu amor, seu afeto, já não os tinha mais. “Como cheguei a esse estado?” Perguntava-se.

Ainda sentia as mesmas coisas ao ver Angélica: frio na barriga, mãos soadas, calor no corpo, vontade de tê-la. Não compreendia porque sentia isso ainda, já que ela parecia feliz com aquele outro. “Quem era ele? O que ela viu nele?” João caminhava em seus pensamentos, seu cheiro não era dos bons, a granada estava nas mãos e meio que cambaleando andava, mas sentia-se como se estivesse inerte, parado, perdido. De repente chocou-se em algo, não havia percebido, mas esbarrou no professor que caminhava para a escola para dar aulas. A mochila e os livros que o professor trazia em mãos caíram ao chão. Ainda sem jeito, João desceu ao chão para pegar os livros do professor:

- Perdão, meu amigo! Foi sem querer! – falou João Granada.

- Tudo bem. – Respondeu o professor ao notar aquela figura de perto pela primeira vez, sempre o vira de longe a beber como um soldado desvalido e exausto da guerra. Emanuel pode observá-lo de perto e sentiu uma amargura profunda naquele homem. Então, perguntou:

- Por que está nesse estado, meu amigo? O que aconteceu para que estejas assim, tão bêbado e desleixado?

João Granada olhou para o professor e viu que ele foi o primeiro a lhe perguntar sobre o que acontecera com ele. Ninguém nunca tinha lhe perguntado algo parecido, talvez porque todos que viviam em Quero-Quero já conheciam sua história, exceto, aquele homem, o professor novato. Então, respondeu:

- Ah, meu caro professor é uma história longa e creio que o senhor não terá tempo para ouvi-la, pois faltam apenas dez minutos para o sino da escola tocar e sei que o senhor é um homem pontual e responsável. Também sei que és um bom educador. És um PAULOFRERIANO de carteirinha, ah isso sei que és! Pois então, acho melhor Vossa Senhoria apressar-se para suas obrigações, não dê atenção e não perca seu tempo com um homem rude e fedorento como eu.

Emanuel perceberá que nas palavras daquele homem, havia algo de notável, pois falava muito bem para ser um mero cachaceiro. Notou que era um homem inteligente, só não entendia o porquê de estar naquele estado de embriaguez. Por fim, perguntou-lhe:

- Meu caro, João Granada, por que bebes tanto?

- Bebo, por que quero esquecer algo que me atormenta, Professor. Bebo para esquecer um sentimento, que possuo por uma mulher. Quero sentir paz de espírito, quero libertar-me da culpa! – respondeu sinceramente João.

Então, o professor lhe falou: – Bem, admiro seu querer. Mas me deixe perguntar: existe algum querer maior que todos esses que você me citou?

- Existe sim, professor. O maior querer de minha vida é voltar para o meu grande Amor: Minha Angélica.

- E você a ama?

- Muito – respondeu João Granada.

- Bem. Mas acredito que para se amar uma pessoa, faz se necessário ter consciência do que é o amor.

- Não estou entendendo professor!

- Me diga uma coisa que você ame também sem ser Angélica.

- Amo muito meus pais.

- Então devo lhe informar seu João, que és um hipócrita!

Ao ouvir isso, João se inquietou, ficou confuso e disse: – Por que está me dizendo isso, professor?!

- Ora, João! Na Bíblia diz que: Se você diz que ama a Deus e não ama seu irmão, você é um hipócrita, pois se você não consegue amar a seu irmão que você vê, imagina Deus que você nunca viu?!

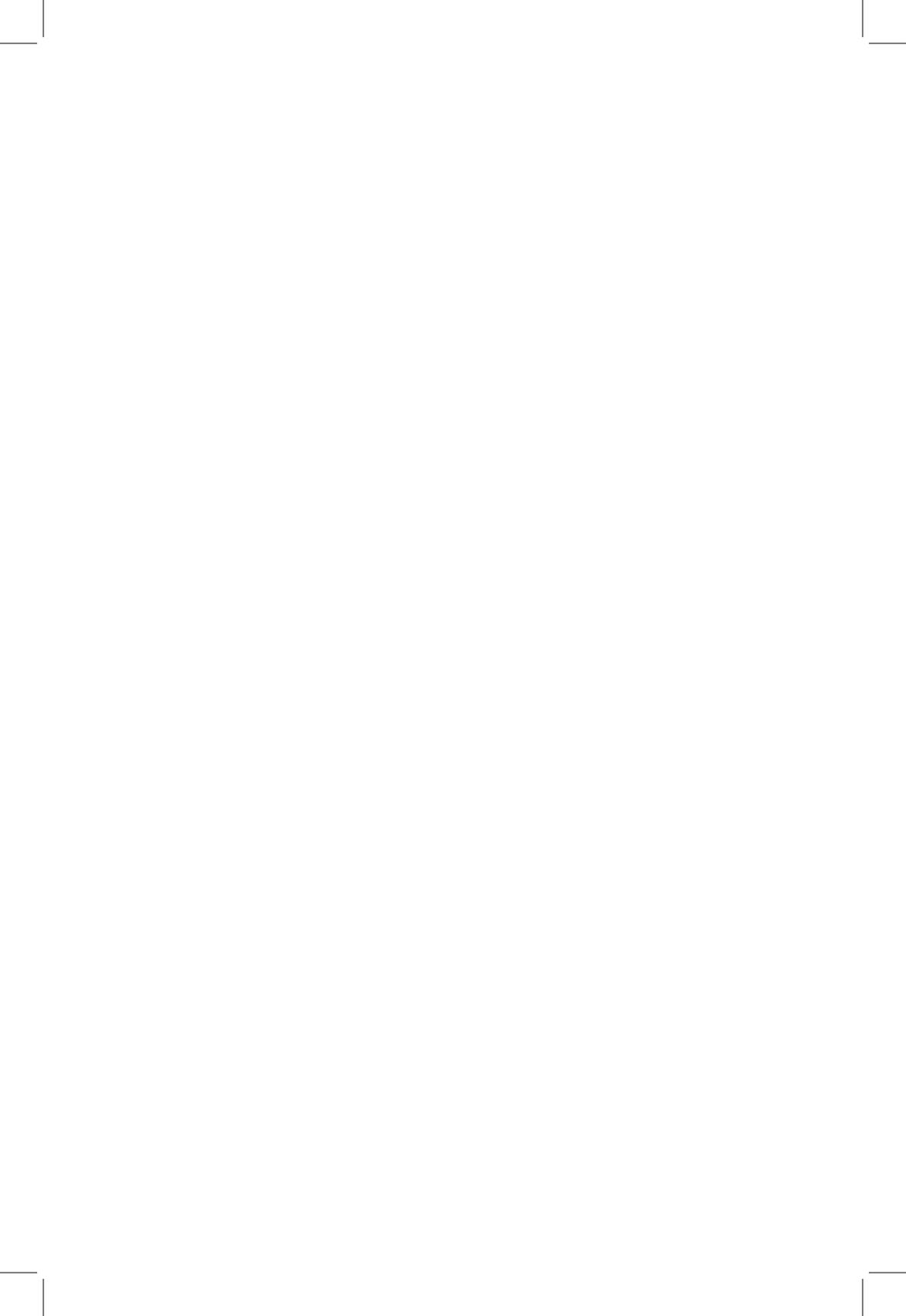
- Ainda continuo sem entender, professor. O que tem haver essa citação bíblica comigo? – perguntou assustado João Granada.

- Simples. Você diz que ama Angélica, mas não consegue amar a si mesmo. Uma pessoa que não consegue amar a si mesmo, nunca conseguirá amar outro ser. A consciência do amor começa em si próprio, preservando a saúde e a vida que o Criador nos deu: cuidando de mim mesmo, reconheço o valor do amor de DEUS para comigo e para com cada parte de mim, passo a me amar, passando a ter consciência de que sou puro amor, manifestação material e física do próprio Amor de Deus. Pois, se você realmente a amasse, cuidaria de você mesmo, para que ela pudesse sentir felicidade ao ver em bom estado aquele que ela ama; pois se o visse bem, ela iria se sentir bem; mas se o ver mal, sente-se mal. Se o ser amado sofre, aquele que o ama sofrerá também. Acredito que desde o momento em que você começou a beber irresponsavelmente, ela sentiu tristeza, dor, amargura. Talvez lhe deixou, não por não o amar, mas por amá-la em primeiro lugar, pois talvez não quisesse sofrer tanto. E você o tempo todo a beber não viu que a fazia sofrer, que ao se entregar a bebida, foi virando escravo do álcool, de um líquido e talvez o João que ela amava, já não estava mais ali, pois talvez, o João que ela amava nunca fora escravo de ninguém, era livre, honesto e responsável. Com a cachaça, o João tornou-se escravo, desonesto e irresponsável. Talvez ela não ame mais esse João que aqui está agora, mas talvez se ela vê, ou tornar a rever, o outro João: o responsável, honesto e livre que ela sempre amou, quem sabe o seu coração

não acelere novamente, quem sabe sua barriga não esfrie, suas mãos passem a suar e quem sabe o seu amor não se reacenda das cinzas, ao ver ressuscitar aquele que um dia ela amou e sempre amará para o resto de toda a eternidade. Talvez seja isso, João! Talvez o João que ela ame, esteja apenas aprisionado, aí dentro de você, o álcool o aprisionou. Talvez seja apenas isso – o professor disse essas palavras, recolheu seus livros e foi para a Escola.

João ficou parado, a pensar nas palavras que o professor lhe disse. Olhou para a granada, um corote, observou o potinho direito, pensou: “eu sou um homem. Eu criei o álcool. Como posso me tornar escravo daquilo que eu mesmo criei? Como pode a criatura se tornar senhor e o senhor se tornar escravo? É apenas um líquido”. Neste momento, João Granada jogou o corote no chão. Sentiu um alívio, percebeu que era maior que aquilo. “Era isso. Precisava seguir em frente. Não sou escravo de ninguém, ninguém é senhor do meu domínio, muito menos um mero líquido. Sou melhor que tudo isso”. Por alguns instantes nem de Angélica se lembrou. Pensava apenas em si. Em seu estado, a decisão tinha que ser tomada, primeiro se libertaria do álcool, depois procuraria voltar para o seu emprego na prefeitura e iria viver sua vida com ou sem Angélica. O que não queria era continuar escravo, nem ser escravo de mais ninguém: nem do álcool, nem daqueles sentimentos que o menosprezavam. As palavras do professor tocaram sua alma, a consciência era tudo que ele tinha naquele momento, “sou o criador, não a criatura”. Olhou para suas mãos, viu que eram perfeitas. Foi até o boteco do senhor Abdias, chegou de frente de um espelho, se observou: viu seus cabelos, seu corpo perfeito, era alto, magro; mas desde que bebera não sentia uma dor de cabeça, nem um resfriado, sua saúde era perfeita. Apesar de ser alto e magro, perceberá seus olhos azuis, eram perfeitos. Agradeceu a Deus por sua saúde e aparência. Olhou sua própria roupa de exército, estava suja, “um homem alto e belo, não pode vestir roupas tão sujas” pensou

João. Encostou seu rosto no espelho, olhou para seus dentes, sua boca, suas orelhas, suas sobrancelhas. Sorriu para si mesmo. Lembrou-se da época da escola, dos elogios dos professores, do orgulho dos pais. “meus pais?” lembrou-se por algum momento: “Devem estar sofrendo. Meu Deus, como fui egoísta! Se eles me amam e me veem sempre neste estado, como devem estar se sentindo agora?!” imaginava João. Viu que o professor tinha razão, ele não sabia o que era o amor. Se soubesse pouparia seus pais e Angélica pelo sofrimento. Naquele momento João percebeu que as atitudes são coletivas e nunca individuais. Percebeu que ao se entregar a bebida, fez com que seus pais sofressem, e se seus pais sofriam, os amigos e parentes de seus pais sofriam com eles, e os amigos dos amigos de seus pais sofriam por aqueles, e assim, sucessivamente, e se fosse seguir esta linha de pensamento todos sofriam por causa da atitude egoísta que ele tinha tomado. “A atitude errada tomada por um, pode destruir a vida de todos. A atitude boa tomada por um, pode melhorar a vida de todos. O segredo do Amor está em amar a si mesmo, pois se amarmos a nós mesmos e vivermos no amor conseguiremos emanar o nosso amor para todos”. João sentiu paz, saiu correndo da venda de Abdias e foi para casa tomar um banho, trocar de roupa, enfim, renascer para as surpresas de uma nova vida, baseadas nos princípios do amor. Naquele dia João aprendeu que para dar valor a vida era necessário: dar valor a si mesmo. Pois você é a prova viva da existência material da vida. E por um momento, não pensou em Angélica, agora de uma coisa, ele não esqueceria jamais de pensar: naquele que pronunciou as palavras que o libertou, o seu querido e amigo, Professor: Emanuel.



CAPÍTULO 20

- Emanuel – Suspirou Nogueira sentado em um sofá pequeno e olhando para a Diretora da Escola que estava em sua frente. Do lado da diretora, sentado também em um sofá vermelho, estava o vendedor de refrigerantes. O Padre, o Sacristão e Zé Preto, estavam em outras cadeiras a tomar um pouco de whisky.

- Pois é, seu Nogueira, esse é o nome do homem – falou Zé Preto com os olhos esbugalhados e assustados olhando para todos os presentes, depois deu um gole no seu copo de bebida.

- Eu já havia te ligado, Nogueira. Avisei. Você achou que não era nada demais! – disse a Diretora, olhando para Nogueira por debaixo dos óculos.

- Verdade, Dona Tânia! A senhora bem que tentou me alertar, entretanto pensei que esse professor não chegaria a esse ponto. Veja até que ponto nós chegamos: um professor falando de política na sala de aula. Como a senhora permitiu tamanha ousadia, Dona Tânia? – interrogou Nogueira.

- O amigo sabe perfeitamente que há alguns anos você mesmo proibiu o ensino de filosofia nas escolas municipais, mas já faz alguns anos que o Colégio Manoel Ribeiro se tornou uma escola que passou a ministrar também o ensino fundamental II e no currículo do ensino fundamental II foi colocado como obrigatório o ensino de filosofia. Só que antes de Emanuel chegar pelo concurso, a disciplina era dada pelo professor Carlos, que na verdade era pastor e não filosofo, e tínhamos o cuidado de selecionar no currículo os assuntos a serem transmitidos. Sendo assim, não corríamos perigo algum. Já agora, com Emanuel a coisa ficou diferente.

- Mas você não fez nada para pará-lo?

- Lógico que sim. Chamei-o na minha sala e conversei. Expliquei-lhe quem manda na cidade e como são as regras...

- E ele? – interrompeu Nogueira, sentindo um pouco de raiva.

- Ele não me deu ouvidos, Senhor Nogueira! Infelizmente! – respondeu desolada a Diretora e baixando a cabeça.

- Acho bom tomarmos providências, Senhor Nogueira, ou iremos ter problemas no futuro. Pensei em procurar o coronel Manoel Ribeiro e falar o que estava acontecendo, mas primeiro pensei em vi ter com o Senhor. – falou o comerciante de refrigerantes.

- Você fez bem, Francisco. Não precisa aborrecer o Coronel com esses assuntos. Vou resolver – afirmou Nogueira.

- Será que temos como resolver isso a tempo das eleições Nogueira? – indagou o Padre.

- Acredito que sim, Reverendo. O que me deixa encabulado é essa atitude do sujeito de receber uma advertência e não se dá conta de cumpri-la. Por que será que não levou em consideração o que a Senhora Tânia lhe falou? Isto é que me intriga nele! – falava Nogueira com a mão no queixo e olhando para o nada.

- O que vamos fazer Vereador? Temos que tomar providências! O homem está falando sobre fundar uma tal de associação e pelo que vi o povo ficou empolgado com a ideia dele e já vejo muita gente a admirá-lo nas ruas de Quero-Quero. O homem está conseguindo o prestígio do povo. – Relatou Zé Preto.

- Não se preocupe Zé! Vamos dar um jeito nele. Bem, mudando de assunto: marquei essa reunião hoje, aqui, em minha casa, não só porque fiquei preocupado com as ligações e informações que vocês me trouxeram neste final de semana, mas também, para convocá-los a resolver junto comigo este problema.

- Como podemos lhe ajudar Vereador Nogueira? – Indagou o Sacristão que já olhava de forma comprometedor para Zé Preto.

Zé Preto respondeu com outro olhar e sorriu para Valtervino. O Sacristão respondeu com um sorriso e disfarçadamente, voltou-se para Nogueira.

- Simples. Gostaria que vocês o sondassem para mim, de preferência a Diretora que já convive com ele. Gostaria que Zé preto visse uma forma de se aproximar dele, assim como o Padre e o Sacristão. Pois me disseram que ele é um homem muito aberto às pessoas, logo, deduzo que ele não veja maldade nas pessoas de Quero-Quero, porque acredito que ele pense que assim como seus alunos, a maioria de vocês sejam ingênuos e vítimas do processo político da cidade. Portanto, não os verá como ameaça.

- Senhor Nogueira, você é um homem muito esperto. Não é à toa que o Coronel o tem como seu mentor político – elogiou Zé Preto.

- E quanto a mim, Nogueira? O que faço? – perguntou o vendedor Francisco, no intuito de ajudar Nogueira em sua odisséia.

- Você Francisco, continue vendendo seus refrigerantes e evite contendas, procure baixar o valor por enquanto. Você no momento não poderá fazer nada, porque se tentar se aproximar do professor, ele poderá desconfiar, deixe a tarefa para Zé Preto, o Padre e os outros. Acredito que o plano com eles terá mais eficiência.

- Ah! Nogueira lembrei! – colocou a mão na cabeça Zé Preto – Disseram que José de Dina já estava beirando a casa do Professor e que já viram os dois juntos por aí conversando.

- O tal do Zé de Dina não perde tempo mesmo! Bom saber! Não se preocupe Zé Preto, isso não me assusta. Como diria Montaigne: “nada do que é humano me é estranho”. Não se preocupem. Agora vão e voltem as suas obrigações. Zé Preto, você fique mais um pouquinho, os outros estão liberados.

- Procure resolver isto logo, Nogueira. Se os jovens de nossa comunidade começarem a pensar como aquele jovem que me interrogou na Igreja, acredito que daqui a mais algum tempo, Igreja e religião, não serão mais necessários aqui, neste lugar. – falou o padre se despedindo de Nogueira.

A Diretora se despediu de Nogueira juntamente com o Sacristão e o vendedor. O sacristão ficou zangado, pois queria sair da casa de Nogueira e trocar umas ideias com Zé Preto, entretanto Zé precisou ficar com Nogueira, e isso deixou Valtervino muito desgostoso.

Ficaram apenas Nogueira e Zé Preto. O vereador chamou o negro no canto e tirou do seu bolso uma quantia de quinhentos reais e deu a Zé Preto. Depois cochichou ao pé do ouvido de Zé Preto:

- Procure José de Dina, veja o que ele está tramando!

Zé Preto pegou o dinheiro colocou no bolso. Sorriu disfarçadamente para Nogueira e saiu para realizar aquilo que foi pago para fazer. Em Quero-Quero existia muitos como Zé Preto que ganhavam seus extras. Zé não era só um segurança do Prefeito, mas também um bom cabo eleitoral, Zé era pago para ficar nas esquinas falando bem da administração pública do Prefeito e do seu partido político. Às vezes recebia um dinheiro extra para fazer presença em alguns locais: às vezes frequentava bares e pagava cerveja para todo mundo, e em meio a embriaguez das pessoas começava a falar do Prefeito e seus aliados, principalmente do nome de Nogueira, pois sabia que este seria o próximo candidato, assim, o povo já ia se acostumando com a ideia de que Nogueira seria o Prefeito, pois só ouviam falar de Nogueira em momentos alegres e festivos, logo o povo associava a figura de Nogueira a algo de bom e divertido. Tudo isso era jogada política, marketing político, articulado por Nogueira e Manoel Ribeiro e na maioria das vezes dava certo. Além de Zé existiam outros, entretanto, Zé Preto era o mais fiel.

Nogueira ficou sozinho a pensar: “Um professor. Quem ele pensa que é? Pensa que pode chegar na cidade dos outros e fazer o que bem entender? Ainda bem que é apenas um professor, se fosse um empresário ou alguém que tivesse muito dinheiro, seria um pouco difícil convencê-lo. Acredito que no caso dele, seja

mais fácil comprá-lo e convencê-lo a desistir dessas ideias tolas e filosóficas”. Colocou um pouco de bebida em um copo, foi até a janela, observou a cidade. Sentiu uma sensação de poder enorme, pois sabia que no ano que viria Quero-Quero seria sua. Ele se tornaria prefeito daquele município e seu maior sonho iria se realizar. Poder mandar, poder fazer, impor vontades. Nogueira não queria ser prefeito de Quero-Quero por causa do dinheiro, mas simplesmente, pela vontade de mandar, simplesmente pelo poder, sua ambição era o poder e não o dinheiro. Dominar outros homens: humilhá-los, impor a eles seus quereres, ter posse sobre todos, esse era seu maior querer e não simplesmente, fazer parte da elite de Quero-Quero como uma vez disse ao Coronel Manoel Ribeiro. O homem que Nogueira conhecia muito bem. Algo do passado sempre o fazia se lembrar do Coronel. Por fim, bebeu a última dose, pegou uma foto do Coronel que tinha em cima da escrivaninha e ficou a sorrir consigo mesmo, olhando a foto do coronel e a dizer:

- O povo pode até ter memória curta, mas eu não, Coronel Manuel Ribeiro



CAPÍTULO 21

O tempo passou e as articulações de Nogueira deram resultado: a Diretora Tânia havia melhorado seu relacionamento com o professor Emanuel, passou a ouvir algumas de suas sugestões, resolveu acatá-las cativando assim, a confiança do Educador. Na escola os alunos passaram a se organizar melhor, queriam criar o Grêmio Estudantil, entretanto encontravam alguns empecilhos por parte da Direção, mas nada que o professor com seus argumentos e carisma não pudesse resolver. A formulação do Regimento interno e do Estatuto do Grêmio já estava em andamento e os alunos aguardavam a reunião para decidir se a Escola iria ou não instituir o Grêmio.

Zé Preto, aos poucos foi se aproximando do professor. Ficava pelos bares e praças a sondá-lo. E com o tempo fora se aproximando, tomando uma cerveja ali, elogiando-o daqui, quando pensou que não: Emanuel já o tinha como amigo. Zé passou a frequentar a casa de Emanuel. O professor como sempre educado e hospitaleiro recebia Zé Preto em sua casa, às vezes, almoçavam juntos e quando o professor estava muito acarretado de trabalhos, Zé fazia alguns favores para Emanuel, dando uma força, ajudando-o com a feira e isso cativou o professor.

O Professor já tinha realizado várias reuniões com alunos, pais, professores e pessoas da comunidade, e estes já tinham adotado as ideias do professor e confiado a ele seus filhos e concidadãos. As reuniões eram para preparar a fundação da Associação dos Cidadãos Unidos pelo desenvolvimento de Quero-Quero. Nas reuniões o educador falava da importância das Associações no desenvolvimento de pequenos lugares como era o caso de Quero-Quero. Falava também, sobre as vantagens da associação, dizia às pessoas que após a fundação da Associação e a criação do CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas), os associados passariam a contribuir com uma quantia de dez reais (R\$ 10,00)

por mês e que como tinham cerca de seiscentos associados na lista, por mês a associação teria um rendimento de seis mil reais (6.000,00). E que todo o mês o professor, juntamente com os membros da Diretoria, iria reunir todos os associados em uma assembleia e decidir junto com eles o que seria feito com aqueles seis mil reais.

- O nome disto é orçamento participativo – dizia Emanuel – Segundo Aristóteles, junto com a política nasceu dois tipos de justiça: a distributiva e a participativa. E que ambas deveriam andar sempre juntas e serem aplicadas de forma interativa, já que uma dependia da outra para que a democracia e a justiça pudessem ser exercidas na prática. Aristóteles dizia que na justiça distributiva era necessário seguir uma máxima “distribuir desigualmente para que haja igualdade”, ou seja, no que se refere a distribuição de coisas e benefícios políticos, deveriam ser levados em conta o contexto de cada beneficiado. Por exemplo: se caso, fosse entrar em prática a redistribuição das terras no Brasil, o que chamamos de Reforma Agrária, seria necessário que o governo brasileiro, realizasse uma pesquisa junto com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para ter conhecimento da quantidade de membros das famílias a serem beneficiadas, pois na hora de distribuir as terras tinha que pôr em prática essa justiça. Digamos que uma família possuísse quatro membros e outra nove membros, segundo o pensamento de Aristóteles a família que possuía nove membros deveria receber um pedaço de terra maior que a família que continha apenas quatro membros, ou seja, a de nove membros receberia o equivalente a sua necessidade de acordo com seu tamanho familiar e a de quatro membros a mesma coisa. Entendem? Já em relação a justiça participativa, Aristóteles dizia que todos os cidadãos tem o direito de participar e deliberar sobre o destino da cidade e também decidir onde vai ser empregado o dinheiro do erário, ou seja, dos impostos, e é sobre essa segunda justiça que estou lhes falando. Na associação

todo mês iremos discutir, ou seja, vocês passarão a participar e deliberar decidindo no quê e onde vamos gastar o dinheiro de vocês! – falava o professor com voz firme e segura nas argumentações. Eram aquelas ideias que encantavam o povo, pois no momento em que eram pronunciadas, tais ideias deixavam as pessoas se sentirem libertas da ignorância política, porque passavam a aprender a verdadeira utilidade da política e o verdadeiro significado das associações e da democracia.

Com suas argumentações o professor foi ganhando a confiança e o prestígio dos cidadãos queroquerenses e aos poucos foram notando que em Quero-Quero aquelas ideias nunca foram praticadas e que na verdade a Prefeitura e a Câmara de Vereadores sempre decidiram tudo pelos outros e por todos, sem consultar, sem chamá-los a participação, sem valorizá-los enquanto cidadãos, subjugando-os como burros ou seres ignorantes que não deveriam fazer parte das decisões políticas.

De Início, o professor estava pensando em levar a ideia de investir os seis mil reais dos dois primeiros meses da Associação na compra de material para se construir uma padaria e gerar emprego e renda para os moradores desempregados de Quero-Quero. Todos aplaudiram a ideia e logo, se organizaram, fizeram outras reuniões, criaram estatuto, aprovaram e registraram a Associação. Alugaram a sede que na verdade passou a funcionar no início do ano em que aconteceriam as eleições. O povo também aprendeu uma grande lição com a instituição da Associação, aprenderam que poderiam ajudar uns aos outros, sem precisarem pedir nada aos políticos, apenas colaborando uns com os outros e ainda por cima, com uma pequena quantia mensal, apenas dez reais.

José de Dina levou sua mãe, Dona Dina para fazer parte do conselho fiscal da associação e participar ativamente como cidadã queroquerense.

Dona Dina já tinha seus 55 anos, mas era uma mulher forte e há muito tempo acompanhava a labuta do filho contra os

ditadores de Quero-Quero. Tinha seus cabelos brancos e pele negra, gostava de usar jalecos e saias longas, uma mulher vivida e sábia. E desde então, aquela distinta senhora passou a ser uma admiradora fiel do Professor Emanuel, pois nunca na história de Quero-Quero uma pessoa havia despertado tantos sonhos de uma só vez como fizera aquele homem, sabia que o professor fez com que aquelas pessoas acreditassem num mundo melhor, mais justo e igualitário, deu-lhes dignidade, sobretudo, o conhecimento que agora pairava nas mentes dos cidadãos, conhecimento este que afugentou o medo das pessoas em relação aos dois homens mais temidos de Quero-Quero: O coronel Manuel Ribeiro e o vereador Nogueira.

Dona Dina orava muito pelo professor era mãe de santo e muito amiga de Gizo Curador, menino este, que passara por suas mãos e hoje também, era babalorixá daquela comunidade graças a ela. A mãe de Santo era descendente de africanos e seus pais e avós já sofreram escravidão. Tinha orgulho de ser descendente de escravos, cultuava a cultura afro, era curandeira e tinha um terreiro. Guardava uma magoa enorme do Coronel Manoel Ribeiro que além de ter estuprado sua mãe, uma vez mandou fechar seu terreiro, para atender pedidos do pastor Carlos, o mesmo que ungiu a mão do delegado João Mão Grande. O delegado fez o fechamento do terreiro há mais de dez anos atrás e, só agora, com o conhecimento dado pelo professor sobre a constituição federal, no seu artigo quinto, parágrafo seis, é que a casa da mãe de santo voltou a abrir suas portas e a realizar seus rituais. Segundo Dona Dina, Xangô e Ogum estavam alegres com a sabedoria e a atitude do professor. E seriam gratos a ele onde ele fosse, chegou até dizer que todos os orixás protegiam o professor. E que a luz estava com ele e que a luz que o protegia era mais forte do que todos os orixás juntos e que nada, nem ninguém era capaz de lhe fazer mal algum.

Gizo concordava com Mãe Dina e sempre que realizava seus Xerês convidava o professor para fazer uma visita. Naquele ano Emanuel já havia frequentado mais de três carurus, era um admirador da cultura africana-brasileira, grande defensor da diversidade cultural e das manifestações culturais populares a cidade de Quero-Quero. Emanuel era querido, admirado e muito bem quisto por todos e todos queriam ser como Emanuel.



CAPÍTULO 22

As articulações de Nogueira continuavam em ação apesar do populismo todo do professor. Naquela noite haveria uma reunião na casa de Nogueira com o Governador do Estado. As estratégias precisavam ser traçadas para as eleições, pois o no ano de 1996, o candidato de Manoel Ribeiro era Nogueira, disse todos já sabiam, a reunião era necessária, pois o governador era um mestre na arte das eleições políticas, já que era discípulo do então temido e amado: Antônio Carlos Magalhães, o popular ACM. Este já tinha sido governador por duas vezes a primeira em 1979 por eleição indireta e a segunda em 1991 por eleição direta. Muito conhecido por suas obras na capital: Salvador.

O padre conversava com Nogueira e recebia outra quantia para a Igreja. O sacristão estava todo sorridente, pois afinal, agora já se sentia parte também daquele grupo e gozava das vantagens da politicagem.

- Muito obrigado Futuro Prefeito, então estamos conversados – falou o Padre apertando a mão de Nogueira com firmeza.

- É claro que sim meu amigo, não iria deixar de ajudar a igreja, pode contar com meu apoio – confirmou Nogueira.

- Será que o governador virá? Ele está um pouco atrasado? – perguntou Fortunato todo inseguro. Em sua mão tinha uma xícara de café: parecia está impaciente e ansioso.

- Talvez, se atrasou um pouco, você sabe ele às vezes se atrasa, mas aparece. Nunca o vi faltar a uma reunião política, a não ser se acontecer algum empecilho maior – disse o Coronel sentado em uma poltrona e fumando seu charuto, pacífico e tranquilo.

- Pois é! Bem pessoal! Não sei se vocês ouviram dizer, mas segundo as más línguas a sua eleição não está sendo bem aceita, vereador Nogueira – falou o padre preocupado.

- É verdade, é verdade, é verdade. – Balbuciu o vereador Ferreira que também estava presente na reunião.

- Só há um jeito de sabermos a verdade. Mande chamar Alzira, ela está com o resultado da pesquisa – disse Manoel Ribeiro.

Fortunato começou a chamar Alzira. A mesma se prontificou rapidamente na porta da cozinha e se apressou com os papéis e todo o relatório que tinha em mãos.

- Pois não, Senhor Prefeito. O que deseja? – exclamou Alzira se ajustando e concertando os óculos.

- Desejo saber qual foi o resultado da pesquisa que mandei fazer? Para avaliarmos a candidatura de Nogueira. – perguntou Fortunato.

Alzira toda sem jeito ficou vermelha. Coçou a cabeça. Olhou para os papéis, fingiu escrever alguma coisa. Por fim, falou:

- O senhor está por baixo em todos os itens, senhor Nogueira. Sinto muito!

- Não acredito que isso está acontecendo. Logo comigo. Por que eu? Por que comigo? – perguntava-se impaciente e com certo nervosismo o vereador Nogueira. Que por alguns segundos deixou transparecer fraqueza diante de todos.

- Se controle Nogueira! – falou o Coronel.

- Por que comigo? Por que comigo? – Olhava para o Coronel que sentia nos seus olhos a angustia. Quando foram interrompidos pelo Sacristão Valtervino que com sua frescura e mania de querer se aparecer acabou dizendo:

- Ora! Porque você é o candidato a prefeito, querido. Porque se fosse eu a candidata prefeita, ou quero dizer o candidato a prefeito, aí estaria acontecendo com luar - falava isso com as pernas cruzadas e com um tom já de assumido, fazendo biquinho no final da fala, como se falasse em francês.

- O que foi que o amigo fez para puder cair tanto nas pesquisas? – indagou Fortunato apreensivo.

- É isso que não estou entendendo! – exclamou Nogueira.

- Eu sei o motivo - levantou a mão acanhada Alzira.

- E por quê? – perguntou impaciente Nogueira.

- Simples. Você caiu nas pesquisas não porque fez alguma coisa, mas sim, porque Fortunato deixou de fazer algumas coisas – respondeu Alzira.

Fortunato ficou vermelho diante da afirmação de Alzira. O coronel o olhou com olhar de reprovação. Todos na sala olharam para ele. Impacientemente, Nogueira perguntou:

- Como é que é? Fortunato deixou de fazer ALGUMAS coisas? Não estou entendendo?

- Isso é verdade, Alzira está certa. Fortunato do final do ano pra cá parou no tempo. A última coisa que me lembro de o Prefeito Fortunato ter feito, isso faz... faz... mais ou menos... há umas duas semanas atrás. Quem se lembra daquele bairro que fomos na semana retrasada, onde havia mais de cem desempregados e umas trinta famílias que não tinha casa e aí, o amigo prefeito jogou uma cesta básica, repito: uma cesta básica pra murro – lembrou o Padre.

- Você jogou apenas uma cesta básica e ainda por cima, pra murro, isto é muito pouco meu amigo, teria que jogar no máximo umas...duas... é... duas estava bom – confirmou o Sacristão.

- Meu Deus! Porque não pensei nisso antes, é isso aí, duas – falava Fortunato, indignado com seu erro.

- Mais esperem! – interrompeu o Padre – Não foi esse o problema. O povo sorriu, alegrou-se no momento em que o prefeito anunciou a cesta básica para murro. O problema é que ele não colocou a farinha na cesta. Este foi o problema maior!

- Mais meu amigo como é que você dá um vacilo desses! – falou indignado Zé Preto. Que não entendia nada dessas coisas, mas sabia que o povo gostava de farinha.

- E ainda tem mais – continuava o Padre – Uma das mulheres daquela localidade de barriga, um filho na cintura e outro pegado na mão, olhou para o prefeito e disse: “se você colocasse nesta cesta pelo menos dois litros de ói e um litro de farinha, o seu candidato teria meu voto e o da minha família, mas agora eu não posso aceitar tamanha injustiça injusta” e arremessou um quilo de arroz no rosto de Fortunato.

- Então, essa foi a desgraça de nossa pesquisa – falava desolado Nogueira e olhando para a cara de Fortunato que se encontrava sentado e cabisbaixo com aquela situação que havia criado. Não teve nem coragem de olhar para seu pai, que ouvia a tudo de maneira fria e calculista.

De repente o telefone tocou. Manoel Ribeiro que estava perto atendeu. Era do Gabinete do Governador Paulo Souto, alguém queria saber que dia era realmente a reunião na cidade de Quero-Quero, pois o gabinete do governador havia enviado fax solicitando confirmação de dia, data e local da reunião, pois precisavam colocar o evento na agenda do governador e até agora o prefeito de Quero-Quero não tinha mandado resposta. Durante a ligação todos ficaram em silêncio e pôde ouvir o que se dizia no outro lado da linha. Fortunato ficou vermelho de vergonha, por sua irresponsabilidade. Manoel Ribeiro deu vontade de dar-lhe uns sopapos sobre a cara, respirou fundo, colocou o telefone no gancho. Levantou-se e disse:

- Bem, o Governador não poderá comparecer, aqui hoje. As eleições já estão na porta e não podemos perder tempo. Então vou dirigir a reunião.

Todos se sentaram e passaram a dar ouvidos ao que dizia o coronel.

- O que faremos coronel? A eleição do vereador Nogueira corre perigo, como se não bastasse esse professor, ainda houve as mancadas de Fortunato. O que faremos? – Indagou Zé Preto preocupado com a situação.

- Calma, calma não criemos pânico! – falou o Coronel.

- Ai! Chega me arrepiei! Fez-me lembrar do Chapolin Colorado. Ai! Eu adoro o Chapolin, com aquelas anteninhas biônicas. Ai meu Deus! Como ele é vermelho. Ai! E tem também a marreta, que marreta a do Chapolin... falava o Sacristão quando foi interrompido por todos os presentes: que o mandaram calar a boca.

- O coronel tem alguma ideia que possa nos ajudar? – perguntou o Padre.

- Tenho. Mais antes darei uma lição ao meu filho Fortunato – disse o coronel, depois, dirigiu-se ao prefeito – Parece-me que você não aprendeu a lição, Fortunato. Diga-me o que tem feito por essa cidade?

- Algumas coisas! – respondeu acanhado o Prefeito.

- Que tipo de coisas? – pressionou Nogueira. Já impaciente com aquela situação toda. O seu sonho e o seu querer não poderiam ser interrompidos pelas atitudes daquele idiota.

- Andei prometendo muitas coisas, porém não fazendo quase nada – falava Fortunato – Andei distribuindo alguns colchões com aquela verba que veio para a construção das casas e cujo resto do somatório adiantei para você meu pai, depois construir com o restante do dinheiro outra escola.

- Bom! Enquanto você prometer e não fazer nada. Tudo bem! Enquanto você desviar verbas não vejo problema nenhum nisso. Agora porque você construiu uma escola, criatura? – ficou furioso o Coronel.

- Bom, por quê? Não era para construir? – indagou o prefeito aparentando está inseguro.

- Lógico que não! – falou Manoel Ribeiro.

- E por que não? – disse o Sacristão.

- Porque quando você constrói uma obra maior, essa obra automaticamente gerará empregos e o povo com emprego, ganha o seu dinheiro e torna-se independente de nós. E também, todo político habilidoso, sabe que não se pode dá tudo de uma vez para o povo, tem que se dá aos poucos, em doses. Vocês podem ver que o Colégio Manuel Ribeiro já está saindo dos trilhos, imagine se construirmos mais escolas, correremos os ricos de que aconteça o mesmo que está acontecendo agora!

- Não entendi o último argumento. Por que dá aos poucos e em doses? – perguntou o Padre.

- Entenda. Se você der algo de muito grande ao povo, ele não te procura mais para nada. O povo também esquece as coisas muito rápido. É preciso dar as coisas aos poucos até o dia da eleição. Por exemplo: em vez de dá emprego ao povo, dê cestas básicas. Por que se você dê o emprego, o povo ganhará um salário por mês, assim ele mesmo comprará a sua própria cesta básica e se tornará independente. Já se você não der o emprego e sim a cesta. À medida que as cestas forem acabando, o povo virá lhe procurar para pedir mais, aí você o vicia naquele negócio, aí ele fica dependente de você. Anos após anos, eleições após eleições. Entendeu?

- Meus parabéns, Coronel! Pelo que vejo o senhor manja mesmo do babado aí. Bem diferente de um determinado amigo nosso – falou o sacristão apontando para o Prefeito.

- É. Isso aí, eu já sabia, Coronel. Agora o que faremos com a pesquisa? Eu ainda estou por baixo – falou Nogueira.

- Onde foi feita esta pesquisa? – questionou o Coronel.

- Aqui mesmo na cidade.

- Mande fazer outra pesquisa. Agora não faça mais aqui! – disse Manoel Ribeiro. Naquele momento muitos não entendiam di-

reito o que planejava Manoel Ribeiro, mas o Coronel fez questão de explicar: – Mande fazer a pesquisa em outra cidade.

- Será que vai dar certo?! – falou o vereador Ferreira. Sem entender o que se passava.

- Já fiz isso uma vez e deu certo - afirmava o Coronel.

- Mas e o povo daqui. Zé Preto falava quando foi interrompido por Nogueira.

- Povo é tudo igual meu amigo! – complementou Nogueira.

- Isso é verdade, povo é tudo pobre, tudo fede. Tudo passa fome e todos são feios. Quer dizer, todos não, alguns dão para o gasto – se empolgou o Sacristão Valtervino.

- Está aí, uma coisa que nunca tinha pensado, bom – concordava o Coronel com as palavras do Sacristão – Mas não é sobre essas características do povo as quais me refiro, meus amigos. O que quero dizer é que o povo não quer saber de político A ou B. O que o povo não quer, é perder o voto.

- Está aí uma verdade absoluta – afirmou Zé Preto e Alzira concordou balançando a cabeça e vendo uma luz no fundo do túnel, pois já começava a desvendar o que se passava na mente do coronel.

- E Vossa Excelência já ganhou as eleições fazendo isto, Coronel? – perguntou surpreso, Nogueira. Que conhecia toda história de vida do Coronel, mas aquele fato ele nunca ouvira falar.

- Lógico que sim. Uma vez, quando percebi que meu adversário estava à frente de mim nas pesquisas, vi também o povo que estava comigo dizer que não votava em derrotados. Que eles não estavam nem aí para a política, mas o que eles não queriam era enfrentar aquela fila enorme no dia da eleição e ainda por cima perder o voto, serem chamados de Jacu. Quando ouvi isso, meus amigos, tratei logo de ir a Itagi e forjar uma pesquisa na qual lógico, eu estava na frente. E assim todos passaram a querer votar novamente em mim. Eles nem se tocaram que a pesquisa era do

município de Itagi, referente ao Dr. Olival Andrade e o Padre João. – Relatou Manoel Ribeiro.

Naquele momento Nogueira passou a admirar mais ainda aquela mente maquiavélica, mas somente a mente, pois na verdade o vereador tinha um segredo, onde a figura do Coronel não se apresentava tão inteligente assim, como se apresentou naquele momento.

Todos ficaram atentos às palavras de Manoel Ribeiro e por alguns instantes o ambiente da reunião tornou-se frio e pesado, pois toda reunião política de bastidores é acompanhada por certo teor de maldade e clima sombrio, onde os homens arquitetam tomar o poder e dominar outros homens, nem que para isso, seja preciso passar por cima dos valores e princípios humanos. Assim, continuava com a palavra o Coronel:

- Ora meus amigos! Não devemos nos preocupar com essas coisas. Sempre fomos nós que ditamos o que esse povo, melhor dizendo, povo não, massa de manobra. Sempre fomos nós os poderosos, donos do sistema: que transmitimos a massa o que é certo e o que é errado. O que é cultura e o que não é cultura, como eles devem ou não se comportar. Como eles devem pensar, ou seja, são um bando de bonecos, fantoches guiados por nós.

A fala do Coronel encheu de animo Nogueira que aproveitou para disser algumas palavras:

- Eles nunca saberão que o fato de os esgotos passarem na frente das suas casas é por nossa causa. Nem vão imaginar que aquele esgoto existe ali, porque o dinheiro que era para construir o sistema de esgoto desta cidade está aqui empenhado nesta casa. O querer desse povo é o nosso querer. São um bando de programas formatados por nós que fazemos parte do topo da pirâmide social desta cidade.

- Posso fazer uma pergunta senhores? – interrompeu Zé Preto.

- Por que a política promove essa miséria toda para o povo?

- É simples, quanto mais o povo estiver na miséria, eles não nos incomodarão e nem pensarão nessas coisas de política, porque estarão lutando para sobreviver, estarão se virando para não morrer de fome, deixando de lado as questões sociais e políticas – respondeu Nogueira que foi aplaudido pelo coronel.

- E no país como esse meu amigo, só se ganha a política, o político que trabalhar em cima dos analfabetos políticos – complementou Nogueira.

- A conversa está boa, mas preciso voltar ao sítio – se despedia o coronel – Me mande notícias de qualquer coisa. E Nogueira, procure o professor e o neutralize, antes que ele invente de entrar na política. Você já sabe o que fazer Zé, você já sabe do combinado, caso a conversa de Nogueira com o professor falhe. Você já sabe o que fazer, não é mesmo? Bem pessoal, preciso ir. – Manoel se despediu de todos, menos de Fortunato. Fortunato ficou muito decepcionado consigo mesmo, saiu da reunião sem que os outros o visse.

O vereador Nogueira sabia que, ali, era só o começo da batalha, precisava partir para a segunda etapa, tentar conversar com o professor Emanuel e tentar trazê-lo para o seu grupo, o que na verdade não era uma tarefa fácil, todavia, já havia mexido seus pauzinhos e acreditava que tudo ia dar certo. Tudo estava correndo de acordo aos combinados.



CAPÍTULO 23

Apesar de toda jogada de bastidores dos homens políticos de Quero-Quero, o fato era que a Associação criada pelo professor Emanuel, já tinha mais de 800 associados. Logo após o terceiro mês da Associação, as pessoas começaram a notar os frutos e a padaria fora criada, nela trabalhavam 10 pais de famílias, que agora, já podia sustentar seus filhos com o mínimo de dignidade, sem se falar que na padaria da Associação existia uma cadeia sustentável e solidária da economia. Os ingredientes para fazer o pão eram comprados na mão de mais três associados que orientados pelo professor montaram uma mercearia e vendia os produtos necessários a produção dos pães, outros orientados também pelo professor, compraram motos e agora levavam o pão da padaria para a Zona Rural e ganhavam para realizar esse trabalho. Diretamente a padaria gerou dez empregos, entretanto indiretamente, já empregara mais de oito. As consciências das pessoas começaram a melhorar e Emanuel resolveu acumular mais três meses e agora pretendia criar uma confeitaria para fabricar doces e revende-los, não só em Quero-Quero, mas em toda a região.

A Professora Glória sempre junto com Emanuel, apoiando-o em suas iniciativas. Tornou-se, não só uma namorada, mas uma companheira de todas as horas e com isso, o amor entre os dois aumentava e o desejo de querer ficar um com o outro se tornava sólido.

Os moradores de Quero-Quero, agora entendiam que o QUERER de Emanuel era o bem de todos e que o QUERER dos líderes políticos da cidade era, apenas, o bem-estar deles próprios. A “consciência” que outrora tinham, passou a ser substituída por uma nova consciência: baseadas nos princípios da verdade, solidariedade e união. O querer do povo de Quero-Quero passou a ser um querer de todos e para todos.

No meio disso tudo, existia a figura de José de Dina que sempre quis tomar o poder das mãos de Nogueira e de seu partido político e quem sabe a partir daí, realizar uma administração mais justa, onde o dinheiro dos impostos do povo pudessem retornar em obras que contemplassem os anseios de seus contribuintes. José via no professor a solução para seus problemas. O partido ele já tinha, faltava apenas fazer o convite e se o professor aceitasse era vitória na certa. Precisava sentar e conversa com Emanuel, “isso era para ontem” pensava José. Era simples, o professor aceitava. José o colocava na chapa junto com ele, Emanuel: Prefeito; José de Dina: vice. Com o carisma de Emanuel e os bons frutos daquela associação: o terreno estava fértil, bastava apenas, jogar as sementes e colher os frutos. Imaginou-se como vice-prefeito, pelas ruas de Quero-Quero, visitando casas de pessoas carentes, ouvindo-as, anotando os seus problemas, buscando recursos e solucionando os seus problemas. Via também o seu parceiro Emanuel como Prefeito dando discursos lindos e motivadores, sendo aplaudido pelas multidões, sendo carregado pelo povo. Conseguia imaginar também a Família Ribeiro indo embora e deixando em paz aquela população. Por fim, imaginou pessoas novas entrando na política, novos partidos, novas figuras imbuídas de ideais diferentes, viu a realização de eleições mais nobres, onde os votos eram disputados tendo como base as propostas e os debates, e não mais, na compra de votos e no cabresto dos cargos públicos e das famílias empregadas pela prefeitura.

A vida toda José sonhava com essas coisas e agora, via que era a oportunidade perfeita para mudar tudo aquilo, pois a cidade agora tinha um nome: Emanuel. Um nome puro, onde os adversários não tinham como argumentar ou falar algo contra aquele nome. José viajava em seus pensamentos. De repente se aproximou dele, Zé Preto.

- Bom dia, José! – cumprimentou Zé Preto.

- Bom dia, Zé Preto! É uma surpresa vê-lo aqui a conversar comigo! – respondeu ironicamente, José de Dina.

- Que é isso, xará. Não é porque apoiamos partidos políticos diferentes que devemos ficar sem nos falar! – falava Zé Preto de forma irônica também.

- Só acho um milagre você está aqui. E o prefeito Fortunato ficou sem segurança foi?

- Ficou não, ele está com Nogueira na Prefeitura. Acho que com o vereador Nogueira, Fortunato se sente mais seguro que comigo – falava Zé Preto, sentando-se próximo de José que estava em um banco da praça. Zé preto foi no seu bolso pegou um cigarro, ascendeu e começou a fumar.

- Você sabe que não gosto de você não é, Zé Preto? Independente de Política. Nunca vou esquecer aquela arma que você apontou para minha cabeça na última vez que entrei em discussão com o prefeito na praça da feira. Onde já se viu, um homem negro, que não tem consciência de suas origens e que agora, só porque tem um empreguinho, acha que é um branco, fala como branco, come como branco e o pior pensa como um branco. Você é uma desgraça para nossa descendência, Zé? – José falava isso, pois era negro também, como foi dito: sua mãe, Dona Dina era mãe de Santo e seus descendentes são todos africanos.

- Fazer o quê não é xará, como dizem as pessoas: “a necessidade faz o ladrão”, pois é: assim foi comigo. Mas não vim aqui para discutir com o irmão. Vim porque queria ver o professor.

Quando falou isso, José de Dina se levantou mudou de semblante e em outro tom perguntou: – Você não está pretendendo fazer nada com o professor não, não é, seu miserável? Pois se estiver pensando em algo, vamos nos desgraçar é agora mesmo, aqui, nesta praça, seu covarde! – falou alterado José que já estava com os punhos fechados e cara a cara, testa com testa com Zé Preto.

- Calma, rapaz! Não vou fazer nada com o professor. Até mesmo porque já somos amigos. É melhor você sentar e ficar calmo. Não me venha com essa valentia toda, me julgando, você sabe que estou onde estou e faço o que faço, porque em um momento de dificuldade na minha vida o senhor Fortunato me estendeu a mão – disse Zé Preto olhando nos olhos de José de Dina.

- Você está cego, e é um puxa saco de primeira, Zé Preto. Todo mundo em Quero-Quero conhece tua história. É por isso que andam dizendo por aí, que se chutarem o saco do prefeito Fortunato, o pé de quem chutar pegará bem na tua boca.

- Não precisa ofender e nem falar besteiras – se irritou Zé Preto.

- Não é falar besteiras. É falar a verdade. Vamos ver sua história? Primeiro, você trabalhava na Fábrica de Pedição, seu Juvenal lhe humilhava fazendo com que você pedisse dinheiro e valores as pessoas, usando você como uma espécie de extensão da mão dele e da vontade dele, ou seja, ele mandava você ir perdí no lugar dele, depois ficava com a maior parte do lucro e lhe dava o mínimo de tudo que você arrecadava. Depois você vacilou com Manelão Branco e quase morreu. Por fim, tentou pedir emprego, não conseguiu, pois o próprio Fortunato te negou e quando você foi matá-lo, ele com medo de morrer, tornou lhe enganar, dando-lhe dinheiro e arrumando esse emprego de segurança. Se você fosse mais inteligente, veria que os dois lhe usaram. E ainda usam, pois segurança serve de escudo, se forem matar Fortunato te matarão primeiro!

- Você está é falando besteira, José, pois está com inveja de mim e do meu emprego, isso sim.

- Coitado de você Zé Preto, olhe além, homem! Juvenal lhe usou e Fortunato também!

- O senhor Fortunato é muito grato comigo se você quer saber.

- Você acredita que ele se preocupa com você? – perguntou José de Dina.

- Claro que sim, ele me paga em dia e às vezes me dá umas horas extras. Se isso, não é consideração e preocupação não sei o que é! – respondeu ironicamente.

- Realmente nunca vai saber. Ele só pensa nele, homem. Pense um pouco: ele só te deu esse dinheiro e esse emprego, pois ficou com medo de você matar ele. Naquele momento e até hoje, ele só pensou nele e não em você. Ele usa o emprego e o dinheiro para lhe iludir e lhe cegar para que você não enxergue a verdade – desabafou José de Dina.

- Não importa o que você me fale, xará. Serei sempre grato ao seu Fortunato. E sei que vocês da oposição têm muito blá blá blá e o Coronel já nos orientou a não lhes darmos ouvidos. E não vim aqui conversar com você. Vim para que mande um recado para o Professor, diga a ele que Nogueira quer vê-lo o quanto antes. Era apenas isso que vim lhe dizer. Agora, deixe-me ir embora, pois ouvi demais, não sou homem de muita prosa, só aguentei te ouvir mesmo, porque Nogueira pediu que não fizesse nenhuma besteira até passar as eleições. Se não, já tinha metido uma bala na sua cabeça, grande. Pensa que comi sua pressão quando se levantou e veio me afrontar, pois, agradeça a Deus por eu ser um cara fiel, se não, desrespeitaria as ordens do vereador Nogueira e lhe enfiava uma bala nessa tua cabeça preta. Vai se empolgando com o professorzinho, só não quero ver você chorando, novamente, decepcionado com a derrota deste ano – por fim, ameaçou – a eleição vai passar, depois dela a gente se vê! Não se preocupe: antes das eleições vou resolver um negócio com um antigo inimigo, depois das eleições resolvo com você. Imbecil!

José de Dina ficou todo escabreado, depois das palavras estranhas ditas por Zé Preto, ele estava disposto a morrer pelo professor, mas aquele recado de que Nogueira queria ver Emanuel o intrigou “o que quer Nogueira com o professor? Deve estar que-

rendo apoio político, mas Emanuel não irá apoiá-lo. Entretanto a necessidade faz o ladrão. E se Emanuel estiver precisando de alguma coisa, afinal está namorando a Professora Glória podem querer se casar, ter uma casa, salários melhores. Eu preciso agir logo, não posso deixar Nogueira chegar primeiro que eu”, José estava preocupado em seus pensamentos, precisava tomar uma atitude logo, conversar com Emanuel o mais rápido possível, ou Nogueira poderia levar o professor para seu partido de merda.

José levantou-se do banco da praça e foi na direção da casa do professor Emanuel. À medida que andava, ficava mais preocupado e angustiado, pois além da insegurança colocada em sua cabeça por Zé Preto, o mesmo tinha medo de perder Emanuel para a oposição e além do mais, correr o risco de perder a política e a própria vida, pois entendeu o recado dado por Zé Preto. Como diria o ditado popular: “Para um bom entendedor, meia palavra basta”.

CAPÍTULO 24

Havia um movimento na mercearia do senhor Abdias. Alguns alunos do Professor Emanuel estavam tentando convencer algumas pessoas ignorantes a entender o que falava o professor nas reuniões. Mas que estava difícil: estava!

- Por que você agiu com ignorância com o professor àquele dia na reunião, Beto? – interrogou um dos alunos.

- Agi mesmo! Ora, ele ficou nervoso com nós, porque nós recuamos na frente da prefeitura e não aponhamos José de Dina, naquela manifestação que teve no ano passado – respondeu Beto.

- Oxi, onde já se viu rapaz! – falava Dorival – só porque nós vimos que ninguém era parente do prefeito. Aí, ele vem com aquele negócio de que a gente precisava acordar para a vida. Oxi, e todo dia nós num acorda, não é? Oxi, parece que é besta! Ele quis dizer que nós fica é dormindo o tempo todo é? – falava exaltado Dorival.

- Calma seu Dorival, não foi isso que o professor estava falando! – tentava explica Marta.

- Onde já se viu rapaz! Ameaça agente daquele jeito, ele tinha era que ser xingado mesmo – falou Ozório.

- Ameaçar?! Quando o professor ameaçou vocês, pessoal? Eu não estou lembrado dessa parte não. Quando? – dizia Lucas assustado com aquela afirmação de seu Ozório.

- Tu lembra Dorival. Quando ele disse que o Prefeito nos enganou, até ai tudo bem! Até aí, eu fiquei tranquilo! Agora quando ele veio com aquele papo de que a gente precisava abri nossas mentes, eu fiquei cismado! – falou Ozório.

- Ai! Depois vem com aquele negócio de que nós tava tudo cego, que nós num enxergava nada! – falava Dona Chica.

- Mas não foi isso que ele quis dizer não, Dona Chica – procurava acalmar a discussão com aluna Marta.

- Foi por isso que eu falei logo: “cega é tua mãe misera, fi duma égua!” – disse Beto com ódio no olhar.

Quando ouviram a fala de Beto, os alunos acharam melhor ir embora, pois perceberam que se ficassem ali, estariam dando “murro em ponta de faca”, como diria os mais velhos. Beto estava nervoso e achando que tinha toda razão pelo seu ato. Dona Chica estava revoltada, dentro de sua razão e Seu Ozório, já tinha mais de 50 anos, era ranzinza e pão duro. Os alunos perceberam que as ideias do professor não iriam entrar naquelas cabeças, já que já estavam formadas. Daí, perceberam que nem todos querem conhecer a verdade, ou nem todos estão preparados para conhecer a verdade. Entristecidos Marta, Lucas e Paulo acharam melhor ir para casa. Mas nem por isso a discussão acabou. Dona Chica, seu Ozório e Dorival continuaram a discussão e a prosa:

- Dispois vei com aquela loucura, dizendo que nós tinha que se libertar da alienação política – falava Dorival que olhou para Dona Chica – E eu lá estou preso, Chica! Tu tá me vendo eu preso, seu Ozório! E eu sei lá que delegacia é essa tal de alienação política! Tu sabe donde é que fica, Abdias?

- Eu não sei nem onde é que eu tô. Ainda mais isso! Oh, meu Deus! Aí minha mente não aguenta! – falou um bêbado que estava sentado em uma mesa tomando uma cana.

- Foi aí que o maluco do José de Dina amiaçô nós com aquele negócio: “Vocês têm que abrir as mentes de vocês, ou vai ser preciso pegar um machado para abrir a cabeça de vocês. Para vocês puderem enxergar a verdade”. Quando ele falou aquilo, eu não contei e sai logo. Tu é doido! Se eu não saísse correndo, era arriscado aquele povo todo que tava ali, abrir nossas cabeças com o diabo do machado! – falou seu Ozório revoltado e com semblante de medo.

- E ainda com uma conversa bonita que dispois da machadada, nós ia inxergar a verdade. Como? Dispois de morto! Inxergar mais o quê? Uô! – finalizou Dona Chica.

Após a fala de Dona Chica, entrou mercearia a dento, Dona Filomena dos Medos com olhos atentos. Foi até seu Abdias e pediu um quilo de arroz, dizendo ao Dono da mercearia que ele não ficasse de mal com ela não, que ela iria pedir um real a mãe dela e que depois pagaria o arroz e depois ficava de bem com ele de novo. O comerciante, assustado, mandou que ela pegasse o quilo de arroz e que não precisasse pedir um real a mãe dela não e que ambos já estavam de bem. A mulher perturbada sorriu para seu Abdias e lhe disse: – Agradecida, seu Abdias! – depois saiu da venda feliz da vida, em vez em quando ela olhava para trás dava um sorriso para os que estavam dentro da venda e agradecia a todos por estarem de bem novamente.

Naquele momento seu Ozório falou:

- Coitada desta mulher! Vive a vida assim: sempre a dizer as mesmas coisas o tempo todo.

- É triste vê-la assim, perturbada, desolada e fora da realidade! Coisa triste é viver assim. – falava Dona Chica compadecida da situação de Filomena.

- A coitada vive assim, nesse mundo dela, nessa ignorância que chega da pena – Dorival dizia essas coisas com lágrimas nos olhos.

- Realmente gente. Às vezes sinto muito pena dela. Uma mulher bonita, simples – afirmava o dono da venda. Abdias pegou alguns copos para lavar na pia da mercearia e deixou os três a conversar no balcão.

- A pior coisa do mundo é a pessoa viver numa vida dessas e achar que tudo é normal, viver numa ilusão besta. É coisa triste viver uma realidade que não é a verdadeira – falou Ozório.

- Vê se pode uma pessoa assim, num pensa, num vive. Só fica ali naquele mundo dela. E se a gente for falar como é a vida. Hum, é arriscado fica valente e disser que a gente tá errado – relatava Dorival.

- A verdade é que se a gente for tentar falar para ela a verdade da sociedade e da vida, é arriscado ela num entender nada por causa da ignorância – falava abismada Dona Chica.

- É aí que tá! Pode até interpretar mal nós e ainda por cima querer nos agredir, ficar nervosa e até chamar a gente de: misera e fi duma égua – dizia Beto.

- É complicado! Imagine o quanto de gente assim tem no Brasil? – indagava seu Ozório.

Depois os três se entreolharam, pegaram seus copos de pinga. Beberam ao mesmo tempo. Depois, olharam-se, novamente e disseram ao mesmo tempo:

- É rapaz! Ô coisa feia é gente ignorante e besta!

CAPÍTULO 25

Fortunato estava na Prefeitura fazendo algumas assinaturas. Quando seu secretário e chefe de gabinete, Abelardo, entrou na sala do gabinete e falou com o prefeito que Dona Zéfa queria conversar com ele. “Meus Deus será que aconteceu algo com meu pai?” pensou Fortunato. Rapidamente solicitou de Abelardo que mandasse Zéfa entrar. Abelardo, prontamente, atendeu ao pedido do Prefeito. Saiu da sala e foi chamar Zéfa. Fortunato ficou sozinho por alguns instantes na sala, pensou nas eleições de Nogueira e sentiu-se aliviado, pois era o último ano do seu mandato. Na verdade Fortunato nunca gostou muito de política, todavia precisou fazer parte dela por causa do seu pai. Um homem que ele estimava muito, não só pela história em Quero-Quero, mas também, por causa da idade. Sabia das injustiças provocadas e cometidas por seu pai no passado, entretanto apesar de ter consciência das injúrias do pai, ainda assim, o amava.

A porta do gabinete se abriu e Abelardo apareceu com Dona Zéfa, depois fechou a porta e deixou-a sozinha com Fortunato. O prefeito se levantou da cadeira, rodeou a mesa e foi ao encontro de Zéfa, cumprimentou-a com o mesmo beijo na testa e com o mesmo afeto que tivera com ela na casa de seu pai. E sempre foi assim. Desde que sua mãe morreu, Fortunato via em Zéfa seu porto seguro, ela representava bem o papel de mãe, apesar de não ser membro da família, era uma amiga e Fortunato sempre considerou com membro da família Ribeiro. Após cumprimentá-la, Fortunato pediu que ela sentasse em uma cadeira que estava do outro lado da mesa. O prefeito fez questão de pegar a cadeira e colocar para que Zéfa sentasse.

Zéfa observava tudo atenta, conhecia Fortunato desde criança e sempre via nele algo de diferente do pai. Apesar de ser filho de Manoel Ribeiro, não tinha nada dele, sentia orgulho de Fortunato, não porque ele se tornou prefeito de Quero-Quero, mas sim,

pelo que ele era enquanto ser humano. A mulher se emocionava ao ver que aquele garotinho que ela brincava no colo, tornou-se um homem bom.

- Pode falar Dona Josefina. Aconteceu algum problema com meu pai? – indagou o Prefeito.

- Não meu filho. Seu pai está bem e muito bem, já ouviu dizer que “vaso ruim não quebrar”, pois é, aquele ali vai viver muito ainda – falou Zéfa sorrindo e recebendo o sorriso de Fortunato. Ambos sorriram por causa da piada que Zéfa havia feito. Realmente seu pai era forte como um touro e com certeza não quebraria agora.

- Então, diga-me a honra da visita? – perguntou Fortunato.

- Passei apenas para lhe ver e vê sua sala que ainda não tinha visto. Já faz três anos que você é prefeito dessa cidade e ainda não tinha vindo aqui. Mas hoje, resolvi vir à cidade comprar algumas coisas que faltaram lá na casa, então, resolvi visitar você que depois daquele dia, também não apareceu mais por lá. O que houve?

- Alguns probleminhas, Dona Zéfa! Acho que acabei decepcionando meu pai. Fiz algumas coisas erradas que ele não gostou.

- Sei. E por isso, resolveu se afastar um pouco, pois não queria olhar para ele, depois dos erros cometidos.

- Exatamente, minha cara, Zéfa. Exatamente – levantou-se, foi na direção de uma garrafa térmica e pegou um pouco de café para ele e a senhora.

- Agora entendi porque o Coronel está entocado dentro daquele quarto e quase não sai pra nada – falou Zéfa com a mão no queixo, pensativa.

- Verdade? Ele está ficando mais dentro do quarto? Então o que eu fiz foi grave. Minha nossa não queria machucá-lo tanto Zéfa! – disse preocupado o jovem Fortunato.

- Não se preocupe meu filho. Você não fez nada de errado. O problema não é você: é seu pai.

- Como assim? – perguntou surpreso.

- Seu pai sempre foi um homem muito obcecado pelo poder, Fortunato. O QUERER do seu pai é ver todos aqueles que estão ao seu redor obedecendo às ordens dele o tempo todo. E ele também é muito preconceituoso, egocêntrico, julga os outros a partir dele. Ele só acha bom: as pessoas que se parecem ou pensam como ele, aqueles que não comungam das ideias dele, ele acaba descartando. Veja a paixão que ele tem por Nogueira, ele consegue se vê em Nogueira.

- Isso é verdade Zéfa. Meu pai tem dessas coisas, mas ainda assim, eu o quero ver bem.

- Porque você é um homem bom, Fortunato. E sua bondade infelizmente, não deixa você enxergar uma verdade.

- Que verdade Zéfa?! – perguntou curioso.

- Todos os seres humanos desejam e querem alguma coisa. Alguns querem ficar ricos, outros querem viver longe da cidade grande, outros querem uma mulher bonita e assim vai... todos os homens desejam coisas e quando estão obcecados pelos seus desejos e quererem são capazes de fazer qualquer coisa para chegarem a seus objetivos.

- Ainda não entendi aonde você quer chegar, minha querida Zéfa?

- Olhe para mim, meu maior QUERER, é querer o bem para aqueles que amo. Vivo minha vida a fazer o bem a seu pai, a você e os meus sentimentos e ações são voltados a esse meu querer, é ele que me guia e me faz ser o que sou.

- Muito bonito o que você falou agora. Fiquei emocionado de verdade. É bom saber que você me ama, pois também sinto o mesmo por você, Dona Zéfa.

- Me diga filho. O que você mais quer nesta vida? Fortunato parou por alguns segundos, olhou para Zéfa, sorriu. Depois comentou:

- Quero ser artista plástico, Zéfa. Esse é meu maior desejo. Você sabe que sempre tive dom para o desenho e a pintura, mas infelizmente, meu pai nunca me deixou seguir em frente com o meu desejo. Por isso, optei por estudar política e me tornar prefeito, só para não o decepcionar. Abdiquei de meu QUERER para satisfazer o querer dele.

- É sobre isso que estou lhe falando, Fortunato. O QUERER do seu pai é o poder absoluto sobre todos, inclusive você. De tanto ele querer que você realizasse o querer dele, ele não levou em consideração o seu querer. A pergunta é: será que valeu a pena abdicar do seu desejo para satisfazer o querer do seu pai?

- Acredito que não. Olha só, hoje estou prefeito, fiz tudo o que ele quis que eu fizesse e por um ou dois erros, agora ele está chateado comigo. Deu no mesmo pra mim. Não queria decepcioná-lo, acabei o decepcionando de qualquer jeito, mesmo me tornando prefeito de Quero-Quero.

- Será que você o decepcionou? Ou ele mesmo se frustrou diante da expectativa que ele criou de você?

- Não entendi, como assim?

- Seu Pai é tão obcecado, meu filho, que em momento algum ele lhe viu como você é. O tempo todo Manoel forçava uma imagem sua que não era a sua, mas que ele gostaria que fosse. Ele sempre quis um Fortunato esperto, pilantra, ambicioso. Ele quis, mais quis tanto, que na verdade, ele foi alimentando e projetando na mente dele esse Fortunato. Era esse Fortunato que ele queria, entretanto, ele ficou tão focado nisso, que se esqueceu de olhar o verdadeiro Fortunato. Ele esperou que você fosse se torna aquilo que ele queria, quando ele percebeu que você era diferente. Ele se frustrou com a expectativa que ele criou, mas não com você.

Ao ouvir as palavras da índia, Fortunato sentiu-se melhor.

Começou a perceber algo que antes não percebera: “Ele nunca decepcionou o pai dele, mas o próprio pai havia se decepcionado com a imagem e a expectativa que criara em cima da figura dele: Fortunato”. A conclusão lhe deu um alívio que parecia que havia tirado um fardo de 500 quilos das costas e da consciência, sentiu-se leve, sentiu-se em paz. Olhou para Zéfa e exclamou a palavra que representa a essência da liberdade:

- Verdade!

- Por isso que ele está lá, agora, dentro do quarto triste. Ele não está triste com você, está triste consigo mesmo. Na verdade, ele está sem entender o que aconteceu, ao mesmo tempo em que ele “acha” estar decepcionado “com você”, ele está agoniado, pois apesar de estar chateado, no fundo no fundo, ele sente amor por você. Está confuso, pois não sabe que se decepcionou com a imagem que ele projetou e esperou de você, mas não com você.

- Você é muito sabia. Estou até agora surpreso com sua sabedoria.

Zéfa era descendente de índios, sua mãe era índia, vivia numa tribo próxima de Quero-Quero, passou sua infância e adolescência adquirindo a sabedoria dos índios de sua terra. Sempre entendeu que o homem branco, sofre e vive doente por causa da própria sociedade que criou. As preocupações dos homens brancos são com coisas tolas: poder, status, dinheiro. Tudo isso, traz preocupações a mente dos homens brancos, enquanto os índios convivem com a natureza e adquirem sua sabedoria a partir dos exemplos dados por ela. Zéfa observava a realidade dos homens brancos do lado de fora da sociedade deles. Zéfa observava que os homens brancos viravam escravos das próprias coisas que criavam. Via que o homem criava as profissões e os status sociais, depois viam como os homens se comportavam em relação a essas criações. Uma vez viu um vereador utilizar de seu

status para humilhar um cidadão comum, depois viu esse mesmo vereador, corromper seu espírito e sua alma, utilizando-se de falsidade, corrupção e desvio de dinheiro para continuar sustentando sua posição social. Depois viu o mesmo vereador, adquirir um câncer no fígado e gastar muito dinheiro para se manter vivo, mas infelizmente faleceu da doença, tudo fruto do status social, da posição de vereador. Os homens criam os status sociais, depois passam a se tornar dependentes e escravos daquilo que eles mesmo criaram, a ponto de se corromperem e viver suas vidas preocupados vinte quatro horas do dia, tentando: ou manter o seu emprego e status, ou procurando tentar ser o melhor naquilo que faz, para poder mostrar aos outros homens que ele é mais capaz, que é mais importante que o outro. Mas Zéfa também viu, que quando esses homens morriam, no caso do vereador; percebia que aquela correria toda era para levar a nada, pois os mesmos homens que o vereador tentava impressionar, foram ao seu enterro, o observaram no caixão e depois foram embora, sem mais delongas.

- E tem mais meu filho: Você deve seguir e tentar realizar o seu QUERER, pois vai chegar um dia em que Manoel Ribeiro irá desaparecer da face desta terra, e aí? Ou você continuará abdicando seus quereres e desejos para cumprir os dele? Se ele não existir mais, fará sentindo você seguir o querer e a vontade do seu pai? Já que esses quereres e vontades nunca fizeram parte de sua essência?

- Acho que não. Você tem toda razão. Nunca tinha parado para pensar nisso.

- Pois é, mais tarde você pode querer arrumar mulher e filhos e aí? Você vai querer que sua mulher e seus filhos sigam, tenham atitude e se orientem pelo querer de seu pai? Ou eles terão o direito de decidir o que eles vão querer para suas vidas?

As palavras de Zéfa entraram no coração de Fortunato com uma solidez que nunca tinha sentido antes. O prefeito abraçou

aquela mulher que para ele era como se fosse uma mãe. A mesma o abraçou dando-lhe conforto materno. Enquanto estavam abraçados, entrou na sala, novamente Abelardo dizendo que Nogueira queria ver o prefeito e que era para Fortunato ir até a casa dele e que era urgente. Fortunato olhou para Zéfa, depois se virou para Abelardo e disse:

- Não. Diga a Nogueira que não irei na casa dele. E que mande o vice-prefeito assumir, pois a partir de agora em diante: não serei mais prefeito de Quero-Quero!

Abelardo se assustou e ficou sem entender aquelas afirmações. Fortunato beijou o rosto de Dona Zéfa, olhou-a nos olhos e disse:

- Obrigado! – Deu um grito longo, empurrou Abelardo e saiu cantando.

Abelardo ficou sozinho com Dona Zéfa. Olhou para ela e perguntou:

- O que será que aconteceu com ele? Será que está ficando louco?

Zéfa respondeu olhando para Abelardo:

- Fortunato nunca esteve tão lúcido em sua vida quanto hoje.

Zéfa respondeu Abelardo e depois saiu com sua sacola em mãos. Agradeceu a Abelardo pela educação, depois foi saindo com um olhar e um sorriso de satisfação. Abelardo sem entender o que estava acontecendo achou melhor fingir que não escutou nada e nem viu nada, de qualquer forma, alguma hora alguém ia sair falando que Fortunato abandonou a prefeitura de Quero-Quero e ele não queria ser o primeiro a anunciar essa notícia. Fechou a porta do gabinete e voltou para a sala anterior ao gabinete e continuou a fazer seus afazeres, fingindo que nada aconteceu.



CAPÍTULO 26

Era um finalzinho de tarde quando José de Dina foi caminhando em direção à casa do Professor. Sua casa ficava numa rua apertada e também não era uma casa muito grande, já que Emanuel morava sozinho. Quando foi chegando próximo a residência do Professor, José de Dina avistou a Professora Glória saindo da casa de Emanuel, os dois se despediam com um beijo no passeio da casa. José se aproximou meio acanhado e lhe falou:

- Não querendo incomodar, professor! Mas gostaria de ter um dedinho de prosa com o Senhor. Tem como?!

O Professor acenou dizendo que sim com a cabeça. Deu seu último beijo em Glória. A mesma se despediu de Emanuel e José, deixou-os a sós e seguiu em direção a praça principal. Disse que iria tomar um sorvete, depois iria para casa. Emanuel acenou com a cabeça e disse que estava tudo bem. À noite eles se viriam na reunião da associação.

O professor convidou José para entrar. Fecharam à porta, os dois foram para cozinha tomar um café. Emanuel puxou a conversa:

- Pois não, Zé! Sou todo ouvido. O que está te preocupando? Chegou meio abafado, meu amigo!

- Professor é o seguinte: Como o senhor sabe, já tentei tirar essa corja de ladrões da prefeitura, entretanto nunca ganhei uma eleição por aqui. Talvez porque os meus candidatos a prefeitos não formavam muito a opinião do povo...

- Onde você quer chegar, Zé, adiante-se, meu caro!

- Bem. O senhor está com essa Associação agora, fazendo tanto por esse povo. Que pensei que o senhor poderia ser meu...

- Seu candidato a prefeito. – Complmentou Emanuel. Levantou-se e foi pegar duas xícaras. Os olhos de José, encheram-se de esperança “Ele vai aceitar!” pensava José, numa expectativa

que parecia um menino quando quer um doce e alguém sai para buscar. Emanuel trouxe as xícaras, pôs o café nelas. Olhou para José, sorriu e respondeu:

- Não posso ser seu candidato a prefeito, José.

O semblante de José mudou de uma hora para outra. O homem ficou pálido, amarelo, suas sobrancelhas arquearam sobre a testa, a boca ficou aberta como se fosse dizer uma sílaba. Por fim, balbuciou alguma coisa:

- Com... como assim, professor. O senhor não quer ser nosso candidato? – perguntou José sem acreditar no que ouvia.

- Exatamente isso que você ouviu Zé.

- Mas porque não, professor? O senhor é um homem respeitado na cidade, ajuda a comunidade, é honesto e verdadeiro. O povo lhe adora e confia em você. O senhor está fazendo por esse povo o que nenhum deles da administração fez em toda história de Quero-Quero. Porque não?

- Porque não quero Zé.

- Mas o senhor mesmo diz que é um apaixonado pela política e que já estudou esses estudiosos todos de política. Como uma pessoa que ama a política quer ficar fora dela?

- Falei que não quero ser prefeito de Quero-Quero. Não falei que quero deixar de ser político.

- Agora, é que endoidou tudo. Não estou entendendo o que você está falando, Professor?

- Entenda Zé. Existe a Política que é maior e a política partidária que é uma parte da política, e ainda temos na política partidária: a politicagem.

- La vem você com seus argumentos. Só estou lhe pedindo que nos ajude a livrar nossa cidade dos políticos corruptos Emanuel! Por favor, nos ajude. Estou suplicando! – falava José numa angustia que dava dó.

- Você acredita que a corrupção está lá, no topo, naqueles que representam o poder, José? Se pensa assim, está muito enganado. A corrupção está em todo lugar. O povo reclama que Fortunato, Nogueira e Manoel Ribeiro são um bando de corruptos, mas e eles, o povo? Será que são todos éticos e virtuosos?

- O que você está dizendo?

- Estou dizendo que as pessoas costumam apontar e chamar de corruptos somente os que estão no poder de uma comunidade, cidade, estado ou país; entretanto, se esquecem que, quem coloca esses corruptos lá: são eles mesmos. E que esses corruptos que estão no poder agora, nada mais são do que o reflexo do próprio povo que os colocou lá.

- Como assim?

- O povo reclama do político que só quer levar vantagem com o dinheiro público. Mas às vezes quando estão na fila do banco, essas mesmas pessoas, cortam a fila para poderem ser atendidas por primeiro. Outrora, o prefeito Fortunato arruma o leite das escolas que devem ser distribuídos, sendo um litro por família, aí o “cidadão” vai lá, chama a merendeira no canto e pedi três litros para levar para sua casa. Quando não é isto, ficam nas portas dos vereadores pedindo que lhe paguem a água e a luz, sendo que possuem dinheiro em casa. E quando o vereador pagar os impostos da água e da luz, o povo pega o dinheiro que estava guardado e vai tomar de cachaça. Achando que passou a perna no político. O ato de trapacear não é um ato de quem é corrupto? Como você pode ver: em todos esses atos que acabei de lhe falar o povo está praticando corrupção. E ainda tem mais, com o ranço do espírito corruptível de “querer levar vantagem”, ou seja, seguindo o modelo dos seus líderes políticos, muitos do povo, vendem também seus votos aos políticos, prometendo a estes que em troca lhe darão o voto, mas depois acabam não votando e ficam rindo da cara do político, além de ficar contando vantagem nas esquinas por ter enrolado o político. Agora eu lhe pergunto:

isso são atitudes nobres e honestas? Ou são atitudes de pilantras, hipócritas e enganadores?

Quando o professor terminou sua explanação José de Dina estava arrasado com tamanha verdade. Começou a ver a corrupção como uma doença que se alastrara em todas as instituições sociais e em todos os indivíduos. Percebeu que até as crianças, às vezes, metem para poder ganhar um doce ou algo assim, já havia presenciado algo parecido. Ficou sem reação. Não sabia mais o que falar. Então uma ideia veio à mente: “se o professor sabia daquilo tudo, então ele poderia criar uma solução para o problema. E talvez sendo Prefeito poderia tentar acabar com aquilo”, pensava José de Dina. Olhou para Emanuel e novamente lhe pediu:

- Por favor, professor aceite a minha proposta. Já tenho o partido, basta apenas aceitar e o resto pode deixar comigo. Vou preparar toda papelada para a convenção e o lançamento do seu nome vai ser um sucesso. Será um nome que a oposição não terá o que falar, eles ficarão desarticulados e nossa vitória será esmagadora. Assim tiraremos os corruptos do poder. E Quero-Quero respirará novos ares e um novo tempo. Vamos, nos ajude, professor! – falou José com os olhos brilhando, acreditando numa nova resposta do professor.

- Já disse que não, Zé. – falou o professor.

- Então me explique como quer mudar a vida das pessoas de Quero-Quero, se não participar da política? – perguntou José já um pouco abafado e ficando nervoso.

- Como já estou ajudando, Zé. É como eu lhe falei sempre vou ser político, mas não quero participar da política partidária, pois esta divide as pessoas. Veja: Parte do povo se une e vai apoiar partido A; outra parte do povo vai apoiar partido B. O que acontece?

Começam a brigar entre si, quem é parente acaba ficando de mal do outro, é irmão contra irmão, pai contra filho: tudo por

causa da política partidária. O próprio nome já diz: partidária, que é de partido. Partido é uma parte, não é um todo. E devido ao espírito partidário, o povo continua desunido após as eleições, pois não tem a consciência de que o candidato que ganhou é prefeito de todos. Por isso, se criou essa ideia de jacu, para que os vencedores ficassem fazendo chacotas com a cara dos “perdedores”, e estes últimos tomassem mais raiva de seus irmãos e con-cidadãos, criando assim, as divisões, pois com as divisões é mais fácil administrar. Já que na cabeça do povo, está enraizado que só terão benefícios no governo, aqueles que ganharam, com isso o povo se acomoda e aceita que só aqueles que acompanharam o partido vencedor é que tem direito sobre as vantagens daquele governo. E com isso, não se vem como parte do governo e se esquecem de que eles continuam pagando impostos e alimentando os salários e cargos que os eleitos estão ocupando. Com isso, o Prefeito só trabalhará para os “seus” e aqueles que quiserem receber algum benefício tem que se humilhar e puxar o saco de quem ganhou, assim, o candidato que ganhou faz favores a este, e este agora, passa a ser “seu” também. Assim fica fácil governar e dominar o povo. Prefiro continuar com minha associação, Zé. Pelo menos nela as pessoas não precisam se humilhar, são todos ajudando todos, e o melhor sem dependerem dos políticos e com o tempo se beneficiarão com as políticas públicas do governo Estadual e Federal. Sem se falar que quando começam a se ajudar, passam a se amar novamente e se tornam amigos, que um dia a política partidária os separou.

José entendeu tudo que o professor lhe disse. Era tudo muito verdadeiro e sensato. Tudo muito simples e correto. Lembrou-se do que Zé Preto havia lhe dito. Olhou para o professor e viu que este não mudaria de ideia. O querer do professor era diferente do seu. José sempre quis tomar o poder daquela cidade e dar uma vida mais digna aquelas pessoas. Esse era o querer de José de Dina. Alimentou este querer, tantos anos, e agora via que esse

querer não poderia entrar em prática ou ser realizado. Mas outra coisa o incomodava e não era o seu querer ou a não realização dele. Agora o que lhe incomodava era as palavras de Zé Preto: “a eleição vai passar, depois dela a gente se vê! Não se preocupe, antes das eleições vou resolver um negócio com um antigo inimigo, depois das eleições resolvo com você. Imbecil!”.

Essas palavras agora o assustavam e causava pavor a sua alma. Pois se o professor não aceitou seu pedido, não tinha mais nome para lançar nas eleições, logo perderia para Nogueira. Nogueira ganhando, José de Dina estava novamente fora de usufruir do poder da sua cidade, e além do mais, com um novo problema: a ameaça de Zé Preto. Seu querer agora havia modificado, não queria mais tomar o poder da cidade, queria naquele momento: salvar sua vida, sua existência.

CAPÍTULO 27

Manelão Branco estava sentado em uma cadeira de rodas na varanda de sua casa, a tomar um pouco de sol, no finalzinho da tarde. Já fazia dois anos que Manelão Branco havia se acidentado: tentando matar um pássaro preto que havia pousado no fundo do seu quintal, Manelão Branco se feriu com a própria espingarda. Quando foi descer a escada para ir ao quintal, escorregou num dos degraus da escada que estava com uma parte molhada pela chuva e caiu. No que caiu, apertou o gatinho e atingiu o próprio pé, suas costas bateram com força num dos degraus da escada quebrando e fraturando um tendão de sua coluna e sua nuca bateu forte em outro degrau, levando-o a sofrer um traumatismo craniano, com isso, o mesmo perdeu os movimentos das pernas e mãos, assim como, a fala. Dona Esmeralda, sua esposa agora é que cuidava dele.

Com a feição perdida e olhar lançado ao nada, Manelão Branco observava a rua e algumas plantas que tinha na frente da casa num pequeno jardim. Ao observar as plantas percebeu um vulto passar entre elas. Ficou assustado, não podia se mexer, mais percebeu lá no fundo do seu inconsciente aquela cor. A figura foi se aproximando de Manelão Branco. O homem na cadeira de rodas começou a babar. Reconheceu o vulto. Queria puder levantar da cadeira e correr, mas não podia, não conseguia se levantar. Tentou virar a cabeça para chamar a mulher. Mas infelizmente a cabeça e o pescoço não obedeciam às ordens emitidas pelo cérebro. O vulto se aproximou de Manelão Branco, meteu uma bola de pano em sua boca. O parálítico tentava se movimentar e gritar, mas não podia. Olhava para a figura em sua frente, não sabia quem era, pois o vulto estava com uma máscara escura. O que sabia é que aquele indivíduo era da cor que ele não gostava: era preto. O homem puxou uma faca de cabo preto, sua lâmina possuía duas faces: a de cima era lisa e bem afiada; a de baixo

era cheia de dentes, como uma serra de dentes tortos. O vulto penetrou a faca de um só lance na barriga de Manelão Branco. O mesmo tentava se debater. Sentiu a dor profunda na barriga, junto com ela, olhou para baixo sem puder movimentar a cabeça, viu suas tripas saindo e sangrando por suas coxas em cima do calção azul. Depois sentiu novamente a mesma dor, só que agora do lado do peito. O vulto perfurava e cortava Manelão Branco como se fosse carne. Perfurou tanto o paralítico, até que o mesmo chegou a óbito. Depois do serviço feito, saiu correndo rua abaixo. Era final de tarde e boca da noite.

Quando Dona Esmeralda retornou com o café que viu a cena. Deu um grito tão alto que ecoou por toda a vizinhança, após o grito desmaiou e foi ao chão com xícara e tudo.

Minutos depois os vizinhos foram chegando socorrendo Dona Esmeralda. Ligaram para o Delegado João Mão Grande, o mesmo compareceu ao local em 5 minutos. Isolou a área e começou a realizar a perícia. Em uma hora de relógio Quero-Quero todo estava presente na frente da casa de Dona Esmeralda. Todos queriam saber o que aconteceu com Manelão Branco, que agora, se encontrava roxo, com os olhos perdidos no nada, com o coração e as tripas para fora. Uma coisa horrível de se vê. Ninguém sabia quem poderia ter feito aquilo com Manelão Branco. Era difícil de se decifrar, já que Manelão Branco possuía muitos inimigos, pois sempre batia nas pessoas que não eram brancas como ele e a maioria dos moradores de Quero-Quero ou eram negras e mulatas ou descendentes de índios.

O delegado João sabia quem foi o autor do problema, entretanto fingiu não saber. “Manelão Branco já deu muito prejuízo em Quero-Quero” pensava João Mão Grande. No meio da multidão apareceu José de Dina que quando viu o corpo de Manelão Branco, lembrou-se: “a eleição vai passar depois dela a gente se vê! Não se preocupe antes das eleições vou resolver um negócio

com um antigo inimigo, depois das eleições resolvo com você. Imbecil!”

José ficou aflito, viu as tripas e o coração de Manelão Branco, ali, expostos. Sentiu-se mal, foi para vomitar. O delegado o segurou e trouxe para trás da viatura. José vomitou bastante. Olhou depois para o delegado e disse:

- Dr. Mão Grande, o senhor sabe quem fez isto com Manelão Branco? – perguntou apavorado José de Dina.

O delegado o olhou nos olhos, baixou a cabeça. Pegou no ombro de José e o olhou novamente e disse-lhe:

- Sabe, meu filho. Há muito tempo sou delegado desta cidade. E sei de tudo que se passa em cada esquina, casa ou bairro deste lugar, consigo farejar o que é ruim a 500 metros daqui. E recentemente, estou muito triste, pois descobrir que não tenho mão abençoada. E vi que aqueles que dominam os outros homens, ou aqueles que possuem conhecimentos: esses sim podem influenciar nossos quereres. Descobrir também que durante toda a minha vida eu nunca fui eu mesmo. Sempre fui o que o senhor Nogueira e Manoel Ribeiro disseram que era para eu ser. E apesar de ter descoberto tudo isso, ainda assim não consigo ser o contrário. Não consigo ser o que eu queria ser. E sabe por quê? Porque tenho mulher e filhos e eles dependem desse delegado que seu Manoel Ribeiro e seu Nogueira ajudaram a construir. E esse delegado precisa do emprego para sustentá-los. Outra coisa que me deixou mais triste, foi quando eu descobrir que as minhas mãozadas “sagradas” que pensava eu, ser de vontades minhas. Não me pertenciam mais.

O delegado chamou José no canto e falou-lhe baixinho no ouvido:

- Aqui para nós, meu filho. Semana passada, Nogueira mandou Zé Preto me procurar. E o tal do Zé falou que antes das eleições ele iria fazer algo e que quando ele fizesse as pessoas me

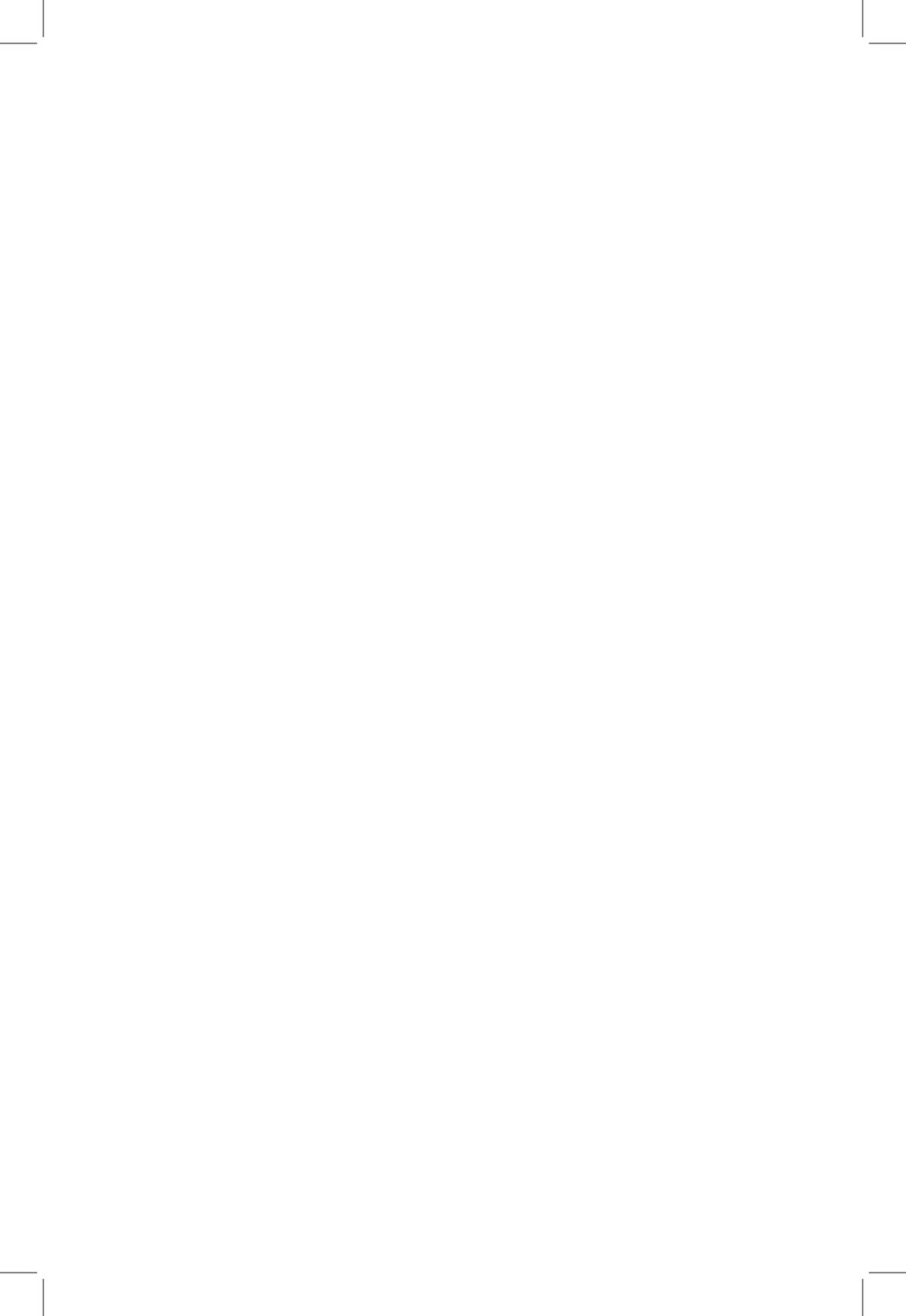
chamariam. E quando me chamasse, eu deveria fingir que não sabia quem havia feito o acontecido. Naquele momento tentei recusar o que ele havia dito, entretanto ele ligou para o vereador Nogueira que imediatamente, me disse que se eu não fizesse o que queria Zé Preto, no outro dia eu estaria na rua. Então, ali acabou o delegado João Mão Grande, pois só ali, descobrir que eu nunca fui ninguém e que só sou o que sou hoje, por causa de Manoel Ribeiro e Nogueira. Pensava eu, que era o homem da mão sagrada – olhava para as mãos com lágrimas nos olhos – Portanto filho quer um conselho: fuja da cidade! Soube também a pouco tempo da ameaça dada a você. Não importa se você colocar um nome no seu partido e esse nome ganhar, ganhando ou não ganhado o fato é que vão te matar. Você fez a besteira de gritar com um homem que não vale nada; e que não tem nada a perder, não foi muito inteligente o que você fez, José. Os homens não gostam de afrontas as suas pessoas, pois matam com facilidade por causa de uma ideia idiota chamada honra, pela honra o homem faz qualquer coisa e me parece que você ao desafiar o elemento, desafiou sua honra de matador sanguinário, portanto fuja, pois após a eleição o próximo será você e infelizmente “o delegado João Mão Grande” também não saberá quem fará o ato da próxima vez. Você me entende, filho? Fuja enquanto é tempo!

A revelação do delegado deixou apavorado José de Dina que confirmou seu destino, ali, junto com o delegado.

Mão Grande voltou para fingir fazer autópsia, José ficou detrás da viatura perdido, sem saber o que fazer, uma agonia começou a tomar conta dele. Ficou em pânico. Olhava para os lados com medo de Zé Preto o está observando. Ainda detrás da viatura, viu Zé Preto e Nogueira se aproximar do local. Viu de longe Nogueira se benzer e Zé Preto também, viu os dois ali, dando condolências a Dona Esmeralda e o delegado junto: fingindo não saber de nada. O Padre, o professor, a professora, os vereaa-

dores, a cidade em peso estavam ali naquele momento prestando condolências à viúva. José de Dina precisava agir rápido.

Procurava uma ideia para se livrar do problema, mas não sabia como. Por fim, correu desesperado para casa, precisava pensar em algo para salvar sua vida, pois se não pensasse em algo, ele seria o próximo. José de Dina em seus pensamentos, já via no futuro bem próximo: o professor, os vereadores e os próprios matadores prestando condolências a Dona Dina, sua mãe.



CAPÍTULO 28

Era um domingo, quando Zé Preto chegava com o Professor Emanuel na casa de Nogueira. José de Dina não deu o recado de Zé Preto ao professor, entretanto o próprio Zé Preto resolveu convidar o professor para ir a uma reunião que Nogueira queria ter com ele. De início Emanuel não queria, pois se tratava de um vereador que havia feito o convite, nunca gostou muito de se misturar com políticos, mas por educação resolveu ir para atender ao pedido de Nogueira.

Quando chegou à casa de Nogueira, estavam presentes: o vereador Ferreira, Alzira, dentre outros membros do partido do prefeito, incluindo o primo do Prefeito, Juvenal.

Quando chegou foi bem recebido por todos: com apertos de mão e convites para se sentar numa cadeira que estava próxima a uma mesa de vidro de mais ou menos 3 metros de comprimento e 1,5 de largura, mesa própria para reuniões. De início achou estranho, pois foi convidado a ter uma conversa com Nogueira e exclusivamente com ele, assim informou Zé Preto, agora se via diante de vários líderes políticos da cidade.

- Vamos Professor, sente-se! Não fique acanhado – convidou Nogueira que já se encontrava sentado em uma das cadeiras próximas a que estava vazia para o professor.

Emanuel meio que sem jeito, foi se aproximando e por educação, sentou-se na cadeira vazia. Todos os demais sentaram nas outras cadeiras e o olharam sorrindo. Nogueira ofereceu-lhe uma bebida, mas Emanuel recusou e achou melhor beber um pouco de água. Alzira foi buscar a água e sentou-se do lado do professor junto com Nogueira que diante de todos iniciou seu discurso:

- Professor na verdade mandei que Zé Preto lhe convidasse para uma conversa particular, entretanto quero que saiba que os meus companheiros políticos são como irmãos e entre nós não há segredos, por isso, gostaria que ficasse à vontade diante deles,

pois o que tenho a conversar com você: é de interesse de todos os presentes.

- Bem, mas Zé Preto me disse que você queria conversar comigo e não eles!

- Sei. Mas como o senhor sabe a política envolve outros e não somente eu. Andei lhe sondando e vi que é um homem muito inteligente e culto. Quero parabenizá-lo pela iniciativa da associação em nossa pequena cidade. E como você sabe as eleições está à porta e gostaria de saber do senhor de que lado o senhor está nessas eleições? Caso não tenha lado ainda – virou-se para Ferreira e fez um sinal – bem como estava lhe dizendo: caso o senhor não tenha ainda um lado ou partido político, quero lhe fazer um convite para participar do nosso partido e nos dá apoio nessas eleições. Aí o senhor deve estar se perguntando: “o que ganho com isso?”. Não se preocupe sei que você namora a professora Glória e que estão pensando em se casar. Imóvel comigo não é problema.

Enquanto falava Nogueira procurava subornar Emanuel de todas as formas, falava de lhe dar casa própria, falava de trazer uma universidade para Quero-Quero e fazê-lo Reitor. Enquanto discursava Ferreira se aproximou com uma mala preta que foi colocada em cima da mesa de vidro. Por fim, disse Nogueira:

- E ainda tenho aqui nesta maleta. Um bônus caso você aceite ficar conosco! Lembrando que o valor nesta maleta é uma mínima contribuição de todos aqui presentes!

Nogueira foi até a maleta destravou suas hastes e abriu, havia dentro cerca de 70 mil reais em cédulas de cem. Mostrou ao professor e lhes disse:

- Te darei tudo isto que lhe propus e mais esse dinheiro, caso o senhor queira vir para nosso partido e nos ajudar na campanha deste ano.

O professor olhou o dinheiro, depois olhou todos que estavam ao seu redor. Concertou sua boina vermelha. Olhou para Nogueira e respondeu:

- Não. Obrigado!

Todos que estavam na sala se entreolharam e balbuciam alguma coisa, sem acreditar no que estavam ouvindo. Nogueira se espantou:

- Como assim não?!

- Não quero o dinheiro. Não quero lhe ajudar. Não quero participar do seu partido – disse em tom frio e sério, o professor, que já se encontrava incomodado com aquela situação toda.

Nogueira ficou abismado, com tamanha petulância e não entendia o que acontecia. Era a primeira vez que um homem recusava um suborno dentro daquela cidade. Ficou perdido sem saber o que fazer, então lhe disse:

- Você não quer o dinheiro, por quê?

- Porque você não pode me dar o que é meu, vereador Nogueira. Eu pago meus impostos, é com o dinheiro dos meus impostos que vocês todos que estão aqui, recebem seus salários. Se nessa quantia da mala está um pouco do salário de cada um de vocês, logo todo esse dinheiro também é meu. Sendo meu, você não pode me dá-lo, se ele já me pertence. Conheço a sua jogada para comprar votos e pessoas Nogueira, não sou objeto para ser comprado, ainda mais com meu próprio dinheiro. Agora, gostaria de lhe informar que este ano muitos dos seus eleitores já sabem disso também. Acho bom você não ir com essa tática de compra de votos não, pois acredito que muitos serão capazes de pegar o “teu dinheiro” quer dizer “o dinheiro deles” e depois nem votarem em você.

Todos na mesa se calaram. Olharam aquele homem sentado do lado de Alzira e Nogueira. Era apenas um professor, mas naquele momento, depois de todas aquelas palavras. Todos, digo

todos! Ficaram com medo daquela figura de cavanhaque e boina que se fazia presente na casa de Nogueira. Na verdade, todos sabiam que aquele homem era uma bomba, uma arma perigosa que estava ali para destruí-los e tinha o poder de tirá-los do poder, com uma munição muito simples e altamente perigosa: as palavras de conhecimento. Alguns apavorados olharam para Emanuel e começaram a fazer perguntas desesperadoras:

- Você está apoiando que lado? O lado de José de Dina?

- Não – respondeu firme, o professor.

- O lado dos negros? – perguntou Ferreira.

- Não.

- O lado dos mendigos? – Falou Juvenal Dona da Fábrica de Pedição.

- Não estou do lado dos mendigos, nem dos negros, nem tampouco de José de Dina – responde Emanuel.

- Então você é um indeciso, está em cima do muro! - respondeu Nogueira com ironia.

- Não, vereador Nogueira. Não estou em cima do muro não, e nem sou um indeciso. – Afirmou o professor.

- E de que lado você está afinal?! – Perguntou Alzira sem entender aquilo.

- Estou e sempre estarei do lado de Deus, Dona Alzira. – respondeu Emanuel.

O silêncio se instaurou naquele momento. Todos ficaram sem palavras diante do que dissera o professor, o mesmo, levantou-se e saiu daquela sala sem olhar para trás.

Os líderes políticos e todos os presentes na reunião ficaram sem chão naquele momento. Nogueira sentiu um ódio tremendo por aquele professor. Um ódio que o foi corroendo aos poucos, até chegar ao ponto de dar um murro na mesa e jogar a pasta com dinheiro contra a parede da casa. “quem esse imbecil pensa

que é? Ele pensa que pode chegar aqui e querer fazer desta cidade sua morada. Como pode uma criatura não gostar de dinheiro? Como pode um homem saber tanto dessas coisas de política?” pensava Nogueira. Na raiva pediu a todos que fosse embora dali. Os outros com medo da reação de Nogueira saíram rapidamente deixando apenas Alzira, que tinha um recado de Abelardo (secretário do Prefeito), para Nogueira. O recado era que Fortunato abandonara a prefeitura já fazia quatro dias e ninguém mais sabia do seu paradeiro.

Aquele domingo não foi um dos melhores para Nogueira. Pelo menos uma notícia boa: Fortunato havia desaparecido. Isso era bom, pois o vice-prefeito estava doente, internado em estado de coma e agora quem assumia a prefeitura era ele. “É hora de se preparar para fazer o caixa dois da campanha, hora de cortar gastos de todos os setores e acumular em conta específica um dinheiro para usar durante a campanha, pelo menos isso era uma notícia boa, num domingo tão miserável” pensava Nogueira. Na segunda assumiria a prefeitura e na terça sairia com Abelardo para conferir os anseios do povo e usar uma velha arma da política: o discurso.

O discurso era uma estratégia boa a ser utilizada, já que o povo nunca entendia que os políticos de Quero-Quero nunca tiveram discursos. Na verdade: os candidatos pegavam as falas e os anseios do povo (que eram ditos nas esquinas e bares) e reproduziam nos discursos de palanque e em propagandas políticas.

O povo na sua ignorância acabava se vendo naqueles discursos e achavam que o candidato realmente o representava, pois os candidatos diziam em seus discursos a mesma coisa que ele: o eleitor, dizia nas esquinas e bares. Então, o eleitor, iludido pela ideologia da representação, pensava que o candidato falava sua mesma língua: assim, votava no político. Pois via no discurso do político o seu discurso e em nenhum momento parava para re-

fletir que o discurso que estava sendo utilizado no palanque não era o do candidato, mas sim, o seu: o discurso do próprio povo.

CAPÍTULO 29

Manoel Ribeiro já estava sabendo de tudo que acontecia em Quero-Quero sobre o tal professor, do abandono da prefeitura por seu filho Fortunato, do povo tomando consciência das questões políticas e da tal Associação que mais parecia uma prefeitura paralela a gerar empregos e independência para o povo. Nunca imaginou que um dia aquilo poderia acontecer na sua pequena cidade. O povo agora já não pedia mais esmolas, a Fábrica de Pedição de Juvenal estava indo à falência, existiam alguns funcionários ainda, entretanto mão de obra para pedir dinheiro que é bom, era que não tinha mais na fábrica. As autoridades de Quero-Quero deixaram de doar dinheiro para a Fábrica e acharam melhor para a imagem dos seus comércios e dos seus nomes: se tornarem sócios beneméritos da tal associação, pois assim, em todos os eventos da associação seus nomes e os nomes de seus comércios eram divulgados com mais frequência de que quando doavam para a Fábrica de Juvenal. E o professor, estimulava o povo a comprar nas mãos dos comerciantes que apoiavam a associação.

O povo não pedia mais esmolas para fazer cestas básicas, pois com os salários que ganhavam pela associação não precisavam mais pedir alimentos, porque agora, poderiam comprar suas próprias cestas básicas. Não pediam mais remédios, pois com seus salários compravam seus remédios. Não pediam mais para pagar água e luz, pois com seus salários pagavam seus talões de água e de luz. Aquilo era a imagem do inferno para o velho Manoel Ribeiro: o povo tornando-se independente dele e do sistema político criado por ele. No meio de sua angustia gritou Zéfa. A empregada, amedrontada, saiu da cozinha e veio para o quarto. Manoel estava de pé, olhando da janela do quarto a paisagem lá fora. Zéfa a passos lentos se aproximou do coronel e dirigiu-lhe a palavra:

- O que houve meu senhor!

- Gostaria de saber o que você disse àquele menino? – perguntou Manoel de forma arrogante e impassível: se referia a Fortunato.

- Eu, não estou entendendo aonde o senhor quer chegar, Coronel? – disse Zéfa procurando disfarçar.

- Não me venha com cheiro mole, Zéfa. Abelardo me ligou e falou que você esteve lá na prefeitura antes de Fortunato fugir.

- Bem. Passei por lá pra fazer uma visita a Fortunato. O que houve? Soube que ele sumiu! – Falou com um semblante de preocupação. “Para onde foi?” pensou Zéfa.

- Pois é fugiu! Quer dizer sumiu! Ah, sei lá?! Já nem sei – falou o homem com semblante de preocupação e raiva.

- Bem estive lá sim, coronel. Conversei com ele o que tinha de conversar – respondeu Zéfa olhando para Manoel.

- Você deve ter falado alguma besteira. Que é só isso que sabe fazer: falar besteiras. Espero que não tenha colocado ideias tolas na cabeça dele. Seus pensamentos indígenas é a coisa que mais odeio em você, sua índia velha idiota.

- Calma, meu senhor, não precisa me tratar assim, vamos ter calma. Acredito que Tupã o está protegendo neste momento – falou à mulher que agora olhava para o céu, preocupada, mas com fé.

- Você só sabe fala dessas asneiras. Você faz a besteira, agora quer que uma divindade maldita que nem sei que existe, venha cuidar do garoto?! – falou o velho impaciente.

- Calma Coronel! Ele vai aparecer, tenha fé. O que eu falei foi para o bem dele, somente isso. Não o influenciei a fazer nada não, apenas falei a verdade.

- A verdade. Você está louca – foi em direção a Zéfa e deu-lhe uma bofetada no rosto. A mulher caiu por cima da cama que estava próxima do seu lado.

- Me desculpe! – falou a mulher com o choro abafado com o rosto no colchão da cama.

- Me desculpe! É só isso que sabe dizer! Espero que você não falou nenhuma besteira sobre nós – falou o homem de forma fria.

- Não falei, meu senhor, não falei! Juro que não falei! – continuou a índia a chorar baixinho com a boca no colchão abafada.

- É bom que não tenha falado mesmo, pois se tivesse falado eu não sei o que seria de você agora. Você foi errada em se intrometer nos assuntos entre mim e ele, você invadiu a privacidade de minha família, a política é uma coisa minha e não sua. – falou o velho com um tom arrogante.

- Mas ele também é meu filho, Manoel! – desabafou a criada Zéfa.

- Fale baixo sua imunda. Não quero que as pessoas saibam disso, principalmente ele – falou Manoel Ribeiro que agora, foi até a índia e a pegou no pescoço com toda raiva que podia. A mulher faltando-lhe o ar desabafou:

- Imunda que você estuprou, Manoel. Imunda com quem você traía sua mulher. Imunda que te deu um filho. Imunda que você manteve aprisionada em sua casa pelo resto de tua vida. Imunda que você ameaçou, que: “ou ela ficava com você e lhe satisfazia os prazeres; ou você mataria toda a tribo dela”. Você me penetrou sem me pedir licença, Manoel! Acredito que isso foi uma invasão de privacidade também. Eu era uma desconhecida para você e meu corpo era: meu corpo. Você não tinha o direito de invadir ele e tirar minha virgindade. Depois me privou de criar o meu Fortunato. Mesmo depois que sua mulher morreu. Você não contou a verdade para o menino. Já não me bastou perder a

infância dele, não o acompanhei, pois você fez questão de dizer para sua mulher que encontrou o menino abandonado.

Você é um mentiroso, um falso, um sujeito miserável, mas graças a Tupã, Fortunato é como eu: bom, não puxou a você que é esse traste – quando terminou de dizer essas palavras, o velho coronel, já se encontrava sem forças para esganá-la, soltou-a e sentou-se na cama, pois fora bombardeado de palavras que lhe tocaram e o deixaram sem reação.

- O filho também é meu, Manoel. Você o estava sufocando com seu querer, apenas fui lá e disse que ele deveria fazer o que fosse melhor para a felicidade dele e não a sua. Porque você não sabe o que é felicidade, Manoel. Você não é feliz e fica privando os outros de não ser também. Você é um doente – desabafou Zéfa que já lagrimejava por dentro e por fora.

O Coronel ficou sentado na cama. Parado. Inerte. Apenas ouvindo o que Zéfa dizia. Parou e pensou que na verdade nunca fora feliz realmente, pois tudo que queria no fundo era ser amado. A única pessoa que lhe amou foi sua falecida mulher. Entretanto sua vontade e querer pelo poder era maior do que sua família.

O Coronel sempre viajava para a capital e por lá ficava com várias mulheres. Com uma dessas mulheres contraiu uma doença venérea (sífilis), por não saber, acabou passando para a sua mulher. A mesma infectada tentou ir ao médico várias vezes, porém o velho Coronel não a deixava, pois sabia que se sua mulher fosse ao médico fazer um exame sobre uma doença como aquela, o seu nome e sua imagem seriam expostos, portanto a proibiu. Ele conseguiu se tratar na própria capital, mas não deixou sua mulher ser tratada nem na capital; nem em lugar nenhum, pois tinha medo de expor sua imagem. Aos poucos a doença foi se alastrando no corpo e nos órgãos genitais de sua amada. Ele sabia que poderia salvá-la, mas para isso, era necessário expor sua imagem. Quando pensou em ajudar, já era tarde, não tinha mais

jeito. Como político que era: optou pelo sacrifício, sua mulher Quitéria suportou tudo, porque o amava. Ele, entretanto, amava mais ele do que ela. Perdeu “seu amor” por causa da imagem política que queria manter. Manteve a imagem política, contudo perdeu o que mais amava na vida. Só lhes restaram dois filhos. As vezes queria ser Deus para poder voltar ao passado e fazer tudo diferente, mas sabia que era apenas um homem, um miserável, um desgraçado. Tudo aquilo se passava na cabeça de Manoel Ribeiro. Por fim, Zéfa o alertou:

- Veja se não estraga também a felicidade de sua filha, por causa da sua política e de sua honra, Coronel Manoel Ribeiro – falou Zéfa que foi saindo do quarto e deixou o Velho sentado olhando para o tempo, todo pensativo.

Quando saiu do quarto Zéfa foi direto para cozinha fazer seus afazeres. O coronel ficou sentado no mesmo lugar a pensar: “Zéfa tem razão, fiz tanta coisa errada nesta vida”. Pensou nos seus dois filhos um estava desaparecido, Fortunato o macho da casa, o que ele queria que seguisse os seus passos, mesmo não sendo filho da mulher que ele amava. Levantou-se foi na direção de uma fotografia que estava em uma moldura, em cima de uma escrivaninha dentro do quarto. A foto era de uma garota linda de cabelos diferentes. O velho foi até a foto, pegou, levou a seus lábios, beijou, observou por alguns instantes a figura de sua filha. Tinha a aparência da mãe. Era linda. Hoje, tornou-se uma pedagoga de renome em Quero-Quero. A menina sempre gostou de Educação queria ensinar as pessoas a escreverem seus nomes, alfabetizá-las, educá-las e fazer delas seres humanos melhores e sempre encontrou pessoas que precisavam ser alfabetizadas e educadas. Manoel foi até a foto olhou novamente, depois trouxe a fotografia até seu peito e suspirou uma frase:

- Eu te amo, minha querida Glória!



CAPÍTULO 30

O Período eleitoral já havia começado. O professor continuou a mover as pessoas através de sua Associação juntamente com José de Dina que era o Presidente. O professor conduzia as reuniões, dava as explicações, contudo não era parte da direção da associação, apenas ajudava. João Granada agora estava do seu lado, apoiando as ações e sendo o responsável pela contabilidade dos recursos da Associação, pois era muito inteligente e sabia mexer com os números.

Certo dia quando João estava dentro da sede da Associação, sentado numa mesa, numa sala a fazer contas e organizar papéis, foi surpreendido quando olhou para a porta da sala onde estava: e lá estava de pé Angélica. Seu coração bateu rapidamente, uma ansiedade veio por entre suas veias. A mulher se aproximou de João e pediu:

- Posso me sentar!

- Sim, sim. Sente-se Anja, quero dizer Angélica! – falou nervoso e desconcertado.

- Há algum tempo queria conversar contigo, mas sempre que lhe via estava bêbado. Então deixava para lá...

- Sei como é... Eu realmente estava perdido na cachaça! – respondeu João com vergonha, de cabeça baixa e continuando seus cálculos.

- Bem. Disseram-me que você é o contador da associação.

Então, resolvi lhe procurar. – falou Angélica um pouco acahnada.

- E o que você vai querer Angélica: se afiliar na associação, receber alguma orientação para montar seu próprio negócio, pagar alguma conta de água ou de luz... – falava tudo isso com olhos para abaixo sem olhar para ela, apenas para as folhas de papel.

- Quero conversar com você, João!

O homem se embaralhou no meio dos cálculos. Olhou para a mulher. Apesar de estar mais velha, mas ainda sentia seu cheiro a perturbá-lo em sua mente. Parou o que estava fazendo e disse:

- Pois bem, sou todos ouvidos Dona Angélica.
- Não sei nem por onde começar.
- Acho bom começar pelo começo.
- Queria que você soubesse que nunca lhe esqueci!

João ficou branco, a sua pressão começou a aumentar, sentiu um frio na barriga, o coração parecia querer sair pela boca. Entretanto se conteve:

- Mas parece que se esqueceu, Angélica. O rapaz é mais bonito que eu, mais forte, mais novo e pelas roupas que você usa, percebo também, que ele cuida muito bem de você! – Falou João com certa ironia.

- Ele está curioso para conhecê-lo, João! – falou a mulher também com ironia.

- Angélica, se você veio aqui para me aborrecer é melhor ir embora. Estou fazendo uma prestação de contas e não estou com cabeça para discussões, já me basta esses anos todos sem ter você. Perdi você por vinte anos. E quando você me aparece é para fazer com que eu sofra mais. Você pode me dar licença – falou João que já estava com os olhos vermelhos e cheios de lágrimas.

- Acho bom você ouvi-la, meu caro João! – falou uma voz que vinha do lado da porta da sala. Era o professor Emanuel que entrava com o jovem Mário. O mesmo rapaz que João viu com Angélica quando retornou de São Paulo.

João ficou sem reação, não entendeu o motivo daquilo tudo. Sentiu vontade de socar o rosto do rapaz. Sentiu vontade de sair dali. Quando foi para porta, Emanuel colocou a mão dificultando sua passagem, olhou nos seus olhos e disse:

- O que houve soldado? A guerra ainda não acabou! A missão está ao alcance novamente.

- Ela está ao alcance e não está ao mesmo tempo, Professor! Olhe para seu lado: o rapaz é bonito, forte e cuida muito bem dela. Os anos de cachaça por onde andei com minhas granadas acabaram com meu físico e com minha fisionomia. – falou João chorando olhando nos olhos do professor.

- Mas não acabou com sua alma, soldado. Mas não acabou com seu querer, João. Não acabou com o ser maravilhoso que existe dentro de você. Um homem bom, inteligente, educado, engajado que hoje presta serviços voluntários para ajudar outros homens. Aquele que ajuda outros homens e que os ama e os estima é como um Deus, João. E você é um desses homens.

- Mas ela se casou com o rapaz, Professor. Eles moram juntos Quero-Quero inteiro sabe disso. Quando ela chegou aqui depois que havia sumido, já veio com ele. Isso me alivia um pouco, porque sei que ele não é daqui. Não queria vê-la com alguém daqui que não fosse eu, não suportaria isto.

- Já que você falou que o rapaz não é daqui. Já se perguntou de onde ele é? – perguntou o professor.

Neste momento, João Granada foi pego por mais uma das indagações do professor. Na verdade, ele realmente não se preocupou em saber a vida do rapaz: de onde ele veio? Em que cidade morava? Também não lhe interessava.

- Talvez ele seja daqui, João! Ele é muito parecido com alguém que mora aqui em Quero-Quero. Observe-o direito e verá semelhanças surpreendentes – falou o professor que pegou o rapaz e colocou na frente de João.

João Granada se aproximou e olhou direito o rapaz. No dia em que viu ele com Angélica pela primeira vez, não tinha observado direito, talvez o sentimento que se apossou dele o havia deixado cego, a raiva foi mais forte do que a percepção dos olhos, o

ódio o havia cegado naquele dia. Agora, estava pasmo com o que via: os cabelos daquele Jovem eram iguaizinhos aos seus, a barba malfeita, era igualzinha à sua, os olhos, a altura, a diferença era que o jovem Mário era um pouco mais forte, entretanto, ambos se pareciam muito. Quando deu por si, olhou para Angélica que estava junto do professor a sorrir e com lágrimas nos olhos. João acenou a cabeça para Angélica como se dissesse: Sim. Angélica confirmou com a cabeça também. Quando voltou os olhos para Mário, o jovem também estava emocionado, abriu os braços e João Granada o abraçou como se nunca havia abraçado antes. O professor se emocionava com a cena que era única e bela: o reencontro de pai e filho depois de mais de vinte anos.

- Porque você não me disse, meu amor! – olhava para Angélica com lágrimas nos olhos, mas sem se desgrudar do rapaz.

- Você estava jogado na cachaça, João! Ele não merecia sofrer com aquele pai. Só privei o garoto do sofrimento, agora que você voltou, sabia que ele iria ter orgulho de ter um pai inteligente, sábio, que ajuda outros homens – disse Angélica se aproximando e abraçando os dois. Ficaram abraçados por minutos.

João Granada se desgrudou um minuto da mulher e do filho, veio em direção a Emanuel. Olhou para ele e o abraçou dizendo:

- Eu não perdi a Guerra, General Professor! Eu não perdi a Guerra!

- Os bons soldados sempre sobrevivem à Guerra e depois voltam para suas casas. E você é um deles João. Acredito que agora não precisará mais pegar em armas, logo não precisará mais de suas granadas.

- Nunca mais, Professor! Nunca mais! – João falava e chorava de emoção ao mesmo tempo.

A mulher e o filho vieram em direção aos dois que estavam abraçados e os abraçou também. Angélica falava ao professor:

- Obrigado, Professor Emanuel! Muito obrigado!

CAPÍTULO 31

Já se passara cinco meses a campanha eleitoral já estava na porta. Os comentários pelas esquinas não era outra coisa a não ser política e eleições. Zé Preto andava pelas ruas fazendo seu trabalho de cabo eleitoral, tentando convencer as pessoas a votarem em Nogueira. Certa vez, estava numa das ruas de Quero-Quero a conversar com Ademário, um jacu, que já fazia muito tempo que não ganhava uma eleição, pois sempre apoiou os candidatos da oposição. Só que desta vez estava revoltado e não queria votar em mais ninguém.

- É como estou lhe falando, Zé Preto! Este ano não vou cair na conversa desses políticos! – falou Ademário revoltado com a situação.

- O mau seu, Ademário, é essa desconfiança besta, você é um cara muito desconfiado, Dema! – tentava apaziguar Zé Preto.

- Homem, a gente vota nesses homens. Depois que eles ganham, esquece de nós, depois de quatro anos é que aparecem com essa conversa bonita pra boi dormir, comigo não!

- Que é isso, Ademário! Você está exagerando: veja o caso do Vereador Nogueira nosso atual prefeito. O homem entrou na Prefeitura e vem fazendo as coisas que prometeu.

- Quis coisa? Um homem que apoiou um prefeito que prometeu construiu escola para nossos filhos...

- Ah! Agora eu lhe peguei, Fortunato não só prometeu como construiu!

- Sim, mas não contratou nenhum funcionário, nenhum professor. O único professor que contratou não sabia a diferença das letras maiúsculas para as minúsculas, veja só! – falou Ademário que olhava de banda para Zé Preto.

- Ah, mas e o programa ILUMINANDO TODO MUNDO que o Prefeito Fortunato fez e realizou com o povo da zona rural e aí tu me dizes o quê? – rebateu Zé Preto.

- É Zé Preto, vai puxa o saco assim, lá na casa da mãe Joana! Tu é doido! O homem pegou meio mundo de pacote de vela e deu para o povo da Zona Rural e ainda por cima não deu os fósforos. Pensei que o homem ia levar energia para povo, levou foi vela.

- Aí também o povo já quer demais né! – falou Zé Preto inconformado.

- E vou lhe dizer mais, Nogueira é um vagabundo! Aqui em Quero-Quero todo mundo já sabe da fama dele, pois é, esse ano meu voto não vai pra ele não, aquilo é um vagabundo, um explorador, um goeludo, um descarado... – enquanto Ademário falava se aproximava dali o Prefeito Nogueira juntamente com seu secretário Abelardo. Zé Preto ao avistar o candidato tentou avisar a Ademário que continuou seus insultos sem ver o candidato Nogueira. Quando o candidato se aproximou bem perto, Ademário foi tomado de surpresa e mudou o seu discurso:

- Senhor Nogueira, não morri mais! É um prazer ver uma autoridade, assim, colorida em minha frente, aqui representada. Como vai vossa excelência! – falou Ademário todo sem graça procurando disfarçar as barbaridades que falava a respeito de Nogueira.

- Obrigado! Obrigado! Vou bem! – respondeu Nogueira apertando a mão de Juarez.

- Meu candidato a Prefeito, como vai o senhor? – perguntou Zé Preto piscando o olho para Nogueira dando a entender que há muito tempo não se viam.

- Grande Zé Preto! Liderança desse bairro distinto. Ainda bem que temos homens como Zé que lideram um Bairro tão bonito como esse: o Bairro de Queromeu! – falou Nogueira em

tom discursivo, utilizando-se do personagem que criou para fazer a política daquele ano.

- Estávamos agora mesmo, aqui falando do Senhor, não é Ademário?! – adiantou-se Zé Preto.

- Verdade, estávamos falando de Vossa Pessoa, sobre as eleições e sobre sua Vitória! Desde já, vou antecipar-lhe os parabéns por sua vitória, meu querido, e estimado candidato a prefeito Vereador Nogueira. – disse Ademário, já puxando o saco de Nogueira.

Nogueira ao ouvir aquilo pediu a Abelardo que anotasse o nome de Ademário na lista de puxa sacos, pois percebeu que o homem dava um bom servidor voluntário.

- Agora tenho uma coisa a lhe dizer, Prefeito. – falou Ademário em tom alto.

No mesmo momento Zé Preto o puxou pela mão levou no canto e falou-lhe ao ouvido:

- Dema, Dema, veja lá o que você vai dizer! Não me complica na frente do homem.

- Pode deixa rapaz, que aqui eu me viro – disse Ademário seguro do que estava fazendo. Depois se direcionou ao prefeito Nogueira.

- É o que você tem a dizer ao Prefeito? – adiantou Abelardo que já estava com caneta e papel na mão.

- Bem. Na verdade, na verdade, não é bem eu que tenho a lhe dizer, senhor Prefeito, e sim o povo. O POVO e não EU, andam dizendo por aí... que... Entenda O POVO, não EU. Eles falam por aí, que as ruas desse bairro estão quase todas sem calçar e que os meninos andam em cima da lama em dias de chuva e que todos os dias é preciso limpar a casa várias vezes, por causa da poeira, sem se falar dos buracos que andam provocando acidentes em todos. E ainda disseram que se depender DELES, não da GENTE, se depender DELES, o senhor não ganha não!

- Anote aí, Abelardo! – falou Nogueira em tom firme e forte.

Ademário ficou impressionado com aquela postura, por fim Nogueira falou: Ruas sem calçar, lama e buracos! O povo de Quero-Quero, e não somente o povo do Bairro de Queromeu precisam saber dessa dura realidade vivida por esses moradores!

Quando falou aquilo Ademário já ficou impressionado, passou a sentir firmeza em Nogueira. Sentia-se estranho, pois sabia que Nogueira era um ladrão, mas ao mesmo tempo sentiu verdade em sua postura, ele parecia realmente preocupado com a situação daquele bairro. Nogueira foi na direção de Ademário colocou a mão em seu ombro e disse:

- Enquanto a você meu querido, por que não dizer: meu nobre Ademário. Apreciei sua fala e sua coragem, de representar esse povo amado e querido, meus parabéns, Ademário. Você não é só um bom homem, mas vejo em você um futuro brilhante na carreira política como vereador, pense nisso, meu nobre; e juntos construiremos uma QUERO-QUERO melhor. Prazer em conhecê-lo, espero vê-lo nesta política ao meu lado.

Quando terminou o discurso Nogueira piscou o olho para Zé Preto. O mesmo sorriu disfarçadamente para o Prefeito. Já Ademário, sentiu-se todo orgulhoso. Começou a se imaginar fazendo discursos em palanque, ganhando salário melhor, andando de carro pelas ruas de Quero-Quero. Imaginou-se vereador. E o seu peito naquele exato momento foi tomado por uma vaidade sombria que apagou todo o discurso que ele possuía em sua mente sobre Nogueira. Apagou toda a revolta e a partir daquele momento Ademário passou apoiar Nogueira e a fazer campanha para seu partido.

Não muito longe dali, Nogueira foi com Abelardo ver o rio de Quero-Quero e sabia que por ali havia muitas lavadeiras. Ficou um pouco de longe a observa seus cantos, suas angustias e seus lamentos. Ouviu-as cantando uma antiga canção:

Eu morava na areia!
Sereia
Fui me embora para o sertão!
Sereia
Aprendi a namorar
Sereia
No aperto de mão
Ô sereia....

Uma das mulheres por nome Gertrude a mais velha comentava:

- Assim é nossa vida! O dia toda a lavar, a esfregar!
- Que bom seria um dia, outro ofício, o bom Deus pudesse nos dar! – dizia outra.
- Não que a gente não goste é muito honrado nosso trabalho! – falou Das Luzes.
- Minha avó, lavava roupa, minha mãe também e disso muito me orgulho – dizia Marinélia a mais nova.
- Uma esfregada ali, outra aqui e assim vamos ganhando nossa vida – dizia a velha Gertrude, já com seus 60 anos de vida de lavadeira.
- É por isso que cantamos nossas canções de roda! Ajuda a aliviar o fardo e quem canta os males espanta, assim dizia minha amada avó! – falou Das Luzes.
- E não é que sua avó tinha razão, pois agora vamos cantar, porque faz bem ao coração – disse Marinélia, depois todas começaram a cantar novamente:

Eu morava na areia!
Sereia

Fui me embora pro sertão!

Sereia

Aprendi a namorar

Sereia

No aperto de mão

Ô sereia....

Enquanto cantavam foram se aproximando o vereador Nogueira e Abelardo que apreciavam o belo canto das lavadeiras de Quero-Quero. Quando chegou bem perto, Nogueira se adiantou:

- Olha só, Abelardo! Há muito tempo não vejo lavadeiras a cantar.

- Na verdade Sr. Nogueira é que faz muito tempo que o senhor não vem aqui no Bairro – falou Abelardo na bucha.

Quando terminou sua fala, Abelardo levou logo uma cutucada de Nogueira nas costelas. O candidato estava o advertindo a não falar bobagens na frente das mulheres. Resmungou alguma coisa com Abelardo, depois mudou sua personalidade para uma pessoa mais compreensiva e calma, pois essa era as características do personagem que havia criado para fazer a política. Voltou-se para as lavadeiras com um semblante calmo e disse:

- Boa tarde, minha distintas, senhoras e moças.

- Estava mesmo procurando o senhor, que bom que achei.

Temos uma coisa a lhe falar – adiantou Gertrude.

- A pergunta é muito simples, senhor Nogueira. Por que o Prefeito Nogueira do rio não quer cuidar? – argumentou Das Luzes.

- Antigamente, quando éramos crianças ficávamos o dia toda a pular dos barracos e pontes nesse rio a se banhar – falava sonhando acordada a garota Marinélia.

- Hoje, o povo joga lixo no rio, desmatam suas nascentes e ninguém luta pra isso parar – disse uma que estava um pouco mais afastada.

- Nosso rio já está morrendo senhor Nogueira, e o senhor o que tem feito para dele cuidar – disse outra.

- É muito morador com micose, doença de febre o tempo todo a reclamar – dizia Gertrude.

- Então, me diga senhor Nogueira. Que providencia o senhor vai tomar? – finalizou Das Luzes.

Nogueira se endireitou todo, sorriu para as mulheres com seu personagem, por fim falou:

- Muito bem colocado às falas rimadas em tom alto e limpo. Desde já, agradecer as senhoras pelo apalavramento bonito e distinto. O que tenho a vos dizer, minhas senhoras, que moravam na areia, que vieram para o sertão, que aprenderam a namorar no aperto de mão, que tenho a lhes dizer que as senhoras tem razão.

- Só isso que nos diz, pois disso já sabíamos, queremos uma solução! – falou a velha Gertrude impaciente.

- Solução é o que nós queremos meu amigo, já nos basta o sofrimento diário e ainda temos que ver nosso belo rio sendo destruído até virar riacho? – resmungou Das Luzes.

Nogueira olhou sem graça para as mulheres. Repôs a postura, olhou firme para Abelardo e disse em tom firme e forte, como se estivesse discursando:

- Anote aí, Abelardo! Secura do Rio, Poluição das beiras, desmatamento de cabeceiras e nascentes, do lado coloque IBAMA.

- Só espero que essas anotações resolvam alguma coisa, em nome desse rio glorioso – falou uma das lavadeiras.

- Pra mim nada resolve, vou continua ascendendo minhas velas para Nossa Senhora do Perpetuo Socorro - Falou a lavadeira Marinélia.

Depois que as lavadeiras ouviram Nogueira, pegaram suas trouxas, arrumaram, colocaram na cabeça e saíram cantando outras canções. No momento de suas saídas, o vereador Nogueira foi até uma delas, ajudar a pegar a trouxa, entretanto, a lavadeira não aceitou e pegou sozinha sua carga. Assim, tentou fazer Nogueira com todas as outras, para se mostrar humilde, perante aquelas mulheres que lavavam roupas há tantos anos naquele rio e que realmente estava sumindo, virando riacho. Nogueira lembrou-se de quando era criança e ficava a se banhar naquele rio tão grandioso e que agora virava riacho. Pensou também na forma como aquelas lavadeiras o interrogaram, percebeu a coragem em suas falas e posturas, e notou que havia algo de diferente no comportamento daquelas mulheres, havia algo de novo, sentiu na postura daquelas lavadeiras a presença das ideias do professor. Percebeu que deveria agir rápido, pois o povo estava, realmente, acordando para a vida.

Quando saiu dali, seguiu Nogueira com Abelardo para outros Bairros de Quero-Quero, prosseguiu com o mesmo plano: passava em uma rua, ouvia a reclamação das ruas, mandava Abelardo anotar em sua agenda; passava em uma casa e outra, fazia a mesma coisa e assim, foi durante toda sua campanha.

Houve uma casa que ele passou, que, na casa de uma família tinha tanto cupim, mais tanto cupim... que seu Nogueira e Abelardo passou horas a ser apresentado aos cupins pela Dona da casa que dizia que os mesmos (os cupins) já fazia tanto tempo que já estavam na casa, que passaram a fazer parte da família, dentre os cupins havia: Mirto Preto, Zé madeira, Juca comedor de farelo de ripa, Anastácio furador de jacarandá, Toim pubo (pois esse era um cupim branco) e assim foi, a mulher apresentou ao prefeito cerca de 60 cupins da família e ainda relatou os nomes de outros que haviam morrido por distração ou envenenamento dos remédios. Por fim, queixou-se e pediu a Nogueira uma casa nova. Nogueira como sempre: adiantou uns blocos e ficou de

dar o restante após a eleição, garantindo assim, os votos daquela família, porque assim, são os sábios politíqueiros: prometem, depois adiantam uma parte da promessa para garantir o voto, pois o cidadão pobre, gosta de viver de esperança e na hora do voto: fica na dúvida de votar ou não no candidato, ficam com medo de votar contra, pois se o candidato contrário vencer, ele ficará de fora das vantagens da política; mas se votar no que lhe prometeu, caso ele ganhe, pode ser que no futuro, o candidato realmente lhe dê o restante da casa, mas e se não lhe der? “Ah, pelo menos ganhou a primeira parte da promessa”, assim é a maioria do povo. E por Nogueira saber que o povo é assim, assim ele fez sua política: iludindo, prometendo e acorrentando os cidadãos mal informados. “Mas, será que ganho a eleição este ano?”, pela primeira vez, o rapaz admirado pelo fazendeiro Manuel Ribeiro, tinha dúvidas em sua cabeça pensante. Precisava ganhar, pois tinha um plano para pôr em prática, entretanto, esse plano só seria executado com êxito, caso o poder estivesse em suas mãos.



CAPÍTULO 32

Os meses foram se passando. Quero-Quero estava pegando fogo. De um lado, Nogueira e Manoel Ribeiro criando suas artimanhas e bastante assistencialismo para ganhar a política; do outro, o professor Emanuel criando novas associações: Associação do Povo de Terreiro, cujo representante era Gizo e Dona Dina, Associação dos Comerciantes, tendo seu Abdias como presidente e assim, foi sendo criada mais instituições da sociedade civil e o associativismo passou a fazer parte da cultura daquele povo.

Muitos passaram a ler a constituição brasileira que o professor comprou, pegou vários livros e deu para seus alunos. As pessoas passaram a entender o que era de fato política: seus direitos e seus deveres. E o Rebuliço Político começou acontecer naquela pequena cidade e as ideias do educador foram bem aceitas pelos moradores de Quero-Quero.

Manoel Ribeiro ficava noites e noites, sem dormir, pensando em como acabar com os argumentos do professor, como desfazer todo aquele rebuliço na cidade, porém sua idade já não lhe permitia tanto esforço. E em um desses dias lhe apareceu na fazenda, José de Dina.

O fazendeiro achou estranho aquela visita, mas por ter sua máxima de que “todo mundo sempre quer alguma coisa”, procurou sondar o que queria José de Dina.

José foi recebido por Dona Zéfa que o levou onde estava Manoel. O velho pediu que o jovem negro se sentasse e pediu a Zéfa que lhe trouxesse café para eles. A índia se dirigiu a cozinha e os dois ficaram a sós na sala.

Zé estava cabisbaixo, pois nunca imaginaria está ali, de frente para o coronel, pois o fazendeiro fora seu inimigo político a vida toda. O coronel não entendia a presença daquele rapaz ali. A vontade que Manoel tinha era de ir na goela dele e sufocá-lo,

porque o jovem negro, sempre foi uma afronta para ele. Por fim, ponderou e procurou ser sábio e ouvi-lo:

- A visita não é uma das boas e nem me deixa confortável – falou o velho – Entretanto, já estou com idade avançada e não posso executar o que gostaria, mas se fosse mais jovem, meu amigo, lhe enfiaria uma faca goela abaixo.

José olhou para o velho Manoel e pensou o mesmo, poderia matá-lo, ali mesmo, Zéfa estava na cozinha e nem ia perceber; entretanto, o seu querer não era mais este, seu querer agora era outro. Era sobreviver em meio ao caos que estava vivendo. Naquele momento, José de Dina, percebeu que a política realmente divide os homens. Ali, estava ele frente a frente com seu maior inimigo, o homem que ele queria expulsar de Quero-Quero, o ser mais repugnante e nojento que ele já conheceu na face da terra: estuprador, ladrão, saqueador, invasor de terras, todavia, o mesmo homem agora, para Zé, já não se aparentava com aquelas más qualidades, pois era o único ser daquela cidade capaz de salvar-lhe a vida. Zé viu que do querer dos homens: “ficar rico”, “viajar”, “ter status”, “ter dinheiro”, “ser feliz”, dentre outros; o “querer sobreviver” era o mais genuíno de todos os queres, pois viu que todos os homens nasce com ele, mesmo que não percebam conscientemente, mais inconscientemente, esse querer está enraizado em seu instinto mais primitivo, pois via que ninguém “queria morrer”, mas sim viver, “querer viver”, a preservação da vida é o desejo mais genuíno em todos os homens. E esse querer era o que o dominava naquele momento, o querer dizia o que Zé deveria fazer, como Zé deveria se comportar, a ponto de fazer com que José de Dina procurasse seu maior inimigo para torná-lo, numa questão de minutos seu maior aliado.

- Desculpe-me, Senhor Manoel. Sinto muito pelo nosso constrangimento de estarmos frente a frente, um do outro, e que sei que nos odiamos há anos. Mais agora, quero lhe propor algo!

– Falou José com certo remorso por dentro e se sentindo muito humilhado por aquela situação.

O velho sentiu certo poder por dentro, pois viu em José e em seu olhar, aquele olhar de bicho acuado, de bicho em estado de desespero, pois sabia que Zé era honesto, tinha lá suas convicções e que não mudava seus pensamentos por nada. Algo tinha acontecido, para que aquele homem estivesse ali, em sua frente, manso e incapaz de agredir sua pessoa. Sorriu por dentro, mas não demonstrou. Viu que o homem precisava de algo e como sempre, pensou na hora: “esse macaco quer banana”. Por fim, disse:

- Acho melhor você se adiantar, meu rapaz, tenho coisas a fazer e não quero perder meu tempo, ainda mais com você!

José de Dina pensou em sair naquele momento, era muita humilhação, foi educado com o Coronel e o mesmo, ainda, agia com grosseria com ele. Aquilo era uma situação muito constrangedora para Zé, todavia, não podia ir embora. Seu querer consciente era: “ir embora e se livrar daquela humilhação”, entretanto, o seu querer instintivo e inconsciente era: “se livrar da morte e da ameaça de Zé Preto”. Optou pelo segundo.

- Senhor Manoel, estou aqui, pois preciso de sua ajuda.

Quando falou isto, o velho coronel, não conteve o riso. E sorriu durante alguns segundos. Olhou para José de Dina, pensou: “o filho duma égua deve está desesperado mesmo. Hum, me pedindo ajuda. Querendo ou não, esse elemento tem lá seus eleitores e querendo ou não é uma liderança que pode me ajudar nesta eleição. Irei pressioná-lo, mais um pouco. Afinal, sou político há anos e todo bom político que se preze deve ser temido ou amado. O que não pode é perder nenhuma dessas duas coisas. De preferência é bom que se tenha as duas. Vamos ver até onde vai esse filho de uma rapariga”. Dirigiu-se ao negro e disse:

- Você sabe que não ajudo inimigos, José de Dina. E você foi muito corajoso me desafiando esses anos todos. Tenho idade para ser seu avô. Já troquei suas fraudas. E o que levei em troca, inimizade e afronta, durante esses anos todos, só isso que você me deu. Então, vou logo lhe dizendo não o ajudarei, seja lá qual for o seu problema. Morra com ele.

José ouviu tudo que o fazendeiro disse. O desespero veio em sua mente. Imaginou fugir, mas se fugisse do jeito que Zé Preto era louco, poderia matar sua mãe. Imaginou Zé Preto o matando. Ajoelhou-se diante do coronel e suplicou:

- Pelo amor de Deus, Senhor me ajude!

Manoel virou-se para ele e viu a figura do homem ajoelhado. Sorriu por dentro, sentiu-se um deus. Quis dar-lhe um chute na cara. Por fim, atormentou mais ainda Zé:

- Já falei que não posso ajudá-lo. O homem se desesperou:

- Por favor, seu Manoel. O negócio é que Zé Preto me ameaçou de morte. Falou que iria me matar depois das eleições, como sei que o senhor é quem manda nele, fale com ele para não me matar e eu faço o que o senhor quiser. Meu querer passa a ser o seu querer. Ajude-me, por favor!

- Não sei como posso ajudá-lo. Ou talvez, eu não queira ajudá-lo. Você já me deu tanto trabalho e agora, Zé Preto quer matar-te, é bom, pois pelo menos a culpa não cairá sobre mim. Sempre quis fazer isso, mas já que encontrei alguém que queira fazer o serviço, sem se quer eu mandar, para mim está ótimo – falou o velho de maneira fria e sem olhar para José.

José já desolado, com alma humilhada. Pensou em algo, que poderia salvar sua vida, entretanto sabia que se fizesse aquilo, quebraria todos os seus valores morais e éticos. Mas não tinha outra escolha. Olhou para o inimigo em sua frente e disse, com remorso e dor quase chorando:

- Ajudo o Senhor, Nogueira e o Partido a se livrar do Professor Emanuel – por fim, começou a chorar e a ficar trêmulo. No mesmo momento, o coronel, virou-se para ele e falou-lhe:

- E de que forma você poderia nos ajudar com isso? – perguntou o velho.

- Da forma como o senhor quiser – respondeu de cabeça baixa José de Dina.

O fazendeiro levantou o rapaz. O sentou numa cadeira. Zéfa chegava com o café. O velho Manoel pegou as xícaras de café da mão de Zéfa e deu uma a José de Dina. Zéfa achou a atitude estranha, mas tudo bem, talvez o homem foi fazer as pazes com o coronel. Zéfa via José a chorar, mas parecia está calmo. Achou estranho tudo, entretanto não quis se intrometer. Dirigiu-se a cozinha, deixando-os as sós na sala. O coronel deu a xícara de café ao rapaz e depois, o convidou-o para brindar. José foi e fez o que o coronel queria, o velho o abraçou e no abraço perto do ouvido de José, sussurrou:

- Devemos fazer a morte do Professor parecer que foi um acidente. Como você tem amizade com ele e sempre vai à casa dele. Acredito que depois de um almoço, se ele passar mal e vier a óbito, ninguém vai desconfiar do que aconteceu. Acho que veneno é o melhor para essas ocasiões. A morte por veneno é tranquila – terminou de sussurrar ao ouvido de José. José de Dina, afirmava de cabeça baixa o que o coronel falou. O coronel dava risadas e o abraçava batendo-lhe no peito. José estava sem graça, o rosto deformado e a alma pesada, sentia um alívio misturado com dor. Sabia que não morreria mais, mas sabia que para isto, teria que fazer algo que destruiria todos os seus princípios. Estava aliviado e ao mesmo tempo confuso. Sentia vergonha de si mesmo. Enquanto isso o coronel cantava e dançava pela sala apontando para José e cantando:

“E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?”

CAPÍTULO 33

A noite caiu sobre Quero-Quero. A cidade já não tinha muita coisa, mas naquela noite os tambores tocavam no terreiro de Gizo. Dona Dina estava de branco, a caráter. Seus filhos de santos estavam em seu xerê, seus melhores ogans tocavam tambor para os orixás naquele dia. As pessoas compareciam ao terreiro, pois naquela noite haveria um banquete para os orixás e quando havia comida para os santos guerreiros, havia também comida para os moradores mais carentes daquela localidade.

Muita gente respeitava as entidades que eram cultuadas e consagradas naquele terreiro. Naquela noite, José não compareceu no terreiro onde sua mãe estava. Havia recebido o convite, sempre frequentou as festas de Gizo e sua mãe, mas naquela noite não estava com cabeça para cultuar seus deuses, pois estava pensando em como pôr em prática a proposta feita pelo coronel.

No meio da multidão que estava presente no xerê de Gizo e Mãe Dina, apareceu por lá também, Nogueira e Abelardo. Dona Dina não gostava de nenhum dos dois, mas em respeito aos orixás, deixou que os mesmos adentrassem e se sentassem junto aos outros.

Os tambores tocavam, as ladainhas eram cantadas e em meio ao som dos atabaques e das cantorias, corpos dançavam em círculos, soltos e livres de qualquer preconceito ou ideia social, as baianas se jogavam em uma dança que envolvia suor, sensualidade e liberdade, moças novas, mulheres velhas, todas ao som dos tambores e dos cantos que de hora em hora se tornavam místicos e surreais, pois aos poucos, os corpos e aqueles que dançavam livremente, davam espaço para caboclos, orixás e outras entidades de outros espaços adentrarem naqueles seres humanos, que mais pareciam receptores de entidades, as entidades se aproveitavam da bondade daquelas pessoas para virem se divertir em meio ao samba e a festa que acontecia neste mundo material.

Em meio a tanto espíritos que tomavam os corpos haviam um de um velho homem que fumava e falava em voz grossa; de outro, havia um espírito chamado Pomba Gíria que adentrou um corpo de uma garota de 19 anos e aquela menina que era acanhada e sonsa, passou a se movimentar e a dançar de forma sensual na frente dos homens que ali estavam. Mas os espíritos viam e iam, e Gizo e Dona Dina é que tinha o poder de determinar seu tempo naquele espaço. Quando achavam que o tempo, do caboclo ou do espírito, que estava em alguém, acabava, José e Mãe Dina, colocavam suas mãos sobre as pessoas incorporadas e depois de profanar algumas palavras em Yorubá, tocavam com as mãos, a cabeça das pessoas. As mesmas iam ao chão, tremiam, depois voltavam a si. Quando acordavam, não sabiam o que tinha acontecido, nem o que tinham feito, só sentiam o corpo meio dolorido e cansado.

As manifestações eram interessantes e todos que viam e presenciavam aquilo ficavam maravilhadas de tanto encanto. Em outro momento um banquete foi formado em uma mesa feita no chão. Uma toalha limpa foi colocada no chão, depois algumas imagens de santos e orixás. E como no ritual, os tambores tocavam e as filhas de santo, junto com Gizo, entravam dançando ao redor da mesa com alimentos em suas cabeças: acarajés, cuscuz, bolo, salada, vatapá, pipoca e todos os alimentos necessários para oferecerem aos orixás homenageados daquela noite. Os sons dos tambores continuavam e cada filha de santo se dirigia a porta do terreiro, faziam movimentos estranhos de referência aos orixás e voltavam com o alimento e o colocavam sobre a mesa, depois iam próximo a Gizo, deitavam com a cabeça ao chão, doravante recebiam uma bênção de Gizo e depois retornavam aos seus lugares, e assim foi com todos os filhos de santos que carregavam alimentos. Depois Gizo, agradecia aos orixás por tudo e oferecia aquele banquete a todos os filhos de Santo. Em seguida, distribuía os alimentos entre todos os presentes no momento: crianças, jovens, adultos, anciãos, todos comiam e se divertiam no xerê.

Em outro momento, os tambores voltaram a tocar, e todos passaram a dançar novamente, assim como no começo. E foi numa dessas danças que um caboclo entrou no corpo de um homem e foi na direção de Nogueira e Abelardo. Que no momento ficaram sem saber o que fazer. Quando o homem já transformado chegou perto deles. Ergueu as mãos em direção a Nogueira e abriu as palmas das mãos para Nogueira. O vereador assustado não sabia o que fazer. Gizo o orientou a cumprimentá-lo. Nogueira então, colocou suas mãos sobre as mãos do homem possuído pela entidade. O homem segurou as mãos de Nogueira e inclinou sua cabeça sobre o ombro do candidato, Nogueira fez o mesmo e assim foi o cumprimento dos dois lados. Por fim, o homem se afastou de nogueira e o olhou nos olhos e disse:

- Vossuncê sabe pro modi que é que tô aqui, num é? Deve de saber que eu sim sei pro modi tu tá aqui. Uma coisa te digo, que meus irmão aqui presente num são besta. E digo que o que tu quer, tu num vai conseguir, promodi que tu é lama. E inxiste uma luz maior que alumia a cabeça de todo mundo que táqui, e essa luz que é maior que meu pai Oxalá num vai deixar tu chegar onde tu quer, pois inxiste também, um filho de Ogum guerreiro que já taqui cum esse povo todo e te digo que ele é Cuma o pai, que não só, sabe manejar com as armas, como também com as estratégias de guerra que é bem mais importante que as arma e tu num podi contra as força dele, pois ele é protegido pelo meu pai Oxalá e por essa luz que te falei. Ele carrega o patuá que não pode ser visto, e a vida brota nele, pois a mãe dele é que gera vida pra tudo que é gente e ser vivente sobre a face dessa terra, a mãe de todos nós: minha mãe Oxum. Minha rainha das águas – o homem olhou pra cima se benzeu. Nogueira estava com o olho estatelado e Abelardo morria de medo.

De repente, o homem começou a chorar e foi na direção de Gizo e Mão Dina. Quando chegou perto dos dois, olhou pra Mãe Dina e falou: – Obrigado, minha mãe! Por permitir vir em

tua festa, mais vim para dar recado. É de doer o coração minha mãe, mas preciso te falar que um de nossos irmãos, de cor, de sangue, de religião fará algo que não será muito bom. Um de nós como um capitão do mato, vai entregar e matar outro irmão e o pior que tentará ser maior que Omolu que só mata por doença, quando é necessário e não por qualquer coisa. Mas possa ser que Omolu não goste disso. Mas tu minha mãe que é filha de Nanã e que é mãe de Omolu, vai ter que fazer o papel de Iemanjá, pois querendo ou não terás que adotar outro filho e criá-lo como se fosse o teu, pois o teu já não é teu, minha mãe – depois de falar isto, o homem colocou o dedo indicador nos lábios como se sussurrasse silêncio e disse: Atotôo... a morte está vindo... a sombra de Omolu sempre esteve com o Preto... Atotôo... – o homem foi apagando, apagando até cair no chão, as filhas e filhos de santo o pegaram antes que batesse com a cabeça no chão. Mãe Dina e Gizo estavam com os olhos regalados diante de tanta revelação. Nogueira e Abelardo trataram logo de sair dali. Se benzeram e foram saindo de mansinho, sem que ninguém notasse. Mãe Dina começou a chorar, Gizo a abraçou, os outros filhos a abraçaram.

Muitos não entenderam o que disse o caboclo a Mãe Dina, todavia, a Ialorixá já sabia do que se tratava, seu choro era fino e agudo, o choro parecia fazer seus órgãos internos se apertarem. Mãe Dina chorava, os filhos de santo choravam, todos os presentes passaram a chorar. Os tambores silenciaram e até as imagens que foram colocadas na mesa pareciam estar tristes e assistiam o ambiente de dor que fora criado a partir das mensagens daquele que veio de longe para anunciar a morte. De quem? Era o que todos perguntavam. Quem será que vai morrer? Quem vai matar? Todos os presentes sussurravam e um ambiente de medo também se apossou de todos, pois ninguém sabia quem morreria. E a morte é coisa que todos temem, apenas pelo fato de estarem vivos.

CAPÍTULO 34

Eram exatamente, 11 horas e quarenta minutos da manhã de um terça-feira, quando José de Dina se dirigia para casa do Professor Emanuel. Em suas mãos havia uma sacola com sorvetes que havia comprado, todavia, no meio do sorvete misturado aos flocos de chocolates havia remédio para matar rato e outra substância venenosa misturada ao recheio. José caminhava, ansioso, angustiado, pois naqueles sorvetes estavam os elementos que provocaria a morte do professor. Levava dois apenas, consigo. Pensou em almoçar na casa do Professor como sempre era de costume, e como sempre ele levava a sobremesa e sabendo que Emanuel gostava de sorvetes, então pensou que assim ficaria mais fácil executar o plano do coronel.

Enquanto caminhava sua mente estava a mil: “preciso fazer isso, ou estarei morto após as eleições. Droga de vida, porque tem que ser assim? Emanuel é um amigo, apesar de nossas ideias, às vezes, não se baterem, isso não é motivo pra matá-lo” pensava José, soando frio. Não queria fazer aquilo, mas precisava. Foi então, que concluiu que as relações entre os seres humanos são por necessidade. E não por sentimentos nobres como o amor, a fraternidade ou a solidariedade. Sua necessidade antes era se tornar político de Quero-Quero, esse era seu querer, queria se tornar político para melhorar a vida das pessoas. Percebeu que havia se aproximado do professor, porque tinha visto naquele, a possibilidade da concretização do seu querer, por isso, por essa necessidade: se aproximou e até se tornaram “amigos”, entretanto viu que quando o professor não aceitou o seu pedido de sair candidato a prefeito, se sentiu constrangido e parecia que aquele amigo, não era tão amigo assim. Passou a ver o professor com outros olhos e por um momento chegou a sentir ódio do mesmo. Mas por quê? Talvez porque o professor já não iria ajudá-lo com aquilo que ele precisava ou necessitava. Quando José se viu

acuado pela ameaça de Zé Preto, viu que sua necessidade era preservar sua vida, o foco mudou, logo, mudaram-se as relações, percebeu que o professor não poderia ajudá-lo diante daquela ameaça e viu no coronel uma saída, ou seja, sua necessidade tinha mudado, José queria preservar sua vida, essa, tornou-se sua necessidade naquele momento, por isso procurou o coronel e se aproximou dele, porque precisava sobreviver. Daí, conclui que a necessidade do ser humano é que determina as relações que todos mantém entre si. Viu que os valores, os princípios só são criados após a adequação das necessidades ao contexto, espaço-temporal em que ele é criado e vivido. Percebeu também, que a vida e a morte são complementares, ou seja, se completam e se correlacionam, pois para que ele vivesse alguém teria que morrer. E que a vida só encontra seu verdadeiro valor, quando aquele que vive lembra que uma hora terá que morrer. A consciência da morte é que faz com que todos valorizem mais ainda a existência vital. José de Dina, nunca aprendera tanto sobre as coisas da vida como naqueles dois dias.

Não sabia se o que estava fazendo era certo ou errado, a consciência moral já não importava, o que importava era sobreviver.

Quando chegou a porta da casa do Professor. Parou, olhou para os sorvetes, pensou em voltar, todavia quando olhou para o caminho de volta, sentiu o cheiro da morte pairando no ar, preocupou-se com sua existência. Virou-se para a porta novamente e então, bateu.

Para sua surpresa não foi o professor que atendeu a porta, mas sim, a menina Marta, aluna do Professor. A garota pediu que José entrasse, pois o professor estava tomando banho para depois ir almoçar. Marta estava feliz e disse para José que naquele dia ela iria almoçar também com o Professor, pois fora convidada.

Por um momento, José pensou em voltar, mas Emanuel já saía do banho de toalha, sacudindo os cabelos molhados. Quando avistou José, sorriu e disse:

- Sente-se meu amigo! Vamos almoçar, hoje temos uma convidada, Marta almoçará conosco! Precisamos colocar algumas coisas em dia sobre a associação.

As palavras do professor fizeram José sentir um remorso por dentro. A palavra “meu amigo”, doeu-lhe o coração. Um nó formou-se na garganta.

Marta já puxara a cadeira e pegava na mão de José para que ele se sentasse a mesa. “Era tarde” pensava José que já se sentava constrangido, mas mantendo um sorriso parecido com vários que Judas deu a Cristo. A menina quando avistou a sacola com os sorvetes gritou:

- Professor, José, trouxe sorvetes! O professor do quarto respondeu:

- Ótimo Marta! E quantos ele trouxe?

- Dois – respondeu a menina.

- Melhor ainda. Será um seu e outro meu. Porque a sobremesa que meu amigo gosta é cocada de cacau e eu tenho aí na prateleira.

- Ué, professor. Mas acho que ele trouxe a conta. Um sorvete seu e outro dele. Pode deixar eu como a cocada!

- Fica tranquila, Marta! José não se dá bem com sorvete e nem com os gelados: picolé, cerveja, refrigerante... ele não pode tomar nada gelado, pois sofre de sinusite e um problema de garganta. Estou certo José, meu amigo? – falou o professor ainda do quarto.

- Verdade – respondeu José de Dina, atônito, olhando sem graça para a garota que já fazia um gesto com a língua passando entre os lábios, saboreando em sua imaginação aqueles sorvetes. A música que o coronel cantara para ele na fazenda há dois dias, começava a atormentá-lo, sua mente travou. José não sabia o que fazer, a situação era delicada: “e agora José?” pensava.

Quando o professor chegou à cozinha. A garota tomou a sacola da mão de José e foi logo pegando um sorvete e abrindo. José ficou branco, seu coração acelerou e como num impulso instintivo, foi contra a menina para tomar-lhe o sorvete. Antes que chegasse a ela, Emanuel se adiantou e tomou o sorvete das mãos da menina e disse-lhe:

- Agora não, mocinha! Primeiro você vai almoçar comigo e só depois a sobremesa. Combinado?! – sorriu para a garota. A mesma fez cara de tristeza, por fim concordou e sentou-se à mesa.

José sentiu um alívio por alguns segundos. Não podia comprometer aquela garota “o que vou fazer?” pensava desesperado. A comida foi posta à mesa, todos começaram a se servir. José observava a garota e o professor, transpirava aos poucos, sua respiração era cautelosa. Quando comia, o alimento descia apulso em seu estomago, não tinha fome, um frio macabro tomou conta do seu estomago, sua cabeça doía, as mãos estavam trêmulas. Observava cada movimento, cada colherada, cada garfada, o volume do alimento no prato do Professor e da menina que aos poucos ia diminuindo para mais tarde dar lugar aquela sobremesa mortal. “Deus, não sou um assassino!” aflito José em seus pensamentos. “O que estou fazendo?!”

Por um momento pensou em sua mãe. Quando ela descobrisse tudo, seu desgosto para com o próprio filho. Lembrou-se que sua mãe estava mal, envelhecendo, tinha perdido a razão de viver pelo fechamento do terreiro e só foi a partir do professor que sua mãe passou a viver novamente, hoje estava alegre, feliz, porque o professor havia levantado a autoestima de sua mãe. Dona Dina agora realizava seu xerês, sem polícia para perturbar, os orixás estavam felizes, sua mãe estava feliz. Não podia fazer aquilo. Como matar aquele que fez renascer sua mãe? Foi quando percebeu que agora, ele servia aqueles que destruíram os sonhos de Dona Dina, que fecharam seu terreiro e lhe tiraram a razão de viver. Viu que ele agora estava do lado do coronel e de Nogueira.

Sentia-se um capitão do mato que por interesses próprios e por outras benéficas caçava e matava seus irmãos de sangue para os senhores de engelho. A consciência lhe revelara a verdade, ele se tornara um traidor!

Quando deu por si, a menina já abrirá o sorvete e com uma colher, mergulhou no líquido pastoso e elevou a boca. José se jogou em cima da garota, tomou-lhe o sorvete e a colher de forma agressiva. Emanuel ficou sem reação olhando aquilo. José pegou os dois sorvetes e jogou novamente dentro da sacola. A menina estava em estado de choque. O professor olhou para José e perguntou:

- O que houve Zé? O que está acontecendo?

José de Dina olhando assustado para o professor com os olhos cheios de água e ainda trêmulo, se dirigiu a porta da casa do professor, abriu, olhou para trás, com os olhos lacrimosos. Olhou para o professor e disse:

- Espero que me perdoe meu amigo! Muito obrigado pelo que fez por minha mãe! Diga a ela que a amo muito! Adeus Professor! – disse essas palavras e saiu correndo porta a fora.

Marta estava atônita. O professor foi até ela e a abraçou. Ela ergueu os olhos e olhou para o professor. O mesmo ainda sem entender o que havia acontecido, apenas a abraçou e beijou-lhe a testa. Ambos ficaram olhando para a porta. O professor não sabia o que aconteceu, mas pelas palavras pronunciadas por José, sentiu que era a última vez que via aquele rosto amigo. Foi na direção da prateleira, pegou algumas cocadas de cacau, pôs sobre a mesa e juntamente com Marta ficaram a comê-las. Olhando um para o outro sem saber o que havia acontecido.



CAPÍTULO 35

O Coronel estava sentado na poltrona da sala e olhava constantemente para o telefone em cima da escrivaninha. Esperava o telefone tocar para ter notícias de José de Dina, se o plano havia acontecido como esperava. “Mas não tem como dar errado” pensava o Coronel, o mesmo já tinha dado ordens a Zé Preto para matar José de Dina, no caso de José de Dina desistir de envenenar o Professor.

A demora do telefonema o agoniava, precisava se livrar do Professor Emanuel, as coisas não aconteceram como ele esperava com o Professor e as eleições estavam a porta. E agora era a vez de Nogueira tocar os desejos e querer do coronel. Nogueira tinha mais pulso do que o seu filho Fortunato. Quando se lembrava de Fortunato, o Coronel sentia repudia pela covardia do filho de ter desistido do mandato, sem consultá-lo e fugiu para só Deus sabe onde.

O coronel levantou-se, foi a escrivaninha pegou o telefone e ligou para alguém. Após o telefone chamar quatro vezes alguém atendeu no outro lado da linha. Uma voz feminina disse:

- Alô!

O coronel deu um sorriso de satisfação ao ouvir a voz e continuou:

- Como você está?

- Bem – respondeu a mulher do outro lado da linha.

- Espero que o nosso plano ainda esteja de pé! Pois mandei um indivíduo, José de Dina, fazer um trabalho para mim, não sei se ele será homem suficiente para exercer a ordem que lhe dei. Entretanto, caso algo dê errado, Zé Preto já está encarregado de acabar com a vida dele, caso ele urine pra trás. Se é que você me entende!

A voz do outro lado, ofegava como se estivesse aflita e de repente respondeu ao coronel:

- Não precisa usar de métodos violentos com Emanuel, o professor não sabe se defender fisicamente, lembre-se: temos que fazer as coisas sem que ninguém perceba ou que deixemos vestígios, temos que ser discretos. Pelo menos esse era seu plano e continua sendo, não é?

- Sei disso! Mande envenená-lo, para parecer uma morte normal. Acho que no outro dia ou a tarde mesmo, quando ele não aparecer na escola, a Diretora mandará alguém ir na casa dele para ver o que aconteceu, quando chegarem lá: o encontrarão morto, sem explicação e pensarão “que foi uma fatalidade”.

- Mas será que é necessário matá-lo realmente? Já tentaram comprá-lo? Persuadi-lo, alguma coisa assim, como você mesmo havia planejado, e aí conseguiu?

- Já tentamos de tudo, mas aquele infeliz ou é besta, ou é louco, ou é muito corajoso. Ele recusou o dinheiro na frente de todos. Então, tivemos que partir para métodos mais efetivos. Agora, por que está fazendo essas perguntas. Você não está pensando em desistir, está?

- Não é isso. Eu estou confusa com tudo isso, não é fácil pra mim, na posição que estou. É que só acho que não deveríamos chegar a esse ponto.

- Não gosto do tom e o modo como fala agora! Por favor, peça-lhe que não desista! Você é a última carta que tenho na manga, se José de Dina falhar, então você entra no jogo e faz o que ele ficou de fazer. Lembre-se a morte tem que ser por envenenamento.

- Tá bom, mas não precisava colocar José de Dina nesta situação. O coitado deve estar muito confuso, já que Emanuel é muito amigo dele. Acredito que ele não vai conseguir.

- Melhor você parar com seus pessimismos e encarar a realidade. Quando mandei você se aproximar dele, te pedir que não se envolvesse tanto, era só pra você conseguir a confiança dele.

- Tá bom, vou desligar, e vou descansar um pouco, daqui a pouco tenho que ir à escola.

A mulher desligou o telefone, deitou-se na cama e ficou com olhar perdido no teto. Sentia uma angústia. Foi até a mesa da Sala e viu uma foto onde estava ela e Emanuel, por um momento Glória lembrou-se do dia em que seu pai a chamou na fazenda para lhe falar do plano. Falou-lhe sobre o professor Emanuel da cidade de Itagi, um homem polêmico e político que segundo informações de amigos dele em Itagi, o professor era inteligente e de grande potencial político, disse-lhe que fez com que seu amigo de Itagi, incentivasse o professor a participar do concurso em Quero-Quero, o amigo o convenceu. Manuel havia planejado tudo, fez com que Emanuel passasse no concurso e disse para a filha que com o tempo iria chamar Emanuel para participar do seu grupo político, tendo assim, mais uma mente brilhante junto com Nogueira no partido, caso isso não acontecesse, poderia lhe trazer problemas em Quero-Quero. Quando soube que Emanuel já estava na cidade, o Coronel tratou logo de chamá-la e contar-lhe todo o plano, pediu a filha que desse um jeito de se aproximar do professor mais ainda, fazer-lhe amizade, deixá-lo apaixonado. Depois o Coronel iria chamá-lo para um almoço e fazer-lhe o convite para participar do seu partido político, iria melhorar o salário do Professor e até lhe dar um cargo público, no intuito de trazê-lo para o Partido. O papel de Glória era seduzi-lo e pelo amor a filha, o mesmo entraria para a família Ribeiro, assim tudo correria bem, contudo, tudo agora, saíra do controle. Emanuel havia criado toda uma situação contrária aos planos do coronel e ela estava confusa, pois o que começou como uma simulação, agora era verdade. Glória estava envolvida demais

com o Professor, havia se apaixonado de verdade e sabia que sua menstruação estava atrasada há mais de um mês.

Glória não queria mais seguir os planos do pai e nem poderia permitir que o pai matasse o pai do seu filho. Começou a ficar desesperada, tinha que fazer alguma coisa. Não podia mais seguir com aquilo, ela pensava que por mais que Emanuel tivesse feito as associações e tudo, as coisas e negociações do seu pai estavam andando tudo bem. Mas agora, ela via que as coisas não estavam acontecendo como ela esperava. Seu pai havia lhe prometido, uma casa de praia, todos as despesas do casamento, um carro e ainda uma poupança de quatrocentos mil reais. Glória receberia todo o dinheiro, assim que as coisas se acalmassem e quando Emanuel já estivesse seguindo o querer do coronel e de Nogueira.

Glória alisava sua barriga, pensava no fruto daquele amor. Não poderia criar um filho sem pai, e já não conseguia viver sem Emanuel. Levantou-se foi tomar um ar na janela do quarto. Enquanto, tomava o ar, fechou os olhos e começou a orar. Pediu a Deus que protegesse Emanuel e que fizesse com que José de Dina desistisse do feito. Enquanto orava, abriu os olhos de leve e viu José de Dina passar correndo pela praça principal. José parecia desesperado e atônito! Glória pensou: “meu Deus, será que ele envenenou Emanuel?” e agora está fugindo. Desesperada caiu de joelhos no chão e com os olhos em lágrimas suplicou ao Senhor que a perdoasse por tudo aquilo. Por fim, lembrou-se que ainda poderia fazer algo pelo Professor, levantou-se como que por instinto e saiu em direção a casa de Emanuel.

CAPÍTULO 36

Minutos depois, José de Dina chega à casa do coronel. Havia corrido muito, estava exausto e muito suado. Zéfa lhe trouxe um pouco de água para beber, enquanto o mesmo esperava o coronel. Zéfa foi avisar ao velho fazendeiro que José o esperava na varanda da casa e que queria lhe falar em particular. O coronel já sabia do que se tratava e foi ao encontro de José.

José bebia seu segundo copo de água. Após dar o último gole e baixar o copo diante das vistas, eis que já se deparou com a figura do coronel sentado ao lado numa cadeira de balanço, ansioso para ouvir as boas novas. José tomou um susto, entregou o copo com água à Zéfa. Manoel Ribeiro, só olhou para a índia e fez o sinal para que a mesma retornasse à cozinha. Zéfa entendeu, fez um gesto com a cabeça de afirmação e saiu.

- E aí como foi? O desgraçado já está morto? – adiantou-se o coronel ansioso pela resposta esperada.

- Bem, meu senhor... é ... é que... O coração de José batia aflito, pois já sabia o que iria lhe acontecer, caso não terminasse o serviço.

- Desembucha, homem! – Falou o coronel agoniado e impaciente com a demora da resposta – Não vai me dizer que você não cumpriu como o seu dever?

- Me perdoe, meu senhor! Não poderia matar Emanuel e também apareceu uma menina por lá, e eu não poderia carregar nas costas a morte da garota também. Não sou um assassino coronel – disse-lhe José de Dina, com a cabeça baixa e os olhos cheios de lágrimas.

- Mas isso não é possível, te mando fazer uma coisa tão simples e você foi incapaz de cumprir com o que lhe pedi. Você realmente é um fracassado, José. Por isso, que sempre venci de você

aqui dentro. Você é fraco, medroso e sempre será! – respondeu o coronel furioso e trêmulo de desgosto pelo que via e ouvia.

- Coronel, por favor, tenha piedade! Converse com Zé Preto. Se o senhor quiser que eu faça outra coisa por Vossa Excelência é só mandar que faço. Agora não me peça pra matar ninguém, não sou um assassino coronel. Sou novo ainda, quero ter filhos, me casar e ter uma família, não deixe que Zé Preto, prive isso de mim. Eu lhe suplico perdão meu senhor, perdão, misericórdia, não deixe ele me matar! – José falava tudo isso num desespero.

Manuel Ribeiro ouviu as suplicas de José. Lá num fundo gostou de sentir aquele poder em mãos. Um dos seus maiores inimigos políticos pedindo-lhe clemência e misericórdia. Por alguns momentos sentiu-se regozijar por dentro. Por fim, olhou para o homem que estava em sua frente, agora de joelhos. Foi em sua direção, pediu que lhe estendessem as mãos no chão. José obedeceu, o coronel pisou-lhe as mãos e com os pés apertava-as olhando no olho de José, falou-lhe:

- O que você me pediu: misericórdia, perdão. Infelizmente não poderia dar a você, pois tais dádivas são de Deus. E eu não sou Deus, muito menos acredito que ele exista, portanto deixarei por parte dele que resolva seu problema. Quanto a mim, farei e continuarei aquilo que planejei. Já você, penso que deves ir o mais longe possível. Mas lembre-se ninguém em Quero-Quero faz o contrário do meu querer e ficar por isso mesmo – após falar, o coronel tirou seus pés de cima das mãos de José de Dina. E disse-lhe: – Foi um prazer ter sido seu inimigo por tantos anos. Mas agora tenho outro inimigo para se preocupar.

José de Dina ficou a chorar de cabeça baixa, chorou feito uma criança. Levantou-se e saiu dali, foi para casa da mãe, no intuito de vê-la e se despedir dela.

....

Uma hora depois, chegou à casa da mãe. Adentrou-se, quando chegou a cozinha, seu coração acelerou, não acreditou no que via. Sentado à mesa da cozinha tomando café e sorrindo com Gizo curador estava Zé Preto.

Gizo o olhou e disse-lhe: – Zé Preto, já lhe espera há uma hora, José. Sua mãe foi no barracão fazer uma obrigação para Oxóssi.

Zé Preto completou: - Venha José! Tenho uma coisa importante pra lhe falar. Sente-se! – enquanto José se locomovia com muita dificuldade para se sentar à mesa. Zé Preto pegou uma xícara que já estava em cima da mesa e a encheu de café para José, depois, apontou-lhe uma cadeira do lado e pediu que o mesmo se acomodasse. José estava quase paralisado de medo, não sabia por que Zé Preto estava ali, lhe esperando. Olhou para sua cintura para ver se o mesmo estava armado, observou se Zé tinha uma faca, canivete ou qualquer arma por perto. Contudo, Zé Preto sorria e amassava a cintura de Gizo que todo sorridente os deixou a sós na cozinha.

José não piscava o olhou das mãos de Zé Preto, qualquer movimento diferente, seus instintos corresponderiam da forma necessária a uma situação daquelas: ou correr, ou enfrentá-lo. Zé Preto lhe passara a xícara de café e perguntou-lhe:

- Conseguiu cumprir com a responsabilidade que lhe deram, José?!

- Não! – respondeu José atônito, esperando qualquer movimento de Zé Preto. Por fim, ouviu José responder algo que não esperava.

- Normal! Nem todos tem coragem para ser comparsa da morte. Na verdade, você não é um assassino, José!

Ao ouvir aquilo, José ficou sem entender o que estava acontecendo. Zé Preto continuou:

- Fique sossegado. Daremos outro jeito. A morte de uma pessoa pode ter várias justificativas, ou desculpas. E acredito que algumas coisas não acontecem em determinados momentos, porque na verdade, não tem que acontecer. Há tempo pra tudo, meu amigo!

José de Dina foi ficando mais calmo, tomou um gole do café e passou a respirar mais aliviado. Olhou para Zé Preto e perguntou-lhe:

- Não vai me matar?!

- Agora não, é como falei: a morte tem o seu momento exato. Ela talvez não chegue agora para você, mas em outro momento virá. Como vem para todos, às vezes acontece quando menos esperamos e na maioria das vezes quando estamos muito felizes com a vida.

- O coronel conseguiu entrar em contato com você? – perguntou José de Dina, sem saber se o coronel tinha avisado Zé Preto do ocorrido, naquele período de uma hora em que ele levou para chegar na casa da mãe.

- Não. Eu estava aqui, como Gizo lhe falou há uma hora. Tomando café e jogando prosa fora. Bem, o papo está bom, mas preciso ir. Enquanto ao professor não se preocupe daremos um jeito, não precisa carregar a morte dele em suas costas. Agora descanse e veja o que fará de sua vida daqui em diante, hoje lhe pouparei a vida. Eu o pouparei, já o coronel acredito que não! Então, vá e descanse enquanto é tempo, e esqueça todo o resto. Tenha uma boa tarde e um boa noite, José! Amanhã o verei e sei que estará melhor do que agora, afinal amanhã é outro dia! – deu-lhe um sorriso estranho e saiu.

Zé Preto se retirou. José de Dina ficou sem entender. “Por que não me matou?” pensou. Contudo, estava aliviado pelo menos teria mais alguns dias e talvez pudesse fugir, mas precisava

avisar sua mãe. Bebeu o restante do café, foi para o banheiro tomou um banho e dirigiu-se para o seu quarto.

Quando arrumava a cama para se deitar, sentiu uma dor profunda e como se os órgãos por dentro se retraíssem todos para um ponto só: a barriga. A falta de ar começou logo em seguida, as coisas começaram a girar, José foi ao chão sem entender o que estava acontecendo, tentou se arrastar até a porta do quarto, enquanto se arrastava lembrou-se: o café. O café que Zé Preto lhe dera na xícara. A ficha havia caído tarde, havia veneno no café. “Os órgãos se retraíam mais e mais, o ar foi ficando escasso, “mãe” sussurrou José. Diante dos seus olhos apareceu a imagem de sua mãe envolta de uma luz, José pediu-lhe perdão pelo que havia se tornado. A mãe estava, com um olhar de tristeza, mas chorava de alegria e satisfação, ao seu lado estava Ogum, que lhe dizia: “vai em paz, filho meu, vai em paz!”, agora José não sentia mais nada, só a luz, o vazio, seguido da escuridão e do último suspiro!



CAPÍTULO 37

A Professora Glória não chegou a entrar na casa de Emanuel, ficou do lado de fora entre uns arbustos, escondida, apenas observando, quando avistou de repente pela janela da casa, o professor e Marta na banca da tarde. Seu coração se aliviou, via que José de Dina não havia feito o mal para com seu amigo, não queria ser um judas, assim também como ela. A noite caiu, e ela ainda estava lá, observando o seu amado e sem saber se poderia ou não continuar o plano maquiavélico do seu pai.

Glória estava apaixonada por Emanuel, por suas ideias, por sua pessoa, pelo ser humano que ele era. Nunca imaginara se casar ou ter filhos, contudo com ele tudo parecia muito bom e prazeroso, “ele será um ótimo pai”, pensava Glória! E observava de longe o carinho dele com Marta. Tão paterno, tão lindo, tão humano!

Enquanto a noite caía adentro, Glória resolveu ir para casa, tomar um banho e mais tarde receber a visita do seu amado. Quando chegou em casa, ajoelhou-se e orou, agradecendo a Deus pelo milagre e prometendo-lhe não pecar mais. Foi ao banheiro, tomou banho, voltou para o quarto, se trocou. Enquanto penteava os cabelos, o telefone tocou.

- Alô – disse Glória.

A voz do outro lado respondeu:

- Alô, minha filha! Aqui é seu pai. Lamento lhe informar, mas José de Dina não cumpriu o prometido, infelizmente eu, Nogueira, Zé Preto e todo nosso partido precisa de você agora para executar o plano C...

Enquanto conversava, o Coronel fora interrompido pela filha que em êxtase já lhe dizia não!

O homem do outro lado da linha ficou pasmo com a resposta e retrucou:

- Como assim, não?

- Não meu pai! Não vou fazer o que o senhor quer que eu faça! Não, não e não! – respondeu Glória que agora estava com ódio no coração e os olhos cheios de lágrimas, continuou – Não posso matar o homem que amo, nem posso privar meu filho de um pai. Você terá um Neto, senhor Manoel Ribeiro, você será avô, sei que não é um neto do genro que você queria, mas fazer o quê? Será seu sangue, será um Ribeiro... você está ouvido Senhor Manoel Ribeiro, Dono de Quero-Quero, senhor dos quereres desta pequena cidade! Agora, eu lhe digo que o querer do meu filho é ele quem vai decidir sobre o que quer ou não fazer da vida futura dele. Não quero que ele se corrompa com os seus quereres! – por fim, deu um grito histérica e desligou o telefone. Olhou-se no espelho estava com os olhos cheios de lágrimas, contudo com um olhar fixo e firme de uma mulher decidida e que sabia o que queria para sua vida e seu futuro. Havia se libertado do cativeiro imposto pelo próprio pai.

Do outro lado da linha o coronel ficou sem palavras. Zé Preto estava ao seu lado, mas não sabia do teor da ligação, nem da conversa. Manoel Ribeiro, sentiu um vazio, viu um buraco abrindo sobre seus pés, sentiu-se perdido e desabrigado. Fortunato já era um desgosto por ser filho de um estupro e ter mais traços da mãe do que dele, já a filha ele não esperava tamanho desgosto, Glória sempre fora a preferida da casa, a mais mimada, a que lhe dava mais prazer e orgulho e agora um neto bastardo, de um infeliz que ele odiava e que o estava fazendo perder quase tudo que construiu. O poder sobre a cidade, as rédeas do gado (povo) que ele dominava. Manoel só queria está por cima, para puder mandar e humilhar as pessoas, não era tanto pelo dinheiro, mas sim pelo prazer de mandar e ver os outros obedecerem, pelo prazer de ver os outros homens o chamarem de Meu Senhor. Mas naquele momento, sentiu-se invalido, pois só agora percebera o porquê de estar perdendo o poder da cidade. Ele não estava

conseguindo impor seu querer há mais ninguém, nem sobre os seus dois filhos, imagine o resto. Uma angustia lhe veio por entre os fios daquele telefone, apossou-se do seu coração. Os filhos o abandonaram, a mulher havia morrido por causa dele mesmo, começou a sentir-se um homem sem valor, um velho que só esperava a hora da partida e que tinha uma mania de poder imbecil, que não levaria a lugar algum, pois se morresse naquele momento não levaria nada dessa vida, nem ao menos um sorriso de alguém, pois durante toda a vida só massacrou, estuprou e matou pessoas.

Um ódio foi se abatendo internamente no coronel, o mesmo sentiu uma dor no peito e um lado do seu corpo começou a ficar paralisado. Como poderia matar o tal do Emanuel agora, se o neto dele seria filho deste homem. Pela primeira vez, o coronel percebeu que ele não poderia matar aquele homem, pois sabia que se matasse Emanuel, mataria também a criança, que no futuro seria infeliz sem a presença de um pai. Pela primeira vez, Manoel sentia-se incapaz de realizar um de seus quereres e desejos que era matar aquele professor.

Manoel Ribeiro foi ao chão. Zé Preto gritou Zéfa, a mesma veio correndo quando viu a cena do coronel se retorcendo com a boca torta, correu para sala, pegou o telefone e ligou para o hospital. Zé Preto pegou o coronel nos braços e levou para o carro do lado de fora da sede da fazenda e rapidamente pediu pra Zéfa ligar para Nogueira.



CAPÍTULO 38

O tempo passou na cidade de Quero-Quero. O coronel agora estava sentado o tempo todo numa cadeira de rodas, sem puder falar, nem se mover, apenas observava as coisas com os olhos que agora pareciam querer saltar das vistas, os olhos pareciam sempre querer conversar alguma coisa. Zéfa cuidava dele todos os dias, dava-lhe banho, escovava os dentes, trocava-lhes as fraudas, não por amor a ele, mas pelo seu filho: Fortunato.

Fazia uma semana, que nos jornais da capital apareceu a foto de um jovem queroquerense que descobriu seu talento artístico na capital, Salvador. O nome do artista plástico era Fortunato de Almeida, as notícias falavam desse jovem talento que surgira na capital e que agora ganhava o Brasil inteiro, com quadros e pinturas que retratavam pessoas simples e com hábitos estranhos. O artista nas entrevistas sempre falava que só poderia pintar e desenhar as coisas que conseguiu viver, ver e sentir, no caso, as suas obras relatavam o cotidiano de um povo simples e de hábito estranho, moradores de uma pequena cidade do interior, chamada Quero-Quero. Em uma de suas obras aparecia um velho de chapéu e barbas brancas com uma postura patriarcal, inigualável, a figura do velho estava sentado a uma mesa tomando café com um celebre filósofo italiano político: Nicolau Maquiavel. Só que na figura do quadro ao fundo, existia uma prateleira de biblioteca e nela só existia livros com uma única capa e nota lateral, o príncipe, a obra mais famosa do filósofo italiano.

Zéfa lia os jornais e levava para o coronel ler. O mesmo apenas, olhava as reportagens, contudo no dia em que viu a reportagem sobre o artista plástico, o velho, ficou um bom tempo sem querer desgrudar do jornal passou horas e horas, observando a capa que tinha a foto do filho e o quadro que segundo o artista era sua obra prima. Na tela do quadro existia a figura de uma índia, já de idade e de fundo se confundindo com a figura da

índia, erguia-se a figura da estátua da liberdade em um efeito de contraste tão poderoso que pareciam que a índia e a estatua eram uma só.

O coronel na cadeira de rodas, olhava para as imagens e de vez em quando uma lágrima caía sobre seu rosto. Ele não podia falar nada, mas os olhos e suas reações diziam muito. Zéfa, o acalmava e trazia-lhe chá.

Os meses foram se passando e a campanha política já estava para se iniciar, as convenções estavam próximas. O velho, Manoel Ribeiro, ainda tinha a esperança de que Nogueira ganhasse as eleições e continuasse o que ele não pode terminar, já que até o momento não havia nenhum candidato de oposição. A morte de José de Dina caiu como uma luva para esfriar os ânimos da oposição.

Nogueira ia todos os dias visitar o coronel, contava-lhe como estavam os preparativos da convenção do partido e as estratégias montadas para o sucesso da campanha. O coronel apenas, assentia com os olhos, fazendo a entender para Nogueira que estava entendendo tudo que ele dizia e o balançar dos olhos era a confirmação de que os atos em ação, poderiam ser executados.

Nogueira e Zéfa queriam entender o porquê daquela recaída do coronel, mas não conseguiam imaginar o que poderia ter provocado o AVC no coronel. Para quem ele teria ligado, que pessoa estava do outro lado da linha? E o que falara ao coronel para causar-lhe tanto mal emocional? Até agora, nenhum dos três sabiam: nem Nogueira, nem Zé Preto e Nem Zéfa. “E a menina Glória que nunca mais aparecera pela fazenda, será que não sabia o que havia acontecido com o pai?” Todas essas perguntas estavam a resmungar na cabeça de Zéfa. A índia tentou ligar várias vezes para Glória, mas Glória parecia não atender o telefone e o número de Fortunato ela não tinha, Zéfa queria avisar os filhos do problema enfrentado pelo pai, mas infelizmente não podia, os filhos do coronel pareciam incomunicáveis.

Na verdade, nem todos da cidade sabiam que Glória era filha de Manoel Ribeiro, pois desde criança a jovem sempre ficava na fazenda e quase não saía e nem aparecia na cidade. O velho Manoel sempre teve Glória como uma grande aliada, e sempre procurou ocultar a existência da menina aos olhos dos outros, pois sabia que no futuro precisaria de olhos em repartições públicas, principalmente, dentro da área da Educação, pois a Educação era a única coisa mais perigosa que o coronel temia e que poderia destruir seus planos, por isso ocultou Glória por tanto tempo, levou a menina para estudar na capital, só depois de formada na capital é que o coronel a trouxe para Quero-Quero, utilizou-se do mesmo sistema do concurso público, tanto que ninguém na escola sabia que Glória era filha de Manoel Ribeiro, Glória tinha uma cópia e duas identidades, a verdadeira e a falsificada que usou pra colocar seus dados na escola, a maioria pensava que era apenas uma professora que passara no concurso público de Quero-Quero.

Glória era uma espécie de espiã e que levava todas as informações do que acontecia e não acontecia na Escola Manoel Ribeiro e em outras escolas do município, inclusive foi o seu braço direito, quando foi preciso reformular o currículo das escolas de Quero-Quero, entretanto, tudo agora mudara.

As coisas haviam mudado de rumo, tudo estava ficando confuso e o coronel parecia não exercer mais tanta influência sobre o poder da cidade, tudo agora dependia das eleições e do papel de Nogueira dentro daquele contexto.

O Coronel continuava a observar o jornal que estava em sua mão, via a foto do filho e ficava a admirar o quadro, onde o filho pintou com muito realismo sua figura e a do filósofo Maquiavel tomando café no seu escritório particular, realmente, o coronel reconhecia que era obcecado pelas ideias de Maquiavel e que havia utilizado de muitos dos seus argumentos para se manter no poder político daquela cidade, e para se livrar e criar estratégias

para lidar com os seus inimigos durante a campanha, sempre se valia do filósofo oriental Sun Tzu e o seu livro a *Arte da Guerra*.

Enquanto observava o jornal, alguém chamou na porta. Zéfa foi ver quem era, quando chegou na varanda viu que era o carro dos correios, o carteiro lhe trazia duas encomendas. Zéfa assinou, pois Manoel não poderia assinar e os homens dos correios pegaram duas caixas de cerca de um metro de altura e um metro de largura, todas as duas muito estreitas e sem espessura nas laterais. Adentraram dentro da casa do Coronel e as colocaram na sala de estar.

Quando o carro do correio saiu, Zéfa muito curiosa foi abrir as caixas para ver o que tinha dentro, quando abriu a primeira, se emocionou ao perceber que era uma cópia do quadro original em que Fortunato havia pintado ela e a estátua da liberdade em uma fusão extraordinária em que se confundia sua imagem com a da estátua, dando a entender que ambas eram as mesmas pessoas ou que uma estava fundida na outra. Os olhos de Zéfa se encheram d'água e se fixaram no coronel que também jazia emocionado.

Ao abrir a outra caixa estava outra réplica do quadro do coronel com Maquiavel, ela correu foi em direção a Manoel Ribeiro e expôs o quadro a sua frente. O velho, apenas contemplou a obra de arte e lágrimas brotaram de seus olhos e desciam vagarosamente por sua frente, ali percebeu que o filho era um grande homem e que ele nunca o tinha notado, porque sempre quis ver o que seus olhos queriam ver, e só agora, pôde notar e aprender que é sempre bom o homem ver as coisas sem preconceitos ou julgamentos, apenas contemplar sem nenhum conceito antecipado aquilo que se olhar diante dos olhos, só assim, o homem passará a ver as coisas como realmente elas são em si mesmas, caso contrário, nunca aprenderá a ver as coisas do jeito que realmente elas são. Concluiu: que nunca tinha visto realmente o seu filho como ele era, mas sim com repulsa e ódio, pois o filho não correspondia ao conceito antecipado daquilo que ele queria ver e

que gostaria que o filho fosse. Por fim, o velho começou a chorar em soluços, Zéfa o abraçou e ambos ficaram emocionados olhando o quadro perfeito dado de presente pelo filho Fortunato de Almeida Ribeiro, grande pintor realista que ganhava o mundo com sua arte e simplicidade.

Nogueira observava a cena com certa frieza e repulsa, contudo continuou ali, parado também a contemplar os quadros, por fim pensou: “Não é que Fortunato tem talento mesmo. O idiota conseguiu ser alguém importante. Breve também serei”.



CAPÍTULO 39

Faltavam duas semanas para as datas das convenções e o professor estava pensando nas palavras de José de Dina, seu finado amigo. Lembrava-se de sua luta pela libertação daquele povo, via que queria mudar a estrutura política, acreditando que dessa forma acabaria com a corrupção dentro daquela cidade, apesar do professor discordar dessa ideia. Emanuel pensava em cada questão, entretanto não queria entrar na política daquela forma, com partido, sendo candidato, nunca gostou da ideia de um dia se tornar profissional da política. “O que fazer? Também não poderia deixar as eleições acontecerem sem uma oposição” indagava o professor em seus pensamentos.

Emanuel ficara horas e horas, pensando em várias possibilidades, tentando encontrar formas de interferir e dificultar os planos de Nogueira e Manoel Ribeiro. Enquanto pensava, chegou na sua casa Glória acompanhado de João contador da Associação. João precisava pegar a assinatura do professor, pois com a morte de José de Dina, eles precisariam de outro nome para substituir o presidente da associação, por aclamação todos associados optaram pelo professor Emanuel. Ele havia fundado a associação, mas não era presidente, deixou a presidência com José de Dina, apenas ficava por fora orientando a direção da associação a tomarem as medidas certas para que o projeto seguisse legalmente e sem infortúnios, nem erros legais. O professor era apenas um associado comum como todos os outros. Orientar era seu papel sempre defendia sua posição enquanto educador.

Glória e João se assentaram a mesa com Emanuel que estava pensativo com as mãos sobre o queixo e os cotovelos apoiados na mesa.

- O que houve Professor? – indagou João.

- Estou pensando João. José de Dina morreu, o partido dele está sem direção, assim como a associação. Tenho medo de não ter oposição e Nogueira acabar levando essa eleição de novo.

- Verdade – afirmou João.

- Meu amor, não fique grilado com isso não, o que precisamos é dar continuidade ao trabalho que estamos fazendo e com o tempo, estaremos com uma prefeitura paralela e gerando muitos empregos para os cidadãos dessa terra e depois do que você ensinou a esse povo, acredito que os moradores daqui nunca mais se inclinaram as vontades de Nogueira e do Coronel – disse Glória apertando-lhe uma das mãos.

- Isso é fato, meu amor. Contudo acredito que se possa fazer mais por este município. Não gostaria de ver Nogueira prefeito de Quero-Quero, ele é sujo, corrupto e bastante maquiavélico, diria que é um psicopata em potencial e não quero esse tipo de gente no poder. Ainda mais no topo do poder, veja o que Hitler fez com a Alemanha e aos judeus, pessoas como Nogueira devem ser impedidos de ter poder em mãos, pois gente assim representa um perigo para a sociedade.

- E se incentivarmos o povo a não votar ou votar em branco! – adiantou-se João.

- Não adianta meu caro João! Se fizermos isso, não sei se seria muito democrático e mesmo que déssemos votos nulos, isso só adiaría as eleições, mas não poderia evitá-las, pois seria convocada outra eleição, penso que devemos pensar em tomar uma atitude urgente para ajudarmos esse povo – explicou o professor.

- E se procurarmos outro nome para fazer oposição a Nogueira. Você seria um ótimo nome – falou João entusiasmado.

- Não quero, meu amigo! Nunca quis, e não vai ser agora que vou querer – respondeu o professor.

- Ué, e por que não? – disse Glória atônita.

- Vocês nunca entenderão, meu amor. Sou um professor é o que sou, não quero estar político. O estar político é muito perigoso, neste estado tudo pode acontecer, tenho ideais, princípios, valores que não quero perder de vista e quando estamos políticos precisamos: reunir-se em bastidores, fazer articulações muitas das vezes desonestas para conseguirmos atender nossas metas. E não quero nunca me sujeitar a fazer parte disso, pois não fui feito para isso, não tenho maldade em mim, meus amigos. E não é agora que pretendo adquiri-la. Se alguém tiver um nome posso até apoiá-lo, ser coordenador da campanha, mediar, orientar, é isso que sei fazer e é para isto que me tornei o que sou. Não quero me tornar um político. Admiro que tem coragem e determinação para sê-lo, contudo isso eu não tenho.

Glória e João entenderam o que Emanuel expôs para eles e ficaram a admirar mais ainda, aquele homem, sem vaidade, sem ego, uma criatura que só queria ajudar aquela comunidade, mas sem nenhuma pretensão. Por fim, João falou:

- Já li em algum livro, só não me lembro o autor, professor. Que: “para que o mal prevaleça, basta que os bons não façam nada”.

- Platão também disse algo parecido, meu querido João. Foi a máxima de Platão que fez com que eu tomasse essa atitude de ajudar as pessoas desse lugar a olharem a política por uma outra visão. Platão diz algo referente a política, onde ele diz que, se você odeia a política e você é bom, isto é um problema, já que quem é ruim a ama. Sendo assim, os bons que odeiam a política sempre serão governados pelos maus que a amam e participam dela.

- Então estou disposto a amá-la e a participar dela de todo o meu coração, no sentido mais literal da palavra – respondeu João. Os olhos de Emanuel agora se ergueram para a figura do amigo tesoureiro e ao ver os dois, Glória e João Juntos, sua mente teve um insight e o professor começou a rir sozinho. João e Glória

ficaram sem entender. Por fim, Emanuel falou, já sei quem fará oposição a esses pilantras.

- Quem? – perguntou Glória ansiosa pela resposta. Emanuel respondeu:

- Um homem honesto, inteligente e de grande caráter e uma mulher guerreira, inteligente, carismática e exemplo de feminismo dentro deste município e que a oposição não tem o que falar desses dois camaradas. Se olharem agora nos meus olhos, os verão dentro de minhas pupilas. Acredito que ganharemos com essas duas figuras que se apresentam refletidas no meu globo ocular e que estão diante dos meus olhos aqui, agora! EURECA!!!

João e Glória estavam em estado de choque. Emanuel sorria de tanta felicidade. João balançava a cabeça e soltava um sorriso de satisfação para o professor. Já Glória sentia-se incomodada, não pelo fato de ser escolhida como pré-candidata do seu querido professor, mas pelo fato de que na hora de realizar o registro da candidatura terá que escrever o seu nome completo Glória Maria de Almeida Ribeiro. Emanuel descobriria em pouco tempo que ela era filha de Manoel Ribeiro o tempo todo e nunca havia lhe dito nada, esse era seu pesadelo agora. O professor foi na direção dos dois para dar um abraço, Glória simulou um falso sorriso, já João sorria pela confiança a ele dada e a nova missão a ele confiada.

- E acho que ficará melhor se você Glória ser a candidata a prefeita e João o Vice, não que eu esteja desmerecendo sua capacidade João, todavia seria uma boa articulação, já que Glória é mulher, isto seria estratégico, a primeira mulher candidata a prefeita da cidade de Quero-Quero – falou o professor entusiasmado.

- Concordo, meu amigo! Perfeito. Eles não terão o que falar dela, um exemplo de Educadora, de mulher, de moral, de ética e de feminismo – confirmou João muito feliz, por saber que

de alcoólatra, tornou-se pré-candidato, agora iria disputar uma campanha pelo seu município, sua missão agora era libertar Quero-Quero das mãos do fazendeiro Manoel Ribeiro e dos planos maquiavélicos do vereador Nogueira. João se sentia muito importante e forte, e preparado para exercer a função já que teria o apoio do filho e da esposa: Angélica.

Já Glória se esforçava para dar um sorriso e sentia que assim que Emanuel descobrisse a verdade, acabaria com o romance dos dois, ela não queria perdê-lo, mais importante que as eleições na cabeça dela, era não perder Emanuel, naquele momento tão delicado. O querer de Glória era ter Emanuel consigo e não ser prefeita de Quero-Quero. A ruiva de cabelos cacheados agora estava num dilema, precisava contar para Emanuel a sua identidade, antes que ele descobrisse por outros ou pelo próprio tribunal de Justiça eleitoral ou na convenção.



CAPÍTULO 40

Quando terminaram a conversa, João se despediu do professor e disse-lhe que iria providenciar as documentações necessárias ao registro da candidatura e que no outro dia seria interessante, os três sentarem para começarem a traçar as estratégias e todo o planejamento da campanha política, também para criarem a equipe de trabalho da campanha. O professor Emanuel concordou com João. Depois de um abraço os dois se despediram, o professor foi a porta acompanhar o amigo e Glória ficou a mesa a esperá-lo.

Quando retornou, o professor sentou-se à mesa e foi ao encontro de Glória, em questão de minutos Emanuel percebeu que Glória não estava bem. Perguntou se ela estava sentindo alguma coisa, iria fazer um chá para ela, todavia ela se recusou a tomar o chá e fez com que ele se sentasse a mesa com ela, pois queria lhe falar algo importante. Emanuel não gostou muito do tom de voz de Glória, ainda assim, sentou-se e ficou atento as palavras de sua amada.

Glória pegou em suas mãos, olhou-o nos olhos e disse:

- Desculpe-me meu amor!

Emanuel mudou o semblante e ficou sem entender o que acontecera, contudo sabia que um pedido de desculpas, advêm de um ato feito em que um erro fora cometido. Emanuel sempre dizia a seus amigos que a melhor maneira de se pedir desculpas é evitar que se peça desculpas. Por fim, indagou Glória:

- O que você fez?

Glória se encheu de angustia, pois viu o semblante de Emanuel mudar, assim como seu tom de voz e sua postura perante ela. O olhar dele já estava diferente e a olhava como se fosse uma estranha. A professora com os olhos cheios de lágrimas, repetiu:

- Desculpe-me meu amor!

A repetição da frase deixou o professor sem chão. Sabia que Glória havia feito algo e que estava arrependida, só não sabia o quê. Como já sofrera uma decepção amorosa no passado, veio logo a mente de Emanuel, visões de traição. A frase de Glória mexeu numa ferida mental de Emanuel que acabou por magoá-la novamente, e abrir janelas do inconsciente que até agora estavam fechadas e que o professor jamais pensou em abri-las novamente. Um nó na garganta se fez, um frio na barriga o fez diminuir a pressão, suas lembranças de dor voltaram todas de uma vez só e em sua mente o que se ouvia era a repetição do advérbio de negação: “não, não, não, não... não pode está acontecendo de novo, não, não...”. O jovem homem sentiu-se perdido e desorientado. Como por instinto, colocou as mãos na cabeça, olhou para Glória e disse-lhe:

- O que você fez, mulher? Me diga, pelo amor de Deus, o que você fez?

Glória percebeu que o substantivo “mulher” nas palavras de Emanuel, já indicavam indícios de que ela, a partir daquele momento, tornara-se uma estranha para ele. Os seus olhos já escorriam lágrimas. Tentou acalmá-lo:

- Não é o que você está pensando, meu amor! E não me chame de mulher, por favor!

- Fale logo o que você fez? Você me traiu com alguém?

- Não, minha vida! Jamais faria isso com você!

A resposta de Glória acalmou um pouco Emanuel, entretanto como sabia que as mulheres são mestras na arte de simular coisas e até mesmo o orgasmo, Emanuel manteve a guarda e ficou confuso, pois não sabia se acreditava nas palavras de Glória ou em sua fisiologia. Pois podia ver em seus olhos um desespero, do quê, ele não sabia.

- Preciso te dizer algo que omiti de você, meu bem – disse Glória, voltando a segurar nas mãos de Emanuel.

- O que você omitiu de mim? O que não me contou? – perguntou o professor um pouco mais calmo e olhando nos olhos de Glória.

Glória então se fez discorrer todos os fatos e contou-lhe toda a história desde o início, por fim Emanuel ficou sabendo a verdade de quem ela era filha e de todo o projeto maquiavélico elaborado pelo fazendeiro Manoel Ribeiro para a vida de Emanuel.

Após ouvir tudo, Emanuel afastou-se de Glória, sentou-se no sofá da sala e mergulhou nos seus pensamentos: “o que eu faço? Ela mentiu pra mim o tempo todo. Será que ela realmente me ama? Ou está apenas simulando? Mas amo-a. O que faço?” indagava Emanuel em seus pensamentos. A confusão mental era grande, já que todo homem possui um instinto de sobrevivência muito ativo e para um relacionamento ser perfeito e dar certo, a confiança é essencial e naquele momento Emanuel não sabia se confiava ou não em Glória. “Será que não está omitindo mais coisas?”. Enquanto pensava, ouviu Glória disse-lhe:

- Estou grávida de você, meu amor! Estou esperando um filho teu. Eu iria te contar, mais cedo ou mais tarde, mas não queria que fosse assim.

As palavras de Glória entraram como uma faca afiada na mente e no coração do professor que agora, estava mais confuso ainda. Sempre quisera ter um filho, com alguém que amasse só que, naquele momento, já não sabia se amava mais a professora.

- Eu te amo muito Emanuel, eu desistir dos planos do meu pai por sua causa, não me abandone, por favor! Acredite em mim, por favor! – Glória já chorava de forma desesperada. Uma dúvida machista ainda pairava na cabeça de Emanuel.

Quando perdeu a mulher que fez parte do seu passado, a situação foi bem parecida. A mulher o havia traído com outro homem. Glória não tinha feito isto, contudo havia feito uma traição também, em lhe esconder a verdade e fazer parte de um plano

tão nojento e mal. “Quem era Glória? O que era Glória?” perguntas dessa natureza perambulavam em sua mente. O professor estava num dilema: “Acreditar ou não acreditar, eis a questão?”. E se o filho realmente fosse dele, como explicar ao filho no futuro sua repudia pela mãe.

O professor levantou-se do sofá e saiu de dentro de casa, fechou a porta e foi para a rua. Glória ficou na mesa chorando e pedindo que ele não fosse. Emanuel não atendeu, o pedido de Glória, pois queria um tempo sozinho para pensar.

Quando estava indo em direção a praça, João que estava conversando com um morador local pegando a assinatura do secretário da associação, viu passar seu amigo Emanuel que parecia um zumbi, como o olhar perdido no nada e os olhos cheios de água. Ao ver o professor naquele estado, despediu-se do secretário da associação e foi ao encontro de Emanuel.

O professor sentou-se em um dos bancos da praça e baixou a cabeça, pondo as mãos sobre o rosto. João aproximou com uma pasta onde estava o livro de ata, sentou-se próximo do amigo.

- O que houve professor? Brigou com a professora? Vocês discutiram?

Emanuel desabafou tudo com João e por fim, pois as mãos na cabeça e abaixou-a de novo.

João ouviu tudo atento. Olhou para o céu e então disse:

- Que bom saber que você é de carne e osso, professor! Por um momento pensei que você fosse um “deus” que havia vindo habitar entre nós, queroquerenses! Mas já que conclui que você não é um deus, deixe-me dizer algo, já que vejo que você é humano como eu. Pense um pouco, ela veio até você e lhe disse tudo isto que você me falou. Está esperando um Emanuelzinho ou uma Emanuelzinha e ainda por cima, ficou desesperada ao te contar tudo isso. O que tenho a concluir é que ela te ama de verdade.

- Como assim ama de verdade – levantou a cabeça o professor olhando para o amigo – Ela mentiu pra mim, João. Ela não foi sincera, eu poderia ter morrido se ela seguisse o plano daquele infeliz.

- Isso mesmo. Mas tenho uma pergunta a te fazer: Você está morto?

- Não – mas o fato é que ela mentiu pra mim – falava nervoso o professor, estava inconformado com aquilo tudo.

- Ela não mentiu, ela se omitiu! E quer saber professor. Se for como ela te falou e que você me disse, aqui agora, Glória nunca existiu antes de te conhecer. Se todas as atitudes dela, eram guiadas e arquitetadas pelo pai dela, ela não tinha liberdade de escolhas, logo ela não existia, apenas vegetava e suas ações e ideias que não eram dela, mas sim do seu pai, assim podemos dizer que ela não pensava enquanto agia ou cumpria as ordens do pai. Sendo assim, posso afirmar baseado naquilo que você mesmo me ensinou, que Glória não havia existido antes de você.

- Não estou entendendo, meu caro João!

- Ora meu irmão, não foi você que um dia me disse que um filósofo chamado Descartes disse que se “Penso, logo Existo”.

- O que tem haver Descartes com essa situação, João?

- Não acredito que precisarei ensinar filosofia a um filósofo.

- Não sou filósofo?

- Tá bom, então eu também não sou contador da associação. Apenas me ouça – João pegou a cabeça do amigo com as duas mãos e a vez olhar para ele. Continuou:

- Me ouça amigo. Descartes, segundo você me falou, dizia que só existimos enquanto estamos pensando, correto: “Penso, logo existo”. Se estou dizendo que Glória agia e fazia as coisas que fazia seguindo ordens e ideias do seu pai, ela não pensava enquanto agia, ou seja, ela apenas obedecia às regras e imposições do seu

pai. No momento em que ela te conheceu e começou a conviver neste ambiente maravilhoso do filosofar, meio que por instinto, você despertou nela o ato de perguntar, de refletir. Então, ela passou a refletir e a indagar suas próprias atitudes, a chegar ao ponto de abdicar das ordens e imposições do pai, para não machucar você. Logo, podemos deduzir que a verdadeira Glória passou a existir no momento em que ela começou a pensar e a refletir sobre as informações que chegavam até ela e sobre as atitudes que o pai queria que ela fizesse. O que quero te dizer é que a Glória que se envolveu no início com você não é a mesma Glória de agora: sincera, livre e reflexiva e que teve a coragem de lhe dizer toda a verdade. Sendo assim, o ódio que você está sentindo não é pela Glória que está agora lá, sentada em sua mesa dentro da sua casa, esse ódio e repúdio é pela primeira Glória, a não verdadeira, a Glória que era manipulada e que não pensava e que era pensada pelo seu pai. Aquela Glória nunca existiu, meu amigo, a de agora, essa sim existe e já consegue medir as consequências do seu ato. Essa Glória de agora, pensa, logo ela existe! Entendeu? Descartes tem tudo a ver, meu querido mestre.

Após dizer as palavras, João beijou o amigo na testa como irmão e por fim, disse-lhe:

- É como você disse: a Bíblia é o livro da sabedoria, e ela é. Você me libertou do álcool quando me disse algumas palavras do Cristo que entrou em meu cérebro e provocou uma revolução dentro de mim, a ponto de estar aqui agora, livre, dialogando com você! Portanto, agora quero te lembrar também que, ele falou que devemos perdoar para que sejamos perdoados. Vai lá amigo, perdoa a minha amiga ruiva e traz ela de volta. Tua felicidade está naqueles cabelos vermelhos!

O professor sentiu-se aliviado com as palavras de João. O amigo o havia feito ver o que ele não estava enxergando, pois estava tomado pelo ódio e o medo! Imediatamente se levantou, enxugou as lágrimas, abraçou João e foi correndo para casa.

Glória ainda estava na mesa de cabeça baixa. Emanuel levantou sua cabeça, beijou a fronte, fez erguê-la e abraçou como nunca havia abraçado antes e a beijou como se nunca a beijou antes. Disse-lhe ao ouvido – Eu te perdoo minha vida! – Falou as palavras de todo o coração e Glória chorava, só que desta vez, não era de tristeza, mas sim de felicidade. Emanuel ergueu-a nos braços e levou-a para o quarto, deitou-a na cama e ficou a beijar-lhe a barriga e acariciar lhe os cabelos. Pensava: “Se penso, logo existo”!



CAPÍTULO 41

Quero Quero sempre foi uma cidade pequena e em cidades pequenas, as informações correm de boca em boca e se passado duas semanas da conversa entre Emanuel, Glória e João, o povo em Quero-Quero já estava sabendo da possível candidatura da Professora Glória e João. Os boatos voavam de uma esquina na outra e foi em um desses dias que Valtervino ao entrar no mercado de seu Abdias ouviu tal comentário. Como todo bom sacristão, levou a informação ao Padre Aníbal que no momento em que recebeu a notícia ficou boquiaberto e um pouco triste, pois sabia que poderia perder certos privilégios, contudo estava feliz, pois poderia se livrar da chantagem do vereador Nogueira. Ainda assim, ambos se sentiram no dever de levar a notícia a Manoel Ribeiro e a Nogueira. Em questão de horas, já havia se deslocado para a fazenda dos Ribeiros e Nogueira chegou em seguida, com seu carro e juntamente com o seu Vice Vereador Ferreira.

Zéfa os recebeu e fez suco e café para todos, colocou bolachas e biscoitos sobre a mesa de reunião. Todos se sentaram e o coronel estava admirando os dois quadros que tinha na sala de reuniões: o primeiro uma fotografia dele com Antônio Carlos Magalhães ex-governador da Bahia; o outro, o quadro pintado pelo seu filho: o coronel e Nicolau Maquiavel a tomar café em seu escritório particular. Os que estavam sentados, ficaram a admirar a pintura e os detalhes realistas nela expressos. Valtervino se empolgou a bater palmas e assoviar, dizendo: “Magnífico, lindo!”. Os outros apenas balançavam a cabeça com admiração. O coronel virou-se com a cadeira, Zéfa o locomovia para perto dos outros. Quando o coronel parou na cabeceira de cima da mesa de reunião, lugar onde sempre se assentava. Nogueira olhou para os religiosos e disse:

- Bem, vamos dar início a essa reunião inesperada. O que houve meus queridos sacerdotes para que vocês nos chamassem de

última hora e nas presas para uma reunião extraordinária como esta? A igreja está precisando de mais dinheiro? Se não for isso, não sei mais o que é! Mas se caso, for isso, ficarei superchateado, já que uma ligação teria resolvido o problema de vossas pessoas!

- Haverá oposição! – desabafou o Padre na bucha.

- Como assim?! – perguntou, assustado Nogueira. O velho Manoel soltou um gemido de insatisfação em sua cadeira.

- Pois é, é isso mesmo o que o senhor ouviu. Haverá oposição política nestas eleições Nogueira. Acho que o Professor Emanuel articulou isso.

- Aquele desgraçado, negou o dinheiro que dei a ele e agora vai sair candidato. Desgraçado, mentiroso...

- Calma Nogueira – adiantou-se o sacristão – Não é ele o candidato não!

- Se não é ele, menos mal, e é quem então? – Perguntou Nogueira com os olhos cheios de expectativa e espanto.

- É a tal da Professora Glória e o João tesoura, quer dizer Contador, o da granada – corrigiu Valtervino.

O Coronel não falava nem andava, mas estava ouvindo muito bem, quando ouviu o nome de Glória. Uma onda de insatisfação tomou conta de sua alma. “Não podia ser, Glória, minha própria filha!” – pensava o coronel no seu inferno interior. Sua pressão foi aumentando, um ódio veio que brotando de dentro dele, a ponto de seu rosto ficar vermelho. Olhava para Nogueira que estava com o olhar perdido e caminhando com a mão na cabeça pra lá e pra cá. Como que por instinto, o Coronel conseguiu mover uma das mãos e derrubou a garrafa de suco de cima da mesa. Todos se assustaram com aquilo. Zéfa correu para limpar.

Quando foi a cozinha pegar alguns panos, Zéfa já sabia o que se passava na mente de Manoel Ribeiro: “E agora meu Deus, a

própria filha”, pois dos que estavam naquela reunião, só Zéfa sabia quem era Glória.

Quando voltou da cozinha Manoel Ribeiro, já estava sendo amparado pelos amigos, de sua boca saía uma saliva branca, seu rosto estava vermelho e um lado da boca estava entortando novamente. Zéfa correu e foi ao ouvido do velho e sussurrou: “Calma, meu querido, calma. Ela deve ter algum motivo. Não é uma traição dela contigo, afinal ela é um Ribeiro, lembre-se ela é teu sangue”. As palavras de Zéfa foram entrando lá longe, no subconsciente de Manoel que aos poucos foi se acalmando.

Os outros não sabiam o que Zéfa havia falado no ouvido do coronel, o fato é que, seja lá o que ela tenha dito, funcionou e o homem já recuperava a cor e a respiração voltava ao normal.

Quando o coronel voltou ao normal, Zéfa pediu a Nogueira que fosse embora com os outros e que procurasse cuidar da sua campanha e não aborrecesse mais o coronel com os problemas políticos, pois o mesmo, já não estava em estado de se preocupar com tais coisas. Todos concordaram com Zéfa e se retiraram.

Antes de sair, Nogueira ficou observando o coronel e indagando o porquê da reação do mesmo: “Porque ficou daquele jeito? Quase teve um AVC de novo? Será que ele acha que não tenho chances com está mulher, a professora? O que Zéfa falou ao seu ouvido?” – Nogueira olhava fixamente para o Coronel procurando no seu semblante respostas.

O coronel também olhava para Nogueira e via em seu olhar um ódio imenso estampado. Conhecia Nogueira, sabia das suas artimanhas para ganhar a política, sabia que era a vez dele e que ele seria capaz de qualquer coisa, pois para Nogueira “os fins justificam os meios”. Em sua mente, o coronel estava a pensar preocupado com sua filha, sua linda Glória, a mais doce, a que fora fiel sempre, até o dia em que conheceu o verdadeiro amor. O coronel lembrou que sempre tratou a filha como uma peça de

xadrez valiosa para que ele ganhasse o jogo e tirasse vantagem sobre os outros e seus oponentes. A filha sempre fora tratada como fantoche, quase não lhe deu carinho, deu-lhe mais tarefa para que a garota resolvesse seus problemas políticos e administrativos. Não havia lhe dado o amor necessário. Por isso, que ao se enrabichar com o Professor, afastou-se dele, no professor ela encontrou o amor, a atenção e os carinhos negados pelo pai. “E se Nogueira tentasse contra a vida dela?” – pensava Manoel Ribeiro. Uma onda de pânico e medo assolou-lhe as entranhas da mente, uma perturbação agonizante, veio-lhe naquele momento. Não podia falar, só ouvir, precisava escrever alguma coisa, precisava evitar que aquele animal político tentasse atacar ou difamar a vida de sua filha. “O que eu faço?” – perguntava-se. Ali, inerte, sentado na cadeira olhando para a criatura que ele ajudará a criar.

Nogueira o olhou, olhou. E em seus olhos o coronel apercebeu-lhes as intenções do coração. Viu que o jovem faria tudo o quanto fosse possível para não perder o poder de Quero-Quero. Ao olhar para Nogueira, viu que olhava para uma versão mais nova de si, pois há anos atrás, o coronel faria a mesma coisa.

Zéfa fazia um carinho nos cabelos do coronel, tentando acalmá-lo. Sabia que o velho não valia nada, pois havia estuprado ela em sua mocidade, mas apesar de tudo o que aconteceu com ela. Viu como foi a criação e o amor que o coronel tinha por Fortunato, cuidou do seu filho, como cuidou de Glória, deu-lhes tudo do bom e do melhor, fez com que Fortunato estudasse nas melhores escolas, deu-lhes as melhores roupas, seu filho se tornou um cidadão de bem e educado. E para uma mãe nada melhor que ver o filho bem. Tanto que só se intrometeu entre eles, quando o viu sentir-se infeliz. Mas era grato ao coronel por tudo o que ele havia feito pelo seu bebê e era por isso que ela ainda estava ali, ao seu lado, cuidando dele. Estava sendo grata, por tudo o que aquele homem havia feito por Fortunato. Sabia que a tendência do Coronel era a decadência e a morte, sabia que Manoel Ribeiro

estava apenas colhendo o que ele mesmo plantou, contudo não podia abandoná-lo, naquele momento e sabia que aqueles eram os últimos dias do fazendeiro que estava inconformado em perder o poder daquela cidade. Um homem que se dizia dono de tudo e todos, e que agora se via ali, parado, paralítico e com medo da morte que se aproximava. Nos olhos de Manoel Ribeiro, Zéfa via a tristeza, a amargura, a angústia de um homem que sempre quis tudo na vida e que agora, só agora, percebia que de tudo o que comprou, roubou e adquiriu de nada lhe serviam, pois de todas essas coisas não poderia levar nada consigo, nem mesmo o amor das pessoas que estavam ao seu redor, a não ser a gratidão de uma velha índia com quem um dia ele teve um filho.



CAPÍTULO 42

Já fazia duas semanas que as convenções tinham acontecido. Dois Partidos disputavam o poder da cidade de Quero-Quero, de um lado o PIP - Partido dos Interesses Particulares com a chapa Nogueira (Prefeito) e Ferreira (Vice) e do outro o Partido de José de Dina, o PLT – Partido da Luta pelos Trabalhadores que agora era coordenado por Emanuel e que tinha na chapa Professora Glória (Prefeita) e João (Vice).

As ações do PLT começaram a produzir muitos impactos dentro da sociedade queroquerense. Primeiro, porque o povo já estava cansado dos Ribeiros, segundo porque Emanuel, Glória e João ganharam a confiança e o respeito do povo, todos tinham moral de entrar e sair de qualquer casa no corpo a corpo; já Nogueira e Ferreira eram acostumados a ficar em casa e deixar que o povo batesse a sua porta, pedindo-lhes coisas e favores, não tinham o costume de ir para as ruas e naquele ano o povo não estava indo as suas casas. Daí, precisaram sair também na busca de votos, mas foram muito mal recebidos pelo povo.

O povo de Quero-Quero queria mudanças e via na proposta do PLT essas mudanças, até na forma de abordarem as pessoas e tratarem seus coligados políticos.

Muitos dos vereadores do PLT, nunca tinha saído candidatos, então o Professor Emanuel foi na cidade de Itagi e convidou antigos amigos para ajudarem a criar um curso de formação política para seus futuros candidatos. Emanuel teve ajudar de dois grandes amigos itagienses, o Professor Denildo Bertoldo e Edcarlos Moraes que foram seus colegas de Escola e de Trabalho. Tanto Denildo quanto Edcarlos possuíam conhecimentos sobre a área da Política e já eram engajados, desde suas mocidades, debatiam e sempre discutiam questões relacionadas a Política.

O curso de formação política caiu como uma luva para os pré-candidatos, pois lá, puderam conhecer o que era a verdadeira

política, assim como aprenderam a criar estratégias de marketing político, como entenderam a importância dos discursos e da habilidade de influenciar as pessoas de forma educada e sensível. No Grupo Político do Professor Emanuel todos trabalhavam em benefício da campanha de todos, tanto majoritária como a campanha dos vereadores.

Quando um vereador do partido de Emanuel chegava na casa de alguém para pedir o voto, eram instruídos a agir da seguinte forma: se na casa, alguém dissesse que já tinha um vereador do mesmo partido dos seus companheiros de partido, o vereador que estava fazendo a visita tinha o papel de reforçar o voto do amigo vereador e por fim dizia: “ótima escolha a sua, mas para não dar viagem perdida, o Senhor ou a senhora poderia me dar uma xícara de café”. A ideia era um ajudar o outro, sem ambição, sem cobiça, pois sabiam que independente de quem ganhava, todos tinham o mesmo objetivo: o povo e não o cargo político. E assim foi, Zona Rural, Zona Urbana, Bairros pobres, os candidatos do PLT com ajuda do Professor na coordenação e outros amigos: comerciantes, guardas municipais, professores, garis, todos ajudaram a mapear a pequena cidade de Quero-Quero e formaram grupos e mais grupos que se revezavam em Bairros, ruas e casas daquela pequena cidade.

Nogueira e Ferreira partiram pra cima com dinheiro e entravam nas casas onde os pré-candidatos do PLT entravam e ia desfazendo os argumentos e dando dinheiro ao povo, no intuito de reverter a situação.

Toda vez que chegava numa casa, argumentava e dava o dinheiro, Nogueira ficava pensativo, após dar o dinheiro, pois se lembrava da frase que Emanuel lhe falou no dia em que tentou suborná-lo. “Será que aquilo que ele falou é verdade” pensava Nogueira cabisbaixo.

Quando se batiam pelas ruas a Professor Glória e João cumprimentavam Nogueira e Ferreira com toda a Educação. Noguei-

ra os cumprimentava meio sem graça e quando via Emanuel sentia um ódio terrível consumir-lhe o sangue nas veias. Nogueira não tinha raiva da Professora e de João, seu descontentamento era só com o professor, sabia que tudo o que estava acontecendo era culpa dele, das ideias dele, precisava tomar uma atitude para com aquele homem. Nogueira o detestava, achava ridículo a sua boina, seus trajes, seu cheiro, precisava pará-lo, por fim pensou: “se matar a cabeça o corpo morri”. Foi então, que lembrou que haveria o último comício e que o povo parecia não ter mais medo dos Ribeiros e nem dele mais, precisava lembrar ao povo o que era o medo, porque o coronel sobreviveu todos aqueles anos impondo medo aquelas pessoas. Precisava fazer algo que os amedrontassem, e o povo, por medo, voltassem atrás em seus votos. Ficou mais calmo, saiu das ruas e foi para casa pensar.

Chegando em casa foi no escritório, pegou uma agenda e parou o dedo em cima de um número:

3469 -6711 – Zé Preto.



CAPÍTULO 43

Era um sábado à noite, quando Emanuel foi convidado pelo amigo João e a namorada Glória, a realizar um discurso no comício que daria fim aquela eleição política. Emanuel nunca gostara de Política Partidária, mas naquele momento se viu no papel de levar uma mensagem aos moradores de Quero-Quero. Preparou o seu discurso, tomou seu banho, vestiu suas roupas e colocou uma boina vermelha, pois sabia que vermelho era a cor da revolução e o que os moradores de Quero-Quero estavam vivendo naquele momento político era uma mudança de concepção e de paradigmas sobre a arte do poder.

Na sua espera na sala de sua casa, estavam os dois amigos de Itagi, o professor Denildo Bertoldo e Edcarlos Moraes que o ajudaram no seu projeto de apoiar, não participar, mais apoiar um partido novo naquela pequena comunidade.

Emanuel sabia que não podia mais ficar de fora de todo o processo, querendo ou não, acreditava que tinha sido um bom coordenador de campanha para o PLT – Partido da Luta pelos Trabalhadores. E naquele sábado, aquelas pessoas que confiaram nele a coordenação do Partido queriam ouvir suas palavras e sabia que o povo também ansiava por seu discurso.

Emanuel sabia que não podia mais ficar de fora de todo o processo, querendo ou não, acreditava que tinha sido um bom coordenador de campanha para o PLT – Partido da Luta pelos Trabalhadores. E naquele sábado, aquelas pessoas que confiaram nele a coordenação do Partido queriam ouvir suas palavras e sabia que o povo também ansiava por seu discurso.

Edcarlos, Denildo e Emanuel foram andando para praça principal de Quero-Quero, chegando de trás do palanque que fora montado de improviso por um caminhão, foram recebidos por João que como vice, já havia feito o seu discurso e que agora esperava a candidata Glória Almeida fazer seu discurso e só depois daria a palavra ao professor Emanuel.

Emanuel, sentou-se em uma das cadeiras e ficou próximo dos candidatos a vereadores que o abraçavam e agradeciam pelo apoio. O Professor Emanuel lecionou durante anos, filosofia e História em outras escolas em sua terra natal, contudo pelo pouco tempo que tinha na cidade de Quero-Quero, já recebia um re-

conhecimento das pessoas, bem maior do que, quando lecionava em Itagi, sua terra natal.

Enquanto esperava o discurso de sua namorada e futura esposa, Glória. Emanuel relia algumas partes do discurso que estava ansioso por fazer.

No meio da multidão, um vulto negro vagava entre as pessoas como um anônimo, vestia uma roupa preta e um casaco grosso, que no seu bolso interno escondia uma arma de fogo. O homem passeava entre as pessoas procurando um ângulo onde pudesse atirar sem ser visto. As pessoas estavam tão entretidas no discurso da candidata que nem se deram conta do indivíduo.

Quando Glória terminou o discurso, os aplausos foram estridentes e longos, todos estavam contentes, pois era a primeira vez que uma mulher assumiria o cargo de prefeita da cidade e assim, acabaria a hegemonia dos Ribeiros que dominaram aquela cidade durante tantos anos.

Glória foi para o fundo do palanque abraçou seu futuro esposo, beijou-lhe a testa e disse-lhe ao ouvido: “Boa sorte, minha vida”. O Professor Emanuel veio para frente do palanque, onde ficou mais visível para o inquilino que estava presente naquele comício e que não fora notado por ninguém.

O Povo aplaudia o Professor, enquanto aplaudia, o homem de preto se concertava e tirava sua arma procurando um bom ângulo de cima de uma árvore que ficava no fundo da praça e que possuía muitas folhas e que a noite, quase não se dava pra ver nada que existia em cima dela, devido as folhagens.

O professor tirou seu discurso do bolso, concertou o microfone e começou a falar:

“Bem meus queridos! Amigos e amigas de Quero-Quero”! Gostaria de iniciar meu discurso, valendo-me de uma frase do Livro Verde de Mauammar Al Qathafi: “Nenhum partido representa o povo, apenas os interesses do seu partido, Nenhum Polí-

tico representa o povo apenas os próprios interesses, somente o povo de forma organizada pode representar a si mesmo.”

“Sei que muitos aqui sabem disso, pois já falei isso várias vezes nas reuniões das associações, entretanto o que estamos vivendo hoje em Quero-Quero é um outro momento, onde estamos precisando fazer parte de um partido, no intuito de tentar mudar o contexto social e político desta cidade, mas acredito que Glória e João saberão fazer desse partido um partido de todos. Onde mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos possam participar ativamente, das mudanças de seu estatuto e de sua conduta.”

“Sei que pareço me contradizer, quando digo todas essas coisas, mas é porque na verdade, infelizmente, dentro do sistema político que nós vivemos, precisamos de um partido para concorrer às eleições e foi isso que tentamos fazer, mas toda essa luta, acreditem: foi por vocês”

“Meu querer, era não querer participar de partido político ou de nunca na vida ajudar algum; entretanto, quando amamos os amigos (lembrou-se de José de Dina, deu uma pausa, todos aplaudiram)...como eu estava dizendo, quando amamos os amigos, as pessoas e o povo, as vezes precisamos abdicar do nosso querer para atender o querer daqueles que mais amamos. E foi isso que fiz, não queria, mas precisei querer e participar, porque o que está em jogo nesta eleição, não é o querer do professor Emanuel, da professora Glória e do contador João. O que está em jogo, meus amigos e amigas, é o querer de uma maioria esmagadora dessa cidade que quer se ver livre do poder político dos Ribeiros” (Todos foram a loucura e aplaudiram de montão o professor).

“Então vou perguntar a vocês o que vocês querem: Nogueira e Ferreira na Prefeitura que não são como vocês, não sabem das necessidades de vocês e nunca tiveram a humildade de perguntar o que vocês queriam; ou Glória e João que é como vocês, que convivem com vocês, que ...”

Enquanto falava o professor recebeu um impacto de uma bala próximo ao peito que o fez cair pra trás. Enquanto era levantado pelos amigos no palanque. O vulto espreitava na arvore, querendo achar outro ângulo, contudo as pessoas tomavam a frente de sua visão carregando Emanuel e ligando para uma ambulância. Glória gritava desesperada, segurando a mão de Emanuel que respirava com dificuldades. João olhava para todas as direções no intuito de achar algum movimento estranho para saber de onde veio a bala. O homem de preto, descia a arvore tranquilamente, depois foi saindo de mansinho por trás da praça, numa rua escura que dava para os bairros periféricos de Quero-Quero.

O professor sentia a pressão baixar, ouvia vocês destorcidas e sentia uma dor aguda no lado de cima do peito, uma sede insaciável veio até sua boca, queria água. Via o rosto da professora e de vários amigos que o carregavam para algum lugar. Não estava respirando muito bem. Olhou para o semblante do amigo Denildo que o carregava e viu lágrimas em seus olhos, ouvia a voz de Edcarlos, lá longe, que dizia: “aguenta firme amigo, você vai sair dessa, firme varão”. Suas pálpebras foram se fechando, fechando a ponto de não ver mais nada, apenas a escuridão.

CAPÍTULO 44

Era um domingo quando a partir das 19 horas da noite, saiu o resultado das eleições de Quero-Quero pela rádio local. Quero-Quero possuía cerca de 12 mil habitantes, sendo que 7 mil eram eleitores, para revolta de Nogueira e Ferreira foram 6 mil e trezentos votos para a candidata Glória e o candidato João e 700 votos apenas para eles.

O Povo foi para ruas comemorar e se divertiram a noite toda com o resultado das eleições. Glória e João, não puderam fazer o mesmo, pois estavam no hospital junto com Emanuel que estava em coma. Mas ouviam do hospital a felicidade do povo e os fogos, no meio do silêncio do quarto, onde se encontravam, os dois pegaram na mão do amigo hospitalizado e encostaram suas cabeças na de Emanuel e disseram-lhe ao ouvido: “Conseguimos meu querido, conseguimos, obrigado por tudo”! – Glória chorava de felicidade e de tristeza ao mesmo tempo junto com seu amigo João.

Ambos haviam deixado o professor Denildo e Edcarlos na casa de Glória para fazer cerimônia ao povo que quisesse agradecer, comer ou beber alguma coisa. A professora Glória havia deixado uma boa quantia de dinheiro na mão dos amigos de Itagi, para que eles pudessem se divertir com o povo.

Assim, Denildo e Edcarlos fizeram carreatas, passeatas, soltaram fogos e depois confraternizaram com todos os presentes a vitória do PLT. Edcarlos era mais conservado, pois era evangélico e não bebia, tão pouco se divertia muito, gostava de preservar os valores e hábitos cristãos.

Por fim, o Professor Denildo Bertoldo fez um discurso em nome do amigo Emanuel, da professora Glória e de João, onde foi aplaudido de pé por todos os presentes. Quando deram 12 horas da noite, o povo retirou-se para suas casas felizes e alegres.

....

O Ex-vereador Nogueira quebrou quase toda a sala de sua casa de ódio e rancor, Alzira foi lhe dizer algo, foi despedida na hora. Nogueira estava inconformado, Ferreira estava ao lado e ao mesmo tempo revoltado, pensava “se não saísse a vice, talvez teria ganhado como vereador”, sete vereadores do PLT haviam feito cadeiras, apenas dois que não eram permaneceram: o mudo e surdo que gesticulava em seus discursos na tribuna da Câmara (Anacleto), pois o povo ainda queria comédia na Câmara e o outro era o que dormia durante toda as seções. O povo sabia que esses dois não atrapalhariam os planos do governo do PLT.

Ferreira se despediu de Nogueira e foi para sua casa, disse-lhe que estava cansado e que iria passar a noite com a família que há tempos não dava a devida atenção, devido a política. Nogueira apenas pegou em sua mão e abriu a porta para que ele fosse para casa. Ferreira desceu as escadas da casa de Nogueira cabisbaixo e tristonho, não havia um pé de gente na porta da casa de Nogueira, apenas o carro do vereador Ferreira que o esperava para transportá-lo para casa e o carro de Nogueira que se encontrava mais à frente.

Nogueira ficou sozinho, tomando uma dose de Whisky mergulhado em seus pensamentos. Queria entender por que perdera as eleições, logo ele, bem na sua vez. Um sentimento de ódio tomava conta do ex-vereador que naquele momento, se via perdido, sem saber o que fazer. Estava preocupado, pois sabia que assim que a equipe da Professora Glória fosse fazer a transição, descobriria falcatruas e muitos deslizes com o dinheiro público na gestão de 3 meses que ele havia feito. Estava preocupado com o tribunal de contas e com a justiça.

Apesar de todas essas preocupações, o que realmente o incomodava era o fato de não ter alcançado um dos seus objetivos: que era ser prefeito de Quero-Quero, entretanto, um outro objetivo oculto que tinha em mente, ainda poderia ser realizado.

O homem que o prejudicara, ainda estava vivo, debilitado, mas vivo. Precisava fazer a vingança de forma, traiçoeira e dolorosa, porque pensava que era assim, que deveria ser todas as vinganças. Queria que seu inimigo estivesse inteiro, pois poderia fazê-lo sofrer mais, pois para o ex-vereador a morte para o infeliz ainda era pouco.

Nogueira foi em direção a sua escrivaninha, abriu uma das gavetas, pegou uma arma, um objeto cilíndrico que se parecia com um batedor de pimenta, tinha os seus 15 cm, colocou a arma na cintura por baixo da blusa e o objeto cilíndrico enfiou num dos bolsos da calça. Pegou a garrafa de whisky e o copo, parou e pensou um pouco.

Foi no telefone ligou para casa do Coronel, perguntou a Zéfa se Zé Preto estava lá, Zéfa confirmou que sim e passou o telefone para Zé Preto. Nogueira falou com Zé que queria encontrá-lo na saída da cidade porque precisava dos seus serviços. Zé confirmou, só pediu a Nogueira que esperasse um pouco, pois o coronel estava com a pressão alta e Zéfa estava fazendo um chá pra ele, para que a pressão baixasse e Manoel Ribeiro pudesse dormir um pouco, pois estava abalado com o resultado das eleições. Por fim, disse que assim que o coronel melhorasse que ele iria ao encontro.

Nogueira confirmou o encontro e desligou o telefone. Depois, saiu de casa, entrou no seu carro e foi na direção da rua principal da cidade de Quero-Quero, a mesma que dava para a saída da cidade, caminho para o Hospital e a fazenda dos Ribeiros.



CAPÍTULO 45

Nogueira dirigia o seu carro em direção à rua principal, enquanto passava pelas ruas, avistava as pessoas sorrindo, alegre e cantarolado. A vontade que sentia era de pegar o carro e jogar em cima de todas elas, mas eles não eram seu alvo, o povo não era seu inimigo. Precisava liquidar seu inimigo para poder sentir paz em seu coração, ou pelo menos, o sentimento de dever cumprido.

Ao passar pela mercearia do seu Abdias, até parecia que a cidade toda tinha ido pra lá, as pessoas ouviam músicas e bebiam à vontade. O vereador olhou para o relógio e já entrava na rua principal, de longe dava pra ver o hospital.

Quando se aproximou do Hospital, olhou para um dos quartos do terceiro andar, as luzes estavam acessas e lá no terceiro andar, estavam os novos gestores de Quero-Quero. Pois Nogueira sabia do feito de Zé Preto, a árvore era muito distante do palanque, poderia ter atirado de mais perto. “Pena que o indivíduo não morreu de primeira” pensava enquanto passava pelo Hospital. Nogueira virou o rosto e acelerou em direção a saída da cidade, precisava que Zé Preto viesse logo, pois daquela noite a sua vingança não passava.

Passada uma hora, o carro de Nogueira estava debaixo de um pé de manga, de frente a uma cancela na saída da cidade. Nogueira estava com as mãos no volante e seus dedos se mexiam ansiosos. De repente, pontuou ao longe dois faróis, “até que enfim” pensou Nogueira. Era o carro do Coronel Manuel Ribeiro, Zé Preto já estava chegando. O carro do coronel se aproximou e estacionou paralelo ao do vereador.

O vereador saiu do seu carro e entrou no carro do coronel, fechou a porta e começou a conversa com Zé Preto.

- Como está o coronel Zé? – perguntou Nogueira.

- Arrasado – respondeu Zé olhando para o horizonte.

- Sei. Meio complicado mesmo! – Enquanto falava, Nogueira caminhava sua mão na direção de sua cintura, onde carregava uma arma.

- Mas, Zéfa conseguiu fazer o chá pra ele, já foi dormir e acredito que Zéfa também foi descansar. Ambos estavam exaustos. De qualquer forma o coronel não perdeu tudo, não é? Tem seus patrimônios que valem uma Fortuna – enquanto conversava. Nogueira já com a arma em punho, sem que Zé percebesse foi aproximando o cano da arma da barriga do negro.

- Com certeza Zé, ele não perdeu tudo ainda! – falou Nogueira de maneira fria e em tom estranho.

- Realmente, ele não perdeu tudo ainda, Nogueira! – Enquanto Zé falava foi se virando para olhar para o vereador, o mesmo, deu dois disparos na barriga de Zé Preto. O homem estatelou os olhos sem saber o que estava acontecendo e olhava abismado para Nogueira em sua frente que sem ele saber o motivo, deu-lhe dois tiros na barriga e que agora queimava e ardia em um processo de dormência infernal. Enquanto olhava esfalecendo para Nogueira, o mesmo lhe dizia:

- É como falei, não perdeu tudo ainda, Zé! Mas ele vai perder, aquele desgraçado tem que pagar pelas coisas que fez em seu passado. O povo pode até ter memória curta, mas eu não tenho Zé. Para acabar com ele era preciso eliminar você, pois você é o único que daria a vida por aquele miserável – Enquanto Nogueira falava, Zé Preto esfalecia e via aquela figura traiçoeira em sua frente, estava sem entender, na verdade já não sabia mais quem era Nogueira. Nogueira abriu a porta do carro e saiu, depois, dirigiu-se para seu carro e deixou Zé Preto dentro do carro de Manoel Ribeiro sangrando com um animal quando é abatido.

Nogueira entrou no seu carro e se dirigiu a fazenda dos Ribeiros, agora não tinha ninguém para atrapalhar a sua vingança.

CAPÍTULO 46

O Delegado João Mão Grande estava quase cochilando na delegacia quando ouviu o som de dois tiros, abriu os olhos, e direcionou o olhar para o ouvido direito de onde veio o som dos disparos. Naquela noite muitos fogos foram soltos, entretanto o Delegado sabia diferenciar som de tiro e som de bombas pipocando em fogos de artifício.

Levantou-se atento, pegou seu jaleco, colocou seu revólver na cintura, pegou a viatura e se dirigiu para o lugar de onde escutara os tiros. Deslocou-se com o carro e foi em direção à rua principal e a saída da cidade, mas acreditava fielmente que os disparos poderiam ter vindo do hospital, pois sabia que quem mandou matar o professor não deixaria o serviço pela metade. Acelerou o carro, passou voando pelo bar de Abdias. O povo curioso percebeu a velocidade em que a viatura estava e viu seus faróis acessos, todos perceberam que alguma coisa havia acontecido na rua principal, só não sabiam o quê.

Naquele momento, todos pararam de se divertir e se dirigiram para a rua principal, pois ficaram preocupados e curiosos para saber onde o Delegado estava indo.

O delegado já havia entrado na rua principal e avistou o Hospital a uns 50 metros, acelerou bastante o carro e deu uma freada brusca de frente ao Hospital.

João e Glória, ouviram o cantar dos pneus e foram ver pela janela o que havia acontecido lá embaixo. Quando chegaram a inclinar suas cabeças pela janela do quarto hospitalar, viram a figura do Delegado subindo as escadas e entrando no Hospital com uma arma em punho. Os dois ficaram preocupados e trancaram a porta do quarto onde estava, pois mais cedo ouviram dois pipocos vindo da saída da cidade, não sabiam se era tiro ou fogos, “será que foi tiros” pensou João. Glória estava apavorada,

mas por precaução acharam melhor se trancarem no quarto e ficarem em estado de alerta.

João Mão Grande ofegava e subia as escadas do segundo andar, do terceiro, quando chegou a porta do quarto onde estava internado o professor, diminuiu os passos e andou nas pontas dos pés. João e Glória respiravam com dificuldade estavam aflitos sem saber o que estava acontecendo lá embaixo.

O Delegado aproximou-se da porta do quarto e pegou na maçaneta devagarzinho e depois tentou girá-la devagar. João e Glória viram a maçaneta girando, não sabiam se era o Delegado ou se era outra pessoa querendo terminar o serviço com o professor. De repente, ouviram-se vozes lá embaixo na rua.

João ficou atento a porta, enquanto Glória foi ver pela Janela o que estava acontecendo. Quando olhou para baixo, avistou um monte de curiosos, olhando a viatura e apontando para o hospital.

“Foi aqui! o Delegado estacionou aqui, pessoal, deve estar dentro do Hospital, será que foi alguém que passou mal?!” Glória ouviu uma voz lá embaixo dizendo isto, ficou um pouco mais tranquila. Por fim, criou coragem e disse a quem estava por trás da porta.

- Delegado Mão Grande! – disse Glória!

- Sim Dona Glória, sou eu, a Senhora está bem? – respondeu o Delegado.

- Sim, estou.

- Então abra a porta!

João foi em direção a porta e abriu, o Delegado entrou com a arma na mão.

- Como está o professor? – perguntou o Delegado.

- Está se recuperando.

- Graças a Deus – falou João Mão Grande, colocando a mão sobre a cabeça e se sentando em um banco próximo a parede do quarto.

- O que houve delegado? Porque veio armado para o Hospital? – perguntou João.

- Ouvi tiros, João, nesta direção. Pensei que alguém tivesse tentado atingir o professor novamente, já que ele ainda está vivo.

- Nós também ouvimos dois pipocos, mas não foram bombas de fogos de artifícios? – Disse Glória.

- Acredito que não, futura prefeita. Conheço bem sons de tiros e o que ouvi foi dois tiros vindo dessa direção, então pensei que poderia ter sido outro atentado ao professor!

- Nós ouvimos os pipocos também, Delegado, entretanto eles soaram do lado da saída da cidade – respondeu João ainda meio sem entender o que acontecia.

- Você ouviu da saída da cidade? – enquanto o delegado perguntava, ouviu-se mais um tiro na mesma direção.

Glória, João e o delegado viraram o rosto no mesmo momento do disparo e olharam na mesma direção. O som vinha da saída da cidade. Foram a Janela do Hospital e ouviram outro disparo, assim como viram também o clarão. O Delegado imediatamente saiu correndo do quarto e começou a descer as escadas. João e Glória não poderiam sair dali. As pessoas, lá embaixo, apenas observavam a viatura e olhavam curiosos para dentro do hospital, pois não podiam entrar, o segurança não deixava, apenas o Delegado podia.

Glória olhou pela Janela e viu que o povo lá embaixo não se dera conta de que foi um tiro, pois estavam em clima de festa e naquela noite ouvi muitos fogos, então, as pessoas não estavam atentas a uma coisa desta natureza. Enquanto olhava para baixo, Glória viu a figura do Delegado descer correndo as escadas do pátio do hospital e entrar dentro da viatura, ligá-la e buzinar para

que as pessoas saíssem da frente. Quando todos abriram espaço, o Delegado acelerou e foi na direção da saída de Quero-Quero.

Desta vez o povo, não quis segui-lo ficaram apenas especulando, lá embaixo, o que talvez poderia ter acontecido. Glória e João ligaram para a recepção do Hospital e solicitaram um segurança na porta do quarto onde estavam, aquela noite parecia que iria ser longa.

CAPÍTULO 47

O Coronel estava dormindo em seu quarto que ficava a 5 metros do quarto de Zéfa. Estava descansando da derrota e das frustrações dos últimos dias, quando de repente, acordou com um balde de água fria sobre o corpo. Quando abriu os olhos, ouviu uma risada estranha e desconfortável. Uma figura estava no pé da cama, a luz do quarto era iluminada por um abajur que não clareava o quarto inteiro, apenas a cabeceira da cama; dificultando assim, a visão do coronel que de início não conseguiu decifrar quem era a pessoa ao pé da cama. Manuel via um vulto em sua frente.

- Como está o coronel Manoel Ribeiro? – perguntava a figura em tom sarcástico e macabro.

O coronel aos poucos foi notando a figura que se aproximava e na medida em que se aproximava, a luz do abajur que estava à direita do coronel, clareava o rosto do estranho à sua frente, as curvas do nariz e as maçãs do rosto aos poucos foram se revelando e que para espanto de Manoel Ribeiro: era o vereador Nogueira.

Manoel Ribeiro ficou sem entender o porquê daquilo, mas sempre sentira, lá longe em seu íntimo, que havia algo de muito ruim em Nogueira e que de alguma forma, ele sempre sentiu isso, mas nunca se importou muito, achava que era besteira da parte dele. Mas ainda assim, Nogueira estava ali, àquelas horas da noite, jogando-lhe um balde de água, sendo que ele, o coronel, não poderia se mover para se defender, sentia uma sensação terrível e ao mesmo tempo, muita decepção diante do que via, logo Nogueira, aquele a quem o coronel tivera como um filho, ainda mais essa decepção.

Nogueira, sentou-se na cama e fitou o olhar de ódio no coronel. Manoel Ribeiro pela primeira vez na vida sentia medo. Tentou gritar, mas não conseguia; tentou sair da cama, mas o corpo não o obedecia. Nogueira começou a dizer-lhe:

- Vejam só! Se não é o imbatível Coronel Manoel Ribeiro, o Dono de Quero-Quero. Era assim que você gosta de ser chamado, não é seu velho escroto e nojento – as palavras de Nogueira encabulavam o coronel que até agora não sabia o que estava acontecendo naquele quarto.

- Pois é, mas não vai ser mais chamado assim – prosseguiu Nogueira – Você deve estar se perguntando o que eu, Nogueira, estou fazendo aqui. Mas não se preocupe irei te responder, afinal temos a noite toda e preciso fazer as coisas com calma – Nogueira tirou da cintura o revólver, o instrumento cilíndrico e uma faca que havia pegado na cozinha, além de alguns objetos do celeiro como foice e ferros pontiagudos, por fim, pois sobre a escrivaninha do coronel do lado da cama. O velho apenas acompanhava com os olhos, apavorado, a colocação de cada objeto sobre a escrivaninha.

Não muito longe dali, o Delegado avistou um carro parado de frente a uma cancela e debaixo de um pé de manga, reconheceu o carro, era do coronel Manoel Ribeiro e quem sempre andava com aquele veículo, era Zé Preto. O delegado foi encostando a viatura no carro do coronel e pôs sua arma em punho para fora da janela da viatura e se aproximou bem devagar.

A uma distância de cinco metros, o Delegado parou seu carro, desceu e foi em direção ao carro de Manoel Ribeiro que estava parado, quando foi chegando perto, ouviu uma voz pedindo socorro. Quando se aproximou da janela do lado direito do carro, o coronel avistou Zé Preto, segurando uma arma em punho, o guarda luvas do carro estava aberto e melado de sangue, assim como a mão de Zé Preto, uma das mãos estava sobre a barriga que não parava de sangrar. Quando notou o acontecido: o Delegado entrou no carro para ajudar Zé Preto. Zé começou a falar o que acontecera:

- Dei dois tiros para que alguém escutasse e viesse aqui seu delegado! O povo daqui é curioso, acho que deu certo, o Senhor

delegado está aqui! – falou Zé Preto com muita dificuldade para respirar. Depois contou ao delegado todo o caso e falou sobre o que Nogueira fez. Foi quando João Mão Grande entendeu o que estava acontecendo. Por fim, Zé Preto disse ao Delegado com os olhos esbugalhados e já morrendo:

- Aqui se faz, aqui se paga, não é mesmo, seu Delegado?

Essas foram as últimas palavras de Zé Preto, que ao pronunciá-las olhou para cima e deu seu último suspiro.

O Delegado João Mão Grande, compreendeu o que Zé lhe contou, só ficou sem acreditar que fora Nogueira. “Logo Nogueira” pensava o homem da lei. Contudo, sabia que se não corresse logo, algo de muito ruim, poderia acontecer com Zéfa e Manoel Ribeiro dentro daquela sede de fazenda.

Deixou o corpo de Zé Preto no carro, voltou para a viatura correndo, entrou, deu a partida e dirigiu-se para a Fazenda dos Ribeiros antes que fosse tarde demais.

Enquanto dirigia o Delegado, sentia-se mais confiante, pois sabia que os Ribeiros não voltariam mais ao poder daquela cidade. Só agora, reconheceu que o Professor Emanuel causou o impacto enorme dentro daquela cidade. Um simples professor foi capaz de libertar a mente de um povo, que pensava que seus quereres eram seus e na verdade não eram: eram quereres de Manoel Ribeiro e Nogueira. E que só depois, ao ouvirem as palavras do professor conseguiram ter e adquirir consciência e capacidade de diferenciar “seus quereres dos quereres de outros” e a partir daí, passaram a lutar pelos seus desejos e anseios.

No início João Mão Grande viu o professor como ameaça também, pois viu que simples alunos lhe tiraram o poder de suas mãos com palavras de conhecimento que aprenderam com o professor. Pensou que por causa do Professor, ele não era mais “a mão sagrada” da cidade, isso o revoltou a ponto de ficar do lado dos Ribeiros contra Emanuel.

Com o tempo foi vendo que o professor é que lhe mostrou que ele nunca foi ele, que ele, o delegado, fazia coisas e agia de certa forma que não era a forma como ele gostaria de agir, mas sim, como os donos daquela cidade o fizeram agir e que sua mão sagrada, também fora criada por aqueles que o manipulavam e que se aproveitaram de sua vontade genuína de prender vagabundos e bater em bandidos, pois esse sempre fora o querer de João Mão Grande, queria ajudar as pessoas a se tornarem melhores, era só isso que ele queria. Agora percebeu que se aproveitaram do seu querer e da sua ingenuidade e o transformaram numa máquina de dar mãozadas em todos, sem quê, nem pra quer e ainda diziam que Deus abençoava suas ações.

João Mão Grande se aproximava da casa dos Ribeiros e tomava consciência de que o professor, que antes ele odiava, agora havia se tornado o seu grande libertador, pois se o educador ajudou a mudar a mente e a vida daquelas pessoas e fez com que todos os cidadãos de Quero-Quero perdessem o medo de Manoel Ribeiro, Nogueira e toda a sua corja, com ele não foi diferente; pois com a queda do poder dos Ribeiros, o delegado não precisava mais se subordinar aos comandos do coronel e de Nogueira. Ele, João Mão Grande poderia agir de forma livre e de acordo com a lei.

Parou a viatura a uns dez metros da cancela, para que quem estivesse dentro da casa não ouvisse o barulho do carro. Dali em diante, foi a pé, seguindo a estrada que dava entrada a fazenda e a sede dos Ribeiros, de longe, avistou que uma luz brilhava, saindo da porta que dava acesso a cozinha da casa. ‘Quem entrou, entrou pela cozinha’ – deduziu o delegado. Por fim, concluiu: “E com certeza não fora convidado, pois os convidados entram pela porta da frente”.

CAPÍTULO 48

Nogueira já havia tirado a roupa do coronel e já colocara um pano na boca do velho Manoel, para que ele não murmurasse alguma coisa, para que não acordasse Zéfa, que dormia em seus aposentos a cinco metros dali. Afinal, sua vingança era com o coronel, não com a velha índia.

O coronel estava apavorado e lembrou-se de todo o mal que já tinha feito a outras pessoas e viu que é como o povo mesmo dizia: “quem planta aqui, colhe aqui nesta terra”. Havia chegado à hora de colher. Havia matado muitos homens, estuprado muitas mulheres e tomado muitas terras de forma imprópria e ilegítima. Apenas uma coisa era boa naquele momento, e ele sabia, entretanto, percebeu que seu inimigo não estava atento aquele detalhe, poderia ganhar tempo se soubesse aproveitar da vantagem de que não poderia sentir dor alguma do pescoço para baixo, por isso não movia as pernas e os braços; contudo Nogueira, não havia se atentado a isso ainda, estava tão envolvido com a vingança que se esqueceu de observar ou lembrar-se daquele detalhe. O coronel precisaria apenas simular como se estivesse sentindo dor e ganharia tempo com isso, até que alguém pudesse chegar e ajudá-lo. “Onde estava Zé Preto?”, perguntava Manoel Ribeiro em sua mente.

Nogueira pegou a faca em cima da escrivaninha e sentou-se do lado do coronel na cama e começou a falar-lhe ao ouvido:

- Você não está lembrado de mim não é coronel? Já eu, nunca me esqueci de você. Lembro-me como se fosse hoje, estava no fundo do quintal da roça e do pedaço de terra onde morava eu, meu pai e minha mãe. E num dia daqueles, o senhor apareceu lá, por aquelas bandas com mais dois vagabundos de sua laia. Minha mãe ao vê-lo, correu e me levou para dentro da casa e me colocou debaixo da mesa da cozinha escondido e disse que acontecesse o que acontecesse, eu não deveria sair de debaixo da mesa

para nada. Eu só tinha oito anos, não entendia nada do que estava acontecendo. O que me lembro foi do primeiro tiro que ouvi, debaixo da mesa, assustado coloquei as mãos nos ouvidos para não ouvir o grito de desespero da minha mãe, que saiu correndo porta fora. Depois ouvi que ela voltara para dentro de casa, e foi levada a força para o quarto que ficava bem na cozinha e de lá, debaixo da mesa, vi o senhor arrancar-lhe as roupas e estuprá-la na minha frente, ela gritava. O senhor estava de costas para mim e ela deitada, ainda me olhava desesperada, pedindo e dando sinal para que eu não sáísse dali do meu canto. O senhor parecia um animal em cima dela, eu queria poder ajudá-la, quando pensava em ir, ela acenava com a mão, sem que o senhor percebesse e dizia para que eu ficasse onde eu estava. Foi duro para mim, uma criança de oito anos ver a mãe ser estuprada e morta com um tiro na testa, pois foi bem isso que você fez depois que a estuprou – enquanto Nogueira falava o coronel se lembrava da passagem, mas não se lembrava de que aquele casal que matara tinha um filho, só viu os dois na casa e mais ninguém.

- Pois é, depois precisei esperar que vocês fossem embora, pois vi vocês falando que no outro dia, um de vocês viria e ocuparia a terra que era de meu pai, foi quando esperei vocês irem, depois me levantei, fui ao corpo da minha mãe e chorei como um desvalido, depois fui para fora da casa e vi o corpo do meu pai estirado de frente da cancela com um tiro no rosto. Fiquei perdido, desorientado e no desespero sair correndo estrada a fora, a procura de socorro e um lugar pra ficar. Por fim, fui acolhido por um outro fazendeiro que se apiedou de mim e me criou como se fora um filho, depois fui com sua família para capital, ele me levou, estudei lá durante muitos anos e voltei para Quero-Quero depois de formado, disse a meu pai de criação que tinha pendências a resolver aqui em Quero-Quero. A primeira pendência: era tomar o seu lugar e ser o novo dono deste lugar; a segunda era lhe humilhar e depois te matar pelo que você fez a meus pais.

A primeira não conseguirei cumprir, pois não obtive vitória nas eleições, contudo já a segunda, aqui estamos nós. E vou fazer com você o mesmo que você fez aos meus pais, mas antes preciso rancar-lhe o fruto, a causa, o instrumento do estupro de minha mãe, que é seu pênis, depois vou enfiar-lhe no rabo este cilindro de 15 cm e por fim, dar-lhe-ei um tiro na testa e outro no rosto, e aí pronto, tarefa cumprida. Amanhã irei ao hospital e acabarei com o outro idiota, a mulher e o contador.

Quando falou a mulher, o semblante do coronel mudou, já era tarde. Não sentiu uma dor profunda, mas sentiu uma fisgada na região do pênis e o som de algo sendo serrado, por fim, viu ser arqueado em um pano, o seu próprio pênis que estava nas mãos de Nogueira e que agora iria ser jogado para os ratos comerem. Manoel, apesar de não sentir muito a dor, fazia o semblante de desespero e muita dor, mas na verdade em sua mente estava preocupado com sua filha Glória, “será que ela seria vítima daquele infeliz também”, quando viu Nogueira jogar seu pênis no chão, o coronel sentiu-se muito mal, pois por mais que sobrevivesse aquela situação, nunca mais seria o mesmo, aquilo que o tornava viril e másculo, já não estava mais com ele e nem fazia mais parte do seu corpo.

Nogueira pegou o cilindro em seguida e mergulhou no buraco que ficou do pênis arrancado de sua vítima, enquanto colocava o cilindro e tirava, Manoel Ribeiro se esforçava para dar a entender que estava sentindo muita dor, sentia uma agonia, mas dor de verdade mesmo ainda não, contudo sentia-se um pouco fraco, talvez pela perda do sangue e bastante humilhado. Sua revolta maior era a inércia do seu corpo, não podia revidar.

Nogueira virou o corpo do coronel de bruços, deixando o de costas, abaixou-lhe as calças e as cuecas. Agora realizaria o estupro de sua vítima e assim o fez para vingar sua mãe. O coronel estava com a cara no travesseiro. Feito o estupro, virou o coronel novamente, que agora se sentia inerte e humilhado de verdade,

pois sentira a dor no ânus. O seu pavor agora era morrer e não puder salvar sua filha.

Nogueira pegou os ferros pontiagudos e perfurou várias vezes o coronel em várias regiões do corpo. Depois de ter perfurado muitas partes do coronel, inclusive o pulmão e o coração, ergueu a arma no rosto do coronel e ficou a se indagar:

- Primeiro a testa ou o rosto? Deixe-me ver: se atirar na testa ele morre instantaneamente, aí fica chato; melhor atirar no rosto, pois possa ser que ainda fique vivo, sentindo dor e quando eu me divertir com sua agonia, por fim, darei o tiro de misericórdia nesta testa nojenta e maldosa.

Apontou a arma para o rosto do coronel, tirou o cano da testa veio descendo: passou pelo olho, e quando chegou numa das maçãs do rosto deu o primeiro tiro. Ao dar o primeiro tiro, ouviu e sentiu outro por trás, depois outro e outro. O corpo de Nogueira despencou do lado da cama do coronel, o mesmo sangrava o rosto e as virilhas como um boi, estava a agonizar. Do lado da cama, Nogueira já estava inerte, com o olhar perdido no nada, pois já não se encontrava mais ali.

O Delegado da porta do quarto com sua arma na mão assistia a cena com certo pavor pelo que fez e pelo que via: O coronel banhado em sangue agonizando e Nogueira estirado do lado. Zéfa assustada, apareceu na porta do quarto e ao ver a cena e o Delegado com arma na mão, ficou assustadíssima e caiu no choro, jogando-se nos braços do delegado. O delegado observava a cena: um morto e outro ainda sem querer ir, apenas, respirando com dificuldade. “O homem é duro de morrer” pensou o delegado. Procurou acalmar Dona Zéfa que gritava aos berros e chorava descontroladamente. O coronel foi aos poucos se acalmando e morreu com os olhos de assombro e medo.

CAPÍTULO 49

O velório do coronel, parou a cidade de Quero-Quero, as pessoas saíram de suas casas para prestar condolências a Dona Zéfa, companheira e amiga do coronel, pessoa muito querida no município, pela sua simplicidade e educação. Abdias não abriu seu comércio naquele dia, Gizo, chamou todos os filhos de santo do seu terreiro e do de Dona Dina e foram para o velório. Dona Dina também estava presente no velório e lembrou-se da morte do filho, até aquele momento, Dona Dina não sabia direito os motivos pelo qual seu filho fora morto, só sabia que um caboclo, e não a perícia, disse-lhe que a morte de seu filho fora por envenenamento e que um Preto o matou, Dona Dina que tinha fé nos seus guias assim acreditou, e sabia também que a justiça havia sido feita, pois o Zé Preto havia sido morto também. O Preto também estava morto.

Os alunos do Colégio Manoel Ribeiro estavam todos no velório, pois naquele dia não houve aula. Toda a comunidade estava de luto e abismada com o fato da morte de Nogueira e Manoel Ribeiro, quando ouviram as histórias contadas pelo delegado em seu depoimento a imprensa, todos ficaram chocados. A Televisão fez uma cobertura e reportagem sobre o caso, O Governador do Estado da Bahia, o excelentíssimo Sr. Paulo Souto também se fez presente no velório, prestou suas condolências ao amigo e depois precisou sair, pois havia uma agenda para outra cidade próxima, para inauguração de uma obra do governo do Estado.

Glória e João também foram, deixaram o professor Edcarlos no hospital fazendo companhia para Emanuel que ainda não se recuperara do coma. Quando chegaram no velório, João e a professora Glória foram solidários com Zéfa que estava muito abatida. Quando Glória viu Zéfa, as duas se abraçaram de uma forma tão materna que todos os presentes acharam bonito e forte aquele encontro de compaixão e amor. Muitos pensaram na

humildade da futura prefeita, mas só quem sabia a importância daquele abraço era Zéfa e a professora Glória. O Choro das duas eram uníssonos, pareciam mãe e filha, chorando pela morte do pai, e na verdade era. Zéfa foi quem a criou, era quem lavava suas roupas quando Glória era criança, Zéfa é quem lhe mandava bolos, cocadas, pudim e toda forma de guloseimas e sobremesas, quando Glória estudou fora e ficou anos de sua vida estudando na capital, Zéfa foi quem serviu de consolo e conforto no dia da morte de sua mãe: Dona Quitéria.

Para os presentes a futura prefeita era humana e sensível a causa alheia, contudo Zéfa e a professora sabiam no fundo a importância de uma para a outra. Enquanto choravam abraçadas, entrou pela porta da casa, o irmão Fortunato que ao saber da notícia pegou um avião e veio rapidamente para Quero-Quero, pois estava na Espanha apresentando suas obras. O povo ao vê-lo, ficaram surpresos; Fortunato partiu em direção a Zéfa e Glória e as abraçou e ambos choraram num abraço coletivo familiar durante minutos. Alguns não entendiam direito o que se passava entre os três, Fortunato e Zéfa tudo bem, agora a professora Glória era uma incógnita, mas apesar dos olhares, a professora estava com respaldo pela humildade e sensibilidade para com aquela família.

No caminho para o cemitério, o três foram abraçados da hora em que o cortejo saiu da casa, até o cemitério, Zéfa, Fortunato e Glória prestaram suas últimas palavras ao coronel.

Por fim, Fortunato prestou condolências e fez um discurso:

“Meus queridos, sei que meu pai nesta terra, não foi um homem que podemos dizer, bom! Temos consciência que ele fez coisas horríveis para muitos de nós e de nossos antepassados, gostaria que entendessem que mesmo sendo quem ele era, eu o amava como pai. Ele era meu pai, e fez tudo o que pode fazer por mim. Ele era cheio de erros e brutalidade, muitas vezes, tive ódio dele, pois ele me tratava muito mal e fazia questão de me

comparar a este aí, que agora está sendo enterrado junto com ele. Aquele em que ele deu toda sua confiança, os motivos porque Nogueira o matou, nunca saberemos, este segredo ambos levaram para a tumba e apenas Deus, ou o Diabo sabem a respeito do acontecido. Queria aproveitar que todos ou quase todos de Quero-Quero estão aqui presentes e dizer a vocês que fui um mal prefeito, não porque queria ser, mas porque meu pai e Nogueira é que tomavam a decisão por mim. Não vou mentir que gostei, confesso a vocês, das vezes em que me aproveitei do dinheiro público para obter alguns benefícios, contudo quero aproveitar este momento para dizer a professora Glória e a João que estou muito arrependido disto tudo e que estarei devolvendo a prefeitura de Quero-Quero, cerca de 400 mil reais que foram desviados de minha parte durante os quatro anos em que fui prefeito. E gostaria de pedir a futura prefeita que utilize esse dinheiro para fazer o melhor pelos mais carentes deste município. Amigos e amigas de Quero-Quero ontem vendi um quadro meu por 200 mil e vos digo que esse dinheiro será doado ao município e que o mesmo possa ser dividido para as associações existentes nesta cidade, gostaria de me tornar um sócio benemérito de todas as associações, se assim, vocês me permitirem! E digo-lhes do fundo do meu coração: Me perdoem, me perdoem, me perdoem, principalmente aqueles mais carentes, que acredito que prejudiquei mais, me perdoem, me perdoem – terminou emocionado o seu discurso e foi aplaudido por todos e abraçado por todos.

Fortunato fez o seu discurso, a professora fez um discurso mais simples, pois ainda não poderia revelar sua verdadeira identidade aos presentes. Após ser enterrado, os dois mancebos, o Professor Edcarlos Moraes veio correndo, entrou no cemitério, passou por entre as pessoas presentes e deu o aviso a Glória e a João que Emanuel acordará do coma.

Após a notícia de Edcarlos, todos deram uma salva de palmas e partiram em direção ao hospital. Crianças, jovens, adultos, ido-

sos, todos os presentes no velório correram para ver como estava o professor. Enquanto caminhavam para o hospital, muitas das pessoas presentes no velório, correram e passaram em suas casas pegando objetos, coisas, as crianças pegavam pedaços de carvão, outros pegavam canetas, tintas guache e sem saber direito o motivo, partiam em direção ao hospital central da cidade.

Chegando no hospital Glória e João subiram em direção ao quarto onde Emanuel se encontrava. A multidão teve que esperar do lado de fora, pois era muita gente e não puderam entrar. Quando a professora Glória e João entraram no quarto. Emanuel estava deitado junto com os médicos e com um sorriso disse-lhes aos dois:

- Porque demoraram tanto, já estava dizendo aos médicos que iria para casa sem vocês!

João sorriu e Glória foi na direção de Emanuel e o abraçou, beijava-lhe a testa, a boca e o abraçava novamente e agradecia a Deus por Emanuel está de volta. João encostou no amigo, o abraçou e chorou de alegria, agradecendo a Deus pela volta do amigo.

De lá de fora, ouviam-se falar: Emanuel, Emanuel, Emanuel. Uma multidão de gente gritava o nome do professor. Todos no quarto pararam para ouvir aquilo e perceberam que os gritos eram como se o chamavam, eram gritos de anseio para ver o professor. Emanuel olhou para os médicos e para os dois amigos e pediu-lhes que o ajudassem a chegar até a janela. Todos o levantaram com muita calma da cama, o colocaram numa cadeira de rodas e o direcionaram a janela do quarto.

Quando chegou a janela do quarto que olhou para baixo. Todos ficaram surpresos com o que viram. O professor encheu os olhos de lágrimas, Glória pôs uma das mãos sobre a boca, João olhava emocionado, os médicos ficaram boquiabertos e um deles chegou a sussurrar: “Deus do céu!”

Lá embaixo, a rua estava abarrotada de gente, crianças, jovens, adultos e idosos, todos olhavam para cima e sorriam para o professor. Mais o mais interessante não era o acúmulo exagerado de gente, mas sim, como eles estavam: as crianças haviam pintado com canetas, carvão e tinta, cavanhaques em seus rostos, iguais ao do professor Emanuel, outros adolescentes e adultos, usavam uma boina igualzinha a que Emanuel sempre usara, todavia eram boinas de cores diferentes, mas ainda assim, eram boinas com o mesmo formato e os idosos levantavam uma faixa com os seguintes dizeres: “Obrigado professor Emanuel, Glória e João por terem lutado por nós”. Essa faixa, já tinha sido mostrada na passeata da vitória, mas Emanuel ainda não tinha visto.

“O que acontecera com aquelas pessoas humildes, simples e de tantos quereres?” pensava um dos médicos. Os moradores de Quero-Quero em sua pequena homenagem, deixou todos que estavam lá de cima daquela janela de hospital impactados com o que viam e ouviam: Uma multidão deixando claro que queriam seguir o exemplo do professor Emanuel. E de uma coisa Emanuel soube naquele momento, que mesmo que ele morresse, ainda assim viveria na memória daquelas pessoas e viu que por mais que seus inimigos o tivessem matado, ainda assim, teriam apenas matado o seu corpo, pois suas ideias e pensamentos permaneceriam vivos naquelas pessoas, naquele momento, Emanuel sentiu-se imortal, viu em cada uma daquelas pessoas um pedaço seu e por um momento, Emanuel percebeu que ele estava em todos e que de alguma forma todos estavam nele também, poderia senti-los e a sensação de sentir isso o emocionou muito, a ponto de uma lágrima surgir no seu rosto, procurou se levantar, os amigos o ajudaram, colocou-se mais à frente na janela e acenou para baixo e num gesto que parecia combinado, todos embaixo o responderam com a mesma saudação.

Emanuel mesmo com dificuldades pronunciou um discurso:

“Obrigado a todos pela consideração e compaixão para com minha pessoa. Gostariam que entendessem que o que fiz por vocês, foi apenas cumprir o meu papel de professor, de educador e de mediador, no qual fui enviado a esta terra para assim fazer, esta é a minha missão. Educar, significar libertar, fazer pensar, refletir, não vim aqui para reproduzir aquilo que os outros já faziam. Vim aqui para ajudá-los a se tornarem homens e mulheres excelentes, pois é isso que todos nós nascemos para ser. Todos sem exceção foram criados para amar e serem amados, ajudar e serem ajudados. Só queria que vocês entendessem que vocês de Quero-Quero são uma família e que essa família estava dividida pela política e pelo partidarismo existente nesta cidade. Quantos já não morreram aqui, defendendo seu lado político? Quantos já fizeram inimizades com amigos, irmãos, pais, esposos, esposas por causa de partido A ou B? Quantos de vossos filhos, já tiveram que abandonar sua cidade para procurar emprego em outros lugares? Quantas mães e pais já não sofreram com isso? O que vim lhes mostrar é que vocês poderiam ficar, morar e ter uma vida feliz e digna na própria cidade em que vocês viveram durante toda as vossas vidas. Hoje, com as associações e cooperativas vocês já podem ser beneficiados e empregados pelos seus próprios esforços, sem dependerem de políticos profissionais para isso. Hoje, com abertura política que vocês deram a professora e a João, vocês compartilharão de uma nova forma de fazer política, pois os dois abriram as portas do gabinete e da Câmara para ouví-los, o que vocês precisam é só estarem mais unidos e mais organizados. E digo ainda mais, aqueles que não votaram no PLT, não se preocupem o PLT governará para todos. As eleições já acabaram, agora é hora de todos independentemente de partido, se unirem em prol da cidade de Quero-Quero. É hora de chamar seu vizinho, mesmo que voltou contra e dizer-lhe:

“Vamos para a reunião, pois hoje discutiremos o futuro de nossa cidade e não de minha cidade”. Hoje, vocês poderão criar

novos partidos, participar da escola de formação política que será implantada pela nova prefeita, onde seus filhos irão estudar política de verdade e no futuro teremos uma geração de políticos honestos e capazes de dirigir os rumos de nossa cidade. Haverá uma nova safra de políticos bons, então teremos melhores escolhas. Isso foi o que sempre sonhei para minha Itagi e meu Brasil, mas infelizmente não aconteceu e talvez não acontecerá, mas fico feliz de que aqui em Quero-Quero vou presenciar boa parte disso, antes de partir para outra vida – Uma lágrima, veio novamente ao rosto do professor, ao se lembrar da terra natal e que sempre lutou para fazer a coisa certa, mas o povo de Itagi parecia sempre que o via como um inimigo, alguém sagaz, pois para a maioria das pessoas que andavam ao seu redor, a inveja e a falta de bom senso, eram os pilares básicos dos seus pensamentos. Ninguém acreditava que uma pessoa poderia ser simplesmente boa por ser, todos acreditavam que depois de um ato de solidariedade havia interesses escusos por trás e Emanuel sempre fora tratado assim em sua terra, fato que o frustrou muito, pois na verdade, o querer maior de Emanuel era “querer ajudar pessoas que precisavam”, contudo sempre fora mal interpretado por aqueles a que chamavam de irmãos itagienses. Por isso, Emanuel desistiu da sua terra natal e tentou ir para outro lugar, por fim caiu em Quero-Quero e encontrou pessoas que precisavam de ajuda, só que não sabiam, pessoas ingênuas que estavam sendo enganadas durante a vida toda. Emanuel queria ajudar e encontrou pessoas que precisavam ser ajudadas e assim se deu o rebuliço político na cidade de Quero-Quero.

Quando o professor terminou de dar o seu discurso, voltou para o quarto novamente e a professora Glória, viu que existia lágrimas em seus olhos, o olhou nos olhos e disse-lhe:

- Meu amor, nosso filho terá muito orgulho de você! Você fez muito pela vida dessas pessoas. Sinto muito se você não pôde fazer pelos seus conterrâneos. Sei que sua família mora lá, sei

que passou sua infância lá, sei que seus amigos moram todos lá, sei que queria mudar a realidade política de lá, para garantir um futuro melhor para os seus, mas infelizmente, ou felizmente, isso não aconteceu. Não chore mais por isso, por favor, olhe ao redor, veja o que você fez aqui – a professora pegou a mão do professor e colocou em sua barriga – veja o que conseguiu aqui.

As palavras de Glória foram sensatas e conseguiu atingir o coração do professor. João o olhou, foi até a janela do hospital, olhou para baixo e ao ver a multidão ajoelhada, agradecendo a Deus pela vida de Emanuel, o chamou novamente para perto da janela e todos o ajudaram novamente. Quando olharam para baixo, viram a multidão ajoelhada orando pelo professor. João pôs a mão no ombro de Emanuel e disse-lhe:

- Veja meu amigo, você é como um santo para essas pessoas! Olhe para isso – disse João apontando a multidão ajoelhada em oração.

Emanuel balançou a cabeça num gesto de afirmação e falou:

- É, talvez eu seja mesmo um Santo. Mas acredito que já era um santo em Itagi, também.

- Como assim? – perguntou um dos médicos.

- Que história é essa agora? – perguntou Glória.

- É isso mesmo que vocês ouviram. Sou um santo, todavia pertencia a Itagi e vim parar em Quero-Quero, talvez para realizar esse feito que agora presencio. E agora entendo que em Itagi isso nunca iria acontecer – falou Emanuel.

- Como assim, professor, o que está querendo nos dizer? – Falou João preocupado.

- Na verdade meu amigo, João. Estou querendo afirma, apenas o que o povo fala a respeito dos santos. E como dizem a voz do povo é a voz de Deus.

- E o que é que o povo anda falando sobre os santos, Emanuel? – perguntou Glória com um sorriso no rosto.

- É que eles dizem meu amor: Que santo de casa não faz milagres!

Todos no quarto deram risadas.

- Agora sim, você falou uma verdade – disse um dos médicos sorrindo.

A multidão orou e abençoou a vida dos eleitos da cidade de Quero-Quero e depois daquele dia Quero-Quero nunca mais seria a mesma.



CAPÍTULO 50

Era 1º de janeiro daquele novo ano, a cidade de Quero-Quero voltou a respirar novos tempos. A posse de Glória e João foi uma festa durante o dia. Todos comeram, beberam se divertiam e a noite na festa de comemoração pela posse, a prefeita realizou um discurso, onde deu boas notícias para o povo queroquerense. O Professor Denildo e o professor Edcarlos estavam presentes e foram convidados pessoalmente pelo amigo Emanuel, a prefeita e o vice.

Depois do discurso, Emanuel, Denildo e os eleitos foram em um samba na casa de Mãe Dina, pois a mesma havia convidado pessoalmente, para que eles fossem comemorar também em seu barracão, pois segundo Mãe Dina, os orixás estavam felizes com aquela nova era que a cidade entrava. Edcarlos não compareceu por questões religiosas, era evangélico, tinha seu apreço para com Mãe Dina, mas como bom cristão preferiu ficar na casa da Prefeita.

Ao chegarem no terreiro de Mãe Dina, os caboclos já se manifestavam nos filhos de santo e já se utilizavam dos corpos para brincarem ou trazerem recados do além. Quando Mãe Dina percebeu a chegada dos amigos, se surpreendeu ao ver Denildo, a professora e João, ainda assim, ficou muito alegre, pois os professores de Itagi haviam ganhado seu respeito e admiração.

Mãe Dina parou o samba e foi ao encontro dos amigos, cumprimentá-los e agradeceu pela visita e por terem honrado o compromisso de ir visitar os orixás e comemorar com eles também aquele momento. Mãe Dina cumprimentou a prefeita, o vice e o professor Emanuel. De repente, para surpresa de todos, quando Mãe Dina foi cumprimentar o professor Denildo Bertoldo, seu corpo cambaleou para cair e quando Denildo pegou em seu braço para suspê-la, Mãe Dina teve uma visão:

“Vi a cidade de Brasília, e seu corpo foi levado pelo cerrado a dentro, até chegar no Palácio do Planalto, viu homens vestidos de preto tramando coisas para seus interesses próprios, tramavam extermínio de povos indígenas, negros e das mãos desses homens saíam tentáculos que sugavam a força e a vitalidade do povo, o ar era cinza e morto, a aparência dos homens assemelhavam-se a vampiros, e uma sombra enorme engolia e cobria o Brasil, tal sombra tirou a felicidade do povo, trouxe a desesperança e a dor, viu muitos homens nas ruas dormindo debaixo de viadutos, pessoas catando comida do lixo, e havia um monstro gigante que com suas muitas mãos sugava todo o dinheiro do país para ele, sua testa era de mármore e havia um nome estrangeiro escrito no centro do mostro WORLD BANK. Depois viu uma multidão que trazia no colo um homem de vermelho, este homem, tinha o apelido de um animal que também tem tentáculos, entretanto, os seus não sugavam a vida e a felicidade, tal homem foi colocado pela multidão vermelha dentro do Palácio da Alvorada e este tomou o poder no Planalto e uma onda de energia vermelha começou a se sobrepôr a sombra que tomava conta do país, como um sangue vivo, pois o sangue é vida, aquele ar foi se tornando mais respirável, as pessoas começaram a sorrir, viu casas. Pequenos castelos serem construídos e aqueles que moravam na rua adentraram com suas famílias nas casinhas, viu filhos de pessoas simples tornando-se médicos, advogados e engenheiros, os índios que antes choravam, agora, sorriam e participavam dos debates dentro do Congresso Nacional, o respeito as suas terras, tornou-se garantido, o homem de vermelho tinha o número oito na testa e lhe faltava um dedo em uma de suas mãos. O homem era um operário, do povo, simples e que por ser operário entendia perfeitamente as necessidades daqueles que trabalhavam, universidades brotavam da terra e se erguia sobre a área territorial do Brasil, o povo mais carente passou a ser tratado com mais dignidade, o respeito aos terreiros de candomblé e a

valorização do povo de matriz africana passou a ser uma realidade no país, o homem travou uma luta contra o mostro estrangeiro e conseguiu cortar todas as suas mãos, e o dinheiro do país ficou para os brasileiros, a prosperidade econômica era visível, muitos empregos foram criados, a seca no nordeste foi diminuindo e o povo nordestino já tinha água para beber e plantar alimentos, a miséria e a fome também diminuíram e o Brasil passou a ser respeitado pelo mundo todo”. Paralela a essa visão do futuro do país, Mãe Dina teve outra, agora da cidade de Itagi.

“Viu Itagi sendo comandada por um homem de barba que tinha uma cruz no pescoço. Viu um jovem no poder, este era bom, tinha boas intenções, entretanto tinha suas mãos e pernas em cordas, como se fosse uma marionete, não possuía o domínio dos seus próprios movimentos, pois estes eram guiados pelo homem de barba. Viu miséria, famílias passando necessidades, ruas com esgoto a céu aberto, pessoas reclamando de atrasos de pagamentos, viu sindicatos em reunião e num desses aparecia a figura de Denildo e Edcarlos discursando para os trabalhadores da Educação. Viu Denildo conversando com um jaguar de pele escura que carregava em suas costas um pano vermelho, a fera o estava guiando em meio a tormentas, viu Denildo passando horas e horas com o jaguar que falava e era sábio. Depois viu Denildo e Edcarlos junto com outros jovens vestidos de vermelho e no meio deles, havia uma mulher de idade, que carregava uma cruz imensa com o nome de Itagi escrito na madeira. Viu multidões seguindo essa senhora, era uma professora, pois as pessoas ao redor dela a chamavam assim, viu essa mulher sentada em uma cadeira vermelha e viu Edcarlos e Denildo ao seu lado, ajudando-a sempre a se levantar. Viu pequenos castelos sendo construídos para quem não tinha onde morar, viu felicidade nas pessoas, via perseguição e traição contra a mulher. Viu as pessoas defendendo o nome da professora pelas ruas, viu escrito nas mãos da mulher o número oito e em suas mãos haviam calos

do fardo do trabalho. Viu uma Itagi esperançosa e ansiosa, e o sentimento que pairava na cidade era o mesmo que pairava agora na cidade de Quero-Quero. A energia era a mesma, depois viu a professora cair da cadeira juntamente com Denildo e Edcarlos e um dos que estava sempre com ela, que sempre falava com pessoas do campo, viu este assumir a cadeira de onde a professora caiu, viu a esperança morrer nas pessoas e a alegria da cidade foi junto com a esperança, o vermelho começou a virar negro. Do nada a imagem parou. Itagi congelou no tempo. Depois viu um homem de branco levar esperança para o povo, o povo passou a seguir o homem de branco e um sentimento de esperança passou a viver dentro do povo itagiense. Agora viu o homem sentado na cadeira vermelha, sua roupa agora era verde a cor da esperança, era o que este homem representava para as pessoas” – e foi até aí que Mãe Dina viu, depois de apagar nos braços do professor Denildo. Emanuel veio ao encontro ajudar Denildo com Mãe Dina. Foram buscar água para a mulher que estava inconsciente, depois de alguns minutos, Mãe Dina acordou e olhou para o professor Denildo e Emanuel:

- Meu filho – disse Mãe Dina olhando para Emanuel – tive uma visão do futuro e vi que tua Itagi, não está de tudo perdida, mas adiante pela mão de Denildo e também de Edcarlos, tua cidade irá respirar por oito anos uma boa gestão e uma política mais honesta. Você, Denildo, receberá orientações de um jaguar negro que vai te guiar para a fundação de um partido que irá governar aquela cidade. Uma mulher de respeito tomará conta daquela cidade e governará com honestidade e seriedade e melhorará a vida daquele povo, não vou dizer cem por cento, mas diria que sessenta por cento. É o melhor, será uma professora, Emanuel, igual a você meu filho.

Emanuel e Denildo ficaram surpresos com a revelação de Mãe Dina, Denildo nem se quer pensavam em entrar ou fazer parte do poder da cidade de Itagi, pelo menos naquele momento,

contudo respeitou a visão da Ialorixá. Mãe Dina revirou os olhos e olhou para Denildo e disse:

- Tu Denildo será o causador de um rebuliço político na cidade de Itagi, talvez agora, você ache estranho o que te falo, contudo, lá na frente tu saberás a hora de participar e de fazer uma transformação social dentro daquele município e Edcarlos te apoiará e será teu parceiro, outros jovens se uniram a vocês e a mulher que não sei o nome será lembrada pelos feitos e obras que realizará naquele município.

Ao terminar aquelas palavras Denildo e Emanuel se olharam, depois olharam para a prefeita e o vice, ambos sorriram para os dois amigos e disseram:

- Pelo jeito você e Edcarlos vão se tornar figuras importantes na cidade de Itagi – falou João.

- Será? – perguntou Denildo ainda confuso com tudo que ouvira.

- Fico feliz de saber que Itagi ainda terá uma chance de se tornar um lugar melhor – falou o professor Emanuel.

Denildo ainda estava confuso e surpreso com tudo que ouviu de Mãe Dina, mas ainda assim, sabia que estava sendo chamado para uma missão. Por fim, perguntou a Mãe Dina, se caso, aquilo tudo fosse verdade, onde ele poderia encontrar um jaguar que falasse?

Mãe Dina respondeu:

- Perto da terra do Rio das Pedras (Itagi) existe uma outra terra onde moram muitos jaguares. É nesta terra de jaguares que mora o jaguar que você irá encontrar, mas não se preocupe, ele achará você na terra do sol. Ele o achará Denildo e o guiará, o incentivará e o orientará na medida certa para que você faça a coisa acontecer.

Denildo estava pasmo diante da revelação, se virou para o amigo e professor Emanuel e disse-lhe:

- O que tu achas, Emanuel do que Mãe Dina falou? O que você acha que devemos fazer de hoje em diante?

- Meu amigo, Denildo! Acredito que vocês devem seguir suas vidas estudando e se aperfeiçoando mais e mais no conhecimento que lhes forem sendo dado ou que vocês poderão alcançar, contudo fique atento e deixe o jaguar lhe achar, acredito que quando chegar a hora você saberá o que fazer.

- Sim, mas o que tu achas que devo fazer.

- Isso, só o jaguar poderá te falar. – Quer um conselho Denildo? – Quando achá-lo, ouça-o e siga-o.

- E esse jaguar não tem nome não, Dona Dina? – perguntou Denildo.

A mulher virou-se para Denildo e falou-lhe:

- No nome de Edcarlos está o nome dele. Se tirarmos do nome de Edcarlos o (Ed) sobrará o nome de nosso amigo jaguar.

Denildo pensou e por fim sussurrou:

- Carlos!

Todos ouviram a pronuncia daquele nome e todos os presentes sabiam que de alguma forma, esse nome jamais seria esquecido por Denildo. E que um dia o povo de Itagi receberia boas novas por causa daquele nome e das orientações e sabedoria que aquele jaguar passaria para Denildo. E que talvez, Denildo e Edcarlos quebrariam a frase dita anteriormente, há dias atrás pelo amigo Emanuel, talvez o rebuliço político da cidade de Itagi, venha a quebrar alguns paradigmas, ou seja, talvez seja provável que “santo de casa, também pode fazer milagre”. Mas isso tudo era só especulação, pois por mais que Denildo ficou cabreiro com a revelação de Mãe Dina, uma coisa era certa: o futuro só a Deus pertence!

fm...

©
2021

.....
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser
armazenada,
fotocopiada, reproduzida por meios mecâ-
nicos, eletrônicos
ou outros quaisquer sem a prévia autoriza-
ção do autor.

Todos os direitos reservados.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
www.editoranocego.com.br
Contatos: (73) 988737177 - 99978-9435
editoranocego@gmail.com



Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.